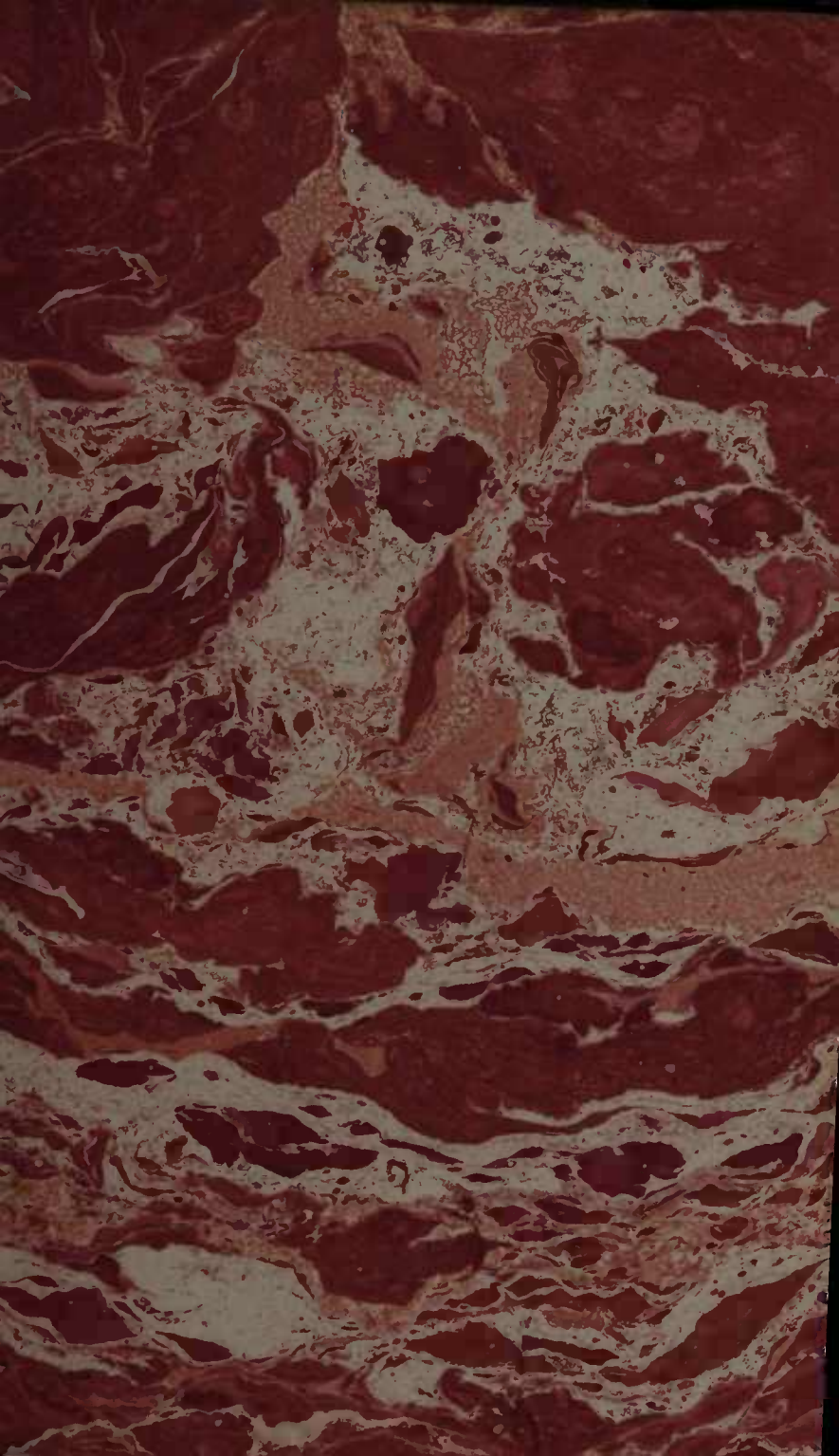




le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









# LUSITANIA

## BIBLIOTHECA

MANUAL E CONSULTIVA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

GALLICISMÒS

---

·Typ. do APOSTOLO, rua Nova do Ouvidor 14 e 16.

---



# GALLICISMOS

PALAVRAS E PHRASES

DA

# LINGUA FRANCEZA

INTRODUZIDAS POR DESCUIDO, IGNORANCIA  
OU NECESSIDADE

NA

LINGUA PORTUGUEZA

ESTUDOS E REFLEXÕES

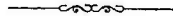
DE

VARIOS AUCTORES

COLLEGIDOS E ANNOTADOS

POR

J. Norberto de Soiza Silva



RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

1877



À

SAUDOSA MEMORIA

DE

SUA AMORADA ESPOSA

D. MARIA THEREZA DE SOIZA SILVA

O. D. C.

J. Norberto de S. S.

Noites, bem noites os meus dias sejam  
Em quanto eternos sóes la são teus dias!

BOCAGE.

Goza a luz da suprema Divindade,  
Que eu, ai triste de mim! eu gemo, eu choro  
N'este inferno de dor e de saudade!

J. NORBERTO.



# PROSPECTO



Mal se podia até aqui estudar a lingua portugueza sem consultar a cada instante numerosas obras nas quaes se achavam as diversas materias intercalladas, confusas ou perdidas n'um como labyrintho. Accrescia, para maior confusão, a irregularidade dos volumes e a sua dispendiosa aquisição, tendo por contrapezo tal ou qual raridade, de modo que a sua noticia somente chegava aos iniciados nos mysterios da litteratura portugueza, e d'ahi a difficuldade de obtel-os, e ainda o enfado de manuseal-os com perda de preciosas horas.

Reunir os materiaes dispersos, classifical-os e apresental-os em volumes maneiros, fazendo desaparecer o tédio que produzem as aturadas pesquisas, as quaes não so roubam o tempo, como encarecem o estudo e acabam por desaçoroçar os menos afoitos e persistentes.

tes, foi a idéa que presidiu a confecção d'esta obra, que se tornará de ora em diante da mais evidente necessidade a todos quantos se entregam ao estudo de um dos mais ricos e harmoniosos idiomas do mundo, posto por Deus nos labios de dois povos irmãos. (1)

(1) Estava revendo as provas d'esta obra, quando recebi o presente convite para membro de uma sociedade que tem por fim estudar a lingua vernacula. Lisongea-me em extremo a coincidência da idéa, e me anima a proseguir n'uma empreza tam ardua. Não será de ora em diante tarefa de um, mas de muitos.

« Ilm. Sr.—De boa fé se não pôde negar que entre nós tudo se estuda, tudo chama e prende a attenção de nossos mais bellos e fecundos talentos,—menos a lingua patria, a lingua que fallaram e escreveram nossos antepassados, dos quaes mereceu sempre o maior desvelo, a mais pronunciada solícitude.

« Este deleixo e esta incuria, se continuarem, algum dia com razão nos serão lançados em rosto. Para evitar tam séria accusação, urge que todos os que, mais ou menos, se dedicam ás lettras e ás sciencias se liguem com o intuito de combater a barbara invasão que altaneira ameaça converter o idioma de Camões e de Ferreira, de Fr. Luiz de Soiza e de Alexandre Herculano, de J. Bazilio da Gama e do padre Caldas em algaravia quiçá de todo em todo inintelligivel.

« A luta, sem dũvida, será porflada e renhida, mas o resultado,—o triumpho além de certo e infallivel, será lisongeiro para os que, uma vez empenhados n'ella, a levarem ao cabo.

« Por nós mesmos, pouco, muito pouco conseguiríamos; coadjuvados porêm, por intelligencias distinctas, fortalecidas pelo estudo e pela prática, com certeza chegaremos ao alvo desejado.

« É por este motivo que convidamos V., para membro

Dividida em volumes facéis de serem manuseados e consultados occupará sem d vida a *Lusitania* lugar de honra na secret ria dos escriptores nacionaes, poetas ou prosadores, e estará sempre   mão, de modo que offereça prompto recurso em momento de necessidade e urgente consulta, ou vasto campo para detido estudo e profundas investigaes.

Não   obra de um so homem que necessite do cunho do tempo para tornar-se auctoridade, mas o fructo de estudo de muitos annos de numerosos e abalisados auctores, que se occuparam com uma das mais bellas e harmoniosas linguas do universo, e que reunidos aqui em academia ostentam as suas pesquisas e apresentam as suas lucubraes em proveito dos estudiosos.

Constará a *Lusitania* de muitos volumes, e abrangerá diferentes materias, como *Gallicismos*, *Synonymos*, *Epi-thetos*, *Consoantes*, *Phrases familiares*, *Homonymos*, *Pro-verbios*, etc., os quaes achando-se ja classificados serão

de uma sociedade que tem por fim especial estudar a lingua vernacula, e cuja inaugurao se realizar  no dia 29 do corrente, às 11 horas da manhã, no salão do pavimento terreo do Museu nacional, esperando que V. se dignar  comparecer.

« Aproveitamos o ensejo para apresentar os protestos da subida estima e do elevado apreo com que somos De V. Attentos veneradores e creados—*Dr. José Liberato Barrozo*—*José Agostinho Moreira Guimarães*—*Dr. Joaquim José de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque*—*Dr. Domingos Jacy Monteiro*—*João Franklin da Silveira Tavora*—*Francisco Manoel Alvares d'Araujo*.

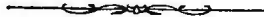
C rte, 29 de Junho de 1876.

oportuna e successivamente dados á luz e postos á venda independentes uns dos outros para que fiquem ao alcance de todos.

Contêm o presente volume os *Jallicismos*, no qual se encontram reunidas as reflexões e notas de D. Francisco de S. Luiz, J. J. Roquette, Neves Pereira, Francisco Manuel (*Filinho Elysio*) F. J. Freire (*Candido Lusitano*) J. H. da Cunha Rivara, A. de Mendonça Falcão, J. Silvestre Ribeiro, A. Herculano e outros notaveis escriptores portuguezes.

Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1876.

H. Norberto de Soiza Silva.





# GALLICISMOS



## ADVERTENCIA



Dividi esta obra em trez partes, tendo por introdução o que sôbre os subsidios para uma composição d'esta ordem escreveu com muito criterio o distincto litterato José Silvestre Ribeiro; é o capitulo quarto dos *Primeiros traços de uma resenha da lingua portugueza*, nos quaes revelou a sua ampla erudição.

Consta a primeira parte da *Epistola* que de Pariz e em data de 6 de Junho de 1790, escreveu Francisco Manuel do Nascimento, mais conhecido pelo nome arcadiano de Filinto Elysiu, ao seu amigo F. J. M. de Brito, na qual mostrou a necessidade do estudo da lingua e dos bons modelos, e os meios de evitar o francezismo. Pensava o visconde de Almeida Garrett que bem podia rivalisar semelhante composição com a epistola de Horacio aos Pisões. « Força de argu-

mentos, diz elle, eloquencia de poesia, nobre patriotismo, finissimo sal da satyra, tudo ahi pejeja contra o monstro multiforme dos gallicismos. »

Servi-me para esta edição do exemplar que vem á frente do *Párnaso lusitano*, cujo primeiro tomo foi impresso sob a direcção e cuidados do mesmo visconde, o qual enumerou os periodos que Francisco Manuel destacou por grandes claros, dando-lhes a summa dos assumptos, o que por certo facilita e amenisa a leitura de tam extensa composição, como por vezes reconheceu o seu auctor convidando o leitor a tomar folego com elle e concluiu com esta desculpa: « Se alguma alma piedosa, compadecida dos achaques d'esta prolongadissima escriptura, quizer impunhar um bem afiado podão, e aqui e alli talhando sem misericordia repetições, luxuriante viço, etc, etc, etc, a quizer tornar mais abreviada e por esse modo mais maneira, e tambem mais util e agradável, o seu auctor lhe agradecerá mui cordialmente. » Nem de outro modo se acharia auctorizado o visconde de Almeida Garrett para fazer as alterações que julgou necessarias.

Consta a segunda parte das *Reflexões sobre o uso das palavras e phrases da lingua franceza introduzidas sem necessidade na lingua portugueza*. Compõe-se de artigos escriptos por illustrados philologos como Antonio das Neves Pereira, Francisco José Freire (*Candido Lusitano*) D. Francisco de S. Luiz, visconde de Almeida Garrett, José da Fonseca e outros, sôbre alguns modos de fallar, que modernamente se tem tomado do francez, os quaes

constando, como nota S. Luiz, pela maior parte de palavras portuguezas, somente se tornam gallicismos pela viciosa syntaxe com que são constituídos ou pela repitição indevida de certos vocabulos ou particulas, ou em fim pela sua errada disposição ou collocação, sendo esta, por consequencia, a parte mais interessante d'esta obra e a que deve ser mais cuidadosamente estudada pelos nossos jovens litteratos que pretendam escrever, não em portuguez, mas *portuguez*.

Consta a terceira parte do *Glosario das palavras da lingua franceza que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna, com o juizo critico das que são adoptaveis*.

Pertence esse trabalho pela maior parte a D. F. de S. Luiz, e servì-me para este da terceira edição feita pela Academia real das sciencias de Lisboa, muito superior a que appareceu ha annos n'esta cõrte. Alterando-o unicamente na disposição dos artigos, abri lugares a alguns vocabulos, sobre os quaes tiveram suas dâvidas J. J. Roquette, Garção Stockler, o desembargador A. de M. Falcão, revisor da 6ª edição do Diccionario de Moraes e outros puristas da nossa melodiosa lingua.

Para que possa o leitor estudioso se compenetrar da utilidade d'esta obra, convem folheal-a do principio ao fim, estudando a sua confecção. Entregar-se depois á sua leitura, e voltar ainda outra vez á segunda leitura, mais pausada e reflectida, e d'ahi em diante consultal-a em todos os casos de dâvida.

Fiz tudo quanto me foi possível para reunir n'este volume o que de mais importante escreveram abalizados auctores relativamente a esta materia.

E' muito de crer que existam, como existem, alguns escriptos mais, os quaes, ou não chegaram ao meu conhecimento ou chegaram e não me foi possível obtel-os, e se apparecerem ou me vierem ainda ás mãos, serão aproveitados em outra edição.



# **PRIMEIRA PARTE**





# INTRODUÇÃO

Abra-se a antiga veneranda fonte  
Dos genuinos classicos, e soltem-se  
As correntes da antiga linguagem.

FILINTO ELYSIO.



Fallarei da influencia que a lingua portugueza tem recebido das linguas modernas ou mais exactamente da franceza.

De todas as linguas modernas é a franceza aquella de que a portugueza tem recebido maior e mais profunda influencia.

Qual é a razão d'isto?

M. de Lamartine diz algures, na sua interessante *Histoire des Girondins* — « Il y avait de plus, et il y

aura toujours dans le génie français quelque chose de plus puissante que sa puissance, de plus lumineux que son éclat, c'est sa chaleur, c'est sa communicabilité pénétrante, c'est l'attrait qu'il ressent et qu'il inspire en Europe. Le génie de l'Espagne de Charles-Quint est fier et aventureux ; le génie de l'Allemagne est profond et austère ; le génie de l'Angleterre est habile et surperbe ; celui de la France est aimant et c'est là sa force. Séductible lui-même, il séduit facilement les peuples. Les autres grandes individualités du monde des nations n'ont que leur génie. La France, pour second génie, a son cœur ; elle le prodigue dans ses pensées, dans ses écrits comme dans ses actes nationaux. Quand la Providence veut qu'une idée embrase le monde, elle l'allume dans l'âme d'un français. »

Pondo, porém, de parte esta communicabilidade do genio da França, outras razões podem apresentar-se da influencia que a lingua portugueza tem recebido da franceza.

A lingua franceza é, desde longo tempo, uma lingua universal ; por meio d'ella se entendem endividuos de diferentes nações, como se entre estrangeiros servisse de interprete ; desde a paz de Riswich e Nimegue está em uso entre os embaixadores, e é empregada em todas as negociações diplomaticas, como sendo muito clara, precisa e regular ; na lingua franceza está escripto quanto ha de mais interessante nos diferentes ramos dos conhecimentos humanos, quanto

póde ser util ou agradável á humanidade, como elegantemente o disse o nosso Francisco Manuel:

Não que á lingua franceza eu odio tenha,]  
Que fôra absurdo em mim. Ninguem confessa  
Mais sincero o valor de seus bons livros,  
De todo o bom saber patentes cofres  
De polidez e de eloquencia òrnados.  
Bastára em seu louvor, se o carecêra,  
Ser bem vista e prezada em toda a Europa,  
Das côrtes e dos sabios no universo.  
Conter em si ou proprio ou traduzido,  
Quanto Minerva poz no peito humano,  
As fadigas das artes, das sciencias,  
E os enfeites do flórido discurso. »

O uso da lingua franceza, tam frequente, tam seguido e sobre tudo a lição dos livros francezes, desde longo tempo muito generalizada, necessariamente haviam de deixar fortissima impressão na nossa lingua.

Até onde se estendeu essa influencia?—Não so até ao ponto de introduzirmos na nossa lingua um grande numero de vocabulos francezes, mas tambem de *tomarmos do francez um modo particular de tecer o discurso, e um certo ar, geito ou estylo de fallar e escrever, que é proprio d'aquella lingua, e que não conforma com a indole, genio e character da lingua portugueza.*

A nossa Academia real das sciencias não podia ficar impassivel ao ver o perigo que ia correndo a formosa lingua portugueza, e por isso o primeiro assumpto por ella proposto no programma de 1810,

na classe de litteratura portugueza, foi o *Glossario ou catalogo de palavras e phrases, em que se mostrasse com toda a individuação as que são proprias da lingua franceza, e que por descuido ou ignorancia se tem introduzido na locução portugueza moderna, contra o antigo e bom uso, e principalmente as que forem contra o genio da nossa lingua, e como taes inadotaveis n'ella.*

Desempenhou este assumpto um litterato insigne, o Sr. D. Francisco de S. Luiz, compondo o bem conhecido *Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna, com o juizo critico das que são adoptaveis n'ella.*

Qual plano de trabalho traçou o distincto auctor do Glossario? Qual principio regulador seguiu nos seus juizos criticos?

« Para executarmos este proposito, diz elle, lemos muitas obras dos nossos modernos escriptores, assim traduzidas do francez, como originaes, que correm impressas; e nos servimos das observações, que ja tinhamos feito, ou de novo fizemos sôbre a sua linguagem, bem como sôbre os vocabulos ou phrases mais usadas na conversação familiar, nos escriptos não impressos, e nos sermões, e outros discursos das pessoas litteratas, e dadas á lição dos livros francezes, comparando-as com a locução dos nossos classicos, e examinando-as á vista dos dictionarios da nossa lingua... Em geral tivemos sempre diante dos olhos esta regra:

— que sendo o vocabulo de boa origem, derivado conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo, e harmonico, se podia adoptar e trazer á nossa lingua, ainda quando n'esta houvesse algum synonymo, que exprimisse o mesmo conceito. »

A uma ponderosa d'vida dava lugar o assumpto proposto pela Academia, não determinando a época desde a qual a nossa linguagem devia dizer-se *moderna*. O illustre auctor do *Glossario*, attendendo a que nos *principios do seculo XVIII*, e com o reinado do Sr. rei D. João V começou a restauração da nossa litteratura, e consequentemente o estudo e frequente lição dos livros francezes, resolveu contar desde esse ponto a idade moderna da nossa lingua.

Não consistem os gallicismos somente nos vocabulos francezes introduzidos na lingua portugueza *contra o antigo e bom uso*, e principalmente *contra o genio d'ella*; mas tambem em certos modos de fallar, que embora conservem as palavras portuguezas, *alteram todavia a forma original do idioma*, e *lhe dam um colorido estrangeiro*, e *alheio da sua natureza*. Consequentemente o *Glossario* seria muito imperfeito, se não indicasse tambem, como effectivamente indica, esses modos de fallar, viciosos emquanto á syntaxe, e mal soantes na nossa lingua.

Não teria a lição dos livros francezes sido prejudicial, debaixo do ponto de vista linguistico, se com ella não concorressem o fatal esquecimento em que deixamos os nossos classicos, e a falta de um dic-

cionario de ambas as linguas. Concorrendo, porém simultaneamente estas causas, foi consequencia necessaria, que não estando os leitores *sufficientemente premunidos com o estudo e conhecimento da sua propria lingua*, e não podendo perceber com clareza e precisão *a mutua correspondencia de vocabulos e phrases*, e o *differente caminho que cada uma das duas linguas requer para explicar os seus conceitos*, se introduziram os gallicismos, — terrivel cancro que ia devorando a nossa boa linguagem, e tornando-a desengraçada, barbara e mal soante.

— Quero dar que em francez hajaõ formosas  
 Expressões curtas, phrases elegantes;  
 Mas indoles differentes têm as linguas;  
 Nem toda a phrase a toda a lingua ajusta.

Assim se exprimiu o illustre poeta portuguez, que no proprio seio da França pugnou valente em defeza da nossa lingua, e fez cruenta e desabrida guerra aos que, sem tino, afeiam

O gesto airroso do idioma luso.

E com effeito, cada uma das linguas tem um genio particular, um modo especial de exprimir os conceitos, uma elegancia propria, diverso systema de tecer o discurso, distincta euphonia; d'onde vem que será absurdo introduzir em uma lingua, sem pausado

exame e séria reflexão, os vocabulos, as phrases, e os idiotismos de outra :

Ponde um bello nariz alvo de neve  
 N'uma formosa cara trigueirinha ;  
 .....  
 O nariz alvo no moreno rosto,  
 Tanto não é belleza, que é defeito:

E' de ponderar que não permanecendo as linguas sempre no mesmo estado, mas antes soffrendo continuas alterações, póde dar-se o caso de haver maior semelhança entre ellas em determinadas épochas, e pelo volver dos tempos apresentarem ja differenças muito características. « Não é de admirar, diz um erudito philologo (1), « que nos viesse tanta cópia de termos da lingua franceza, *porque no tempo antigo era esta lingua mais coherente com a nossa do que hoje*. Os francezes diziam, como os hespanhóes, *sique*, por *assim que*, *de modo que*, *de sorte que*, etc. *Souloir* era francez, como para nós *soer*, ou *soher*, do latim *solere* ; e os francezes deixaram aquelle termo, quasi ao mesmo tempo que nós deixamos o nosso, em lugar do qual tomaram *s'accoutumer*, e *étre accoutumé*, costumar ou ser costumado. Diziam *prouesses*, como nós *proezas*, em lugar de *grandes actions*, de que hoje usam ; *moustier*, como nós *mosteiro* : *moult* do latim *multum* : ou como os nossos antigos *moito* : *certes*,

(1) O academico Antonio das Neves Pereira, *Ensaio critico*. Mem. de Litt. da Ac. R. das Scien.

como nós ha pouco diziamos *certo*, por *certamente*, ou *na verdade*. »

Além d'isto é mister saber que o conde D. Henrique veio de França com sua familia e tropas, e que esta colonia franceza introduziu entre nós muitos vocabulos e phrases, que se naturalisaram e incorporaram no idioma portuguez. A rainha D. Mafalda trouxe muitas damas, e cavalleiros francezes; aportaram depois ás nossas praias os cruzados, que ajudaram o Sr. D. Affonso Henriques a tomar Lisboa, e se estabeleceram em Portugal, povoando varias villas e lugares: e mais tarde entrou em Portugal D. Affonso III com sua mulher a condeessa de Bolonha, D. Mathilde, trazendo grande comitiva franceza, assim de senhoras da sua côrte, como de tropas para sua defeza. O brilhante reinado de D. João I, esse periodo glorioso da nossa historia, foi tambem uma época em que a lingua franceza floreceu em Portugal. « Era n'aquelle tempo, diz o nosso elegante Fr. Luiz de Soiza, a lingua franceza estimada é corrente entre os principes por cortezã e politica. » E com effeito, este mesmo apuradissimo classico, na magnifica descripção do convento da batalha, menciona todas as divisas de D. João I, e de seus preclaros filhos, sendo para notar que todas as *letras* eram em francez. A de D. João I era: *il me platt, pour bien*; a do infante D. Pedro (duque de Coimbra) *désir*; a do infante D. Henrique, *talaint de bien faire*;—a do infante D. João (Mestre de S. Thiago) *je ai bien raison*;—a do infante D. Fernando, *le bien*



*me plait*. Todos estes acontecimentos foram parte para que se introduzissem na nossa lingua muitos termos de origem franceza.

Se porêm n'aquelles tempos encontramos um grande numero de vocabulos, que mostram quanta semelhança havia entre ambas as linguas, é certo que posteriormente tomou a nossa lingua outro character, e se tornou inteiramente diversa, por maneira que não póde ja hoje haver a mesma liberdade de introdução de termos e phrases no idioma portuguez. Exemplifiquemos isto como uma phrase citada no *Glossario*: *Templos cujas torres sobem, e se elançam para Deus*. Esta phrase é a traducção litteral de outra correspondenté em francez: *Des temples, dont les tours montent et s'élancent vers Dieu*. Poderemos acaso trazer para a nossa lingua o verbo *elançar-se*, embora seja muito energico e expressivo no francez o correspondente *s'élançer*? Que necessidade temos de um tal vocabulo? Em qual dos nossos bons escriptores o encontramos? Devemos acaso preferil-o aos termos portuguezes: *arremeçar-se*, *abalancar-se*, *arrojar-se*, talvez *arremeter*, e na phrase citada, *subir ds nuvens*, *tocar o céo* ou *ir ds nuvens* e *tocar o céo*? Não fica por ventura mais elegante, mais verdadeiramente portugueza essa phrase, dizendo-se: *Templos, cujas torres vam ds nuvens e tocam o céo*?

Necessitamos pois hoje de uma boa carta, onde venham marcâdos os escólhos e baixios em que têm naufragado pilotos inexpertos; e por ventura encontramos essa carta no *Glossario*, interessante livro de que muito

carecíamos, e que pôde servir de seguro guia aos que prezam a pureza da nossa lingua.

E' de toda a justiça pagar n'esta occasião um tributo de reconhecimento ao ja citado Francisco Manuel do Nascimento, pelos relevantes serviços que n'este particular prestou á nossa lingua, pelejando corajoso e incansavel, — direi até—enthusiasta e apaixonado, contra os que em traducções ou em obras originaes, desfiguraram a natural formosura e galhardia de tam rico idioma. Em todas as suas obras deu mostras do quanto tomou a peito essa cruzada de nova especie, mas sôbre tudo é notavel e digna de ser lida uma e muitas vezes a sua inimitavel *Epistola sobre a arte poetica e lingua portugueza*. Honrosa e muito distincta menção devemos fazer tambem do excellente trabalho de philologia que acima apontámos, e vem a ser: *Ensaio critico sôbre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviram os nossos bons escriptores do seculo XV e XVI e deixaram esquecer os que depois se seguiram até ao presente*, por Antonio das Neves Pereira.

N'este precioso trabalho, cuja leitura não podemos recomendar assaz, consagra o erudito auctor dous extensos paragraphos ao assumpto de que vamos tratando, e são o 3.º e 4.º do capitulo 3.º, um dos quaes tem por titulo: *Do abuso das palavras e idiotismos francezes, que se tem introduzido na lingua portugueza*, —e o outro: *Origem do abuso de palavras e idiotismos francezes, que se tem introduzido na lingua portugueza*.

Para bem se avaliar o que a este respeito sente o judicioso academico, bastará transcrever o seguinte trecho: « E' indivisivel o que se tem accumulado de francezias, não so em traducções portuguezas, mas até em obras de varios generos; de fórma que mais necessita a mocidade portugueza hoje de dictionario francez para entender os livros da lingua materna, do que do dictionario da mesma lingua. »

E note-se que é tanto mais ponderoso este juizo, quanto o erudito critico, adoptando o conceito de Ferreira:

Geralmente foi da boa licença  
 Às linguas: umas ás outras se roubaram;  
 So o bom sprito faz a differença;

entende que é direito commum nas linguas da Europa o soccorrem-se e ajudarem-se mutuamente, e que mais prompto e facil recurso temos nas linguas modernas para a provisão de vocabulos, pela communicacão que com ellas temos, do que na lingua latina, que é morta ha muito tempo. No que respeita á lingua portugueza, diz elle, tanto menos se póde vituperar, que naturalizemos varios vocabulos da lingua franceza, visto que d'ella temos muitos e antiquissimos, que nos vieram com a monarchia, e outros que ja estavam de assento antes d'ella — parte dos quaes estão antiquados, parte ainda se conservam de posse nos monumentos dos nossos insignes escriptores, e na mesma linguagem commum.

E' pois este critico quem lamenta as nocivas mudanças que á pureza da nossa lingua, á sua elegancia e energia trouxeram as *francezias*, substituindo-se, sem necessidade e sem escolha, a excellentes vocabulos portuguezes uma alluvião de expressões estranhas, que nem nasceram para nós, nem se ajustam com as nossas.

Como se introduziu nos nossos dominios essa fatal epidemia dos gallicismos? « A maior parte, diz o auctor do *Ensaio critico*, dos que se deram ao estudo d'essa lingua franceza era gente que nunca estudou a lingua portugueza, nem a leram nos nossos auctores classicos..... Não tendo á mão os termos proprios, e elegantes da nossa lingua, não havia cousa mais facil que aporluguezar qualquer termo, qualquer phrase, que se offerecesse no contexto de uma obra, ou porque julgassem que assim os tinham em portuguez ou porque lhes parecia a lingua pobre, e os taes vocabulos necessarios!!... — N'outros não era tanto falta de conhecimento da lingua, nem dos auctores nacionaes, como uma especie de entusiasmo, que lhes fazia considerar no estylo francez não sei que de mais relevante. Commetteram-se traducções de varias obras e tratados aos aventureiros, que se presumiam capazes de semelhante empreza, ou elles mesmos se offereciam, sem esperar que os rogassem, e nas circumstancias presuppostas, sendo taes traducções feitas muito á pressa, umas inspiradas pela fome, outras pela presumpção, sabiam taes como se

póde esperar. O que mais admira é que muitos homens doctos e versados nos nossos auctores... se deixaram (não sei como) levar da torrente, e abraçaram as *francesias* querendo mais comprazer com o gôsto dos insensatos, do que seguir a prudente austeridade de pequeno numero dos censores judiciosos: e o peor é, o seu exemplo, talvez a seu pezar, tem servido de auctorisar e propagar a corruptella, principalmente nos pulpitos, onde... a douctrina de Christo ja por moda costuma ter mais de phrase franceza, que de phrase evangelica. »

Qual conclusão tira a final o auctor do *Ensaio critico* da douctrina que expõe? A urgente, a impreterivel necessidade em que estamos de expurgar a nossa lingua, e de fazer a mais forte opposição á moda prejudicial...: A lingua franceza ja nos deu termos bastantes, que estão no nosso thesoiro, e tem a prescripção de mui longa e veneranda antiguidadé. Conservemos esses que ja são nossos, e sejamos parcós e judiciosos no superfluo.

Cabe tambem aqui mencionar as *Reflexões sobre a lingua portugueza escriptas por Francisco José Freire, publicadas com algumas annotações pela Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis em 1842.*— A reflexão 5.<sup>a</sup> da 1.<sup>a</sup> parte d'esta obra refere-se aos vocabulos francezes e italianos, novamente introduzidos na lingua portugueza; e ahi apresenta-se o auctor a decidir entre os amantes da pura linguagem portugueza, e os defensores das vozes novas, dando a se-

guinte sentença:... « Uns e outros tem razão. Os es-  
crupulosos, porque é certo que havendo para exprimir  
qualquer coisa, termo nacional, e usado pelos auctores,  
que são textos, não se deve adoptar um novo; porque  
de outro modo nunca se verificará que um escriptor  
é de linguagem mais pura do que o outro, e seria  
vão o nome de classico, que se dá áquelles auctores  
que o mereceram. Os escriptores indulgentes tem razão  
em procurarem, á maneira das outras nações, e viva-  
mente protegerem a introdução de vocabulos ex-  
pressivos e precisos, quando não puderem exprimir  
uma coisa, se não por longa, e tediosa circumlocução.  
Eis-aqui o como nos parece que devem concordar os  
dois partidos, ambos excessivos: um porque nada per-  
mitte, ainda havendo precisão, outro porque tudo  
concede, não havendo necessidade. »

Temos por mui judicioso este modo de vêr as coisas;  
mas lamentamos que o auctor não dêsse maior extensão  
e desenvolvimento ao assumpto, que em verdade re-  
queria ser tratado menos concisa e resumidamente do  
que elle o faz. Veja-se a erudita nota á 5.<sup>a</sup> reflexão,  
que se encontra de pag. 168 a 170 da 1.<sup>a</sup> parte da  
obra.

No 1.<sup>o</sup> volume do *Panorama* (1837) vem um artigo  
muito conceituoso, que tem por titulo *Gallicismos* e  
começa assim: « A leitura frequente dos livros france-  
zes tem corrompido a nossa linguagem por tal ma-  
neira, que ja hoje é impossivel desinçal-a dos galli-

cismos, nomeadamente os de phrase, em que abunda (1).

O erudito auctor d'esse artigo não decide a questão de saber, se algumas construcções d'aquella lingua, extremamente regular, serão boas de ageitar ao nosso idioma; mas tem aliás por incontestavel que a lição de auctores francezes poz em esquecimento os portuguezes, e que, sendo a nossa lingua abundantissima, e escaça a franceza a muitos respeitos, pela falta de conversar os escriptores nacionaes, encurtamos e empobrecemos as fórmãs e os elementos do discurso. Ainda da leitura das obras francezas se segue outro grave damno, e vem a ser que até tratando de materias curiosas, os livros portuguezes enfastiam, porque quem está habituado a certas idéas, e a certa ordem e disposição d'ellas, não gosta do que vae fóra d'aquelle trilho que costumou seguir. Poderemos remediar até certo ponto estes inconvenientes? Sim, tornando mais accessiveis as fontes da lingua classicã portugueza, por meio de uma collecção de pedaços selectos dos escriptores portuguezes, — pela reimpressão economica dos nossos melhores classicos, — e finalmente por meio de traducções bem castigadas de boas obras estrangeiras.

Será verdade que se não podem ler os nossos classicos em razão dos assumptos que trataram? Será

(1) E' o que vem no começo do capitulo VIII da segunda parte d'esta obra *As traducções e os traductores*.

exacta, em geral, a expressão que a respeito de alguns se empregou, chamando-lhes *tulhas de dormideiras*; em consequencia de se occuparem pela maior parte de vidas de sanctos, de sermões, historias de conventos, de frades, de milagres, de genealogias estereis, de amplificações bombasticas, de combates, etc. ? (1)

(1) Todavia apontou o auctor o modo de tornar a leitura dos classicos portuguezes menos fastidiosa como se vê dos seguintes extractos:

« E tratando primeiro do modo de tornar accessiveis as fontes da lingua classica, parece-nos que se devia começar por fazer uma chrestomachia dos nossos auctores, tanto de prosa como de verso; em segundo lugar, reimprimil-os por preços tam modicos que a qualquer pessoa de medianos teres fosse possível compral-os; em terceiro lugar, emfim, traduzirem os homens eruditos as boas obras estrangeiras que mais lidas são em Portugal nos seus originaes, e que em versões bem castigadas dariam útil e agradável leitura aos nossos compatricios. Usando d'estes tres meios, cremos que a lingua pouco a pouco surgiria do lodaçal em que está mergulhada.

Quanto á chrestomachia ou pedaços selectos dos escriptores portuguezes, ha muito propoz a Academia um premio a quem a apresentasse, mas até hoje ninguem appareceu a receber o premio. Demanda esse genero de trabalho duas coisas, que raramente se encontram reunidas no mesmo sujeito — gôsto e vasta lição — mas se tal obra se escrevesse, de certo, o govêrno se fosse illustrado, pagaria bem tam util livro, mandando que nas escolas primarias de nem um outro se usasse para ensinar a lêr as creanças. E assim seria por elle substituido o panegyrico de D. João de Castro, de que vulgarmente os mestres se servem, sem attenderem a que é este o mais improprio livro para semelhante idade.

« Esta colleccção, que deveria ser a flor de nossa litteratura,



Não, mil vezes não. Podem a preguiça e o desamor das coisas patrias inventar quantos pretextos quiserem,mas a todo o tempo estará ahí para responder triumphantemente a calorosa invectiva do Sr. Garrett:

sendo ampla e feita com judiciosa escolha, fôra não so o livro das escolas, mas tambem dos adultos: uns por entreter-se o leriam, outros por sem grande trabalho ostentar erudição, mas todos aproveitariam d'elle cópia de vocabulos, pureza de dicção e, mais que tudo, o habito de ler sem fastio os livros escriptos em vulgar. A mocidade tendo bebido as primeiras idéas nas fontes puras dos classicos, os buscaria, os amaria depois e so faltára então o facilitarh'os. »

Alguma coisa tem-se ja intentado sobre a necessidade da impressão d'esses preciosos exemplos como indicam *o Parnaso lusitano ou poesias selectas dos auctores portuguezes antigos e modernos* de José da Fonseca, *Lugares selectos dos classicos portuguezes* do Sr. A. C. Borges de Figueiredo, *Selecta portugueza* do Sr. J. L. Carreira de Mello e o *Iris classico* do Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho, cujos defeitos são a pouca extensão que lhes deram os seus illustrados collectores. E' tambem certo que o Sr. conselheiro J. F. de Castilho emprehendeu em vasta escala a selecção de nossos classicos, não tendo podido até ao presente activar a impressão da *Livraria classica portugueza dada á luz sob os auspicios de S. M. o Rei D. Luiz I*, talvez pelo mesmo motivo por que tenho retardado o da *Brasilia, bibliotheca nacional dos melhores auctores antigos e modernos, publicada sob os auspicios de S. M. I. o Sr. D. Pedro II*.

No caso de merecer esta obra benigno acolhimento. lhe ajuntarei dous tomos de *Poesias e prosas* dos principaes auctores da lingua portugueza, precedidas da historia da mesma lingua.

« Vergonhosa desculpa ! Com que as *Decadas* de Barros, que foi talvez o primeiro que introduziu com feliz execução o estylo classico na historia moderna, são chronicas de conventos? Fernão Mendes Pinto, o primeiro europeu que escreveu uma viagem regular da China e dos extremos d'Ázia, são vidas de sanctos? E d'essas mesmas vidas de sanctos, quantas d'ellas são de summo interesse, de divertida e proficua leitura! A vida de D. frei Bartholomeu dos Martyres tem toda a valia das mais gabadas memorias historicas, de que hoje anda cheia a Europa, e que ninguem taxou ainda de pouco interessantes. Quando outra coisa não contivesse aquelle excellento livro senão a narração do Concilio de Trento, a viagem e estada do arcebispo em Roma, ja seria elle uma das mais curiosas e importantes do seculo XVI. E D. Francisco de Mello e Rodrigues Lobo e Camões e grande cópia de poetas de todos os generos, tudo isto são sermonarios, vidas de sanctos? »

Temos apresentado tudo quanto de mais substancial pôde dizer-se ácerca do assumpto de que nos occupamos; cumpre porém não omittir a indicação de outros pontos de vista, sob os quaes pôde ser encarado o mesmo assumpto.

O Sr. A. Herculano, em uma nota ao interessante artigo 1.º « *Apontamentos para a historia dos bens da corôa e dos foraes* allude ao juizo crítico, que o illustre cardeal Saraiva faz no seu *Glossario* sôbre a expressões *baixo clero* e *alto clero*, e a esse proposito observa que a clareza importa um pouco mais que

os primores e pontualidades da lingua em assumptos historicos.

E' sabido que no *Glossario* vem qualificada a expressão *baixo clero* de tam alheia e impropria da nossa lingua, como indigna de ser adoptada em qualquer idioma polido, e em vez de *baixo clero* e *alto clero*, se opina que se diga: *os bispos e o clero*, ou *a ordem episcopal e a clerezia* — *os pastores da primeira ordem, os pastores da segunda ordem*, ou como se explica Gerson: *Os prelados maiores e os prelados menores*.

E' com referencia a este juizo crítico que o Sr. A. Herculano, considerando as expressões *alto clero* e *baixo clero* como metaphysicas, entende que não podem ser consideradas como privativas antes de uma nação do que de outra; e sustenta a indispensabilidade do seu uzo na lingua portugueza, com o fundamento de que a distincção social completa que havia entre clero e clero na idade média por nem umas palavras se exprime com maior clareza do que por aquella.

Aqui apparece pois a necessidade de averiguar, se por vezes convirá sacrificar o rigor linguistico á exactidão historica e até ás exigencias scientificas.

Ha quem pense, e d'esta opinião é formalmente o Sr. A. Herculano, que é possivel conduzir prudentemente, para que não desfeche em anarchia, a transformação operada na nossa lingua pela invasão das idéas e livros francezes, mas que será vão empenho tentar destruil-a.

Porque? Porque para destruir essa transformação

so ha um meio e é o de destruir a influencia da acção intellectual da França em Portugal, o que é impossivel. « Como actua, pergunta o Sr. A. Herculano, a lingua franceza em a nossa? Unicamente pela imprensa, pelos livros; mas cada livro é como um individuo d'aquella nação que vem fallar no meio de nós; individuo por via de regra mais civilisado, mais rico de idéas ou pelo menos de idéas bem ordenadas que os que escutam. Reflectidas em nossa alma essas idéas, a que muitas vezes não é facil achar a fórmula nacional que as represente, como as concebemos, até por que haverá casos em que tal fórmula não exista, exprimimol-as involuntariamente com phrases peregrinas. Então aquellas idéas, partindo de sujeitos superiores em civilisação ou cultura de espirito, vasados no molde estrangeiro, derramam-se entre o povo e passados poucos annos vamos encontral-as trajando ja o burel popular no mercado, na taberna e até nos lugares que mais resistem ás innovações de todo o genero, nas povoações ruraes. »

Depois da lingua franceza, as linguas modernas que sôbre a nossa têm tido alguma influencia são a italiana e a ingleza; mas essa influencia não alterou a indole da portugueza e tem sido vantajosa, por que nos ha subministrado muitos vocabulos no dominio das bellas artes, do commercio, da politica e da industria.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

# EPISTOLA

Sóbre o estudo da lingua e dos bons modelos, e meios  
de evitar o francezismo

Obscurata diù populo bonus eruet, atque  
Proferet in lucem speciosa vocabula reram,  
Quæ primis memorata Catonibus atque Cethegis,  
Nunc situs informis tegit et deserta vetustas,  
Adcisset nova.  
Vehemens et liquidus puroque similimus anni  
Fundet opes, Latiumque beabit deabite divite lingua.

HORAT. lib. 2. ep. 2.



## I

### INTRODUCCÃO

Lembras-me, amigo Brito, (1) quando a pluma  
Para escrever magnanimo meneio.  
Ama o meu Brito a lusitana lingua  
Pura como elle, energica, abastada,

(1) Francisco José Maria de Brito.

Estreme de bastardo francezismo,  
 E que a joio não trave de enchacoco:  
 E quando lê, rejeita a phrase spuria  
 Que com senão mal-assombrado afeia  
 Assejada escriptura e ideia nobre,  
 De legitimos lusos termos digna;  
 Mas discreto critica; e faz justiça  
 Sem torpe inveja, sem paixão obscura;  
 Que, amigo, muitos mordem nos bons versos  
 Do facundo Garção, Diniz prestante,  
 Sem de Horacio ter lido um so conselho,  
 Sem que acaso divino entusiasmo  
 Nunca na alma encharcada lhes fervesse.

Muitos querem vaidosos dar pennada  
 Na lingua portugueza, que as correntes  
 Das crystallinas aguas não gostaram  
 Vertentes dos volumes caudalosos  
 De Barros, Brito, Soiza e de Lucena,  
 De Ferreira e Camões; fartura arrotam  
 De portuguez, porque inda hoje remoem  
 As mesquinhas migalhas, que das boccas  
 De amas vilans, de brejeiraes lacaio  
 Na recente memoria lhes cahiram.  
 Afeitos a tam magra oca pitaça  
 Se amuam contra as raras iguarias  
 Com que os brindam os classicos bizzarros  
 Em suas mezas guapas e opulentas.

Oh classicos do nosso augusto sec'lo,  
Que sempre fostes o patente molde  
De elegante escriptura genuina,  
Oh quanto deveis hoje mais que nunca  
Ser o que são bandeiras nas batalhas!  
Quando vai roto o exercito, e esgarradas  
Co'o medo e fuga as marciaes fileiras,  
Longe da róta o general previsto  
Manda cravar em sitio bem-disposto  
Os contos das bandeiras.— Troam logo  
Os rufos do tambor echo-batente;  
Voltam a vista os vagos fugitivos  
Aonde os rufos clamam; vêm nos ares  
Soltas as cores dos pendões jurados,  
Correm, vam-se apinhar emtórno d'elles,  
E cobrando com vel-os novos brios,  
Rugem leões, as brigas ja re-pedem,  
Cahem na hostile cohorte, rompem, vencem.  
Á vista das bandeiras, em triumpho  
Lhes transmudou a fuga.— Nós d'ésta arte  
Usar convem na fuga e desbarato  
Em que nos poz o exército confuso  
Da pujante ignorancia, a qual cercou-nos  
E de vencida nos levou no tempo  
Do nosso mal-soffrido captiveiro. (1)  
Cumpre ao pe dos pendões enfileirar-nos;  
Entrarmos na refrega co'os sedições

(1) O jugo dos castelhanos que durou sessenta annos.

Pedantes, co'os casquilhos da moderna,  
 Que nos mofam, nos seguem, nos perseguem  
 Quaes bandos de pygmeus, e vêm armados  
 Cada um como um Samsão, como um Alcides  
 Valentes como impavidos Quichotes,  
 Os da corja academico-Tarouca  
 Com bexigas e estalos farfalhudos ;  
 E os mais com pélas de francez *conducta*,  
 De *afferes*, *rango*, *massacrar*, *ressortes*,  
*Egidio*, (1) *populacea*, e iguaes remendos  
 De mal-alinhavada francezia.

Não que á lingua franceza eu ódio tenha,  
 Que fôra absurdo em mim. Ninguém confessa  
 Mais sincero o valor de seus bons livros  
 De todo o bom saber patentes cofres  
 De polidez e de eloquencia ornados.  
 Bastára em seu louvor, se ó carecêra,  
 Ser bem vista e prezada em toda a Europa,  
 Das côrtes e dos sabios no universo.  
 Conter em si ou proprio ou traduzido,  
 Quanto Minerva poz no peito humano,  
 As fadigas das artes, das sciencias,  
 E os effeitos do flórido discurso.

(1) Substituição á palavra portugueza *egide* feita por certo diplomata, segundo o testemunho do auctor.



Mas como fóra escarnecido em França  
 O que emprehendesse himpar de phrases lusas  
 Um discurso francez em prosa ou verso ;  
 Assim pede entre nós ser apupado  
 O tareco douctor, que á pura força,  
 Quer atochar de termos bordalengos (1)  
 O nativo desdem da nossa falla.  
 Se temos de pedir a alguma bolsa  
 Termos que nos faleçam, seja á bolsa  
 De nossa mãe latina, que ja muito  
 Nos acudiu com pressas mais urgentes,  
 Quando em bronca escassez ja laborámos  
 Ao sairmos das mãos da bruta gente. (2)

## II

ORIGEM DA LINGUA PORTUGUEZA—SEU AUGMENTO—  
 PERFEIÇÃO — DECADENCIA .

Uma lingua tam dura como as armas,  
 Que em nosso pro terçavam nas pelejas,  
 Era a lingua dos lusos valorosos  
 Antes que os claros lumes do alto Pindo

(1) De *Burdigalensis*, diz o auctor, fizeram os nossos antigos *bordalengo*, nome com que motejavam dos termos estrangeiros e de quem d'elles usava.

(2) Godos e moiros que senhorearam muito tempo a Lusitania.

Queimassem fezes godas e moiriscas  
 Da tosca algaravia, que em seu seio  
 Lavrou até o seculo apurado  
 De João segundo, de Manuel ditos.

Quem vendo em carcomidos pergaminhos  
 Foraes de goda-arabica escriptura,  
 Dirá que elles descendem da elegancia  
 Da lingua dos romanos, que a foi nossa,  
 Que a bem fallamos muitos centos de annos? (1)  
 Que foi depois que as guerras e infortunios (2)  
 Alagaram os predios de Minerva,  
 Derribaram columnas de seu templo,  
 Rodaram na torrente os moveis sacros,  
 Deixando so ruinas mal-cubertas  
 De apodrecidos limos e de abrolhos?

Então quebrou o fio precioso  
 Do collar de medalhas guarnecido  
 C'os nomes de eruditos portuguezes,  
 Que atou depois com laço mal-seguro

(1) Desde antes de Julio Cesar até á irrupção dos godos, vándalos, etc.

(2) Os jesuitas e a perseguição que se intentou contra os homens instruidos, escreve o auctor, foram dois grandes infortunios para a liberdade das sciencias em Portugal. Vieram depois os castelhanos que acabaram a derrota.

O Freire, e ainda algum mais, mas raro e froxo,  
Que o pouco cabedal levou comsigo  
Do puro portuguez que inda restava ;  
E em lingua bruta oco-ribomba ou freira,  
Nua de valentia e de doçura,  
Lardeada de ensóssos baixos termos,  
Foi a classica lingua convertida.  
Tal era a geringonça mais da moda,  
Quando eu nasci, nos pulpitos gritada  
E cantada nas nobres acadêmias ;  
Quando engenhos mais altos, indignados  
Da fatal corrupção, a resurgiram  
Das campas, do lethargo em que a pozeram  
Bolofo biltres, mazorraes syndapsos (1)  
Assim ja d'antes em igual desastre, (2)  
Amparados das azas do monarcha,  
Saíu um luso enxame cubicoso  
De conquistar pelos lyceus da Europa,  
As sciencias da patria foragidas:  
E quando a nós tornaram da colheita

(1) Derivação das palavras gregas *μικτρος*, e *συνδασεις*.

(2) D. João II, nota o auctor, que mandou muitos moços de bom engenho á Italia e Allemanha etc., e que instituiu em Pariz no collegio de Sancta Barbara 25 tensas ou *bolsas* para 25 portuguezes, que quizessem ir alli estudar. Duraram as tensas até que os jezuitas as applicaram a si, a titulo de que em seus collegios elles ensinavam em Portugal tudo o que se podia aprender em França !

Os novos Tullios, (1) alta esp'rança lusa,  
 Dando de mão ao godo-arabe enleio,  
 Que desfeirá as lusitanns fallas,  
 Co'oiro da grega lingua e da latina  
 Deram brilho ao dizer: antes crearam  
 Uma lingua mais nobre, mais mimosa,  
 Digna dos nobres genios que luziram  
 N'essa classica idade, e que nos deram  
 Os moldes da elegancia portugueza,  
 Elegancia que herdada a nós viera,  
 A não ser salteada no caminho  
 Por mãos facinorosas:— Quem nos veda  
 Tomar a antinga senda, para herdál-a  
 Nativa e pura e digna, qual trilharam,  
 Para creál-a, os nossos bons maiores?

## III

ESTUDO DA LINGUA — EXEMPLO DAS NAÇÕES ESTRANGEIRAS  
 —E PRINCIPALMENTE DA FRANCEZA QUE TAM TONTA-  
 MENTE IMITAM OS TARELLOS

Saiam dos muros da ferrenha patria  
 Quantos desprezam os facundos sabios  
 Que a lingua lhes legaram generosos,  
 E verão povoados os lyceus

(1) Marco Tullio Cicero saiu de Roma a aprender na Grecia.

Das estranhas nações na doucta Europa,  
De illustres bispos, de anciãos consultos,  
De polida nobreza, e até das damas,  
Que a natureza fez tam engenhosas,  
Tam valida das musas, qual de Venus;  
Todos pendentos das discretas vozes  
Com que um lente mui primo dá realce  
As bellezas dos classicos antigos,  
Aqui notando a concisão da phrase  
Que o lucido *sublime* em breve engaste  
Cerra e compõe; alli a formosura  
Da caudal eloquencia que transborda  
Por floridos jardins, verdes ribeiras.

Ah! se eu podesse ver na Elysia minha,  
Sequiosa de saber, francos e abertos  
Tantos porticos de artes, de sciencias,  
Como não levantára ella a aurea frente  
Entre tantas nações que a so conhecem  
Por ter dobrado o horrendo promontorio,  
Por um antigo brado de conquistas!

Fallam no bom Camões alguns francezes,  
Que o leram traduzido em prosa ensossa;  
Mas rejeitam de o ler na lusa lingua,  
Que apenas paga o custo de aprendel-a  
Com ler um so Camões: tam pouco apreço  
Lhe dam de si os novos escriptores!

Não fôra assim, se nós mais cuidadosos  
 Déssemos por valia á nossa lingua,  
 Polindo-a, ennobrecendo-a, opulentando-a  
 Com cabedaes de Urania, Clio e Erato:  
 Qué assim se fez no mundo conhecida  
 A lingua grega; e o lacio, que pretende  
 Emulál-a, seguiu o mesmo trilho:  
 Seguiu-o a Hespanha, a França, co'o a Toscana;  
 E até as boreaes nações o seguem.  
 Nós prezamos tam pouco a nossa lingua,  
 Que tam somente as outras aprendemos,  
 Em desar da nativa; e a ser-nos dado,  
 Na franceza escreveramos, fallaramos,  
 Camo ja na hespanhola, por lisonja,  
 E por louca vaidade, compozemos!

Amor da patria sopra em mim despeitos  
 De a ver por filhos seus pouco abonada.  
 Ah! patria muito ingrata e muito amada,  
 Ah! que eu, se em ti soubera as boas lettras  
 Mais versadas, mais público o bom gôsto;  
 D'este encargo de encommendar leitura  
 Dos nossos bons auctores me esquivára.

Desce Apollo aos lyceus com prazer summo  
 A darramar clarões de arte divina  
 Nos que ávidos anhelam ver ausentes  
 As trevas da malefica ignorancia:

Como na longa hiberna madrugada,  
Co'os olhos fitos no tardonho Oriente,  
O medroso apressado peregrino  
Espera Phebo, e os lucidos Ethontes  
Que vêm de longe co'o flammante carro  
Disparar no horisonte as luzes, o oiro,  
E pôr em fuga a noite e seus sequazes,  
As trevas, os pavores e os flagícios.

Muitos d'estes lyceus são chrysol puro  
Da liga da linguagem: alli de auctores  
De grave fama ancian bem-merecida  
As immortaes bellezas se alardeam;  
E o líquido oiro fino da palavra,  
Da phrase mui formosa, alli se apura.  
Sólta o criterio a voz, e o doucto exame  
Cala pelos remémoros ouvidos (1)  
Com agrado e proveito até ás almas,  
Onde se imprime e guarda longamente  
Sabor das eloquentes iguarias.

Um francez que ouve um lente venerando  
Tractar com mão devota os sabios livros  
De Fenelon, Raciné, quando explica

(1) Temos o verbo *memorar*, temos *rememorar*, diz o auctor; porque não teremos *remémoros* ouvidos que lembram e tornam a lembrar?

Seus ornados conceitos, não desdenha,  
Não moteja do auctor que lhe dá fama  
Nos arredados climas, nem do alumno  
Que caminhando ao templo da memoria  
Leva por foros, leva por serviços  
A nobre imitação de bons modelos,  
E na phrase imitada o cunho antigo.

Assim o estatuario cuidadoso,  
Se encarregado da sublime face  
D'um rei virtuoso, deus de seu bom povo,  
Deseja entre os Myrons e os Praxitéles  
Ter lugar na custosa eternidade,  
Dos Myrons e dos Phidias tira os rasgos  
Das bizarras feições, das attitudes;  
Até das roupas imitando as pregas;  
Aqui descobre, alli apanha ou solta,  
E trasladando á pedra o concebido  
Typo de fórmas conhecidas na arte,  
Compõe um todo a si so comparavel,  
Gôsto de mestres, e do alumno glória.

Taes eram approvadas e bemquistas,  
Por nobre imitação de almos traslados,  
Do pindarico Elpino as cultas odes;  
E a facundia bebida nos antigos  
Que vertia o Garção nos seus poemas,



Quando na Arcadia (1) outr'ora os escutava  
De atilados varões o estreme ouvido.

## IV

CREAÇÃO DE NOVOS TERMOS; INSTAURAÇÃO DOS ANTIGOS  
— EXEMPLO DOS MESMOS FRANCEZES

No sacro templo (2) que á pureza e lustre  
Da linguagem franceza ergueu eterno,  
Pelo Richelieu, Luis o magno,  
Ouvi eu (e inda a voz no ouvido toa)  
Um sabio (3) em toda a Europa acceito e lido,  
E inda mesmo entre nós não ignorado ;  
N'uma lingua tam farta (como dizem)  
Dos cabedaes de auctores tam egregios,  
Que não soffreu desfalques, bastardias,  
Como a nossa nas eras derradeiras;  
N'uma lingua que engrossa e se enriquece  
Cada dia co'os rios de eloquencia  
Que tam caudaes de todo o monte manam ;  
Este sabio escassezas lhe achacava,  
Pedia atrevimentos generosos  
Nos que a colhêr os fructos se abalançam

(1) Associação litteraria, célebre em Lisboa no tempo d'el-rei D. José.

(2) A Academia da lingua franceza.

(3) Marmontel.

Nos vergeis das sciencias. Novas coisas  
 Novos nomes requerem. Ja Lucrecio  
 Para a lingua tam rica dos romanos  
 Sollicito pedia larga venia.  
 Larga venia pedia para a sua  
 Este sabio tambem; e que se acceitem  
 No bom estylo francez termos latinos:  
 E dos antigos termos saudoso  
 Desejava que á vida revocassem  
 Dando-lhe alma nos livros duradoiros.

Reparae bem, matula afrancezada,  
 No sabão que vos vae pelos bigodes:  
 Vêde como arde na vermelha face  
 Sopapo que vos calma a mão franceza!  
 Certo estou que calando este discurso  
 No attento ouvido dos francezes sabios,  
 As palavras antigas farão novas  
 Em premio da razão, dos bons serviços;  
 Que honradas cans có'o honrado abrigo acodem  
 A quem as pôz no auge da valia.

A tam séria oração, tam proveitosa,  
 Estimada da patria e dos de siso,  
 Não riam como parvos os francezes,  
 Mas ririam os paravilhos lusos  
 Besuntados de porca modernice,  
 Que não podem soffrer palavra ou phrase

Que não venha em Telemaco capado (1)  
 Ou novos sermonarios francezistas;  
 Que cuidam que encerrada nos miolos  
 Têm da lingua a abundancia, a força, o lustre,  
 Com atar um suado comprimento,  
 Fallar de cães, de modas, de cavallos  
 N'uma roda de moças e tarecos  
 De elegante saber igual ao delles.

## V

OBJECÇÃO PRINCIPAL DOS NEOLOGISTAS—PÕE A RESPOSTA NA  
 BOCCA DE GARÇÃO—HYPERBATOS—PALAVRAS COMPOSTAS

Mas vamos acudir ao mais forçoso  
 Argumento que poem estes maricas,  
 Que estremezem de vozes que não leram;  
 Como de coisa má, longa aventesma,  
 Se arripiam mulheres e meninos.  
 « É grande affectação (assim me arguem)  
 Usar da antiga phrase, antigos termos  
 Que o marquez de Pombal não usou nunca,  
 Antes quasi os condemna em suas prosas.

(1) Traducção de certo Bacharel chamado José Manoel Ribeiro Pereira, o qual tendo la para si que o illustre Fenelon deixara incompleta a sua obra, accrescentou-lhe mais um volume, que intitolou *Aventuras fnaes de Telemaco, etc.*

Usar de termos que não usa o Pina (1),  
 Nem os nossos garridos prégadores:  
 Co'esses termos que vogam, bem fallamos;  
 Co'elles verseja o Mattos, canta o Caldas,  
 E o Macedo (2) no outeiro se espaneja.  
 A *lingua é como a moda*: (3) a novidade.  
 Lhe dá gala e primor. Motiva riso  
 Campar-nos hoje com sedições phrases  
 Do caduco Lucena, aguado Barros,  
 Querendo-as pôr á moda no discurso,  
 Como quem nos viesse delambido  
 Inculcar para adórno guapo e serio  
 Enrocados manteos, golpeadas calças. »  
 Cuido que o vejo erguer-se arreminado  
 La da campa onde jaz sêcco e moído  
 O meu Garção, e azedo e zombeteiro  
 Responder-lhes assim: « Tendes sobejos  
 Para o mal que fallais, e para as trovas  
 Com que a patria pejais, pejais a lingua:  
 Melhor fôra, boçaes, nascesseis mudos.  
 Que enrocados manteos, calçados pintos  
 Me allegais por êscarneo? Quantas modas  
 Não vêdes vós sedições, que resurgem  
 Como o fetido Lazaro, e campeiam

(1) Escriptor goñgorista dos principios do XVIII seculo.

(2) Poetas de minguada fama, Bavios e Mevios d'esse tempo.

(3) Formaes palavras de uns redactores, que Francisco Manuel conheceu em Pariz, e de outros mais gallici-parlas.

Mui galhardas por esse mundo louco?  
Os manteos enrocados, ide ve-los  
Co'as calças golpeadas, na mais sêcia  
Côrte da Europa, e mais lidada forja  
Das tremolantes e assopradas modas.  
Vede-me os *cem-suiços* gigantescos,  
Cerrada guarda do francez sob'rano,  
Como trajam nos dias mais garridos  
Enrocados manteos, golpeadas calças,  
Que galas foram ja de airoso adôrno  
Ao quarto Henrique, ao forte illustre Castro.  
Lede; basbaques mancos de douctrina,  
Que (de acêrto) até modas vem nos livros;  
Como em Pegas (1) achou, passados annos,  
Certo lettrado os oculos perdidos. »

— « Mas escuta, Garção, (cuido que os ouço)  
Se o pensamento é bom, faz seu effeito,  
Sem ser preciso revolver poeiras  
De latinos Camões, sedições Barros,  
Sem joeirar palavras fastiosas  
De velhos alfarrabios com bafio.  
— « Callai-vos, tolos (o Garção responde)  
A elocução é tudo. Uma sentença,  
Que tosca refugais por desagrado,  
Se com phrase concisa ornada e culta

(1) Auctor rancido.

Vem ferir n'alma, o ouvido amaciando,  
Abalados ficais, ficais absortos,  
Namorados da sua formosura.  
Que assim a guapa seda, a tela de oirô  
Se mal talhada vem das mãos do mestre,  
Perde a gala por gebba em seu feitio,  
Quando outra, menos rica, mas airosa  
Pelo acérto e primor do lindo talhe,  
Orna o dono, e de applausos rouba a estrea.  
Dar com vozes valor ao pensamento,  
Dar-lhe côr, dar-lhe vida é o grande estudo,  
A gran venida de immortaes auctores.  
Que não basta dar pasto são á mente,  
Se não vem adubado de bom gôsto :  
E assim é que a verdade cala na alma,  
Louçan co'os atavios da eloquencia :  
E assim tambem resvala dos ouvidos,  
Se vem sêcca ou ensossa ou mal-trajada.  
Uma palavra nova ou renovada,  
Que com estranho som, mas bem-cadente,  
Desperta o ouvido, é saudavel toque :  
Que inclinam á prigiça, ao desattento  
Os animos de ouvintes distrahidos,  
Que a corda da attenção por longo tempo  
Não podem ter tam rija que não bambe.  
Para a atesar de novo, o bom poeta  
Varia o tom do canto com figuras,  
Com descripções ; ousado ja apostrópha  
Homens e numes... Quantas vezes, quantas

O intrepido poeta arrisca o enleado  
Hyperbato, que embaça a intelligencia  
Á prima vista, mas que apraz, namora  
Quando abre todo o senso? Assim de Horacio  
E dos romanos classicos polidos  
Apraziam transpostos os vocabulos;  
E fôra riso e escarneo dos ouvintes  
Dar-lhe odes de sentido corriqueiro,  
Fluentes como o usado padre nosso.  
Tambem co'um termo so, quando o poeta  
Se aventura ao perigo, e vae busca-o  
A longes sitios, e atrevido o encosta  
A nome que se estranha de o ver juncto  
De si, mas que o ennobrece e allumia:..  
Tambem digo que toma alento a lassa  
Atenção, e agradece ao vate o gôsto  
Que-lhe dá co'a dicção, e louva a industria.  
Com que ornou co'uma flor de mais a lingua.  
Canoros dispertae co'a novidade;  
Beliscae meigamente o seio da alma:  
Inventae, renovae, usae translatos;  
Convidae o appetite, dae-lhes forças;  
Envidae o saber, obtereis graças  
De quem bem instruistes, deleitando.  
Nunca espereis que um d'esses encolhidos,  
D'esses malsins de atrevimentos nobres,  
Consiga um grito dar, com que a alma acorde.  
Assim vimos, porque alto e bem dormiam,  
Bem roncavam os hospedes cançados

Que acalentava a régia academia  
Com derreadas prosas soporíferas.

## VI

NECESSIDADE DE ESTUDAR A PROPRIA LINGUA, SOBRE TODAS  
AS OUTRAS — THESOIROS D'ONDE TIRAR ANTIGOS TERMOS,  
OS CLASSICOS PORTUGUEZES — ORIGEM D'ONDE DERIVAR  
OS NOVOS, OS LATINHOS E GREGOS

Estudamos com tanto apuramento  
Classicos gregos, classicos latinos;  
Linguas em que, apezar de improbo estudo,  
Seremos sempre broncos aprendizes;  
Nem quando bem queimadas as pestanas,  
Mirrassemos em ler pécos Noltenios,  
Escholiastes decrepitos e escuros;  
Não nos cabe fallál-as co'a franqueza  
Dos antigos romanos; quando muito  
Fallaremos latim como fallava  
Entre nós certo inglez que muitos annos  
Em Lisboa viveu, e me dizia  
Mui serio — *Mim quer vae á Rata* (1) crendo  
Que dava um puxo bom na lingua lusa.  
Nós, quando á força de amplos dictionarios,  
De grammaticas, de aridos commentos,  
Novos Manucios, Fabros ou Resendes,  
Greguissimos Scaligeros da gemma,

(1) O Rato, sitio em Lisboa.



Gaguejemos latim a Plauto, a Horacio,  
E grego a Homero, a Pindaro; ririam  
Da nossa arrogantissima impotencia,  
E sem nos comprehender nos deixariam  
Latinizar e greguejar o froxo  
Nas theses, nos umbratiles collegios.

Como? Em cadoz de ingrato esquecimento  
Deixarmos a linguagem que nos serve  
Em tractar os negocios, as usanças  
D'esta vida civil, razões de estado  
Co'os nossos conterraneos, co'os amigos,  
Em dar pasto co'as damas ás mais puras  
Mais brandas affeições do animo humano,  
Para dar todo o estudo a estranhas linguas!

Fallemos portuguez brando e sonoro  
A portuguezes que entender-nos cabe.  
E se expertos me arguem os peraltas,  
Que as riquezas vocaes que assim pretendo  
Introduzir empecem á clareza  
Da lingua, e que o vulgar dos portuguezes  
Não pôde subito abranger o senso  
Das vozes classicas, remotas do uso,  
Das novas, das latinas, das compostas,  
Mui pachorrento e concho lhes respondo,  
Que as que hoje estão em uso foram novas  
Tam difficeis então, quanto éstas hoje  
De serem do vulgar bem entendidas

Quando o Pombal (1) nas leis punha *apanagio*  
 Ninguem soube que enxalmo ou que encomenda  
 Que bixaroco era *apanagio*: os mesmos  
 Lettrados se tomavam da tarantula.  
 'Apanagio passou: hoje é corrente.

Qual foi o sapateiro, ou curraleira  
 Que pescou o sentido enrevesado  
 Em *retractar, controverter*, em outras  
 Da vez primeira que sahiu da bôcca  
 Do freguez que lh'a disse? Pouco a pouco  
 Explicada, prégada, conversada,  
 Conseguiu ser palavra corriqueira  
 Quem d'antes era enigma avesso, abstruso.  
 Tal é o fado das primeiras vozes.  
 Estranham—Vam entrando—Formam posse,  
 Depois ficam de assento—e entre nós casam;  
 Ei-las parentas ja de toda a lingua.  
 Que assim é que um caminho de pe posto,  
 Co'andar da gente, passa a ser estrada, (2)  
 Como em limpida fonte, em nossos mestres  
 Do seculo das lettras lusitanas,  
 E nas paginas ferteis dos latinus  
 Tomem linguagem pura os bons ingenhos  
 Que a colher palmas de eloquencia lusa

(1) O marquez de Pombal.

(2) Não se póde entender isto em toda sua amplidão, mas sob as condições postas pelo auctor e hoje adoptadas geralmente.

Inclinam seu proposito e porfia: (1)  
 Ou ja no foro os animos consultos  
 Queriam mover a compaixão piedosa  
 Do reo mal arguido ou mal defezo;  
 Ou da verdade na cadeira anceiem  
 Soltar as pandas velas da facundia  
 Em assumptos moraes ou ja sagrados.

Os exemplares puros com nôcturna,  
 Diurna mão' por vós sejam versados,  
 Por vós poetas que quereis no Pindo  
 Conquistar os favores das Camenas.  
 Se desprezais dos classicos o estudo  
 Sereis dos sabios lusos desprezados.  
 Oh! que é desdoiro um vate alçar as vozes  
 Promettedoras de altaneiro assumpto  
 Ante o povo apinhado, e ser mesquinho  
 No arrojo, na affluencia das pinturas  
 Com que anhela estofar o seu discurso,  
 Por falta de eloquentes vivas côres  
 Que so dam as palavras preciosas  
 Cavadas nos bons mestres, ou tiradas  
 Do riquissimo erario dos latinos.

Quando em público falla, quando escreve  
 Obras dignas de soffrega leitura,  
 Se inteira o bom auctor, colhe de plano,

(1) Verso de Camões.

(E com que dissabor!) o quanto ignora  
A lingua em que se deu por abastado;  
Vendo á bolsa que creu pejada e himpando  
De grosso cabedal, de ricas phrases,  
De termos nobres, ermo e exhausto o fundo

## VII

INVECTIVA CONTRA OS MAUS POETAS—EXEMPLO DOS BONS  
AUCTORES

Nescio grulha que em cujo charco molhas  
A lingua com que os classicos motejas,  
E a quem de suas messes faz ganancias,  
Convem comigo, se és sincero e franco,  
Que nunca déste inteira á voz e á penna,  
(Qual te luziu na mente) a idéa tua,  
Por charro ou por mendigo de palavras  
Que dam côr e dam alma ao pensamento.  
Olha o Garção, quam rico na pintura  
Da infeliz Dido (1) as côres assignala,  
Quando precedôra, entregue a Clotho:  
« Com a convulsa mão subito arranca  
A lamina fulgente da bainha,  
E sobre o duro ferro penetrante  
Arroja o tenro crystallino peito:  
Em borbutões de escuma murmurando

(1) Cantata de Dido, no entremez *Assemblée*.

O quente sangue da ferida salta:  
 De roxas espadanas rociadas  
 Tremem da sala as doricas columnas! »  
 Não ha termo que não traslade ao vivo  
 No esp'rito do leitor o fiel quadro  
 Que o Garção debuxou na clara idéa.  
 Sim : que estado e razão lhe persuadiram,  
 Que ao vate acceito á Apollo, acceito ás musas  
 Cabe espertar no ouvinte imagens vivas  
 Com valente pincel, accesas côres,  
 Arrojado nos rasgos, lumes, sombras,  
 E ardente como esse estro que o inflamma.  
 Quam custoso lhe fôra! — Quam negado  
 O arrójo no desenho, o vivo em côres,  
 Que os sentidos movendo calam na alma,  
 Se colhida nos campos da leitura  
 Tam copiosa seara não tivera !

## VIII

DIFFERENÇA ENTRE A LOCUÇÃO TRIVIAL E A SUBLIME DA  
 POESIA — ORNATOS POETICOS

Inda te dou que possas como o vulgo  
 Fallar correcto ás vezes. Não te baste  
 Trivial locução para subires  
 O primeiro degrau do templo que honra  
 O merito eloquente. Evitar erros  
 É erguer-se apenas do plebeio lodo.

Longe estás de ganhar subido prémio,  
 Que pende para quem com louçania,  
 C'o dom de aurea dicção, dá garbo ás fallas,  
 Varia, estrema a phrase mais venusta,  
 Com que dote de esplendida riqueza  
 De seu discurso a intrepida estructura.  
 Que é suberbo palacio um bom poema,  
 Cuja fachada, camarins e salas  
 Com régia pompa ser ornadas pedem.  
 O oiro e o matiz das sedas e pinturas,  
 Dos cofres mais reconditos e a lingua  
 Os tira á luz o provido poeta.  
 Vocabulos, effigies dos objectos,  
 Que Camões, que Vieira memoraram,  
 Que informe po cobre hoje; se erudita  
 Mão lh'o sacode, e as cans remoça activo.  
 Com lingua rica aditará a Elysia.

## IX

COMO SE ARRUINOU A LINGUA E POESIA PORTUGUEZA-  
 CONCISÃO SUBLIME

Quando orpham de bons classicos o idioma  
 Se viu ao desamparo, ao desalinho  
 D'um tropel de ignorantes, todo o rico  
 Custoso cabedal que tinha herdado  
 Da ancia do estudo de escriptores sabios,  
 Se esvahiü pelas mãos de ruins tutores,

Um fastioso de *após*, desfez-se d'elle,  
 Este espancou *quicá*, ess' outro *asinha* ;  
 E assim dos mais. Foi roupa de francezes.  
 Os termos mais energicos, mais curtos,  
 Os mais sonoros, por melindre ou birra,  
 Foram longe da lingua degradados.  
 E outros foram perdidos por deleixo.  
 E nós de avítos bens herdeiros lídimos,  
 N'um patrimonio entrámos defraudado  
 D'oiro, padrões, alfaias nú e crú.

Vistes vós n'uma casa onde morreram  
 Pae e mãe, e mui ricos, mas sem dono  
 Ficam muitos filhinhos?— Um começa  
 A descompor gavetas, a abrir cofres,  
 D'um lenço de cambraia faz zórrague,  
 Cavalga outro em bengala castão de oiro,  
 Este um dedal de prata, aquelle um diche  
 De subido valor, pela janella,  
 Brincando ou descuidado, deita á rua ;  
 Rodam broches e anneis pelo sobrado,  
 (Preço de muitas lidas!)—sobem logo  
 Exames de rapazes con-vizinhos  
 Barulheiros, daninhos ou milhafres,  
 Que bolem, quebram, vasam, pilham, levam,  
 Oiro, diamantes, louça, doces, fructa ;  
 E uma herança, até 'lli graúda e rica,  
 Pára em mesquinha misera pobreza.  
 Tal da lingua os thesoiros se escoaram

Em poder de crianças litterarias,  
 De personagens nescias ou perluxas.  
 Vêde em tal desbarato, em tal deleixo,  
 Que valente orador, vate atrevido  
 Póde fallar conciso, ser ornado,  
 Ser altíloquo ou terno, se lhe faltam  
 Cabedaes com que abaste, com que enfeite,  
 D'onde tire, a prazer, a expressão curta  
 Que encarava mais profunda n' alma a idéa;  
 E não meandros de torcidos tropos  
 Que resvalam do ouvido da memoria,  
 Antes que o fio da vindoir phrase  
 Se áte co' o fio bambo da ja lida!

Remontar ao « sublime » ha sido sempre  
 O perpetuo lidar, o fito nobre  
 Dos que as obras meditam, que os vindoiros  
 Desempoem com fructo, com agrado:  
 E o sublime quer grande e nova idéa,  
 Curta, e que muito senso aperte em summa.  
 Que se inepto, por falta de baixella,  
 Lanças em vasto desbordado vaso  
 A pura activa essencia concentrada,  
 O concebido espirito sublime  
 Na vasteza chocalha e se derrama,  
 Perde o cheiro, o vigor, e mes-cabado  
 Na turba das surrapas se deshonra.  
 Tu mormente, ó poeta, a quem não encaixe  
 Do verso, estreito emprêgo e estofa, cabe,



Se em palavras transbordadas, vas por fóra  
Da marca abalizada, e dás co' o verso,  
Desattento, a travez : e-desde o introito  
Enojas, e os ouvintes adormentas.  
Sê mui parco na ensancha das palavras,  
Se ousas tocar as raias do « sublime, »  
E dos ouvidos despota, se queres  
Tel-os captivos a teus dignos versos :  
Mas para parco ser thesoiro ajuncta ;  
Que sem muita lição serás vertoso.  
Quanto mais ferramenta tem o mestre,  
Mais faceis, mais subtis perfaz as obras.  
Quanto mais panno tem, mais poupa o córte,  
Menos monte alardêa de retalhos  
A afreguezada experta costureira.  
Na casa em que a despensa recheada  
Acode á meza com sobejo alarde,  
Banquetes (com que o pobre se arruina)  
O rico os dá frequente a pouco custo.

## X

METHODO DE ESTUDAR A LINGUA—CLASSICOS: VIEIRA, LUCENA,  
BERNARDES, FERREIRA, BRITO, ETC., JACYNTHO FREIRE

Se queremos achar abertas véas  
Do custoso metal que as fallas doira,  
Visitemos as minas encetadas  
Pelos nossos antigos éscriptores,

No Lacio e Achaia, que inda nos convidam  
 Com largo aberto seio a ser ricassos.  
 E se a ruim priguica vos atalha  
 Mover o passo a longes territorios,  
 Tendes em casa, e a vossas mãos disposto,  
 O producto das minas ja cavado  
 Limpo de fezes chrysolado e puro  
 Nos Paivas, nos Lucenas, Britos, Barros.

Entre abbobadas longas intrincadas,  
 Labyrinthos reconcavos e escusos  
 De conceitos agudos predicaveis,  
 De bastardo saber, de ingenho vesgo,  
 Ha por cantos escuros, por desvios  
 De sermões requintados do Vieira,  
 Desprezados torrões de oiro encoberto,  
 Que enriquecer mil paginas poderam  
 Por artifices mãos melhor lavrados.

Tem Lucena capitulos (1) tam cheios  
 De lusa preciosissima abastança,  
 Em phrase e termos escolhida e nobre!...

Em seu fluído estylo vae Bernardes  
 Serpeando manso e manso até que mana  
 Dos ouvidos nas intimas entranhas,

(1) A descripção da nau da India, a das Ilhas Molucas, a dos costumes dos Chins, o combate dos Achens, etc.

Qual vae claro ribeiro *crystallino*  
Debruçando-se puro e saúdoso  
Debaixo de inquietas *avelleiras*,  
Por entre hervosos valles sempre verdes ;  
Té que ao largo se estende em lisa meza (1)  
Espelho e ás vezes banho das serranas.

De Barros que direi? que os estrangeiros  
Não digam mais do que eu? que d'elle fallam  
Com mor respeito que fallar usamos.  
Ferreira, Brito, Soiza, Arraes e Pinto  
So lhes faltou nascer em terra estranha  
Para altamente serem conhecidos,  
E encommendada aos bons sua leitura.

Cartilha houvera ser, cartilha de oiro  
Para a pura dicção da lingua lusa,  
O muito diserto Freire, ultima c'roa  
Das nossas litterarias conquistas ;  
Fiel historiador, sempre eloquente,  
Sempre Plinio, e mil vezes com vantagens.  
Quanto não ganharia a patria honrada,  
Não ganharia a lingua portugueza,  
E os égregios heroes, se cada Cesar,

(1) Chama Camões *mezas* aos remansos de agua, que os ribeiros fazem quando se estendem sobre os dilatados leitos onde a agua perdendo força de corrente parece alli parada e de limpa e transparente assemelha uma meza de *crystal*.

Cada Fabricio, Regulo. ou Camillo,  
 Que deu a lusa terra, conseguisse  
 Um Freire que lhes dêsse alto renome  
 Por obras, por virtudes conquistado?  
 Tem senões!—E que auctor é d'elles limpo!  
 Não dormitou Homero? O bom Virgilio,  
 Indignado das máculas da Eneida,  
 Não mandava de novo queimar Troia? (1)  
 Se ás musas não vedára o pio Augusto  
 O eterno pranto, e a Apolló as saúdades?  
 Pollião não imputa á maravilha (2)  
 Que iam além de Roma, curiosas,  
 As gentes ver defeito patavino? (3)

## XI

## VIEIRA E OS PERALTAS

Mas muito ha que sobejo serio fallo,  
 E o serio me não quadra, e quadra menos  
 Ao meu assumpto e aos caros meus leitores.  
 Démos que ressuscite (o que hoje é facil)  
 Vieira, e ouça fallar certos peraltas  
 Pregoeiros de afrancezada lingua.

(1) ..... *Ergo ibit in ignes,*  
*Magnaue doctiloqui morietur musa Maronis?*

(2) Tito-Livio.

(3) *Patavinitatem quandam.*

Parece-me que o vejo franzir beiços,  
Encrespar o nariz, perguntar logo:

VIEIRA

Quem vos torceu as fallas á franceza,  
Meus pardaes novos de amarello bico?

PERALTA

Lemos livros de fita, e *é* n'esses livros  
Que nós *puisamos* o fallar á moda,  
No mais *charmante* tom, mais *seduisante*.

VIEIRA

E quem trouxe essa moda, meus meninos?

PERALTA

*Elle é*, pois que *exigis* que com *justeza*  
*Rapporte* o *renomado chefe*, é esse o  
Traductor do Telemaco capado,  
De sermões vicentinos precedido,  
*Avan-corrores* d'essa nova eschola.  
Vou-me la (diz Vieira)—Eil-o que bate  
A' porta do Ribeiro (1), e pede novas  
D'esta nova eloquencia gallo-lusa.

(1) Traductor do Telemaco que o auctor chama *capado*.

## VIEIRA

Quem prega ca melhor ? Quem faz bons versos ?

## RIBEIRO

Eloquencia, *monsieur*, tem alto *rango*,  
 E' o *affere* do dia, os meus *eleves*,  
*Bellos espiritos*, *chefes do bom gôsto*,  
 Têm dado á linguagem taes *nuanças*, (1)  
 Que nunca em *golpe de ôlho* *remarcaram*  
 Os antigos na *affrosa* obscuridade. »

## VIEIRA

Pare, pare senhor co' o sarrabulho  
 D'essa phrase franduna (2). Eu fui á França,  
 Nunca la me atolei n'esses lameiros,

(1) *A lingua portugueza carece muito destes termos.* (São palavras de um academico.)

*Nota do V. de Almeida Garrett.* Veja-se *nuança* no *Glossario*, que faz parte d'esta obra.

(2) Quando por traição de alguns nobres, e jesuitica perfidia usurpou o reino o demonio meridiano (Philippe II) passaram á guerra de Flandes lusitanas tropas e a mascarada falla que dos Paizes-Baixos tomaram, se nomeava então *lingua franduna*.

Nunca enroupei a lingua portugueza  
Com trapos multicores gandaiados  
N'essa feira da ladra. Os meus latinos  
Me deram sempre o precioso traje  
Com que aformosentei a lusa falla.  
Com Deus fique, senhor. Tal giria esconça  
De ensosso mixtiforio burdalengo  
Só medra co'o esses tolos que se enfronham  
Em lingua estranha sem saber a sua,  
E dam co'o essa mistura a vera effigie  
Do apupado ridiculo enxacoco. »

## XII

DUAS CAUSAS CAPITAES DA CORRUPÇÃO DO GÓSTO E DA LINGUAGEM—1ª A DOMINAÇÃO CASTELHANA—2ª A GUERRA DA ACCLAMAÇÃO.

Eis vejo ao longe as duas largas portas  
Por onde a corrupção entrou lavrando  
No corpo da linguagem portugueza,  
E lhe estragou a compleição sadia.  
Uma, lh'a abriu Philippe de Castella,  
Hypocrita tyranno e não prudente,  
Quando o reino, não seu, quando as conquistas,  
Com sangue portuguez tam rubricadas,  
Mais com oiro usurpou, que com trabucos.  
Elles os peitos torceu 'té'li altivos ;

E a lisonja, que encosta brandamente.  
 A dextra á cerviz dura, a foi curvando,  
 Té que inteira a baixou ante o tyranno.  
 Medrou logo o desejo de agradar-lhe,  
 Que fez beijar-lhe o sceptro e a mão de ferro  
 Que mui pesadamente a carregava.  
 Nos animos soprou alento frouxo,  
 Banhou os beiços de fagueiras fallas,  
 E as penas embebeu na hispana tincta  
 Tanto ao fundo, que as pennas esqueceram  
 Do seu idioma luso a cõr nativa,  
 Para afagar com phrases mendigadas  
 As orelhas dos duros vencedores.  
 Que longe iam correndo do Ferreira,  
 (Bom Ferreira da nossa lingua amigo!)  
 Esses filhos ingratos que deixavam  
 A mui caroavel mãe, que de seu leite  
 Nunca lhe consentiu terem secura,  
 Para ir buscar em braços de madrastra  
 Sustento e afagos que ella dava esquivos.  
 Fastiosos na opulencia, requestavam  
 Pão de esmola a suberbos estrangeiros,  
 Que escassos, com desdem, ao, chão lh'a deitam.

Se era util, se era grato o que escreviam  
 Quem os mal conselhou que desherdassem  
 Do rendoso aprazivel patrimonio  
 A patria natural, o meigo idioma  
 Que abundante e grandioso e brando e fero



Entendidos maiores lhe aprestaram ?  
Que antemão obsequente, officioso  
Lhes moldára nos labios infantis  
As primeiras palavras carinhosas  
Com que do berço os maternas semblantes  
Souberam borrifar de almo sorriso,  
Por ir (ó ingratidão! ó esquivança!)  
Estragar com mão pródiga thesoiros  
Em desdenhosas terras forasteiras.  
O' desdoiros da patria! ó inimigos  
Da lingua: em que nascestes, vos creastes,  
Da lingua a quem deveis todos os lucros  
Do saber; do talento e ingenho vosso!  
E esquecel-a podestes? desprezál-a?  
Negar-lhe o foro dos caudaes estudos?  
Quem sabe se esse immerito descuido  
Dos bons aformozaram vosso idioma,  
Se esse cultivo de estrangeira phrase  
Não foi a lança mais aguda e forte  
Que lhe abriu as feridas mais profundas?  
Talvez se não cessasseis de alinhál-a,  
De alimentar com vosso estudo e lida,  
Seria ainda hoje aquella com que tanto  
Brado se fez no mundo honrada e altiva.

Outro infortunio prolongou funesto  
Nas lusitanas lettras o prolixo  
Marte, que supportámos corajosos

Em nossos braços, por manter no Augusto  
Solio o recém-subido soberano  
Contra as rapaces mãos usurpadoras  
Que, annos sessenta, nas espaduas curvas  
Do ferreo sceptro o conto nos calcaram.

O alvoroço e tumulto que consigo  
Trazem bronzeos canhões, roucas bombardas,  
Mas convém co' o remanso de Minerva,  
Co' a amena calma das pousadas musas.  
Os que Apollo influio, por Marte o deixam,  
Depoem os livros, os broqueis abraçam:  
E em lugar dos accentos numerosos  
Com que inçlytas idéas se revestem,  
So têm o agudo ouvir aberto á l'arma,  
So têm do irado olhar cravado o lume  
Na ardente bala ou carniceira brecha.

Quem não ve pois, que em quadras tam esquivas  
A lyra emmudeceu, parou a pluma,  
Emmagreceu a lingua que se nutre  
De ocio de vates, de ocio de oradores  
Que altíloquos resoam? No sanctuario  
Das letras puro, e até então guardado,  
(N'essa hora de atalaias despróvido)  
Pelas portas lhe entrou mal-agoirada  
A ignorancia ladeada da caterva  
Dos erros, das maleficas doutrinas.

As mãos se deram sempre pelo mundo  
Esses dois feios brutos tragadores  
Do ingenho e do primor das boas artes.

Vêde a Grecia, suberbo monumento  
Da arrojada solerte humanidade,  
Milagres da arte a cada passo erguendo  
Ante os olhos attentos do Universo;  
Profundos meditando, disferindo  
Modelos do saber sublime e nobre,  
Tam eloquente, quam limado e terso;  
Hoje esquecida Grecia, hoje ignorante,  
Hoje bruta, de bruto dono é escrava!

Tu podeste, ignorancia mal-querente,  
De torpes dogmas sempre bem provida,  
Destruir as searas das sciencias  
Com tal suor plantadas e floridas.

Assim foi descuidada e embrutecida  
A nossa lingua illustre. Os portuguezes  
Co' a pertinaz tormenta desgarrados  
Da bem-assignalada antiga esteira (1)  
Perderam o bom tino ao saber puro,

(1) Via, direcção, rumo.

Que em eras de Camões, eras de Barros  
Grangeado tinham nos lyceus da Europa.

Nós hoje se prezâmos levantar-nos  
Ao grau de glória a que eramos subidos,  
Trilhemos senda que ampla nos abriram  
Nossos maiores no apurar do ingenho.  
Elles da grega lingua, e da latina  
Tomaram cabedaes com que adornaram  
De garbo, e de melindre a lusa falla,  
Lusa escripta. (Brasão d'essa era augusta  
Que nos deu nome em toda a redondeza,  
E o brado inda resoa). A lusa falla,  
Que hoje é mofa e baldão de peralvilhos,  
Que ensossos passam por estranhas linguas  
Minguados na materna a quem desdenham,  
Porque inda aptos não são para invejal-a.  
Ridiculos que tentam pôr eschola  
D'uma lingua meitada de hervilhaca  
Mal colhida em mau signo, chocha e mocha  
Que trava na garganta do criterio!  
Fogem da lingua san, chamam-lhe antiga.  
E vão dar de malhão n'um neologismo  
Sem sabor, mal fundado e mal acceito.

## XIII

APOSTRÓPHE AOS ESCRITORES SÓBRE O ESTUDO DA LINGUA  
E DOS BONS MODELOS

Vates sublimes, nobres oradores,  
Dae rios perennaes de alta loquela ;  
Enlevae, persuadi, dae pasmo e assombro;  
Troem na altiva bocca os sons ousados,  
Ou meliflua mane a melodia  
Do canto que infeitiça o intendimento ;  
Ponde sómente o fito na energia  
Das côres com que daes luz ao conceito ;  
Que essas côres ja novas, ora antigas,  
Abastaram a lingua. E esses que ouvem,  
Esses que lêm o arrojo das palavras,  
Incantados do altivo das idéas,  
Dos accesos matizes da pinctura,  
Não irão indagar se vem de Barros,  
Se de Hôracio, de Cicero ou Vieira  
A voz que lhe deu na alma o nobre abalo.  
Perde-se a côr de chumbo, a de junquillo  
Quando o pincel as mescla na palheta ;  
E so no quadro avulta a similhança  
Que illude e representa o vivo objecto  
Que a natureza amostra, e que a arte esconde.

E vós ainda disputaes ferrenhos  
Se havemos de fallar como peraltas ;

Se *affroso, rango, populacea, egidio*  
 Devem ter entre nós assento e posse,  
 Ou se havemos de pôr em extermínio  
*Quiçá, mau grado, asinha, outrora, dvante,*  
 Eis-nos pois deparados n'este ensejo,  
 Como esses aldeões que ainda esquivos  
 De possuir, herdades, nem coirellas,  
 Que com Baccho e com Ceres lhes accudam,  
 Altercassem vermelhos e afinados  
 Sôbre o gume de foices e podoads.  
 Tanto devemos a rançosos bonzos,  
 Academicos naires campanudos,  
 A mulheres perluxas sabichonas,  
 A besuntados fatuos francezistas!

Loucos que o tempo desperdiçais sem fructo  
 Em descompor da lingua o molde e a graça;  
 Cançae-vos antes em lavar os campos  
 Da classica abastança, achareis barras  
 De oiro mais puro e rico, que esse cobre  
 Que baixos gandaiaes em çujos regos.  
 Parvos! que enxovalhando com posturas  
 O formoso carão da patria lingua,  
 (Formoso, inda que antigo, qual a Venus  
 De Medicis, antiga e sempre bella)  
 Cuidaes que hão-de remoçal-a esses rebiques?  
 Co'a demão que lhe daes mui presumidos  
 Lhe estragaes as feições, tiraes-lhe a grave  
 Magestade—e não sei que brando termo,

Que inda em annos crescidos bem parece.  
 De mim confesso que em a ver garrida  
 Co' os besuntos, co' as sóltas maravalhas  
 Com que dessimilhaes seu nobre vulto,  
 De riso estoiro ou desadoro dé ira (1)

## XIV

PRECEITOS AOS POETAS —ESTYLO— PINCTURA DAS IDÉAS —  
 PAIXÕES—VARIEDADE E PROPRIEDADE

Lede (que é tempo) os classicos honrados,  
 Herdae seus bens, herdae essas conquistas  
 Que em reinos dos romanos, e dos gregos  
 Com indefesso estudo conseguiram;  
 Vereis então que garbo, que facundia  
 Orna o verso gentil, quando sem elles  
 E' delambido e pêco o pobre verso.  
 Lede, que é gran cegueira esse descuido,  
 (Antes bruteza!) Mal se ganha o prêmio  
 De alto saber, sem improba fadiga.  
 O meditado estudo aço é, que rijo  
 Fere do nosso ingenho a aguda escarpa;  
 E os pensamentos de subtil arrôjo  
 Faiscas são brilhantes, que resaltam  
 Do batido fuzil aporfiado.  
 Se usamos escrever, d'estas centelhas

(1) *Tunc veniunt risus.*

Ordenadas com pródigo artificio,  
Se compõe formosíssimo luzeiro,  
Ou astro que nos rudes olhos fere  
Do vulgo, e que a prudentes muito agrada.

Como pois esperaes compor luzeiros  
Se os bons não estudaes, se da memoria  
Os cofres não proveis com abastadas  
Joias que os livros bons doar so podem!  
Elles dam co' a louçan valente phrase  
Preço nobre á sentença aberta e pura,  
E ao subtil quadro da ficção ditosa  
Dam a cór, dam a luz com que realça.

O verdadeiro toque que arduo abona  
A força, a véa do escriptor prestante;  
E' quando entorna (como em prompto vaso)  
Com succo e com calor na alma do ouvinte  
Inteiro o nectar das idéas suas,  
Tam suave, e no gôsto tam activo,  
Como elle o preparou no alto conceito;  
Tal, que ao leitor colore, e embeba a mente,  
Tam funda e viva qual no auctor nascêra.  
Saber dar tal activo, dar taes côres  
Fez claros os Virgílios; engeital-o,  
Não poder concebê-lo faz rançosos,  
Faz Pinas, faz poetas deslavados.

Contigo' mais que nunca fallo agora,



Alumno que pretendes ser das musas  
Estremado e querido: o altivo assento  
Perto de Horacio, perto de Virgilio  
So aguarda o pinctor que em fiel quadro  
Da natureza as lidas afigura,  
E as bellezas lhe pincta em vivo verso ;  
Ou que do homem moral debuxa ardente  
As lutantes paixões, virtudes, vicios,  
Assomos da alma em solidão, em turba.

Contempla que nasceu o homem sujeito  
A muitos estos revoltosos, torvos ;  
Que ora a cubiça, outrora a mágoa o vence,  
Que este confia, aquelle desespera :  
A alegria ao mancebo instiga a dansas :  
O deleite requebra o rosto ameno  
De quem do amado bem logrou o agrado.  
A triste dor quebranta o vivo lume  
No esmorecido olhar. Quando um prospéra,  
Outro cahe da roda derribado :  
Um periga, quando outro em salva praia  
Corre afoito a abraçar-se co'a columna  
De segurança. Almeno sente as puas  
Do rigor, do desdem da sua Filis  
Espinhar-lhe as entranhas dolorosas ;  
Em quanto Elio assustado acanha os membros ;  
E todo se encolhêra n' uma cifra  
Por esconder-se ao malfeitor phantasma  
Que elle a si proprio ergueu na eivada mente.

Jaz estirado em tormentoso equuleo,  
Quebrado a tractos do odio, e da vingança  
Esse altivo que um gesto, uma palavra  
Mal-julgada accendeu em chammas de ira.

Cuidas que não tem sempre a mente abertas  
As portas ao tropel das infinitas  
Variadas pinturas ou chymeras,  
Que indefessa a imaginação lhe arroja?  
O colorido da fileira immensa  
De quadros que offerece n'esses homens  
O nascimento, a compleição, a plana,  
As companhias, habitos, usanças,  
São exercicio, são liberta alçada  
Do pincel dos poetas, a quem coube  
Abranger co'os seus braços alentados  
Quanta apparencia ostenta este universo,  
E o que a nossa alma no seu peito encerra.

Vê se ha 'hi lingua tam valente e rica,  
Que acuda com palavras ajustadas  
A' descripção, clareza e louçania  
De que um vate carece quando as pincta!  
Sejam pois teus estudos e ousadias  
Enriquecer a lingua, que te valha  
Quando avivas com rasgos eloquentes  
Quanto na alma arrojado debuxaste.  
Alli estanca a fôrça, abarca os meios  
De dar valia ás vis, ennobrecendo-as

Co' o lugar em que as pões: (lidado emprégó!)  
 Tecer, co' as de bom uso, na urdidura,  
 Reclamadas antigas; com bons laços  
 Duas encadeiar, que uma componham;  
 Forjar novas, energicas, sonoras,  
 Com que agrade, te louvem e te admirem:  
 Sejas vergel, jardim, com fructos, flôres,  
 Éstas vistosas, succulentos esses,  
 Com que brindes, contentes gôsto e vista  
 Dos que cheguem a ver o teu cultívo.

Que enfeite e gala não recebe a lingua  
 Quando são por mão sábia collocadas  
*Compostas* (1) que nos forram largas prosas,  
 E que dam novidade, e dam deleite  
 A quem lhes sabe dar o preço e estima.  
 Tam péco é o Camões quando descreve  
 Do *estellifero* pólo os moradores,  
 E a *belligera* gente! E' despiciendo  
 O Garção, o Diniz, quando com duas  
 Ja conhecidas vozes compoem uma,  
 Imitando Camões e antigos vates?  
 Que bem pinctou Alfeno, alumno d'estes,  
 O carro que briosos vão tirando  
 Os *auriverdes bipedes* cavallos!

(1) Palavras compostas.

## XV

## EXEMPLOS DOS NOSSOS AUCTORES—NECESSIDADE DE REFORMA

Lançado a pontapés saia das faldas  
Do bifido Parnaso o vate aguido  
A quem fastio dam caudaes correntes  
Do sublime discurso. Ande acanhado  
Esgravatando em brejos de pedantes  
Os termos com que escreva e com que enoje.

Quem ao doucto Diniz, mestre atilado  
No mister de compor em prosa ou verso,  
Vedou 'té'qui (com visos de tyranno)  
Empregar a seu gôsto a phrase nobre,  
A energica palavra antiga ou nova,  
Colhida com sagaz utilidade  
No egregio prosador, audaz poeta,  
Ou inventada com feliz estudo?  
Quem lhe impedir de ser senhor da lingua,  
De poder meneal-a como queira,  
Póde ao pinctor tolher que mescle as côres,  
Que no panno as estenda a seu arbitrio.

Que homem 'té 'gora ousou arguir Vieira (1)  
Luso Apelles, de ter ennobrecido

(1) Celebre pinctor portuguez.

D' um moderno painel a formura  
 Co' as ruinas d'um templo, d'um colosso,  
 Co' os derrocados arcos d'um triumpho ?

Que homem ha 'hi tam bronco em nossa história  
 Que ignore as perdas que custou á lingua  
 O reinado da insipida ignorancia?  
 Esse estúpido monstro as fuscas azas  
 Despregou e cubriu co' ellas o reino ;  
 Tapou o sol, poz noite nos ingenhos,  
 Bafejou anagrammas, forçou glosas,  
 Inçou de ocos conceitos predicaveis  
 Os pulpitos, e as aulas de sophismas ;  
 E degradou a lingua de nobreza,  
 Despindo-a de afoiteza e bizzarria.

Que carece que emprendam esses que hoje  
 Quizerem remontal-a á antiga plana,  
 Repol-a em seu solar auctorizado,  
 Restituir-lhe os bens que lhe escořcharam?  
 Se os classicos (de enlejada algaravia  
 Que ella era, antes da nossa era de Augusto) (1)  
 Com porfiado fito aparelharam  
 Lingua para os Lusiadas e Castro :  
 Assim vós da mestiça geringonça  
 D'esses baforinheiros francezistas,  
 Assim vós que punis pela pureza

(1) Feliz reinado de D. Manuel.

Do materno vulgar, com gran desvêlo,  
 Qual trigo, joeirae o que inda resta  
 De nativa e singela e pura falla,  
 De ataroucado (1) joio campanudo,  
 De gente em solideo, de gente em coche.

## XVI

## GALLICISSIMOS—ARGUMENTO TIRADO DE DACIER

Abra-se a antiga veneranda fonte  
 Dos genuinos classicos, e soltem-se  
 As correntes da antiga san linguagem,  
 Rompam-se as minas gregas e latinãs;  
 (Não cesso de o dizer, porque é urgente)  
 Cavemos a facundia que abasteça  
 Nossa prosa eloquente, e culto verso.  
 Sacudamos das fallas, dos escriptos  
 Toda a phrase estrangeira, e frandulagem  
 D'essa tinha, que comichona afeia  
 O gesto airoso do idioma luso.

Quero dar que em francez hajam formosas  
 Expressões curtas, phrases elegantes;  
 Mas indoles diff'rentes têm as linguas;  
 Nem toda a phrase a toda a lingua ajusta.

(1) Refere-se ao que já disse sobre as ridiculas academias dos meados do último seculo.

Ponde um bello nariz alvo de neve,  
 N' uma formosa cara trigueirinha;  
 (Trigueiras ha, que ás loiras se avantajam)  
 O nariz alvo no moreno rosto,  
 Tanto não é belleza, que é defeito.

Nunca nariz francez em lusa cara  
 Que é filha da latina, e so latinas  
 Feições lhe quadram. Sam feições parentas  
 Se nativo nam é, nam é singelo,  
 Quanto pões n'esse rosto, esses besuntos  
 Sam mascarras, sam lodo immundo. O' vates,  
 Não fique uma so nódoa em nosso idioma  
 D'esse lodo que o enxovalhou 'té 'gora.

Ora pois que esses guapos modernistas  
 Tudo acham no francez; e quem tal crêra!  
 Até a lingua lusa em francez acham;  
 E riem co'um riso parvo dos que afanam  
 Por beberem nos classicos a phrase  
 Purissima e constante, e revocarem  
 As antigas palavras que nos faltam  
 Para clareza, adôrno, ou brevidade;  
 E degradar da lingua essa matula  
 De termos franduleiros, que os patolas  
 Querem n'ella metter á queima-roupa:  
 E pois que esse francez tanto nos gabam  
 De rico e bello, e de apto para tudo,  
 Quero de auctor francez acreditado,

Por litterario critico profundo,  
 Citar em termos *ibi* a mesma urgencia  
 De restaurar á lingua as mesmas vozes,  
 E phrases obsoletas.—Tendo dicto  
 Que a lingua é acanhada, porque a apuram  
 Ou cuidam apural-a, cerceando-lhe  
 Energia de termos que ja foram  
 Caro grangeio de seus bons maiores;  
 Continúa dizendo (1): « Bem deveram  
 Revocar antes do desuso as vozes  
 Que lá mandára insipido melindre,  
 Mormente hoje que tanto tem medrado  
 Em todo o estudo a seara das idéas.  
 — Que escassez deploravel (logo exclama)  
 Ver sempre a locução mais baixa e tenue  
 Que o conceito de que ella é o retrato!  
 E a lingua, que é o buril do pensamento,  
 Ser frouxo ou ser rebelde á mão do mestre  
 Que quer assignalar valentes rasgos,  
 E as similhar a estampa co' a figura!  
 Bem serve a lingua a quem os hombros mette  
 Contra os que se dam manha a empobrecel-a,  
 Lidando em empolgar certas maneiras  
 De fallar naturaes, de que os antigos  
 Usaram, e so têm em seu desvio,  
 Um senão que lhe arguem, sem dar provas. »

(1) Dacier, prefacio de Plutarcho.



Que dizeis d'um francez, meus francezistas,  
Que vos dá tal sopapo`na bochecha?  
Não ha que retrucar; baixae a tromba:  
Senão cito outros mil, dado que eu creia  
Que este so vos derruba e tapa a bocca.

Se por fôrça de fado ou por penuria  
Forçados somos a espremer dos livros  
Francezes o alimento das sciencias;  
Se como na palestra empoeirada  
Vamos lutar contra a ignorancia bruta  
No gymnasio francez, tomemos o uso  
Dos antigos athletas, que ao sahirem  
Do pugilato ou férvida carreira,  
A poeira dos fatos sacudiam,  
E banhando-se em liquidas correntes  
Do Illiso (1) (que, alli perto, com sereno  
Passeio alegre as margens estudiosas)  
Os corpos asseiavam diligentes.

Assim vi sempre o litterato Erilo,  
Depois de revolver francez volume,  
Desempoar-se da estrangeira phrase  
Co' espanador de Barros ou Vieira.

(1) Rio que corria perto do gymnasio atheniense.

## XVII

DIFFERENÇA ENTRE O ESTYLO POETICO E O DA PROSA—LIBER-  
DADES D'AQUELLE —NECESSARIOS ATREVIMENTOS

Aberta a lice está, bons oradoies,  
 Franco o estadio: correi, sublimes vates:  
 Inventae, adoptae prœprios, latinos;  
 Resuscitae energicas, sonoras,  
 As antigas palavras venerandas,  
 Que esvaneçam toda essa bastardia  
 De que nos inçam frivolos tarecos.  
 Tal, no corro, se vê, quando cuberto  
 Co'um gafo borburinho de garotos,  
 Vem mui sisuda a guarda, em duas filas,  
 Encara co' a real tribuna, e logo  
 Dobra á direita, á esquerda, pelos laços  
 Vae varrendo a matula, e rebanhada  
 A impõe fóra dos festivaes palanques.

De termos ja sabidos formae novos,  
 (Fórça é que eu vol-o diga, e que o rediga)  
 Junctando-os com primor em laço estreito,  
 E sereis de bons mestres approvados.  
 Que tres conheço eu, que estas veredas  
 Por unicas apontam a quem busca  
 No circo da eloquencia ennobrecer-se,  
 Ou com bons versos deleitar o ouvido  
 De amadores de Horacio e de Virgilio.

Com vosco a mais me arrójo, ousados vates,  
 Aquem mais francas portas abre Apollo;  
 Vós que a mais broncas pedregosas brenhas  
 Deveis subir; por mais emmaranhadas  
 Selvas deveis romper até o cume  
 Do difficil Parnaso. A vós so cabe  
 Penetrar nos reconditos archivos,  
 Revolver, pôr de parte, e tirar fóra,  
 Com largo privilegio, ousados termos  
 A nem uns oradores outorgados,  
 Termos, por temerarios, mais felizes. (1)

Que, quando exerce um orador o ingenho  
 Sôbre a vida civil, e sôbre assumptos  
 A que ella ja cunhou corrente nome.  
 Tu, poeta sublime, a quem descobre  
 Ampla imaginação aventurada  
 Novos mundos de objectos extra-alcance  
 De algum sentido humano o mais á lerta,  
 Te arrojás (que é forçoso) Adão moderno  
 A dar a novas coisas nomes novos,  
 E os que a atalhar se atrevem com barreiras  
 Do teu ousar o arrebatado curso,  
 Nam sam vates, nem vates folhearam.

(1) *Variisque verbis et figuris felicissime audax.*

Nova contende ser no estylo e phrase  
 A pompa das palavras e sentenças,  
 Se é novo quanto o vate caro aos numes  
 Da mente divinal descanta aos homens.  
 Nunca soube fallar, escrever nunca  
 Em nobre phrase, nem co' altiva idéa  
 Descortinou paizes inda occultos,  
 Campos de esmalte, tórres e palacios  
 De estranha relevada architectura,  
 Novos heroes, ou novos céos e numes  
 De mais alto poder, mais magestade;  
 De mais vivo fallar, que a tenue prosa,  
 Quem denega ao poeta afoitos novos  
 Termos, de alheia bocca nunca dictos. (1)  
 E' bem certo, que ao descubrir co' a vista  
 Altas montanhas, estendidos mares,  
 (Pela primeira vez subido ao mundo)  
 O selvagem, nascido n'uma cova,  
 N'uma cova até então aferrolhado,  
 Não sabe como os chame.—Tal se vira  
 O vate que não ousa novos termos  
 Impor a novos sóes, novo universo,  
 Que estro omnicreador tira do chaos,  
 E na imaginação lhe põe á vista,  
 Se, em si fiade, não inventa o vate,

(1) *Insigne recens, adhuc  
 Indictum ore alio.*

Ou se engeita colher da Ausonia e Grecia  
 Nomes, que a turba imaginada indiquem ;  
 Eil-o como o selvagem, na tortura  
 De nam saber contar o que descobre.  
 Ja quando a lingua em que nasceu mais rica,  
 Do que em prata o Peru, em termos fosse,  
 Sentiria penuria em pôr patentes  
 As idéas que um vivo e claro lume  
 No ingenho lhe accendeu. Darei conselho  
 A tantos apoucados zeladores  
 Do avarento fallar ensosso impuro,  
 Que se applichem a dar discretas artes  
 De compor sarrabaes, entrançar loas,  
 Sem se enfronhar nos mellicos assumptos,  
 A dar regras, a contrastar palavras.

Com frouxos sons nam ferve esse estro ousado,  
 Que Apollo sopra no attico alaúde :  
 Magicas vozes rompem, com que impelle  
 Os peitos dos heroes; quebranto, ancêa  
 Roixos tyrannos no enfiado throno,  
 Com cantos entranhados de terrores.  
 Estes so conta Clio entre os alumnos  
 Que cingir devem do Parnaso os loiros :  
 Não minguados versistas, que recuam  
 Quando a musa afoitezas lhes demanda.

Vêde-me um Pindaro, altear o vôo  
 Enfiando a senda, do estro arrebatado,

Beber no Olympo a prática dos numes,  
 E vir, juncto do Alpheu, soltal-a aos homens.  
 Palavras immortaes compunha afoito,  
 Em que immortaes conceitos embebia:  
 E vós, sequazes do thebano cysne,  
 Que vos prezaes de erguer o v o  s nuvens,  
 E vós acobardae-vos? Encolheis-vos  
 Na derrota que deixa assignalada?  
 Ousae, ousae; que está pendente a palma  
 Ao que ama a gloria e se aventura ao pr mio.

## XVIII

## DESPR ZO QUE MERECEM CRITICOS IGNORANTES

Quem vos tolhe avultar oiro s bre oiro,  
 Com que a lingua se augmente e se afdalgue?  
 Por ventura   pavor de ser mordidos  
 De insectos litterarios terrulentos!  
 De novas Philamintas (1) sabichonas?  
 De bonzos, de rançosos, que hoje arrotam  
 Pôr banca de puristas e censores?  
 Um, porque mais não leu em toda a vida  
 Que as gordas odes do cerval Talaya, (2)  
 Ou versinhos anões a anões Nerinas

(1) Allude   viscondessa de B., que vaidosa de seus pifos versinhos, se metteu a abocanhar no sublime da poesia do auctor.

(2) Poetastro ja pouco conhecido hoje.

Do cantarino Caldas (1), a quem parvos  
 Poem alcunha de Anacreonte luso,  
 E a quem melhor de Anacreonte fulo  
 Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas  
 Imita Anacreonte em versos, quanto  
 Negro peru na alvura ao branco cysne.  
 Outro, que so de Albano (2) e Damiana  
 Tomou de cór as modorraes oitavas;  
 E inda outros, que no Chagas (3), na Henriqueida (4)  
 Na gazeta do alarve Castrioto,  
 Ou nas infames traducções de bonzos,  
 De lingua portugueza se attestaram,  
 Quererem dar quinaus na phrase pura  
 E' mais que ser orate, é ser jumento.

E chamaes-los puristas e censores?  
 Taes patolas temeis, taes modernistas?  
 Vós emulos de Pindaro! Mal cabe  
 Cobardia em quem diz:— Pindaro imito. »  
 Quem nas bandeiras triumphaes milita  
 Do Marte mais intrepido dos vates  
 Não tenha susto de rançosos gansos,  
 De douctoras, de afrancezados bonzos:  
 Pejo é ter pejo de relé tam civil.

(1) Domingos Caldas Barbosa, auctor da *Viola de Lereño*, o qual se não deve confundir com A. P. de Souza Caldas, poeta lyrico de primeira ordem.

(2) João Xavier de Matos, cuja pastora tem o poetico nome de Damiana.

(3) Outro poetastro.

(4) Poema do conde da Ericeira.

Se daes humilde ouvido a vozes nescias  
 De tanto escrupuloso, que não gosta  
 Dos classicos o grosso chocolate,  
 De medo que o jejum lhes não quebrante  
 Da lingua quaresmal, que penitentes  
 Abraçaram, na qual morrer persistem:  
 Se recuaes ás magras ameaças  
 Com que do alcance o ardor cortar-vos lidam  
 De novos termos de raiz latina,  
 De antigos (1), de inventados, de compostos,  
 Que a lingua adoçam, enriquecem, ornam,  
 Ver-vos-eis, qual nos vimos, tam estreitos  
 No acanhado repizo das palavras,  
 Que com mesquinha mão vos migalharem  
 Os feis mui perluxos do idioma,  
 Que não possaes, de apêrto, revolver-vos  
 Na lazeira do estitico discurso.

## XIX

## CONTINUAÇÃO DO MESMO ASSUMPTO

Não sei que trasgo no salão da testa  
 Me anda saltando e me revolve tudo;

- (1) *Quin et victa situ, si me penuria adavit,  
 Verba licet renovare: licet tua sancta vetustas  
 Vatibus indugredi sacraria. Saepius olli  
 Aetatis gaudent insignibus antiquai,  
 Et veterum ornatus induti incidere avorum.*

VIDA.



Traquinas desarruma os trastes todos...  
Que espalhafacto!... Lá no fundo me ergue  
Um theatro (dos muitos que armar vêdes,  
E que caseiros chamam) e surrindo.  
Me diz maligno e concho: — Aqui te ingenho  
Uma comparação para argumento  
Do que intentas provar. » Ora, leitores  
Mui benevolos meus, fazei de conta  
Que vêdes d'entre carmezins cortinas  
Sair muito arraiada uma princeza  
De dois rivaes sob'ranos pretendida....  
Vae senão quando, trava-se uma guerra:  
E do amor, que é concordia e paz, as armas  
Decidirão com sangue a gran conquista.  
O theatro é pequeno e actores poucos,  
Mais pouca a gente que encha taes comparsas  
Para dar um combate bem renhido.  
De dois campaes exercitos, que em fórma  
Avancem, firam, matem, morram, fujam.  
Aqui é o gran busyris, que embetesga  
O mais agudo e perspicaz miolo;  
Mas do qual sae campando o meu duende.  
O director da scena manda astuto,  
Que d'aqui saiam quatro, de la quatro  
Soldados com broqueis, com capacetes  
De grosso papelão pintado á brocha:  
Logo uns contra outros, com motim sobejo,  
Com catanas de pau, que dão pranchadas  
Nos broqueis, nas couraças que retinem,

Assomados, sanhudos accommettam,  
 Dêm talhos, dêem revezes, acutilem;  
 Que entrem n'um bastidor, assim por outro;  
 Sempre gritando, sempre accommettendo,  
 Se empurrem, se acalcanhem.—São so oito,  
 Quatro de cada banda, e sempre os mesmos  
 Bonecos a gyrar em roda viva.

Até 'qui do meu trasgo a travessura;  
 Mas que igualmente me resurge a idéa  
 Do que eu vi n'uma feira da Sorbonna,  
 Feira mui rica em bolos mascavados  
 Mui maciços, mui duros, mui grosseiros,  
 Sem gôsto algum, que toda a guapa enfeira  
 Para si, para a filha e para o amante;  
*Pão de especie* se chama o rico bólo.  
 Vi, digo, na tal feira, co' estes olhos,  
 Que a terra ou mar tem de comer sem falta,  
 Uma camara-optica, com vistas  
 Das grandes luminarias de Veneza,  
 No dia em que a republica paríra  
 Um doçe de atufada carapuça:  
 Em roda harto plebeu embasbacado  
 Na corada lanterna movediça,  
 Zimborio luminoso da tal optica:  
 Que volteando no rodizio unctioso,  
 Em véra effigie representa a entrada  
 D'el-rei de França em Reims, indo sagrar-se,  
 Eis *cavallos-ligeiros*, eis *gens-d'armas*,

Eis os *guardas-do-corpo*, eis *mosqueteiros*  
 Que correm, que galopam.... que quantia  
 De cavallos que passa! viva! viva!

Pois eram, que os vi bem, quatro bonecos,  
 N'uma roda que andava em dirandina,  
 D' uma vela de sebo á luz pingosa.

Tal, oradores, tem de acontecer-vos,  
 E a vós peor, ó vates, se deixardes  
 Empobrecer a lingua a arbitrio e ranço  
 De seiscentistas, mandriões, tarellos.  
 Essas poucas palavras que ficarem  
 Pelas mãos dos grammaticos perluxos,  
 Minguadas, espremidas, escoimadas  
 Nos versos e na prosa, em remoinho  
 Continuo correrão umas trás outras  
 A apanhar-se, a esmurrar-se em *cabra-cega*.

## XX

## CONCLUSÃO

Mas tractam-nos, direis, de quinhentistas,  
 Quinhentistas sejaes. Campae de o serdes:  
 E que elles de o não serem se envergonhem.  
 Que riso ou que labéo vem d'esse apodo?  
 Beberes luz da idade de oiro augusta,  
 Que nas armas, nas letras nos fez claros!

Elles de que era são?—Dos asneiristas  
 Que em toda a era houve e agora inda mais n'esta;  
 De quinhentistas vos prezae, alumnos.  
 N'esse bom sec'lo as lettras portuguezas  
 Tomaram praça entre as nações mais cultas  
 E hoje os que tomam tudo dos francezes  
 Nem terão um so canto em que se mettam.  
 N'essa era a *Castro* (1) muito antes luzia,  
 Que *Corneilles*, *Racines* visse a França;  
 N'essa o *Camões Lusíadas* compunha,  
 Quando *Henrique* (2) inda ao longe não raiava,  
 Nem suspeitado inda era o seu *Homero*.

Era ditosa que atenúa o encomio.  
 A'sia te louve, e as costas africanas  
 Povoadas de padrões da nossa gloria.  
 O brado que inda dura pela Italia,  
 Por França, pelo Norte mais instruido,  
 De alguns claros ingenhos portuguezes,  
 Nos conserva no credito e conceito  
 De estimaveis nações. Esse bom nome  
 Nol-o querem delir quatro fedelhos,  
 Motejando os antigos, e escrevendo  
 N'uma giria franceza desgostosa  
 Que a si, que ao nosso seculo injuria.

(1) Esta tragedia, composta pelo douctor Antonio Ferreira, foi impressa em Lisboa por Pedro Crasbeeck, no anno de 1598.

(2) A *Henriade* de Voltaire.

Inda em bem que o Diniz e alguns de escolha  
 Ncs vingam d'essa corja, e desagravam:  
 Inda em bem que os estranhos dam estima  
 A Barros e a Camões, que ruins insultam!  
 Afortunada idade de quinhentos,  
 Quando os teus te põem nódoa, alhéos te honram!

Correi-vos seiscentistas ou pacovios,  
 Que nescios motejaes do que é de preço:  
 De quem não entendeis julgaes a esmo.  
 Temei não caia sóbre vós o apodo,  
 Vosso motejo insulso e parvo riso,  
 Quaes flexas no ar viradas, que se encravam  
 Em quem as disparou, e vão vingando  
 Mal nascidas, inmeritas injúrias.

Aprendeí, estudaé; e os bons auctores  
 Sabereis ter em credito e valia.  
 Elles a lingua e seu primor crearam,  
 Elles nol-a puliram. Que se os nescios  
 De quadra posterior não esgarrassem  
 Da estrada que batida lhe elles tinham,  
 Nunca por-taes rodêos, taes ambages  
 Intrincadas, se foram despenhando  
 A si e a vós, que ás cégas os seguistes.  
 E pois que novo sol vos allumia,  
 E a dextra novos guias vos estendem  
 Para fórá surdir da negra furna;

Lança a mão á coma fugitiva  
Com que a donosa occasião vos brinda.

Eis que de seu regaço os bons auctores,  
Vos emborca a impressão. Lede e relede  
Que os moldes engraçados de facundia  
Assejada e nobre e rica n'elles jazem.  
De quinhentistas vos honrae briosos,  
Que é ser herdeiros dos caudaes latinos,  
De não murchar eloquencia arvores fertes.  
Prezae esses que ousados os imitam,  
Ou temeios, se não sabeis honral-os:  
Que armas têm, e tam destros as meneiam  
Que, pola Styx vos juro e vos tres-juro,  
Se os assanhaes com vossas parvoices,  
E se os olhos abaixam despeitosos  
A lér vosso ruím verso, aguada prosa,  
Ou de ouvir-vos fallar se não desdenham,  
Que nem na vossa escripta, nem nas fallas,  
Ha 'hi membro que escape a seus revezes.

Musas, que sóbre o deleitoso Pindo,  
No regaço de Apollo, estaes cantando  
Variadas canções de agrado chéas,  
Que com grande attenção estão ouvindo,  
E em seus animos promptos recolhendo  
Subtis Horacios, Pindaros altivos,  
Mandae uma de vós, a mais florente,  
Que venha amenizar estes meus versos

Mui seccos, mui grammatico-prolixos,  
Que eu mesmo me enfastio de oscrevel-os.

Mas nem uma se move: — Apollo apenas  
Um pouco o rosto volve sôbre a esquerda  
Com gesto desdenhoso, e me responde:  
—Tens mais que pôr-lhe fim? Levanta a pluma  
Do cançado papel: fôrra o fastio  
A mim, ás musas, e ao leitor coitado. »

Peço-te, amigo meu, peço desculpa  
Do longo enfado que escrevi sem tento;  
Mas tam corrente o pensamento vinha,  
Tanto em fervor na véa borbotavam  
As idéas — que no papel rugia  
A penna em despachar-se pressurosa.  
Mais curta fôra, a me acudir pachorra  
De ordenal-a, limal-a e reduzil-a.  
Mas tu, que além do vulgo te remontas,  
Rual contraste sisudo, pões a marca,  
No precioso quilate da materia,  
Curando pouco do feitio tósco.

FRANCISCO MANPEL DÓ NASCIMENTO.

(*Filinto Elysio*)





# REFLEXÕES

SOBRE O USO DAS PALAVRAS E PHRASES

DA

LINGUA FRANCEZA

INTRODUZIDAS SEM NECESSIDADE

NA

LINGUA PORTUGUEZA.

Sacudamos das fallas, dos escriptos  
Toda a phrase estrangeira e fraudulagem  
D'essa tinha, que comichona afeia  
O gesto airoso do idioma luso.

FILINTO ELYSIO



## I

DO FORO DE ANTIGUIDADE DE MUITAS PALAVRAS FRANCEZAS,  
QUE SE ENCORPORARAM NA LINGUA PORTUGUEZA OU SER-  
VIRAM DE RAIZ Á MUITOS VOCABULOS PORTUGUEZES.

Direito commum é nas linguas da Europa o soccorre  
rem-se e ajudarem-se mutuamente, ou fazerem-se  
mutua represalia nas dicções, que cada uma possui,  
quando d'ellas ha necessidade: e essa é a mesma idéa  
que concebeu o nosso douto Ferreira, dizendo:

Geralmente foi dada boa licença  
A's linguas; umas ás outras se roubaram:  
So o bom espirito faz a differença (1)

Por isso dissemos ja, que mais prompto e facil  
recurso temos nas linguas modernas para a provisão  
de vocabulos, pela communicação que com ellas  
temos, do que na lingua latina, que é morta ha  
muito tempo.

(1) FERR. *Poem. lusit*: Lib. II, Cart. X.

E na verdade, fallando em geral, no que respeita a vocabulos, o uso é quem os faz communs. — As palavras, diz Fenelon, são meros sons, que arbitrariamente fazemos signaes dos nossos pensamentos. Estes sons não têm de si mesmos valor algum, e tanto pertencem áquelle povo que os toma, como ao outro que os dá. Que importa que uma palavra tenha nascido na nossa terra ou nos venha de paiz estrangeiro? Isto seria emulação pueril em materia, onde não vae mais que um certo modo de mover os labios, e pulsar o ar. » Nada ha, diz Mr. Duclos, na natureza, nem na razão, que determine um objecto a ser designado mais por um som que por outro. » (1) Do que tiramos a mesma conclusão do-lyrico latino, que nem um fundamento racional ha para que privemos as linguas das riquezas, que lhes podem vir d'este commercio :

..... *Ego cur acquirere pauca  
Si possum invidior, quum lingua Catonis et Enni  
Sermonem patrium ditaverit, et nova rerum  
Nomina protulerit.* (2)

E por isso um dos mais judiciosos criticos da lingua latina se queixava, que tendo-se formado muitas palavras novas, tiradas da lingua grega, houvesse

(1) *Remarq. sur la Gram. Gener.* Liv. V.

(2) *De Act. Poet.* v. §§ et seq.

certos desdenhosos, que com tyranna crítica se levantavam contra a innocente novidade, privando a lingua latina, d'este bem com que se podia remir a sua penuria domestica (1).

No que respeita pois á lingua portugueza, tanto menos se póde vituperar que naturalizemos varios vocabulos da lingua franceza, visto que d'ella temos muitos e antiquissimos, que nos vieram com a monarchia, e outros que ja estavam de assento antes d'ella; parte dos quaes estavam antiquados, parte ainda se conservam de posse nos monumentos dos nossos insignes escriptores, e na mesma linguagem commum.

A' primeira classe pertence :

EMPRIR de *emplir*.

POSSANÇA de *puissance* donde veio *possante* correspondendo a *puissant*, que ainda conservamos em uso, quando dizemos, homem possante, náu possante, etc.

HOSTE derivado de *ost*, termo antigo, que os francezes deixaram por *armée*, exercito.

CÁ ou como usa Duarte Nunes *qua*, correspondendo a *car*, porque, vocabulo, a que os francezes tem feito, segundo o auctor dos *caracteres*, (2) terrivel perseguição, e ja o

(1) Multa ex graeco formata nova... quorum dura quaedam admodum videntur... quae, cur tantopere aspernemur, nihil video, nisi quod iniqui iudices in nos sumus, ideoque paupertate sermonis laboramus. Quinet. l. VIII, cap. 3.

(2) LA BRUYERE *Character*. tom. 2, chap. 14. *De quel usag*. tom. IV.

teriam proscripto, se tivessem achado que lhe podessem substituir.

Bieorre, bigotteira, bigotismo, beato falso ou hypocrita, beatice e beatissimo, são as mesmas em francez com a differença so na syllaba final.

São da mesma classe : *Sargeira, toste, apres, aprissoar abilhar, abilhamento*, e algumas mais.

E não so palavras, mas até alguns idiotismos da phrase franceza se conservam na nossa linguagem velha, de que restam vestigios nos escriptores de bom seculo. Por exemplo: é do estylo francez ajunctar a particula relativa *y* nas proposições tanto affirmativas, como negativas; como *Il y a long temps, Il n'y a rien* : o que os nossos antigos imitavam com a particula portugueza *ahi*, que ajunctavam por elegancia ao verbo *haver*, ainda que redundasse no sentido da phrase, como : — O tumulto e o estrondo que os martellos faziam, era tammanho, que *ahi ha* cousa na terra, que se possa parecer do inferno, não deve ser outra, senão esta. (2).

E n'este : — Não *ha ahi* coisa em que vós sintaes algum « contentamento, que vo-lo eu negue. » (3)

Em Camões temos :

Quem vio tamanho enléo,  
Que houvesse *ahi* esperanza sem recéo ? (4)

(2) FERN. MEND. PINTO *Perigrin.* cap. 96.

(3) BARR. *Clarim.* l. 10.

(4) *Canç.* VII. 4.

Na outra classe contaremos bastantes, que apparecem ainda sem ranço nos auctores da nossa lingua, como *matelote e matelotagem*, de que usa Lucena.

**PISTA**, vulgo *piogada*, que anda nas obras do conde de Ericeira.

**GUISA**, que ficou nos nossos auctores com bom credito, excluidos os compostos *aguisar, aguisado*, que caducaram.

**ENTREPRENDER e Entrepresa**, vocabulos muito usados do conde da Ericeira e do P. Vieira.

**PIFIO**, homem vil, veio do francez *piffre*.

**FORNIR e Fornido**, se acham no P. Lucena.

**FORNECER e Fornecido**, são amodernados, como outros de que logo falleremos.

**BRIDA**, redea.

**GUARECER e Guarecido**, derivados de *guerir*.

**RECHASSAR e Rechassado**, bellas expressões, e bem expeditas que Nunes, não sei com que consciencia, poz na lista dos vocabulos plebeus, que os polidos não devem usar. (1)

**REFUTAR**, póde-se duvidar, se nos vêo immediatamente dos francezes, ou se nol-o deram os hespanhoes.

Faremos agora terceira classe dos que andam na lingua commum, e nos são tam familiares que quasi ninguem adverte na sua origem franceza, taes são :

**MANJAR**, substantivo de *manger*, verbo, comer, d'onde temos os derivados *manjadoira, manjarusada*.

(1) *Orig. da L. portug. cap. 18.*

AZAR, diz Diogo de Urrea citado por Covarrubias, que é derivado da voz persiana *zar*, ajunctando-lhe o artigo *a*; póde ser que assim nos viesse da bocca dos mouros; porém *bazard* dos francezes tem quasi as mesmas significações e usos que damos ao vocabulo *azar*.

FRACASSO, é como *fracas*.

TAMBORETE, *tabouret*.

POIS *puis*.

DEPOIS, como *depuis*.

POIS, QUE, *puisque*.

FALTA, *faute*.

FLORESTA, *forêt*.

BORRASCA, *bourasque*.

ANCIÃO, *ã*, *ancienne*.

BURLA OU BULRA, *burle*.

BURLESCO, *burlesque*.

BIGORNA, *bigorne*.

BICO, *bec*.

BANCÓ, *banc*.

TESTA é como o antigo *teste*, pelo qual dizem hoje *tête*, significando cabeça.

BOLINA, quando se diz andar á bolina, *boulina*, *bouliner*.

CÔMPRA ou comprar diziam os nossos antigos, o que Nunes reprova nas suas regras da orthographia. É abreviatura do latim *computare*, d'onde os francezes fizeram *compte*, *compter*.

LOUQUETE e mais vulgarmente *aloquete*, vocabulo que Madureira diz ser do dialecto do Minho, e de outras



provincias, e significa um pequenino ferrolho com que se fecham cestos de vime e arcas pequenas, em francez *loquet*. Faz falta este vocabulo em Lisboa, onde usam do termo generico e vago *cadeado*.

PREBOSTE, juiz inferior, de *prébst*, que os francezes fizeram do latino *præpositus*. Corresponde entre nós a intendente, mordomo, mas não tem a mesma extensão que tem o vocabulo francez.

PILOTO, *pilote*.

PISTOLETE, *pistolet*.

ARCABUZ, *arquebuse*.

ARCABUZAR ou arcabuzear, *arquebuser*.

ARCABUZADA, *arquebusade*.

ARCABUZEIRO, adj. e subst. *arquebusier*.

ARCABUZAÇÃO, é derivação portugueza por analogia.

ARCABUZARIA, *arquebuserie*.

ARCABUSADO, a *arquaiбусé*, *éé*.

MOSQUETE, *mousquet*.

MOSQUETEIRO, *mousquetaire*.

MOSQUETARIA, *mousqueterie*.

MOSQUETADA, *mousquetade*.

PIQUE ou pica, arma, *pique*.

Assim são outros muitos termos de guerra como :

BATALHA, *bataille*.

BATALHÃO, *bataillon*.

BATALHAR, *batailler*.

BARRACA, *baraque*.

BARBACÃ, *barbacane*.

CONQUISTA, *conqueste*.

CONQUISTAR *conquaster.*

Palavras francezas do uso antigo:

TAMBOR *tambour.*

TAMBORIL *tabourin.*

TAMBORILEIRO *tambourineur.*

ALTA, voz com que se mandam parar os esquadrões, em francez *halte*, que é o mesmo signal, que os italianos exprimem pelo imperativo *ferma*, isto é, *para*. Diz-se em portuguez *fazer alta* o exercito ou o regimento, por cessar a marcha, etc.

DESMANTELAR *desmanteler.*

O modo dos vestidos tambem nos trouxe bastantes termos, como:

JAQUETA *jaquette.*

COLLETE *collete.*

PERUCA *perruque.*

Assim vieram outros nomes assaz vulgares, como:

LARANJA, de *l'orange*, termo que os francezes formaram de *aurantium*, sc. *malum*, como quem diz, *pomo dourado*, segundo indica a syllaba inicial.

L'OR, o oiro.

ATACA, ataque, atacar, todos nos vieram de dicções francezas. E não é razão que dissimulemos aqui o erro do nosso Duarte Nunes, que conta o verbo *atacar* no numero dos vocabulos, que os portuguezes tem seus nativos, e que não tomaram de outro algum idioma. Outros inadvertidamente tomam este verbo por um so, e lhe accommodam, o que em nem uma lingua ha, duas significações diverssissimas, que nem uma analo-

gia tem entre si; sendo que são dois verbos diferentes do mesmo som, mas diferente significação pela diversa origem, de que se tiraram. Pelo que:

ATAÇA, CORRÊA ou coisa semelhante com que se prende uma coisa com outra, é do vocabulo francez *attache*.

ATAQUE, o accommetimento ou acção de *accommetter*, do francez *attaque*.

ATACAR, apertar com ataca, isto é, corrêa, etc., do francez *attacher*.

ATACAR, *accommetter*, assaltar, do francez *attaquer*.

É de advertir, que estes termos *ataque* e *atacar* não se usaram até agora na lingua portugueza, senão em materia de guerra, como, *atacar o inimigo*, *atacar a cidade*, *atacar as peças de artilharia*, *atacar fogo d mina*: e não tinham as significações figuradas, que se usam na lingua franceza, e que os portuguezes modernos, sem consultarem o uso, lhes tem accommodado; como, *ataques da doença*, *febre*, etc., que dizemos em portuguez usual e classico, *accessos*. Nem se dizia *atacar* alguém com palavras, perguntas, dicterios, etc., *atacar a innocencia* com satyras injuriosas, etc. Tudo isto são phrases intrusas, de que adiante fallaremos

GALANTE e galantaria vieram do francez *galant*, que segundo Danet se deriva do antigo vocabulo *gale*, que significa *alegria* e *regalo*, ou do verbo latino desusado *gallare*, isto é, *bacchari*, alegrar-se a modo dos sacerdotes de *Cybeles*. (1) Da mesma origem nos vêo, *regalo*,

(1) Danet *Diccion, franc. et lat. verb. galant.*

*regalar, galhofa, galhofar, galhofeiro, galhofaria, galhardo, galhardia, galhardice.*

VIANDA, comida em francez *viande*, é algum tanto moderno. Mais antigos são :

ENGENDRAR *engendrer*.

ENTRETER *entretenir*.

ENTRETENIMENTO *entreteniment*.

TRAFICO *trafic*.

TRAFICAR *trafiquer*.

TRAFICANTE *trafiquant*.

TRAFICANCIA como Trafico, *trafic*.

BANQUETE, banquetear, duram na nossa lingua de *banquet, banquetter*, que os francezes desprezaram no uso commum; porque *banquet* chamam so a cêa de Jesus Christo, e de *banqueter* so usam por ironia.

DESPACHAR, ou se diga das coisas, como : Despachar one-gócio; ou das pessoas, como : Despacha-te, isto é, anda ligeiro; ou em sentido figurado, como : Despacháran'-o, por mataran'-o: em francez é *depecher*, ou segundo o uso antigo *despescher* ou *despecher*.

BAGATELLA, do francez *bagatelle*, é vulgarissimo entre meninos e velhos plebeus, e polidos, rusticos, e cidadãos.

Poremos a ultima classe dos vocabulos do mesmo som que os francezes, d'onde são derivados, mas que na lingua portugueza tomaram differente significação. Porque assim como da lingua latina temos vocabulos, que applicamos á differente significação no portuguez, assim

temos alguns da lingua franceza, que deixaram a significação original. Taes são entre outros:

BIZARRO, que quer dizer brioso e bem asseado de *bizarre*, extravagante.

BIZARRIA, brio, primor, etc. de *bizarrie* caprixo extravagancia, etc.

PAROLA, entre nós palavras vãs, d'onde vem dizer-se homem paroleiro ou homem de muita parola, que corresponde ao termo vulgar *patarata*: de *parole*, que significa palavra.

ARENÇA e arengar são bem antigos na nossa lingua, um por farfalhada de palavras, outro por bousear, mas não se costumam pôr para significar discurso em público auditorio, como no francez *arengue*, *arenguer*: posto que alguns com a franca licença da moda os querem restituir á significação da origem franceza.

CORAGEM, menos usado na significação de valor, que tem no francez *courage*; mui ordinariamente significa a condição fogosa e braveza de genio.

DESPEITO, pezar, do francez *depit*, que significa tambem a indignação.

Mas ja estes são exemplos demasiados para esta obra, e não seriam bastantes se a nossa empreza fosse mostrar a correspondencia da nossa lingua com a franceza em materia de vocabulos.

Causa da antiga introdução dos vocabulos francezes na lingua portugueza :

Não é de admirar que nos viesse tanta cópia de termos da lingua franceza: porque no tempo antigo era esta lingua mais coherente com a nossa do que hoje. Os francezes diziam, como os hespanhoes, *sique* por assim que, de modo que, de sorte que, etc.; *souloir* era em francez, como para nós soer ou soher, do latim *solere*; e os francezes deixaram aquelle termo quasi ao mesmo tempo que nós deixamos o nosso, em lugar do qual tomaram, *s'accoutumer* e *etre accoutumé*, costumar ou ser costumado. Diziam *prouesses*, como nós proezas, em lugar de *grandes actions*, de que hoje usam; *monstier*, como nós mosteiro: *moult* do latim *multum*, como nós muito ou como os nossos antigos moito; *certes*, como nós ha pouco diziamos certo, por certamente ou na verdade.

BEL *bello*.

SCEL *sello*.

RANCUNE *rancor*.

CAPEL *chapeo*.

COUTEL *cutello*.

e outros assim bem mostram quanta similhaça havia entre ambas as linguas, em quanto ao mecanismo dos sons, de que se compunham os vocabulos; de maneira que muitas palavras portuguezas pela similhaça que tem com os francezes, sendo umas e outras derivadas das latinas, podem fazer dũvida, se primeiro foram tomadas

da lingua latina, ou se primeiro se fizeram francezas, e depois as aportuguezamos.

Não ha dũvida, que a muita communicacão, que houve entre ambas estas nações, ainda antes de se instituir a monarchia portugueza, devia ser causa de se augmentar a nossa lingua de muitos vocabulos, que n'ella temos, por quanto pela historia consta, que era tanta a frequencia de francezes, que vinham a Portugal pelo trato e navegação, que não faltam auctores, que affirmem, que d'ahi é que veio a chamar-se a este reino *Portugal*, como se dissessem *porto dos gallos*. (1) Nunes convém que antes da monarchia, passaram muitos vocabulos da lingua franceza pelo commercio; que tinham os hespanhóes com os francezes; so titubêa em se persuadir, que isso procedesse, como em outras nações acontece, da vizinhança dos povos, como se fosse necessario para a communicacão das linguas e do commercio, que morassemos vizinhos porta com porta.

Mas como não ha coisa mais natural e ordinaria em todas as nações, que o tomarem as expressões e linguagem d'aquelles, de quem recebem as leis e os mandados; assim devia succeder em Portugal no principio e progressos da monarchia, por quanto: 1.º veio

(1) « *Portucaliam dictam putant. . . quod acquius existimo, quia ceteris urbibus maritimis mauro adhuc occupatis, Ducius gallicis navibus maxime frequentabatur : uude tota Lusitania dicta est portus gallus, cum qua nostra genti tanta fuit necessitudo, ut jure possis Lusitaniam Galliae coloniam appellare.* VASCONCEL. *de Regib. Port.*

de França o conde D. Henrique de Bourbon com sua familia, e tropas (1) e viveu em Portugal até á sua morte, governando todas as terras que ganhára pelas suas conquistas: as quaes como ficaram separadas da monarchia de Hespanha foram perdendo o antigo dialecto hespanhol, que andava misturado na lingua portugueza, e de mais d'isto adoptaram os novos vocabulos dos conquistadores; de fórma que d'esta nova colonia meio franceza, meio portugueza, ficou constituida uma nova republica, e linguagem em parte nova reformada e enriquecida de muitas vozes francezas familiares, bellicas, politicas, facultativas, etc, que se naturalisaram e incorporaram no idioma portuguez.

Principiou em fim a monarchia portugueza no Sr. D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal; (2) e como veio de França casar com este monarcha a rainha D. Mafalda, trazendo em sua côrte grande numero de damas e cavalleiros francezes, foi esta outra notavel occasião de se propagar muito mais o uso dos vocabulos recebidos, e de se accrescentarem outros mais.

Outro successo houve assaz notavel do reinado d'este monarcha, que sem dâvida havia de concorrer muito para o uso e introduccão de vocabulos francezes em várias provincias da monarchia; foi quando aportou ás nossas praias aquella famosa armada conduzida

(1) No anno de 1089: morreu em 1112.

(2) No anno de 1146.



por Guilherme *de longa espada*, a qual os ajudou a tomar Lisboa aos mouros: porque convidados de generosidade do monarcha ficaram estabelecidos em Portugal muitos senhores francezes, povoando várias villas e lugares d'este reino, dos quaes ainda conservam titulo e linhagem alguns fidalgos portuguezes.

Passado longo tempo entrou em Portugal D. Affonso III com sua mulher a condessa de Bolonha D. Matildes (1) trazendo grande comitiva franceza, assim de senhores da sua côrte, como de tropas para sua defeza, e em Portugal ficou reinando trinta e dois annos, em lugar de seu irmão D. Sancho II. D'estas allianças em differente épochas resultaram várias mudanças na lingua portugueza, principalmente em innovações de vocabulos, como se póde observar comparando os nossos antigos escriptores de differentes seculos.

Mas as maiores revoluções da lingua, assim como as do estado, succederam no felicissimo reinado d'el-rei D. Manoel, por que então, como diz um auctor grave, fez a lingua portugueza maior mudança nos primeiros vinte annos que em cento e cincoenta annos d'ahi para ca, por ser a côrte d'este monarcha frequentadissima de todas as nações; (2) e Mr. de Real attesta, que

(1) Nasceo em Coimbra em 1210: veio para Portugal em 1247: morreu em 1279.

(2) FR. MAN. DO SEPULCHRO: *Prolog. da Refeição. Espirit.*  
§. 2. n. 3. 4. 5.

entre os reinados felizes e brilhantes, que se acham na historia de Portugal, nem um, depois do de Affonso, tem sido mais celebre que o reinado de D. Manoel (1): as linguas, segundo as idéas de Condillac (2), se aperfeiçoam á proporção que cresce a policia nos costumes dos povos; e isto se viu n'aquelle reinado.

Porém ha motivo para duvidar que alguns dos vocabulos da nossa lingua, que os nossos philologos attribuem á origem franceza, na realidade a tivessem, ou que tal fosse a sua origem immediata; e se hei de dizer o meu pensamento, acho uma tam grande afinidade em muitos vocabulos das linguas modernas, que mais depressa me persuado que elles tivessem origem commum do que origem subalterna. O certo é que temos alguns em que se não pôde resolver ao certo qual fosse a sua origem primeira.

1.<sup>o</sup> Porque a concurrencia dos sons syllabicos similiaes, que se acha em vocabulos portuguezes, hespanhóes, francezes, italianos e inglezes, a não ser fortuita, fazem mui debil conjectura para crermos que tal vocabulo nos viesse mais de uma que de outra nação.

2.<sup>o</sup> Como os barbaros orientaes na universal invasão do imperio romano se espalharam quasi ao mesmo tempo por várias provincias, era factivel que n'ellas disseminassem várias vozes, que modificadas diver-

(1) *Scienc. du Gouvern.* Tom. 2, Sect. 3, cap. 28.

(2) *Essai sur l'orig. des Connoif. hum.*

samente conforme o genio predominante da nação e da lingua primitiva do paiz, seriam mui semelhantes e apparentadas com as que se hiam introduzindo n'outros paizes.

Por exemplo: observa-se, que um portuguez diz *limão*, o hespanhol *limon*, o francez *limon*, *lemon* o inglez, *limone* o italiano. *Jardim* põe Nunes, fiando-se n'outros autores, entre os vocabulos que nos ficaram dos godos. Póde ser: mas eu vejo, que o hespanhol diz com pouca differença como nós *jardin*, o francez *jardin*, o italiano *jiardino*, o inglez *garden*. Se é nosso este vocabulo que nos deixaram os godos, acaso levaran'-o as outras nações européas de Portugal? (1)

Em vão me dirá este auctor, que a palavra maneira nos veio de *manière* franceza (2), pois vemos, que com pouquissima differença diz o hespanhol *manera*, o inglez *manner*, e assim acontece em bastantes outros. Quem me diz agora qual das ditas nações teve primeiro aquelle vocabulo e qual depois? Se foi correndo successivamente de umas a outras, ou como fructa serodia veio mais tarde n'algum paiz, ou em todos nasceu ao mesmo tempo?

Confirma-se este pensamento pela similhança que

(1) *Orig. da Ling. Port. cap. 15, it, cap. 11.*

(2) O mesmo auctor incoherente comsigo mesmo no cap. II, põe este vocabulo na lista dos que tomámos dos francezes, e no cap. 16. o põe na lista dos que temos nativos; signal é que copiou diversos auctores sem examinar a materia: costumes dos eruditos do seu tempo.

se acha nos vocabulos, que têm estas mesmas nações derivados do latim; porque assim como do idioma oriental tomaram seus vocabulos com modificações proporcionadas, que o uso auctorizou em cada lingua; assim da lingua latina derivaram muitos com modificações conformes á disposição do orgão nacional, mas que no fundo são os mesmos. Por exemplo: *falso* diz uniformemente o portuguez, o hespanhol, e o italino; o francez abreviando os elementos diz *faux*, o inglez com leve mudança diz *false*.

Do termo latino *pirum* tirou o portuguez *pera*; o hespanhol e o italiano usam dos mesmos sons; o francez diz *poire*, o inglez diz *pear*, que é o mesmo nome portuguez com transposição de letras finaes. *Lanterna* diz do mesmo modo o portuguez, o hespanhol, o italiano, como está no latim; o francez diz com pouca differença *lanterne*, o inglez *lanthorn*. *Estômago* tinhamos nós ainda não ha muitos annos: mudou-se em *estomago*, e é o mesmo termo em hespanhol; o francez tem *estomac*, o italiano *stomaco*, o inglez *stomach*.

A mesma dũvida podemos formar de outras palavras, que Nunes affirma serem tomadas do italiano, como *ãrenga*, que tanto podia vir do italiano *arenca*, como do francez *arengue*. E que me dizem de espeto do italiano *spedo*? e porque não viria do inglez *spit*? *Espora* do italiano *sprone*, porque não do inglez *spur*?

Não ha necessidade de mais exemplos, nem é conveniente copiar aqui os dictionarios das linguas modernas. Como nas nossas alfandegas não ha livro onde





## II

### DO ABUSO DAS PALAVRAS E IDIOTISMOS FRANCEZES QUE SE TEM INTRODUIDO NA LINGUA PORTUGUEZA

O mesmo excesso vicioso que muitos homens de máu gôsto tem tido em latinizar a lingua portugueza, o mesmo é agora em muitos afrancezando-a. Os primeiros, parece, que lhes pezava que houvesse palavra latina que se não aportuguezasse: o mesmo acontece a estes com os vocabulos e phrases da lingua franceza. E' indizivel o que tem accumulado de francezias, não so em traducções portuguezas, mas até em obras de varios generos; de fôrma que mais necessita a mocidade portugueza hoje de dictionario francez para entender os livros da lingua materna, do que do dictionario da mesma lingua.

E' de crer que attendendo a abundancia de expressões optimas que tem a nossa lingua para todo o genero de composições, e ainda mesmo reflectindo no grande numero de vocabulos francezes, que obtiveram prescripção da antiguidade e gozam, como temos visto, da auctoridade dos nossos escriptores; ja não ha neces-

sidade, que possa justificar os homens de recorrerem a uma lingua estranha, e aproveitar o resto de vocabulos e phrases, que lhe são proprias, desprezando os termos nacionaes; por quanto, como as palavras melhores, e mais necessarias estão tomadas d'aquelle idioma, as que restam nem são melhores que as portuguezas nem são mais necessarias por serem francezas. Não pretendemos com tudo persuadir que absolutamente não seja licito adoptar mais algumas com prudência.

Pelo que ántes de nos apropriarmos quaesquer vocabulos estrangeiros, seria boa máxima averiguar quaes são os que commodamente podemos adoptar, quaes os que devemos excluir; porque ha uns que parece não tem uma propriedade tam particular e vinculo tam estreito na lingua d'onde são tirados, que se não possam facilmente accommodar a outros idiomas; outros ha menos flexiveis e tam identificados com o caracter nacional de uma lingua, que parecem incommunicaveis ás outras: os quaes, digamos assim, não podem passar a raia, sem incorrerem a pena de contrabando, fazendo-se sensiveis pela sua natural dureza.

« As linguas, diz Condillac (1) que se formam das reliquias de outras muitas até encontrar grandes obstaculos aos seus progressos; porque tendo adoptado alguma coisa de cada uma, ficam sendo um montão enorme de phrases, que não são feitas umas para as outras. » Assim succedeu na instituição das linguas

(1) *Essai sur l'Orig. des Cononiss. humaines.* chap. 15.



modernas; por isso da nossa foram excluidos, depois de muito tempo e experiencia, varios termos moiriscos ou arabicos, alguns latinos e de outras origens, ja pela incompatibilidade dos sons com o nosso orgam, ja por falta da analogia, que caracteriza a lingua portugueza: os que pareceram mais necessarios se reformaram por nova mudança e combinação dos sons mais conformes ao genio da lingua. E quem duvida, que os mesmos inconvenientes sobreditos se encontraram n'essa alluvião de vocabulos e modos de fallar francezes, que rapidamente passaram ao estylo portuguez?

D'aqui nasce outra lei assaz importante em transportar as palavras de uma lingua para outra, e é a que nos deixou Horacio: (1)

..... Licuit, semperque licebit  
Signatum præsentē notā producere nomen.

E conforma-se com os termos de Quintiliano: *Utendum plane sermone, ut nummo, cui publica forma est.* Pelas quaes metaphoras, *nota e fórma*, se declara, que todo o vocabulo estrangeiro, que naturalizarmos na lingua portugueza, deve de pôr as notas características da sua origem de maneira que fique perfeitamente semelhante ás palavras nacionaes, com que se ha de ajunctar,

(1) *De Art. Post.* v. 38. 39.

e em nada pareça forasteiro: circumstancia indispensavel para se observar a pureza da lingoagem (1).

Isto supposto, não temos, que disputar sôbre o verbo *abandonar*, que os nossos bons auctores tinham n'outro tempo abonado nos seus escriptos. Este termo, que quasi estava perdido, ressuscitou felizmente em Portugal na traducção dos sermões do P. Massilon, e foi tam querido nos pulpitos, que qualquer discurso por informe e indigesto, que fosse, por virtude d'esta palavra mimosa, e algumas mais de sortimento, ja era estimado como sermão á franceza.

Ninguem reprova *assemblée*, de que usaram bem os nossos escriptores, principalmente Vieira; é bom na historia e assumptos politicos, mas o mal é que ja insensivelmente vão desapparecendo os vocabulos *juncta*, *afunctamento*, *congresso*, *concurso*, *auditorio*, que não eram tam mal talhados para se desprezem.

☞ Não nos fazem mal *quarecer*, *quarecido*, por *convalecer* etc., nem *aturdir*, *aturdido*, que estão de posse, com tanto, que se não perdesse *atroar*, *atroado*, vozes imitativas derivadas da raiz *trom*; nem *estrovinhar*, *estrovinhado*, que servem muito no sentido figurado; nem *atabalhoar*, *atabalhado*, que tem seu prestimo.

Os termos *bandir* e *bandido*, que nós tinhamos

(1) « Non alienum est admonere, ut fuit quam minime peregrina et externa..... Quare si fieri potest, et verba omnia, et vox hujus alummum urbis oleant, ut oratio romana plana videatur, non civitate donate. » FAB. *Instit. Orat.* lib. VIII, cap. I.

italiano, não impedem adoptar *banir* e *banido* dos francezes.

De nossa casa tinhamos *afinar* e *refinar* derivados de *fino*; não havia necessidade de *rafinar*; mas pôde tolerar-se, *si volet usus*, visto que não discrepa da analogia, a subtracção de uma vogal em *rafinar* por *reafinar*.

*Carnagem* por mortandade, quem o vitupera? Posto que tinhamos *carneceria* e *carnificina*, que faziam escusada a franceza. Bem sei que alguns curiosos, seguindo o Bluteau, crem que esta palavra ja tem uso muito antigo na nossa lingua, allegando aquelle lugar de Barros na sua *Historia*, onde diz: — E na ida e vinda até tornar á ilha das Garças fazer *carnagem*, tomaram cincoenta almas. » (1) Mas alli, fazer *carnagem*, não significa fazer matança, como erradamente entendeu Bluteau, mas fazer provisão de *carnes*, que é coisa bem differente do significado do vocabulo francez *carnage* ou do portuguez *carnagem*, que é muito moderno.

Não ha difficuldade que se admittam principalmente os termos que dam concisão á phrase, e nos poupam descripções e rodéos, que fazem o estylo pezado e languido, como *libertino* por dissoluto ou o que é de vida estragada e solta; e *libertinagem*, vida desenfreada, etc.

*Romance* por novella, é assaz novo; creio, que lhe

(1) Bar. *Decad.* I. livr. I. cap. II.

deu principio o auctor do *Verdadeiro methodo de estudar*, onde diz: *Os romances, a que os portuguezes chamam novellas, são verdadeiras epopeas, etc.* (1) Aqui pertence *detalhe* e outros muitos, que deixo ao juizo dos prudentes.

A analogia é a regra constante para que olham sempre os doctos, que querem seriamente aperfeiçoar a lingua, e não carregal-a a torto e a direito, como fazem os pedantes debaixo do pretexto de a querearem enriquecer. Ora eu não sei que analogia tenha na lingua portugueza *surprender* e *surpresa*, attendendo á proposição *sur*, de que se compoem, que nunca jamais se encontrou em dicções portuguezas. Temos *sub* e *sob*, de que regularmente se formaria *subprender* ou *sobprender* ou, por euphonia, *sopprender*, como, *soppresar*, *soterrar*, *soppear* e outros: aliás dirão *surgar*, *surcarregar* e outros: e teremos mais alguma colleção de vocabulos a que os antigos chamavam *vozes hybridas*, que é o mesmo que *palavras mestiças*; contrarias ás regras de Horacio e Quinctiliano que acima apontamos.

Alguns adjectivos verbaes em *ante* são necessarios, principalmente onde faltam os nossos adjectivos em *ivo*, como *eloquencia insinuante*, por *insinuativa*. etc. N'isto devêra-se attender ao uso da raiz: mas *frappante* com maldição das musas portuguezas, que de *frappantes* ridicularias não tem feito ouvir? *Côr frap*

(1) Cart. 7. da Poesia.

*pante*, *espectaculo frappante* e outras semelhantes expressões entoadas com este francez rumpante arrellam as orelhas, se não são mui compridas.

*Remarcavel* tambem é palavra assaz estrondosa no conceito de muitos gallos portuguezes, que tem lingua mais curiosa que portugueza, como uns que Quinctiliano conhecia entre os romanos (1): ja não presta *notaveis* successos; *remarcaveis* tem um não sei que de mais relevante e digno do gosto de Fr. Gerundio.

São da mesma conta *pressante*, por urgente, como *pressante* necessidade, *pressante* fome, e quanto quizerem. *Bizarro* e *bizarria* por extravagante, extravagancia, fazem extravagante portuguezada.

Ja houve quem disse, sem vergonha do mundo, *mar impraticavel*, por innavegavel, e repatriar do francez *repatrier*, reconciliar uma pessoa com outra.

N'uma carta de certe letrado que passava por polido e eloquente, li eu, não ha muito tempo, um galante contexto que constava de uma constancia *inebrantable*; e sempre serei *sensivel* ás suas bondades; e, os meus desejos *secondados* das suas solidas maximas; e, aqui tenho perdido as esperanças de *fazer fortuna*, e outras pataratas d'este calibre; que se eu não entendesse francez, e não estivesse prevenido d'estas badaladas á franceza, certamente desconfiaria que este amigo me estava a empulhar.

(1) Multos, quibus loquendi ratio non defit, invenias, quos curiose potius loqui dixeris, quam latine. » QUINCT. *Instit. Orat.* lib. VIII, cap. I.

Os que somos portuguezes pela graça de Deus tinhamos *erguer* e *erigir*, com suas legitimas significações bem conhecidas: o segundo bem usado no sentido activo, menos no passivo. Agora *erigir-se* reciproco, com significação de arrogar um homem a si uma auctoridade, que não tem, é todo francez, mas ca se nos veio encampar, como é no francez, *S'eriger en fuge, en critique*, etc.

Não tardou que viesse *entestado*, isto é, *homem entestado*, por preocupado, derivado de *entété* e *entestamento*, por teima, obstinação.

Não achareis a *Marechal* nas ultimas despedidas (1) esmorecida de dôr ou cheia de afflicção, mas sempre *desolada*, cuja significação nunca teve até agora este vocabulo na nossa lingua.

*Garante* e *garantir*, correm muito pela praça do negocio e não esquece facilmente nas anedoctas da gazeta.

Algum dia costumavam os nossos avós chamar ingrezia a extravagancia dos que fallam linguagem inintelligivel: hoje as multiplicadas francezias pôdem supprir por aquella linguagem dos cegos, que chamam giria: como é o *escrever de formalidade*, por escrever uma carta de cerimonia ou de cumprimento; *formalisar-se*, por picar-se, offender-se, escandalizar-se.

*Tratar alguem* ou *alguma coisa de bagatella*, ja anda até pelas tabernas, tendo principiado dos escudeiros (2).

(1) Na traduc. impressa em 1779, na Officina luziana: pag. 198-200-218.

pidos. Era bom portuguez *faz de mim tolo, innocente &c.*; agora estou vendo, que tambem diremos: *tratar-me de tolo*, e cousas semelhantes.

E que diremos de *ter um ascendente, tomar o ascendente &c.*? de vagar que isso não é fallar lingua do Japão, mas é coisa que o valha.

Mas que admira? A servil imitação do francez tem feito topar em portuguezadas mais duras que calhaus. Quem ouviu jamais *dizer-se-ia*, senão na linguagem dos meninos (1)? E os impessoaes postos em fileira n'uma phrase como: « *Deixa-se* de ser homem de boas intenções, todas as vezes que *se esconde* em expressões equívocas: *não se é obrigado* a dizer toda a verdade, mas sempre *se está obrigado* a fallar verdade. » (2)

E que rumo leva a construcção d'esta phrase? « A companhia dos insensatos é o mesmo contagio: costumados a observar-lhes com indulgencia os vicios, acaba-se imitando-os. » Que bella syntaxe! *Costumados... acaba-se.* (3) E « Não se póde estar com excesso acautelado contra o falso brilhante. » (4)

Os vocabulos, que pertencem mais á imaginação do que ao entendimento, não se podem transferir de uma lingua para outra sem risco; por isso necessitam de cautella. Cada nação tem sua maneira particular de combinar as

(1) *Desped. da Marech. Cart. sobre a educação* p. XXI.

(2) Pag. 202.

(3) *Desp. da Marech.* p. 112.

(4) P. 132.

idéas e as imagens particulares com que se explicam; são como certas arvores, que transplantadas para terreno estranho degeneram, e dam fructo de mau sabor. D'aqui vem que as metaphoras peculiares de uma lingua muitas vezes são duras n'outra, e dam causa ou a escuridade da phrase ou a allusões ridiculas.

Por exemplo: os francezes usam da palavra *element* em sentido figurado; e quando nós dizemos por outra metaphora, que nos é familiar: *Fulanc está no seu paraizo*, isto é, está como quer ou goza dos seus prazeres á medida do seu desejo, o francez diz muito bem: *Il est dans son element*. Mas se um portuguez dissesse, parodiando aquellas palavras, *fulano está no seu elemento*, abusava da lingua e parecia zombar de quem o ouvisse.

Assim é que *espírito alambicado*, *discurso alambicado* &c. são na nossa lingua palavras sem significado ou de mau sentido, sendo boas, e sã no territorio, onde nasceram.

Que responderia um d'esses aventureiros se lhes perguntássemos, que vem a ser *peça de eloquencia*, *de poesia* &c.? Não podia dizer: isto é portuguez; fallo a minha lingua; pois em portuguez não se conhecem peças de eloquencia, mas *obras*, *composições*, *discursos*.

Os francezes dizem: *Obligez-moi de voir s'il est chez lui*. Que frioleira, se alguém vertesse: *Obrigae-me, indo ver; se elle está em casa!* Em lugar de: *Faça-me mercê de ver se elle está em casa.*

De que serve um *chefe d'obra*, que anda tanto em moda? Por ventura *primor*, *obra prima*, *perfeição* ja tem ranço? Não; é que fazemos gala de ser estrangeiros na lingua,



por uma gala de França desprezamos o nosso velludo.

*N'uma vista d'olhos*, disseram sempre os que não fallavam portuguez bastardo. Mas *n'um golpe de vista*, oh que expressão ! sempre tem outra graça. Concedo: tanta tem como dizer: *Anda na casca d'agua*, em lugar de: *Na tona d'agua*, ou como: *Deu um golpe de chuva*, em lugar de: *pancada de chuva*, &c.

O peor é que *vistas* no plural, no sentido em que os francezes dizem *vues*, por intensões, intentos, nunca foi usado na lingua portugueza. Com tudo hoje em dia um sermão não parecerá bem adubado á franceza se não levar a fórmula mimosa: *Este será o assumpto, que vou a pôr nas vossas vistas*. E a *Marechal* na traducção tambem diz a seus filhos, *que a fortuna é a bussôla, que dirige os passos, e as vistas* (1). Onde além de *vistas*, um mancebo que não tivesse a mão um dicionario francez para entender estes livros portuguezes, facilmente cairia em tentação de crêr, que bússola era allí uma bicha de sete cabeças. Accessse que *pôr nas vossas vistas*, por expôr ás vossas vistas, é dobrada francezada. *Vossas attenções* ainda faria sua novidade, porque o uso na nossa lingua é dizer em singular os nomes das idéas abstractas, entendidos distributivamente, quando se falla com muitos *vossa attenção, intelligencia, reflexão* &c.; excepto quando se falla de actos successivos, como quando dizemos: *Farei algumas breves reflexões*.

(1) *Desped. da Marech.* p. 188.

O seu *bem amado*, por amado, tambem costuma ser outro almiscar dos sermões afrancezados.

Em regime não fallemos; suppõe-se que o consul de França passa dispensa franca a todo o portuguez, que quer trocar a syntaxe portugueza: « Sem esquecer o meu marido, diz a *Marechal* traduzida (1) esqueci insensivelmente todas as minhas resoluções. » A nossa linguagem limpa, quando eramos portuguezes, tinha: *esqueceu-lhe o recado* ou *esqueceu-se do recado*. E tinha sua differença, *esqueceu-me a patria e os amigos*, e *esqueci-me da patria e dos amigos*: o primeiro denota um esquecimento involuntario; o segundo mostra ás vezes ser esquecimento deliberado e suppõem materia de esquecimento de que a coisa esquecida é o tempo: v. g. o estudante diz: *esqueceu-me a lição*, quando a não póde repetir: e em diverso sentido: *esqueci-me da lição*, porque se entende, de estudar a lição. Nunca se disse, *esqueci a lição*, *esqueci a patria* &c.

*Picar-se*, tinha sua significação certa e sabida, hoje está augmentado á franceza. A cada passo este ou aquelle *pica-se de prudente, de esperto* &c. Acho no prologo de uma collecção de poemas este bom lance: « O merecimento, que se encontra nas obras de " me picou a curiosidade de ajunctar as suas obras &c. »

No verbo *contar* andam umas fórmãs de cumprimentos mais maviosos, quando dizem: *Se houver occasião de o*

(1) P. 16.

*servir conte com a minha vontade.* E que lindo gallicismo: *Assim contaes por nada os beneficios que vos tenho feito!*

Até o verbo *fazer* está mui afrancezado: ora se diz por *representar*: « De que serveriã *fazer* o personagem de uma mãe desolada (1)! » Ora por *ser, servir*: « A verdade *faz* a base da honra (2). Viva quem introduziu o *fazer as suas delicias*: e tomára saber, se tambem diremos em bom portuguez: *Deus faz o premio dos sanctos* ou *a bemaventurança*, como se diz em francez: *Dieu fait la recompense, le bonheur des saints*; ou se diremos como sempre disse a nossa gente: *Deus e o seu premio a sua bemaventurança*; e como diziam: *O estudo era as suas delicias*, dizendo os francezes: *L'etude faisoit ses delices*.

Até o genero dos nomes tem tido suas revoluções. Os que não eram hereges na lingua sempre tinham feito feminino o nome *personagem*, por varias razões: 1ª por seguir o genero da voz original *persona*; 2ª pela regra da terminação em *agem*, como *bagagem, friagem, ferragem*, etc.; 3ª porque significa propriamente a collecção de qualidades do corpo ou do animo ou externas, que distinguem qualquer sujeito, seja homem, seja mulher. D'onde é erro nos dictionarios dar a *personagem* significação do homem; porque quando os latinos diziam, *homo* ou *vir*, o que dizemos *personagem*, era por ironia ou por enphase. E no theatro se diz *representar a pri-*

(1) *Desped. da Marech.* p. 200.

(2) 201.

meira personagem, representar a personagem de Polyfemo, etc., isto é, a figura.

Uma das utilidades, que se buscam nos termos estrangeiros que adoptamos, é evitar-se a *homonymia*, e procurar que cada coisa, cada idéa e seus graus, modificações, relações tenham seus termos distinctos, quanto é possível, afim que no discurso se ache mais clareza, e precisão, e se evitem as equivoicações. Mas o contrario acontece, quando em diferentes linguas se acham palavras do mesmo som e diversa significação, ou quando das palavras de diferente som tomamos as significações diferentes, que as nossas não tinham.

Por exemplo de *contenance*, vocabulo francez, verteu certo auctor modernamente o termo *continente*, dizendo na historia que escreveu *estava com muita modestia e grave continente*, etc., que no francez é: *Il étoit avec beaucoup de modestie et de grave contenance*. Onde este *contenance* quer dizer *ar do semblante*; em latim *species, vultus*; e *grave contenance* quer dizer o *ar de gravidade*, isto é, aspecto grave.

Mas em portuguez ha *continente* substantivo, que so significa *terra firme*: e ha *continente* adjectivo, que significa o *que tem a virtude da continencia*. Pergunta-se agora a qual d'estes se ha de referir o termo novo d'essa phrase *estava com grave continente*? A construcção da phrase la mostra que *continente* se toma por substantivo, mas o vocabulo *continente*, conhecido, tem significação que alli não convém. Que faremos? E' preciso consultar o auctor para não ficarmos pasmados em Babilonia, ignorando,

que coisa seja o grave *continente* de uma pessoa que nunca se ouviu nem se leu, nem se entende.

Pois que? Não seria melhor se o auctor vertesse *continencia* de *contenance*, tomada a significação do francez? Tam pouco, porque tinhamos outro equivoco, visto que *continencia* na nossa lingua so significa esta virtude assim denominada, que modera os appetittes da luxuria e nada mais; consequentemente o outro *continencia*, derivado do francez, não podia passar sem interprete ou sem confusão.

Não pára so a corruptella no abuso dos vocabulos e phrases francezas; tambem se commettem vulgarissimamente no estylo da phrase. Hoje sem dũvida teriamos a nossa lingua mais rica que viciada se os que infelizmente se communicam com a franceza, tivessem estudado em o character de uma e outra. Cada lingua tem seus modos de fallar, em que a ordem, a diminuição ou multiplicação das vozes é adstricta ao uso e confôrme ao genio nacional, e passam em cada lingua como fórmas de constituição, cuja alteração ainda n'um indivisivel, é verdadeira transgressão.

Pouco monta dizer-se: *por isso é que*, etc. ou *é por isso que*, etc., mas o primeiro é do estylo portuguez, o segundo é estrangeiro, *c'est pourquoi*. Por pouco foi julgado Tito Livio entre os latinos por patavinista.

A nossa lingua tem seus privilegios, cujo desprezo é aggravado que se faz ao uso. Um francez não se dispensa de fazer repetição de certos termos *subsidiarios*, que nós costumamos omittir na continuação da phrase;

elle dirá : « O mais sabio e o mais constante dos philosophos : » a nós basta, *o mais sabio e constante dos philosophos*. Nós dizemos : *tinha uma graça e efficacia inexplicavel*: elles dirão *tinha uma graça e uma efficacia*, etc. Elles evitam os adverbios seguidos, cuja terminação *ment* é desagradavel chocalhada, como *sagement, pieusement*; nós fugimos de similhante monotonia truncando o adverbio mais proximo; v. g. Escreveu *douta e piamente*. Não tereis mais que um semblante e [que uma palavra, se lê nas *Despedidas da Marechal* (1) e era do nosso estylo, *mais que um semblante e uma palavra*, omittindo o *que* do inciso seguinte, que faz pleonasma desagradavel, como tudo o que é contra o uso da lingua.

Cada lingua tem seus caprichos sôbre certos termos, a que dá varia determinação fixada pelo uso. Para nós é indifferente dizer: *homem galante* ou *galante homem*. Não é assim no francez, onde a diversa disposição do adjectivo altera o sentido, pois que por *homme gallant* entende-se um vadio, por *gallant homme*, um homem polido. (1)

A mesma differença dos idiotismos milita na construcção das palavras, d'onde nasceu tambem a dureza e impropriedade de estylo. Fallo do estylo da lingua, mas o mesmo vicio influe no estylo do discurso. *E' quasi sempre por elles (domesticos) que a mocidade se eorrompe.*

(1) Pag. 201.

(2) *Traité du vrai mérite*: tom. I. p. 96.

(1) Aqui todas as palavras são portuguezas, mas a construcção é franceza: nós diríamos *Por elles é que se corrompe quasi sempre a mocidade.*

Ha outras construcções em que não so ha impropriedade, mas sentido contrário na lingua, em que se traduz as mesmas palavras com a mesma construcção da lingua original: como quando da causa se infere consequencia negativa, que os francezes costumam exprimir por proposições positivas, por exemplo: *Amava com muita ternura a meu marido, para consentir na perda do seu nome; e estava muito fortemente ligada comvosco, para vos causar semelhante angustia* (2). O sentido é: a muita ternura, com que amava a meu marido, não me consentia perder o seu nome, etc.; mas aquella fórma de construcção no portuguez faz entender despropositos, como é: *amava para perder; estava ligada comvosco para vos causar, etc.* Não quero dizer que não se usa absolutamente em portuguez esta construcção, porque tambem se diz: *és ainda moço para entrar n'este cargo*, e outras similiaes, mas os equivocos e amphibologias não são os mesmos em todos os encontros.

Tal advertencia deve haver nas particulas de conexão ou fórmas de ligar as phrases, como em francez o *que* que se segue depois de proposição negativa; por isso *todos os homens que d'ella (verdade) se afastam, não podem*

(1) *Traduc. das cart. de Gangan.* tom, 1. cart. 74.

(2) *Desped.* p. 16.

*mais que excitar a compaixão.* (1) É fallar estrangeiro; *Ils ne peuvent que exciter, etc.*; em estylo portuguez é: *Não podem deixar de excitar a compaixão*; assim se verte o latim: *Non possunt quin miserationem moveant.*

É propriedade da lingua franceza quasi sempre ligar as palavras na ordem grammatical ou que segue a ordem das idéas; mas esta propriedade é tam pouco vantajosa n'esta lingua, que até os mesmos nacionaes a consideram como uma propria miseria. A *fallar a verdade*, diz um d'elles, *na nossa lingua o seguir a ordem natural, não é tanto virtude, como necessidade.* (2) D'isto tem mil vezes queixado não so os que tem feito traducções de auctores latinos ou gregos, mas até os criticos, que fizeram suas observações sôbre a lingua. Fénelon expressamente diz: « A severidade da nossa lingua contra quasi todas as inversões da pharase, augmenta mais infinitamente a difficuldade de fazer versos francezes. (3) » Bem podia dizer tambem, — e prosa elegante, harmoniosa e cadenciada, qual requeria o seu *Telemaco*. O mesmo illustre auctor acrescenta mais adiante: « Tem-se empobrecido, dessecado e coarctado a nossa lingua: a qual ja mais ousa proceder, senão conforme o methodo mais escrupuloso e uniforme da grammatica. Sempre estamos vendo vir no principio um nominativo substantivo, que traz o seu adjectivo

(1) *Desped.* p. 201.

(2) *Ecole de litterat.* tom. 1. art. 1.

(3) *Épît à l'Acad de poëtiq.* §. 5.



como pela mão. A par d'elle não falha logo o seu verbo, seguindo-o um adverbio, que nada consente entre ambos, e o regime, chama ja para ja um accusativo, que não pôde nunca mudar de posto. E isto é o que exclue toda a suspensão do espirito, toda a expectação, toda a suppreza, e muitas vezes toda a cadencia magestosa. » A tanto chega este escrupulo que nem n'um poema perdôa a critica *Chrétien monarque*, em lugar de *Monarque chrétien*. *Il est vrai, que la langue françoise, timide, pauvre, peu harmonieuse, esclave de je ne sais quelles futiles bienfesances nous refuse des secours, que les étrangers trouvent dans leur langue.* Mr. Millot. *Harang. Choistes. Discours. Prelim.*

Pelo contrario na lingua portugueza são bem recebidas as transposições das palavras, de que resultam várias utilidades nos discursos de eloquencia e poesia, quaes são: 1.º a harmonia do discurso; 2.º maior concisão da phrase; 3.º a força e vivacidade do estylo; 4.º a mais perfeita pinctura de uma acção (1); o que faz bem fundada a opinião da similhança, que tem a nossa lingua com a latina, que os nossos philologos tem tocado tam superficialmente, como quem a cria mas por fê, que por exame reflexo.

Isto supposto, veremos uma vez estes idolatras do estylo francez alinharem mui servilmente as phrases pela ordem grammatical, mui uniforme e enfadonha, e ás

(1) Mr. Condillac. *Essai sur l'origine des connoiss. hum.* chap. 12.

vezes languida. Dirão á franceza: « O sancto papa Pio V governava então a igreja ; Carlos IX, reinava em França e a Saboia tinha por duque Manoel Felisberto, etc. » Onde se ve desprezada a variedade da composição, que o estylo da nossa lingua favorece admiravelmente com a transposição das palavras, dizendo-se : « governava então a igreja o sancto papa Pio V, etc. »

Por isso os francezes desfiguram ao menos n'esta parte os nossos auctores, quando os traduzem na sua lingua, não podendo representar a gravidade da composição das palavras. O nosso Jacintho Freire escreve : « Não sepultaram comsigo aquelles valerosos portuguezes toda a gloria das armas. » O francez verte : *Ces vaillants portugais nont pas enseveli avec eux tout la gloire des armes.* E' bem sensivel a differença de um a outro texto (1).

Na linguagem da historia, oratoria, e mui principalmente da nossa poesia, não ha coisa mais frequente do que a transposição das palavras, e tanto mais quanto a sentença tem mais de fogo, viveza e imaginação, onde a suspensão do sentido, produzida pela transposição, anima sensivelmente o contêxto, e lhe communica movimento: bem se sabe quanto é magestoso o exordio do nosso Camões principiando :

As armas e os varões assignalados (2) :

(1) Vej. o que notamos sobre este particular na Mecanica de palavras em ordem á harmonia do discurso eloquente, tanto em prosa, como em verso, p. 70, n. 72 etc.

(2) *Luxiadas*, cant. I, est. I.

eujo sentido depois de muitos incidentes conclue:

Cantando espalharei por toda a parte.

Regularmente na nossa lingua considera-se o verbo como uma palavra de maior volume, e a que communica uma certa força impulsiva a todas as mais palavras da mesma phrase, e por isso commummente costuma preceder as de mais, como: « Trouxe-nos a fortuna esta empreza, etc. Não sepultarem comsigo aquelles valerosos portuguezes, etc. Rasgou-se pela morte o véo do segredo. Supprirá uma dilatada lembrança das suas heroicas acções a falta, que nos faz vida tam curta.

Não é necessario mostrar exemplos de outras várias fórmãs de transposições. Estas bastam para que se veja quanto se opõe á elegancia da nossa lingua o methodo de dispôr as palavras, que se usa na lingua franceza, que os nossos imittam macaqueando.

Mas pelo contrario veremos outras vezes que com notavel incoherencia se abraçam certas transposições extraordinarias e quasi poeticas, de que alguma vez usam os francezes, que em nós são tam improprias, como n'elles affectadas. Tal é a que eu li ha pouco no prologo de um livro, em que o bemfeitor que publica a collecção das obras de um nosso poeta declara a sua diligencia com esta gracinha: « Truncadas e dispersas eu mendiguei com indizivel trabalho tam bellas composições, etc. » Onde a collocação extravagante parece oração de algi-

beira, feita para dar quinau a um estudante gramatico: nunca assim fallaram os nossos auctores.

Cresceria immenso esta obra se houvessemos de referir uma infinidade de abusos que hão introduzidos estes portuguezes estrangeiros; e não é preciso mais para que se veja quam nocivas tem sido estas mudanças á pureza da nossa lingua, á sua elegancia e energia. Nem é tam pouco consideravel, para que se não atalhe o damno de se vir a perder em pouco tempo um grande numero de excellentes vocabulos portuguezes, tendo-se-lhes substituido sem necessidade e, o que mais é, sem escolha uma alluvião de expressões estranhas, que nem nasceram para nós, nem se ajustam com as nossas. Nunca melhor quadrou do que a este tempo aquella queixa, que ja antigamente fez o nosso Bernardes (1), contra a leveza de alguns :

Trate quem mais quizer feitos alheios,  
Diga mal, diga bem, falle á vontade;  
Use palavras novas, novos meios;  
Não cure da razão, nem da verdade,  
Em tudo contentando a vulgar gente,  
Enchendo peitos vãos de vaidade.

A. DAS NEVES PEREIRA.

(1) Carta IV, a D. João de Castello Branco.

### III

#### ORIGEM DO ABUSO DE PALAVRAS, E IDIOTISMOS FRANCEZES, QUE SE TEM INTRODUIDO NA LINGUA PORTUGUEZA.

Ainda não vae tam longe a origem da epidemia, para que nos seja desconhecida, nem é tam complicada, que facilmente se não possa desenvolver. Ha tempos que principiou em Portugal a cultivar-se com grande fervor a lingua franceza: uns a estudaram por curiosiade, outros por interesse: mas a maior parte dos que se deñam ao estudo d'esta lingua, era gente que nunca estudou a lingua portugueza, nem a leram nos nossos auctores clasicos; ostentavam-se so com o uso tal qual, e como este lhes parecia bastante para interpretar os livros francezes, não tendo á mão os termos proprios e elegantes da nossa lingua, não havia coisa mais facil que apor-tuguezar qualquer termo, qualquer phrase que se offerecesse no contêxto de uma obra, ou porque julgassem que assim os tinham em portuguez ou porque lhes parecia a lingua pobre, e os taes vocabulos necessarios. Fosse como fosse, a nova linguagem parecia maravilha:

N'outros não era tanto falta de conhecimento da lingua, nem dos auctores nacionaes, como uma especie de enthusiasmo, que lhes fazia considerar no estylo francez não sei que de mais relevante. Não se póde esquecer certa personagem que, na conversação com seus amigos, a todo o proposito inculcava as palavras francezas com seus estribilhos: por exemplo: A *miscellanea*, que os francezes chamam *bigarrure*. Ou: *isso é uma excessiva bibarria, como dizem os francezes*. Se lhe dava para meter a proposito o *grotesco* ou o *pittoresco*, e outros semelhantes sempre ia adiante o *passaporta* como dizem os francezes; de sorte que o mesmo homem fallava francez e portuguez a um tempo, e a portuguezes, e pondo na mesma phrase a palavra franceza e a portugueza, dobrava os termos sem que, nem para que.

Estes ensaios passaram a maior progresso: os impressores queriam occupar o prélo, e os livreiros ganhar sua vida. Commetteram-se traducções de várias obras e tratados, que parece teriam extracção, aos aventureiros que se presumiam capazes de semelhante empreza, ou elles mesmos as offerciam, sem esperar que os rogassem; e nas circumstancias presuppostas, sendo taes traducções feitas muito á pressa, umas inspiradas pela fome, outras pela presumpção, saíam taes como se podia esperar. Aparecia no público mais um livro novo, em linguagem da moda. Das lojas dos livreiros e botequins saíam os votos das obras traduzidas, e recommendações aos desejosos da fructa.

nova. Se era uma collecção de sermões, passava ás mãos de pregadores principiantes; se era uma historia, ou novella ou obra de theatro servia de recreação ao cavalleiro e ao escudeiro curioso. Os dogmatistas que liam o francez, não deixavam de chegar-se ás versões dos tratados pelo convite de alguma nota aqui ou alli, ou simplesmente pelas inculcas, que deu o impressor no aviso ao publico. Ninguem la se embaraçava com gallicismos, nem se enojava dos termos e phrases improprias, que iam envolvidas no contexto. Applaudia-se a linguagem por ser nova, sem se advertir que era barbara ou extravagante. E feita a leitura nas palestras, não havia coisa mais ordinaria que o dizer-se em tom decisivo: *isto é bello*: est'outro *está bem fallado*: tomando cada qual por bello e bem fallado o mesmo que não entendia. Mas quem dissesse o contrario era idiota razo ou pedante, ou não tinha bom gôsto. Callasse a bocca quem entendia o que vale nas linguas a analogia, os privilegios do uso, a força da auctoridade. Não se disputasse sobre pureza de linguagem e propriedade de expressões e regularidade de idioma. Ninguem diria: nunca assim fallaram os nossos avós: nunca assim escreveu Andrade, Soiza, Vieira, Camões, etc.: estava certa a tréplica: esses tem phrase rançosa: escreveram para o seculo dos Affonsinhos: isto agora é portuguez moderno. O que mais admira é que muitos homens doutos e versados nos nossos auctores, que não deixaram de conhecer esta desordem, se deixaram, não sei como, levar da torrente, e abraçaram

as francezias, querendo mais comprazer com o gôsto dos insensatos do que seguir a prudente austeridade de pequeno numero dos censores judiciosos: e o peor é que o seu exemplo, talvez a seu pezar, tem servido de auctorisar e propagar a corruptella, principalmente nos pulpitos, onde, por desgraça nossa, e a maior dos mesmos pregadores, a douctrina de Christo ja por moda costuma ter mais de phrãse franceza quã de phrase evangelica. D'alli pois é que o povo aprende com a douctrina dos vocabulos ou, o que é mais commum, aprende os vocabulos sem douctrina, e tanto mais perversamente se insinuam n'olle, quanto mais loucamente os applaude sem os entender.

Tal tem sido a origem e progressos do mau gôsto, por cuja influencia se tem corrompido a lingua portugueza. Assim é que ella tem degenerado da antiga consistência e vigor, por modo mui semelhante com que antigamente se principiava a corromper a lingua latina (1). Do que manifestamente se colhe a urgente necessidade em que estamos de expurgar a nossa lingua, e fazer a mais forte opposição á moda prejudicial. Aplaudam-se so a si mesmos os néologos do seu tam miseravel como inutil trabalho. Que serviço lhe deve a lingua e a patria? Porque quando os seus termos estrangeiros fossem melhores que os nossos, não seriam ao menos entendidos, como convém n'uma lin-

(1) « Confluxerunt in hanc urbem multi inquinatæ loquentes... Quo magis expurgandus est sermo, et adhibenda tanquam obrussa ratio, quæ mutari non potest, nec utendum prava consuetudinis regula. » Cic. *de Clar. Orat.* n. 74.



gua que se falla ; e n'este caso que mercê nos faria quem nos fallasse n'uma lingua, que nós não entendessemos, a titulo d'ella ser melhor que a nossa? Mais depressa diriamos que mais se escarnecia da nossa simplicidade do que se compadecia da nossa necessidade. A lingua franceza ja nos deu termos bastantes, que estão no nosso thesoiro, e tem a prescripção de mui longa e veneranda antiguidade. Conservemos esses que ja são nossos, e sejamos parcos e judiciosos no superfluo. E para que não pareça esta opinião por moderna mais filha do enthusiasmo que do são zelo, ella é na substancia a mesma que n'outro tempo escreveu um auctor nosso : « Não nego, diz elle, nem deixarei de usar termos que nossos antigos de sessenta annos a esta parte usaram. . . . , porque o uso ou a necessidade os fará bem recebidos ; mas havendo-os na propriedade portugueza elegantemente expressivos do que se quer dizer, vicio seria mendigal-os, e especie de traição á patria lingua querer desterrar seus idiotismos. (1) »

#### A. DAS NEVES PEREIRA.

---

Assim como nas idades passadas era mui vulgar nos escriptores de linguagem impura valerem-se dos vocabulos latinos e accommodal-os á pronunciação portugueza ; assim hoje é mui commum na mesma classe de auctores servirem-se de vozes francezes e italia-

(1) FR. MAN. DO SEP. Prolog. da *Refeição Espir.* § 2. n. 3, 4 e 5.

nas, pretendendo naturalisal-as em Portugal. D'estas creio que o numero é já infinito, espalhadas por todas as sciencias, artes e officios mechanicos; porém com especialidade na philosophia experimental, na arte militar, na architectura civil, etc. Dizem que a falta de termos proprios obrigára a introduzir tantas palavras novas; se assim foi, procedeu com razão, porque obrigando a necessidade, devem-se buscar vozes para se exprimirem as coisas. Porém os amantes da pura linguagem portugueza queixam-se de se introduzirem termos novos, meramente por moda e não por precisão, pois que a nossa lingua tinha muitos e bons, com que se explicava antes que se mendigassem outros ás extranhas para se exprimir o mesmo.

— Que necessidade havia, dizem os puritanos da lingua, de se dizer *abandonar* tendo desamparar? *Affares* tendo negocios? *Bellas letras* havendo letras humanas e boas artes? *Bellezas* da eloquencia havendo rasgos de que sempre usou Vieira? *Bom gôsto* havendo já decernimento e juizo?

Porque se havia de introduzir *cadete* por filho, que não é primogenito? *Criterion* por arte critica? *Canoculo* por oculo de ver ao longe? *Charlatão* por palrador ignorante? *Chichisbeu* por galan ou amante? *Delicadeza* de engenho por subtileza? *Dessert* por apparatus de sobremesa? *Discolo* por extravagante e mal procedido? *Passagem* por lugar ou passo de algum bom auctor *Retalhos* de eloquencia por pedaços de eloquencia?

Que precisão tinhamos de *garante* e *garantia* por

fiador e affiançar? De *imagens* por lugares e passos eloquentes ou de phantasia ou do juizo? De *interessante* por importante? De *prejuizo* por anticipação de juizo ou juizo anticipado? De *projectar* por dar idéas e arbitrios? De *responsavel* por obrigado a responder? De *susceptivel* por coisa capaz de receber outra? De *viajar* por correr terras? De *manobra* por marcação, etc.?

Não so d'estas palavras, mas de outras muitas que agora nos não occorrem, mas lembram bem aos queixosos d'ellas, se lamentam os fieis conservadores da pura linguagem portugueza; porém outros criticos não acham para tanta queixa bastante fundamento. Dizem que com esta liberdade é que se enriquecem de vocabulos as linguas vivas e que so nas mortas, como a grega e latina, é que o uso não póde exercitar o seu absoluto dominio.

Que não se tem enriquecido a menos de um seculo a lingua ingleza com a introdução de infinitos termos, ja inventados, ja pedidos a outros idiomas, em que o portuguez tem igualmente o seu lugar? E por fim ha hoje lingua viva que não tenha naturalizado innumeraveis vocabulos estrangeiros, sem exceptuar ainda a castelhana e italiana, não obstante a sua copiosissima abundancia?

Assim fallam os defensores das vozes novas, e nós para dizermos o que sentimos entre estes indulgentes e aquelles escrupulosos, dizemos que uns e outros tem razão. Os escrupulosos, porque é certo que havendo

para exprimir qualquer coisa, termo nacional e usado pelos auctores, que são textos, não se deve adoptar um novo; porque de outro modo nunca se verificaria que um escriptor é de linguagem mais pura do que outro, e seria vão o nome de classico que se dá áquelles auctores que o mereceram.

Porém estes escrupulosos peccam muitas vezes por excesso, sentenciando por vozes novas e introduzidas pela moda, que reina na presente litteratura do nosso seculo, a algumas que tem ja muitos annos e tambem seculos de antiguidade; por exemplo: estranha-se, por novamente adoptada a palavra *reprôche*, e ja Duarte Nunes de Leão faz d'ella memoria contando-a por uma d'aquellas que fomos buscar aos francezes. Veja-se a este auctor na sua *Origem da lingua portugueza*. Tem igualmente por nova a palavra *policia* e é não menos que de João de Barros na *Decada 3ª*, onde diz: « N'isso se mostra a grandeza e policia daquelle principe, etc. » Que não dizem elles tambem contra a palavra *pedante*, quando Duarte Nunes de Leão na sua *Orthographia* ja traz *pedantesco*? Não podem ultimamente soffrer que se use do italiano *affanar* e *affano*, havendo em portuguez *affligido*, *angustiado*, *affligir-se* e *angustiar-se*, quando Vieira, insigne texto da lingua, disse, como sabem os eruditos, *affanado* e *affano*. Podemos fazer menção de outros vocabulos a que os escrupulosos erradamente chamam novos e como taes reprovam; mas não sejamos prolixos e passemos a defender os escriptores indulgentes.

Tem estes razão em procurarem, á maneira das outras nações, e vivamente protegerem a introdução de vocabulos expressivos e precisos, quando não podemos exprimir uma coisa senão por longa e tediosa circumlocação. Se para nós expressarmos a força do verbo francez *supplantar*, nos é preciso usar do rodeio de dizer: usar de força ou artificio para tirar a alguém o cargo ou fortuna que possui; não será bom que admittamos este verbo e digamos *supplantar*? Não é mais expressivo e breve dizer *critério* do que arte crítica? *Insignificante* do que coisa que nada significa? Não é mais succinto usar de uma so palavra, qual é *responsavel* e *susceptivel*, do que occupar diversas vozes, dizendo: obrigado a responder e capaz de receber? Se podemos com um so vocabulo exprimir o filho segundo, terceiro, etc., de uma familia, porque se não ha de dizer *cadete*?

Porém quando a nossa lingua tem termos proprios que exprimem o mesmo que os outros novamente introduzidos, em tal caso é com razão reprehensivel a novidade, porque se oppoem áquella pureza de fallar de que em todas as outras nações se faz especial apreço. Porque havemos dizer *abandonar* se temos desamparar? *Resurce* se temos remedio? *Discolo* se temos mal procedido? *Affares* se temos negocio, etc., etc. Porque diremos *intriga*, *intrigante* e *intrigador* por enredo, enredar e enredador ou por *machina*, *machinar* e *machinador*? Porque havemos dizer *character* por distinctivo? *Conducta* por procedimento, govérno, prudencia, etc.?

Eis aqui o como nos parece que devem concordar os dois partidos, ambos excessivos, um porque nada permite, ainda havendo precisão, outro porque tudo concede, ainda sem haver necessidade. Este nosso juizo é fundado sobre o mesmo parecer que deram os academicos de Crusca para se introduzirem ou não no seu famoso vocabulario vozes estrangeiras. Foi seguida esta prudente resolução por Mr. Furetiere e pelos sabios das reaes academias castelhana e franceza, quandoprehenderam os seus dictionarios.

Aqui tinha bom lugar para instrucção do escripto principiante fazermos memoria de alguns modos de fallar novamente introduzidos, os quaes a lingua portugueza tem por fazenda de contrabando, introduzindo-a sujeitos nimiamente amantes dos idiomas francez e italiano. D'estes taes modos de fallar se valem a cada passo nas conversações e cartas e, o que mais é, nos escriptos impressos. Dizem. v. g. : *Isto não é que uma insolencia* ou *isto não é que favor*, em vez de dizerem, como bons portuguezes: « Isto não é senão uma insolencia, isto não é senão um favor. » Dizem igualmente: *Esta acção faz o objecto do público assombro*, em lugar de dizerem a portugueza: « E' objecto, etc. » Do mesmo modo escrevem *fazer as delicias do povo*, em vez de escreverem ser as delicias do povo. D'estes modos de fallar estrangeiros e aportuguezados temos feito um largo catalogo, o qual seria bem util que copiassemos n'este capitulo em beneficio da mocidade, sempre amante de novidades; porém temos justos motivos para o recolher na gaveta;

receiando prudentemente fazermo-nos odiosos a não poucos escriptores modernos.

F. J. FREIRE.

---

Manifesta-se em todo este capitulo a critica judiciousa e prudente do auctor. Concorda elle sensatamente na admissão de vozes tomadas de alheias linguas, quando a necessidade as reclama, e tem sobeja razão, porque o contrario seria pretender que uma lingua viva ficasse estacionaria como o latim e o grego antigo; e que os termos concisos e proprios, introduzidos pelo progresso das sciencias e das artes, fossem substituidos por circumloçções inexactas e muitas vezes ridiculas. O barão de Bielfeld na sua *Erudition universelle* motejou dos termos latinos, para designar, por exemplo, uma peça de artilheria, uma cabelleira, alguns trastes de uso. Maior motivo de riso darão hoje os que pretendessem verter á quinhentista a linguagem scientifica, a industrial, e tambem em muita parte a commercial, ao tempo em que vivemos.

Adquire o homem gradualmente no decurso de sua vida idéas e noticias; e uma lingua que é viva, porque a vae fallando um povo, não ha de adquirir vocabulos para exprimir e designar idéas novas e novos objectos, que as precedentes gerações não conheceram?... Diariamente o progresso intellectual

campêa sobre o pedantismo puritano. Querer representar uma idéa por certa geringonça de palavras é suffocar essa idéa ou fazel-a inintelligivel. Não se entenda por isso que admittamos os gallicismos, italianismos e anglicismos desnecessarios; e de proposito fazemos enumeração d'estas tres fontes, superfluas até certo ponto; porque é hoje moda reparar so em gallicismos, alcunhando ás vezes termos que o não são; não se fazendo cargo a critica de outros igualmente reprehensíveis, como *fashionable*, *horse*, etc., que com pouca differença temos ouvido em conversações e que se tolerarem cedo passarão para a linguagem escripta.

O nosso auctor diz bem que ha dois partidos, ambos excessivos, um que nada permite, havendo precisão, e outro que tudo abraça, ainda sem necessidade. Quizeramos que elle fosse mais diffuso na materia; porém não nos pèza porque ja temos bom auxiliador no *Glossario* pelo Exm. Sr. patriarcha eleito: oxalá que o zelo da lingua patria suscite alguém que tenha cabedal e vontade para ampliar este proficuo trabalho litterario; e já que atormentados nos vemos com traducções do francez, tenham os que de futuro as intentarem piloto que os livre de naufragarem.

Quanto a certas palavras que o nosso padre Freire apresenta como reprehendidas pelos cultos do seu tempo, vemos que não ha para o reparo fundamento. Bellas letras e bellas artes devem dizer todos; e porque recusaremos o epitheto de bello ás coisas que o são por natureza. Era preciso que a lingua fosse privada d'esse adjectivo.



Como d'antes lhe chamavam, boas artes, não se exprime bem a idéa; com effeito ha coisas boas, que não são formosas. Quem duvidará dizer *bellezas da eloquencia*, sendo belleza um vocabulo que se applica não so ao composto physico, mas tambem abstractamente no sentido metaphysico? Digam embora que se emprega por analogia ou no sentido metaphorico, etc., mas ha de usar-se apezar dos perluxos. Pelo que respeita a *bom gôsto*, não ha que reprovar, porque *descernimento* e *juizo* não dão o equivalente significado. *Charlatão* tem a auctoridade de frei Luiz de Soiza na *Historia da religião dominicana*, e não faltarão mais a quem as procurar. *Viajar* não sabemos como possa dar-se, a não ser por *peregrinar*. O uso adoptou no mesmo sentido *viagem*, sem esquecimento total de *peregrinação* ou *jornada*? *Manobra*, como termo militar e naval, ja não ha quem o desaposse. *Interessante*, cremos que não é digno de excommunhão. Boa mania é termos os verbos e recusarem-se os participios, fazendo aquelles defectivos á força, porque n'um livro sebento ou roido da traça se não encontrou essa natural descendencia do verbo. Aproz-nos muito e muito a opinião do nosso auctor, que nem se quer se animou a reprehender *susceptivel* e *responsavel*, quando regeita outras palavras de que não temos necessidade; pois assim mesmo *susceptivel* tem bom substituto em *capaz*; v. g. «Porto capaz de recolher tantos navios.»



## IV

### ABUSO DOS PRONOMES E DE ALGUNS RELATIVOS

Abusa-se dos pronomes, *eu, elle, nós, vós, elles, isto, aquella, etc.*, quando se empregam no discurso contra o uso da lingua, e com mais frequencia do que ella tolera transportando para o portuguez um defeito mui notavel que os auctores francezes quereriam poder evitar no seu proprio idioma. Não nos permite o nosso assumpto entrar a este respeito em discussões grammaticaes ; mas daremos aqui alguns exemplos d'este abuso, para que os nossos leitores reflectindo n'elles, e observando a diversa indole de ambas as linguas, possam evitar semelhantes gallicismos, e explicar-se com a devida correcção.

1.º Exemplo. *Se eu conseguir o que eu desejo, eu ficarei contente.* N'esta phrase não podem os francezes deixar de repetir tres vezes o pronome *je*, e é este um dos grandes defeitos do seu idioma. Em portuguez porém é viciosa essa mesma repetição, por ser contra o uso e genio da lingua, e porque faz o discurso embaraçado, e frouxo, sem necessidade alguma. Deveremos pois dizer:

*Se eu conseguír o que desejo, morreréi contente; ou tambem omittindo o primeiro eu, se pelo theor antecedente da phrase ficar removida toda a ambiguidade<sup>1</sup>, como se se dissesse v. gr.: Trabalho por levar ao fim a minha pretensão; e se conseguir o que desejo morreréi contente, aonde nem uma so vez entra o pronome eu, que segundo o genio e uso da lingua franceza se empregaria não me nos que quatro vezes.*

2.º Exemplo. *Então nós sentimos pela primeira vez a frescura da noite... da mesma sorte que nós tinhamos sentido etc... nós nōs embrulhámos nas pelles, antes que nós sahissemos do Paraizo... nós nos deitamos na gruta, etc.* Eis aqui em poucas linhas repetido cinco vezes o pronome nós, que em portuguez corrente e em estylo desempeçado se poderia totalmente ommittir, traduzindo assim: *Então sentimos pela primeira vez a frescura da noite bem como ja haviamos sentido, etc... antes que sahissemos do Paraizo, nos envolvemos nas pelles... deitamo-nos na gruta, etc.*

3.º Exemplo. *Para suffocar até os remorsos da consciencia, elles tem inventado mil absurdos. A palavra liberdade tem sido aquella de que elles tem feito um maior abuso, para impôr a multidão, e enganar todos aquellés, dos quaes elles se querem servir para os seus fins.* Parece na verdade incrível que um ouvido portuguez se accommode com este modo de fallar; mas tal é o poder do habito, que á força de lermos e imitarmos os livros estrangeiros, quasi nos familiarizamos com as suas maneiras, e talvez as reputamos melhores que as nossas! Este periodo, que é

tirado de uma obra portugueza original, está cheio de gallicismos: aqui porém somente nos pertence notar a viciosa repetição dos pronomes *elles*, *aquelles*, que fazem a oração por extremo embaraçada e desagradavel. Poderia dizer-se mais correntemente: *Para suffocarem até os remorsos da consciencia, inventarão mil absurdos. A palavra liberdade foi a de que mais abusaram para embair o vulgo, e para enganar a todos aquelles de quem se queriam servir para os seus fins.*

4.º Exemplo. *Elles pediram a dilação de uma hora: ella lhes foi concedida.* N'esta phrase diremos melhor: *Elles pediram a dilação de uma hora, que lhes foi concedida* ou *a qual lhes foi concedida* ou: *pediram a dilação... que... etc,* ou querendo conservar toda a concisão do original: *pediram a dilação de uma hora: foi-lhes concedida,* ou *pediram etc. concedeu-se-lhes.* Similhantermente n'esta phrase: *a sua còrte tinha-lhe preparado um festejo: não se dignou elle de assistir a elle.* Traduziremos muito melhor dizendo: *a sua còrte lhe havia preparado um festejo, a que elle se não dignou de assistir,* ou: *havia-lhe a sua còrte preparado um festejo, a que elle se não dignou de assistir, etc.*

5.º Exemplo. *A nossa maior perda não é aquella das riquezas terrestres — a nossa perda foi grande; mas aquella dos inimigos foi muito maior.* — N'eta e outros semelhantes phrases parece que o pronome *aquella* é gallicismo, e redundante na oração portugueza, devendo dizer-se: *a nossa maior perda não é a das riquezas*

*terrestres— a nossa perda foi grande; mas a dos inimigos foi muito maior, etc.* Não devemos dissimular com tudo que nos nossos bons escriptores se acham algumas vezes phrases semelhantes ás que aqui reprovamos: v. gr. em Diogo do Couto *Dec. 4. L. 5. C. 2: Parece foram mortos pelos da terra, porque aquelles do sertão são barbarissimos.* Em Barros *Dec. 3. L. 6. C. 1: Finalmente com a differença d'estas cartas, e más informações das segundas, foi assentado entre aquelles do conselho de el-rei, que aquella embaixada era falsa.* Na *Carta de guia de cazados*, fl. 181 v: *Falta-me aqui por advertir alguma coisa a umas certas mães e não alguns paes sei se a, que dão seus geitos ás filhas, para que se cazem, particularmente áquellas de bom frontespicio, etc.* Porém, sem embargo d'estes exemplos, julgamos que se deve evitar semelhante modo de fallar, todas as vezes que o pronome *aquelle* se não refere a algum objecto ja commemorado no discurso ou não envolve alguma particular emphase, como parece em *Vieira tom. 1 de Sermões pag. 451*, onde diz: *O mais desventurado homem, de que Christo nos quiz dar um temeroso exemplo, foi aquelle da parábola das vodas, etc.*

6.º Exemplo. Isto é *blasphemia* o *dizer que a natureza accende em nós o mais ardente dos nossos desejos para nos enganar.* A palavra *isto* redundando no discurso portuguez e é um gallicismo nascido de se traduzir muito ao pé da letra o francez *c'est un blasphème; c'est un erreur*, etc. Em bom portuguez dizemos *blasphemia*, ou *é uma blasphemia, é um erro*, etc.

7.º Exemplo : Eu *tenho visto muitos meninos, que se divertem a comparar as coisas novas, que os admiram, com aquellas que elles ja conhecem.* N'este exemplo os pronomes, *eu, aquelles, elles*, podem supprimir-se fallando todavia portuguez corrente. V. g. *tenho visto muitos meninos, que se divertem a comparar as coisas novas que os admiram, com as que ja conhecem, ou com as outras que ja conhecem, ou tambem com aquellas que ja conhecem, etc.*

Ultimamente não será inutil advertir aqui que quando reprovamos o abuso dos pronomes, não pretendemos excluil-os totalmente do discurso, por quanto além de poderem empregar-se muitas vezes sem erro, nem resalto de gallicismo, ha tambem occasiões em que é absolutamente indispensavel o seu uso claro e expresso, como por exemplo : 1.º quando ha opposição entre dois ou mais membros do periodo, e dizemos v. g. *eu como, e tu dormes ; eu estudo e tu te divertes ; nós trabalhamos e elles passeiam, etc.*; 2.º quando o pede a emphase ou o ornato do discurso, como v. g. nesta phrase : *Deus é digno do nosso amor ; elle manda que o amemos, elle o pede ; elle até o solicita, etc.* ; 3.º quando sem a expressa declaração do pronome ficaria escura ou ambigua a phrase, ou ainda suspensa por algum tempo a sua verdadeira intelligencia como succede, por exemplo, na traducção de uma excellente obra cujo primeiro paragrapho diz assim : *Ainda que tivesse toda a subtiliza de espirito que se pôde desejar nas mais agradaveis sociedades ; bem que tivesse composto obras, em*

*que brilhasse todo o fogo da imaginação e do ingenho; quando tivesse inventado systemas capazes de emmudecer e admirar o universo; ainda que tivesse formado projectos dignos de sustentar ou realçar os imperios... Se não tenho por objecto a religião, a minha alma perde os seus trabalhos, etc.* Aonde o verbo *tivesse* repetido quatro vezes nos quatro membros do periodo, devia ser determinado desde o principio pelo pronome *eu*, sem o que fica por muito tempo suspenso o verdadeiro sentido do discurso, e o leitor ignorando a que pessoa se refere aquelle verbo, etc.

Abuso de alguns relativos:

1.º O relativo francez *dont* tem, regularmente falando, a significação dos relativos portuguezes *cujo, cuja, cujos, cujas, do qual, dos quaes*, etc. São, pois, mal traduzidas as seguintes phrases :

*Entre os contos das fadas não ha um so de que o objecto seja verdadeiramente moral, isto é, cujo objecto ou objecto, ou tambem do qual o objecto, etc.*

*Outro meio, que vos parecerá talvez frivolo, mas de que o effeito é certo, isto é, mas cujo effeito, etc.*

*Todos os objectos de quem as dimensões são extraordinarias, isto é, cujas dimensões ou as dimensões dos quaes, etc.* O portuguez *quem e de quem*, quasi sempre se refere ás *pessoas*, e não ás *coisas*, etc.

Notaremos n'este lugar que o vulgo faz muitas vezes errado uso dos relativos *cujo, cuja, etc.*, dizendo v. g.



*um homem, o cujo é meu amigo; uma casa, cuja eu edifiquei. etc.*, devendo ser *um homem, o qual; uma casa, a qual, etc.* E d'este erro não foram totalmente isentos os nossos melhores classicos, entre os quaes o mesmo Barros no *prologo da Dec. 1.* diz, se não ha nestas suas palavras erro typographico, *appresentam estes delineaamentos de sua imaginação ao Senhor, de cujo ha ha de ser o edificio, isto é, ao Senhor, cujo ha de ser, ou de quem ha de ser.* E Duarte Nunes na *Descripção de Portugal C. 75: Santiago Interciso de cuja nação fosse, não nos consta, isto é, de que nação fosse.*

2.º Tem a lingua franceza os relativos *qui* e *que*, dos quaes o primeiro serve de agente ou sujeito do verbo seguinte, e o segundo é regido d'elle, v. g. n'estas phrases: *voilà qui vous en dira de nouvelles; eis-aqui quem vos dirá novidades—celui, que vous avez vu, aquelle que vistes, ou a quem vistes; o primeiro qui* rege como agente o verbo *dirá*; e o segundo *que* é regido do verbo *vistes*, como objecto em que se emprega a sua acção. Por não haver em portuguez a mesma differença nas fórmas d'estes relativos, e explicarmos uma e outra relação pela unica fórma *que*, acontece não poucas vezes traduzir-se o francez com ambiguidade, e ficar a phrase pouco intelligivel, como n'esta, por exemplo: *Felix o homem que visita as sepulchraes abobadas, que alumia a tocha da morte; aonde parece á primeira vista, que ambos os que se referem a homem, quando em francez o primeiro d'elles é qui, que por si mesmo mostra ser o agente*

do verbo *visita*, e o segundo é *que*, o qual logo também indica ser regido do verbo *alumiã*. Convém portanto, que estas e outras semelhantes phrases se traduzam com reflexão, a fim de se evitar quanto possível fôr a ambiguidade. Assim diremos, v. g. *felix o homem, que visita as sepulchraes abobadas, alumiadas pela tocha da morte ou as quaes alumiã, etc.*

D. F. DE S. LUIZ.



## V

### ABUSO DOS VERBOS TOMADOS IMPESSOALMENTE E DOS VERBOS AUXILIARES

Abusa-se dos verbos tomados impessoalmente :

1.º Quando se põe uns apoz outros no mesmo periodo, fazendo a phrase embaraçada, ás vezes escura e quasi sempre de mau soido. V. g. n'este exemplo : *deixa-se de ser homem de boas intenções, todas as vezes que se esconde com expressões equivocacões ; não se é obrigado a dizer toda a verdade ; mas sempre se está obrigado a fallar verdade ;* que em bom portuguez poderia traduzir-se assim : *Deixa um homem de ter boas intenções, todas as vezes que occulta os seus sentimentos debaixo de expressões equivocacões. Ninguem é obrigado a dizer a verdade toda ; mas todos temos obrigação de fallar verdade, etc.*

E tambem n'este :

*Quando se é educado no seio da grandexa, tem-se toda a difficuldade em persuadir-se que se é semelhante ao resto dos homens, e que o esplendor de que se está cer-*

*cado, se dissipa como um vapor ; quer dizer: Quando alguém, ou quando um homem, ou quando uma pessoa é educada no seio da grandeza, tem toda a dificuldade em persuadir-se que é semelhante ao resto dos homens, e que o esplendor, de que está cercado, etc.*

2.º Quando se ajuncta o verbo tomado impessoalmente no numero singular com nomes do plural, como nas seguintes expressões, e outras, que a cada passo encontramos nas traducções francezas: *Nomeou-se novos commissarios. Fez-se duas proposições. Fabricou-se palacios e jardins. Desejou-se e abraçou-se religiões commodas. Via-se grupos numerosos, etc., etc.* Nas quaes se conhece claramente o cunho do francez, *on nomma des nouveaux commissaires—on voyoit des groupes nombreux—on fit deux motions—on fabrica, etc., etc.*—devendo dizer-se segundo o genio da lingua portugueza: *nomearam-se novos commissarios—viam-se magotes numerosos—fizeram-se duas proposições—fabricaram-se palacios, etc.*

Por onde parece defeituosa na syntaxe esta phrase de Barros *Dec. 3. L.2. C. 1.:* *E como nas terras novamente descobertas primeiro se nota pelos marcantes, que as descobrem, os perigos do mar, devendo dizer: primeiro se notam os perigos.* O mesmo defeito achamos em João Franco, *Eneida portugueza L. 5. Est. 15* aonde diz :

Ver-se-á primeiro as naus mais excellentes  
Correr nas salsas ondas á porfia.

em lugar de *ver-se-ão as naus, etc.*

3.º N'esta e outras similhantes phrases : *Deve-se confessal-o* : *este facto não é provavel*, aonde os nossos traductores enganados pela expressão franceza : *on le doit confesser*, commettem gallicismo que a nossa linguagem reprova. Em bom portuguez diriamos : *Deve-se confessar, que este facto não é provavel*, ou *devemos confessar que este facto*, etc. Da mesma sorte no seguinte periodo : *Esta historia é allegorica* : não se [deve tomal-a ao pé da letra ; mas vós affirmaes que se deve entendel-a em todo o rigor litteral ; pede a syntaxe e o modo de fallar portuguez, que se diga *esta historia é allegorica*, e não se deve tomar ao pé da letra, ou não devemos tomal-a, ou não convém tomal-a ou não deve ser tomada ; mas vós affirmaes que ella se deve entender ou deve ser entendida, etc. em todo o rigor litteral, etc.

Ultimamente para darmos uma idéa geral dos varios modos de trapassar estas phrases impessoaes, a qual sirva de norma aos menos advertidos, convém notar que a particula franceza *on*, que n'ellas commummente se emprega, é uma contracção ou corrupção do antigo *hom* (*homem*) que serve de sujeito da proposição ; e que as phrases *on dit* — *on voyoit* — *on fit*, etc., equivalem, palavra por palavra, ao portuguez *homem diz*—*homem via*—*homem fez*, etc. (1)

(1) Vej. *Condillac, Gramm. P. 2. C. 7.*, e *Grammaire gêner, etc., raison. P. 2. C. 19.*, e se conhecerá melhor quam errada idéa tinha d'este vocabulo um dictionario nosso, aonde vem definido assim : *On é um pronome, que faz os verbos passivos.*

Pelo que parece necessario que este sujeito ou outro seu equivalente, appareça claro ou subentendido na traducção portugueza de semelhantes phrases, ou que estas se possam reduzir ao mesmo sentido por meio da sua analyse grammatical. Eis-aqui os differentes modos com que em bom portuguez podemos satisfazer a este fundamental preceito:

1.º Os nossos classicos imitaram frequentemente á letra o uso francez dizendo, v. gr. na *Ordenação do Sr. D. Duarte*: *Cá sem razão seria ao afflicto accrescentar hom afflicção*. Na traducção do livro de *Senectute de Cicero* por Damião de Goes ms. fol. *mihi* 21: *tambem isto reputo ser mui misero na velhice, cuidar homem, que n'aquella idade é odioso, e fastioso a toda a pessoa*. Nos *Sermões de Paiva*, P. 1. fol. 254 v.: *porque á verdade, de ninguem homem corre tanto risco, como de si*. Em Soiza, *Vida do arcebisbo* L. 3. C. 3.: *gran trabalho, e custosa coisa é fazer homem o que deve, et., etc.*

2.º Ainda hoje nos exprimimos a cada passo do mesmo modo, principalmente no estylo familiar, accrescentando a *homem* o adjectivo articular *um*. V. gr.: *Não pôde um homem ser justo, sem se expor á perseguição dos maus— não sabe um homem quando lhe vem as infelicidades pela porta—convém que o amigo seja muito experimentado para que um homem lhe confie seguramente os seus maiores segredos*. E deste modo se podem traduzir algumas phrases francezas, v. gr. *On peut etre solitaire dans sa maison*; *pôde um homem viver solitario no meio da sua familia*.—*Ce qu'on fait contre son gre, réussit toujours*

*mal; sempre um homem se sahe mal no que faz contra sua vontade, etc., etc.*

3.º Tambem substituímos ao termo generico e indefinido *homem* o outro igualmente indefinido e generico *pessoa* com o mesmo adjectivo articular *uma*, e communmente so no estylo familiar; V. gr. n'estas phrases: *Le monde ne merite point qu'on s'en occupe*; o mundo não merece que *uma pessoa* empregue n'elle os seus cuidados—*On ne peut encore compter sur rien*; ainda *uma pessoa* não póde dar o negocio por seguro, etc.

4.º No estylo culto será talvez melhor usar do mesmo nome generico *homem* porém com o artigo simples o: v. gr. *il faut qu'on forme son caractere dans la solitude*; convém que o *homem* forme na solidão o seu character; —*dans la solitude on soulage son cœur*; na solidão alivia o *homem* o seu coração—*On croit volontiers ce qu'on souhaite*; facilmente crê o *homem* o que deseja, etc.

5.º Tambem se usa do articular *um*, supprimindo o substantivo *homem*, que facilmente se subentende; V. gr: *Plus on s'éloigne de soi-même, plus on s'ecarte du bonheur*; quanto mais *um* foge de si mesmo, tanto mais se aparta da felicidade—*dans la solitude on peut tout ce qu'on veut*; na solidão póde *um* tudo o que quer. *La on jouit de mille plaisirs innocents*, alli goza *um* (ou *um homem*, ou *uma pessoa*, ou *o homem*, etc.) de mil prazeres innocentes, etc

6.º Algumas vezes, principalmente no estylo familiar, empregamos, em lugar do substantivo *homem*, o outro substantivo igualmente generico *gente* com o artigo;

V. gr: *ce que l'on prodigue on l'ote à son héritier: ce que l'on épargne sordidement, on se l'ote a soi-même.* O que a gente desperdiça, tira-o aos seus herdeiros: o que poupa sordidamente, tira-o a si mesmo—L'on ne sauroit s'empêcher de voir dans certaines familles ce qu'on appelle les caprices du hasard, ou les jeux de la fortune; não pôde a gente deixar de notar em certas familias o que chamam caprichos do acaso ou jogos de fortuna, etc.

7.º Outras vezes usamos dos adjectivos articulares *alguem, cada um, quemquer, qualquer*, sem substantivo expresso, ou ajunctando a *qualquer* o substantivo *pessoa*, v. g: *Si l'on m'oppose que c'est la pratique de tout l'Occident; se alguem me oppuzer, que esta é a prática, etc.*—*On en croira tout ce qu'on voudra; mais je pense, etc.*; *cada um* fará a este respeito o juizo que quizer; mas eu penso, etc.; ou: creia *cada um* o que quizer; mas eu, etc.—*Quoi qu'on en dise: il est une sympathie secrète, qui unit les cœurs; diga cada um o que quizer: ha uma sympathia occulta, que une os corações. A son air marcial, on le reconnoit aisément; ao seu gosto guerreiro quem quer (ou qualquer pessoa) o reconhecia facilmente, etc.*

8.º Outras vezes, em lugar do substantivo *hòmem*, usamos do adjectivo colectivo *todos*, (sc. *todos os homens*), sendo a proposição negativa, do adjectivo *ninguem* (sc. *nem um homem*) v. g. nestas phrases: *il la dit, et on s'en souvient; elle o disse, e todos se lembram d'isso; il voudrait briller, et on se moque de lui; elle quer brilhar, e todos zombam delle. On ne sera*



*jamais grand, que par sa grandeur personnelle; ninguem* jamais será grande, se não pela sua grandeza pessoal. *L'on n'écrit, que pour être entendu; ninguem* escreve, se não para ser entendido, etc.

9.º Também se usa, em muitos casos, pôr o verbo absolutamente no plural, e na terceira pessoa, concorrendo com o substantivo occulto *homens* tomado em geral, ou em particular com aquelles *homens* ou *pe-soas*, de quem se falla; ou finalmente na primeira pessoa, referindo-se a nós *os homens*, ou a nós que *fallamos* ou *escrevemos*, ou *lemos*, ou *ouvimos*, v. g. n'estas phrases: *On dit que; disem* que, etc. *On dira que; dirão* que, etc. *Je ne crois, que cette étude soit aussi illusoire, aussi dangereuse qu'on le dit;* não creio que este estudo seja tam illusorio, tam perigoso, como *disem*. *On ne s'en tent pas là: on m'interdit toute société;* não se *limitaram* a isto; ou, não se *contentaram* com isto; ou, não *pararam* aqui (sc. *pe-soas*, que me perseguiam, e de que ja se tem fallado, ou que se entendem pelo contexto): *prohibiram-me* toda a sociedade, etc. *La fête des tabernacles étoit, comme on a déjà vu, une memoire,* etc.; a festa dos tabernaculos era, como já *vimos*, (sc. nós, o que escreve ou falla, e os que ouvem ou lêm) *uma memoria*, etc. *On a raconté quelle fut la funeste suite de son entreprise;* temos referido qual foi a funesta consequencia da sua empreza; ou já *deixamos dito* (sc. nós o *escriptor*) etc., etc.

10. As vezes apassiva-se o verbo, ou usando dos auxiliares *ser* e *estar*, com os participios passivos; ou

ajunctando o caso *se* aos sujeitos da terceira pessoa, que não podem empregar a acção em si mesmos; v. gr: On le *confirma trois fois de suite dans cette dignité*; tres vezes foi confirmado n'esta dignidade. On *assemblea les états*; foram celebradas, ou celebraram-se as cortes. On connoit *les suites deplorables*; são conhecidas, ou são bem sabidas as consequencias, etc. Tout *prospère dans une monarchie, où l'on confond les intérêts de l'état avec ceux du prince*; tudo prospera n'uma monarchia, em que os interesses do estado se confundem com os do principe, etc.

11. Finalmente outras vezes se dá differente construcção á phrase; mas tal, que analysada vem a coincidir no mesmo sentido: v. gr: *Il nagea si loin, qu'on eut de la peine à le sauver*; nadou tanto ao largo, que custou muito (sc. á gente) a salvá-lo. On *touchoit à le époque de cette solemnité*: on en *profita*; era chegada a epocha d'esta solemnidade: *aproveitaram* d'ella. *Les uns préterent le serment exigé*; *les autres le refusèrent*; on *devoit s'attendre a cette division*; uns deram o juramento que se exigia; outros o recusaram: esta divisão *era de esperar*; ou *devia esperar-se* esta divisão. On *sent que nous voulons parler ici de*, etc.: *já se ve* que queremos fallar de... etc. ou *já o leitor conhece*, que é nossa intenção fallar aqui de... etc.

## Abuso dos verbos auxiliares :

Têm os francezes, bem como nós, verbos auxiliares, com cujo soccorro formam algumas vozes dos verbos activos, e todas as dos passivos, v. gr: *j'ai aimé, je suis aimé, être aimé; eu tenho amado, eu sou amado, ser amado*, etc., as quaes são formadas do adjectivo *amado, aimé*, e dos auxiliares *être, avoir; ser, ter*, etc. Porém como o *systema dos tempos dos verbos* é differente em uma e outra lingua, tambem a correspondencia dos auxiliares não é exactamente igual em ambas; e d'aqui resultam muitos gallicismos, que se tem introduzido em portuguez, os quaes somente se podem evitar (em quanto não termos uma boa grammatica portugueza) lendo assiduamente, e com muita reflexão os auctores classicos, e observando n'elles os uzos dos auxiliares, e as circumstancias em que os costumam empregar. D'estes gallicismos daremos alguns exemplos para servirem de advertencia ao menos doctos.

N'esta phrase: *eu lhe tenho pedido a sua palavra de ficar aqui até o fim de Maio, o que ella me tem promettido*; as vozes *tenho pedido*, e *tem promettido*, constituem gallicismo, o qual se corrigiria se dissessemos: *pedi-lhe a sua palavra de ficar aqui...* etc, o que ella me *prometteu*, ou *pedi-lhe* que me desse palavra... e ella me *prometteu*. Por quanto se reflectirmos attentamente no uso portuguez, veremos que as voses formadas pelo preterito *tem* e pelo

*supino* dos verbos, v. gr.: *eu tenho amado*, *eu tenho visto*, etc. não são em portuguez um simples pretérito, mas sim um *preterito com successão de tempo*, e de actos muitas vezes repetidos. Pelo que de uma pessoa, v. gr., que não está em casa, não dizemos *tem saído*, mas simplesmente *saiu*. Da mesma sorte a esta pergunta: *a que hora ceastes hontem?* respondemos: *ceei ds dez horas*, e não: *tenho ceado*. Pelo contrario a esta outra pergunta: *quantas terras tens andado?* responderemos com acerto: *tenho andado muitas*, e em todas *tenho visto* coisas novas, etc.

Outro exemplo: *eu vos certifico, minha querida amiga, que em oito mezes, quē tendo deixado Paris, não se tem passado um só dia, sem felicitar-me do partido que tenho tomado*. Quer dizer em bom portuguez: *certifico-vos, minha querida amiga, que ha oito mezes que deixei Paris, não se tem passado um só dia, em que me não dê o parabem da resolução que tomei*, etc.

Devemos advertir n'este lugar, que quando acabamos de fazer uma acção. v. gr., de *ler um livro*, de *cear*, de *ver um espectaculo*, etc., e dizemos *tenho lido*, *tenho ceado*, *tenho visto*, etc., e estas expressões não são formadas do verbo *ter*, como *auxiliar*, e dos *supinos*; para supprir tempos compostos dos verbos *lér*, *cear*, *ver*, etc, mas sim do verbo *ter*, tomado na sua ordinaria significação, e dos adjectivos *lido*, *ceado*, *visto*, etc., da mesma sorte que diriamos em latim, v. gr. a esta pergunta: *lestes o livro, que hontem vos dei?* — *lectum habeo* — *tenho lido*. *Averiguaste o negocio, que vos re*

*commendei?— exploratum habeo — tenho averiguado, etc.*

A' vista do que deixamos dito, não podemos julgar corrente este lugar de *Vieira* no tomo 3 das *Cartas*, Cart. 56: *aqui não ha novidade mais que a do govérno, em que succedeu Antonio de Soiza de Menezes a Roque da Costa Barreto, que no mesmo dia se tem embarcado mais pobre de fazenda, e mais rico de opinião, que muitos de seus antecessores, aonde parece que deveria dizer: que no mesmo dia se embarcou, etc.*

Tambem se erra, ao nosso parecer, quando se diz, v. gr., *um dos mais vastos designios, que teve homem algum jamais concebido. Logo que elle teve percebido, etc.*; porque em bom portuguez não uzamos de semelhantes fórmulas auxiliares, e dizemos: *um dos mais vastos designios que homem algum jámais concebeu ou tem concebido. Logo que elle percebeu, etc.* Salvo quando o verbo *ter* não é meramente *auxiliar*, e se toma na sua natural significação, como já acima dissemos, e parece entender-se no lugar de *Barros*, Dec. 1, L. 10, Cap. 2., aonde diz: *Pero da Nhaya, sem saber a que entre elles passava, como teve elegido o lugar para a fortaleza, etc., etc.*

Ha tambem em francez alguns verbos, que podemos chamar *auxiliares*, os quaes não são uzados como taes no idioma portuguez, e por isso se devem traduzir por outros de significação equivalentente; v. gr. n'estas phrases: *a virtude* não saberia *ser timida ao pé do throno dos reis*—*este sacrificio* não saberia *ser custoso aos corações que amam a paz*; o verbo *saberia* constitue

um verdadeiro gallicismo, por ser contra o uso da nossa lingua. Diremos pois em portuguez corrente: a virtude *não deve* ser timida, ou *não pôde* ser timida, etc.; este sacrificio *não deve* ser custoso, etc.

Da mesma sorte n'estas phrases: *nous aimons à croire* — *nous sommes heureux de pouvoir annoncer*, etc. — não se devem traduzir litteralmente os verbos *amamos*, *somos felices*, etc.; mas diremos em estylo portuguez *folgamos*, *comprazemo-nos*, *fazemos gôsto*, ou *temos prazer em persuadir-nos*, etc. — *temos a dita*, *temos o gôsto*, *a satisfação de poder annunciar*, ou *estimamos muito*, ou *folgamos de poder annunciar*, etc.

Ha finalmente em portuguez uma particular elegancia, que muitas vezes se despreza na traducção, e que não parece alhêa d'este lugar; e consiste em exprimirmos por uma voz auxiliar o *estado actual*, ou o *effeito progressivo e continuo* da acção significada pelo verbo, v. gr. *eu estava lendo*; *estou escrevendo*; *andei passeando*; *ia-se definhando*; *vae escurecendo*; *vae-se arruinando*, etc., etc. A qual elegancia não so dá graça á phrase, mais tambem as mais das vezes exprime o pensamento com particular força e energia. Por onde deveremos empregal-a nas seguintes phrases, e outras similhantes:

*Dans tout pays, qui se dépeuple, l'état tend à sa ruine*; em todo o paiz, que *se vae despovoando*, tende o estado á sua ruina.

*Les batiments tomoient en ruine*; os edificios *iam-se arruinando*.

*Elle vit paroître un homme, qui se promenoit autour de la maison; ella vio apparecer um homem, que andava passeando á roda da casa.*

*Il languissoit dans la misère; elle ia-se definhando; ia desfalecendo na miseria; ia-se extenuando de miseria.*

*La conversation languit? vae esfriando a conversação, etc., etc.*

D. F. DE S LUIZ.







## VI.

### ABUSO DE OUTRAS PHRASES, E MODOS DE FALLAR.

1.º E' mui frequente em francez exprimir-se por uma proposição positiva a consequencia negativa, que se quer deduzir, como effeito de alguma causa. O portuguez não póde *regularmente* imitar esta syntaxe sem commetter gallicismo, e sem fazer muitas vezes ambiguo o sentido, e até contrario ao que se quer enunciar. Convém pois não traduzir similhantes phrases ao pé da letra; mas exprimir o pensamento em portuguez corrente e intelligivel, v. gr. n'estas phrases:

*O poder e a sabedoria de Deus brilham de uma maneira mui evidente para poderem ser desconhecidos; deve traduzir-se: brilham com tanta evidencia que não podem ser desconhecidos.*

*As nossas leis são bem conhecidas, para que se faça necessario entrar em novas explicações, isto é, são tam conhecidas, que não é necessario entrar, etc.; ou são tam conhecidas que não precisam de novas explicações: ou são tam conhecidas, que não julgamos necessario, etc.*

*O seu crime parece-lhe demasiadamente grande para merecer perdão, isto é, parece-lhe tamanho ou demasiado grande, que não merece perdão, etc.*

2.º Ha na lingua franceza certas proposições, que tem apparencia de *universaes negativas*, mas que em realidade somente significam, que o attributo não convém a todos os individuos da classe, ainda que convenha, ou possa convir a alguns d'elles. Estas proposições exprimem-se de differente modo em francez e em portuguez, e cumpre que se tenha presente a sua particular construcção em ambas as linguas, para não cairmos em erros grosseiros, nem darmos á phrase um sentido falso ou obscuro. Assim, v. gr., traduziremos as seguintes phrases :

*Tous les étrangers ne sont pas barbares: et tous nos compatriotes ne sont pas civilisés.*—Nem todos os estrangeiros são barbaros; nem todos os nossos compatriotas são civilizados.

*Toute terre ne porte pas toutes choses*—Nem todas as terras dam tudo ou são para tudo. (Em latim: *non omnis fert omnia tellus.*)

*Il est vrai que tous ne donnoient point dans ces excès affreux*—E' verdade que nem todos caíam n'estes, horriveis excessos.

*Les annales d'aucun peuple ne présentent l'exemple d'une telle suite de prodiges.*—Não ha povo algum, cujos annaes appresentem uma tal série de prodigios; etc, etc.

3.º E' tambem frequente em francez uzar-se da

particula *plus* com a significação de *quanto mais*, no principio de certas phrases, que constam de dois membros, e exprimem a proporção de dois objectos entre si. Por se não attender a esta significação, é errada a construcção das seguintes phrases:

Mais *eu examinava*, mais *minha admiração crescia*.

Mais o *orgulho cuida avisinhar-se ao seu fim*, mais *elle com effeito se afasta*.

Mais *vossa alteza se acostumará a seguir as grandes cousas*, mais *admiração lhe causarão estes conselhos da Providencia*. As quaes se deviam traduzir assim:

*Quanto mais eu examinava*, *tanto mais crescia a minha admiração*.

*Quanto mais cuida o orgulho avisinhar-se ao seu fim*, *tanto mais se afasta d'elle*.

*Quanto mais vossa alteza se acostumar a seguir as coisas grandes*, *tanto maior admiração lhe causarão estes conselhos da Providencia*, etc. etc.

4.º Ha tambem em francez certas proposições, que podemos chamar *exclusivas*, nas quaes se affirma que uma coisa existiria, se se verificasse a exclusão de outra. Esta exclusão exprime-se em francez pela preposição *sans*, que n'esses casos vale tanto como o portuguez *se não fosse*, *menos que*, ou *a menos que*, etc. V. gr. *J'aurois gagné mon procès sans vous*; *se vós não fosseis*, teria eu ganhado o meu processo ou teria eu vencido a minha demanda. E' pois necessario que em portuguez se dê a estas phrases o conveni-

ente sentido, para se evitar o gallicismo, que notamos nas seguintes:

*Sem o auxilio de Minerva, Ulysses perecia*, isto é, se não fosse o auxilio de Minerva, *perecería* Ulysses; ou Ulysses *perecería*, menos que Minerva o não soccorresse: ou, *se Minerva não soccorresse* a Ulysses, por certo que elle *perecería*, etc.

*Sem vós eu andaria exposto á inconstancia deste monstro*; isto é, *se vós não fosseis*, andaria eu exposto, etc.

5.º As expressões francezas, em que entra o verbo *falloir*, v. gr. *il faut, il fallait, il fallut, il faudra, il ne faut, il ne faut que*, etc., nem sempre se devem traspassar da mesma maneira, e a ignorancia dos differentes significados, que lhe correspondem em portuguez, é origem de frequentes erros. Daremos alguns exemplos do modo com que em differentes circumstancias se devem traduzir, para servirem de advertencia aos meços douctos:

*Dans tout état il faut une religion: il en faut une a tout homme*; em todo o estado é necessaria uma religião: cada homem *deve também ter* a sua.

*C'est aujourd'hui qu'il faut signaler notre valeur*; hoje *cumpré* ostentarmos o nosso valor; hoje é que *devemos* distinguir-nos pelo nosso valor.

*Nous sacrifierons pour eux notre repos, notre liberté, notre sang même et notre vie, s'il le faut*; por elles sacrificaremos o nosso repouso, a nossa liberdade, e até, *se necessario fór*, o nosso sangue e a nossa vida.

*Les mysteres, s'il en faut croire les anciens, etoient, etc. Os mysterios, se havemos de dar credito aos antigos, eram, etc.*

*Néanmoins, il n'en faut douter, il y aura toujours une intime union, etc. Comtudo, não o duvidemos, haverá sempre uma intima união, etc.*

*C'etoit plus qu'il en falloit pour flatter l'orgueil du père, et de la mère d'Emilie; era mais que bastante para lisongear, etc.*

*Il ne faut juger des hommes comme d'un tableau; não se deve julgar dos homens, como de um painel; cumprir não ajuizar dos homens, etc.*

*Il ne falloit pour cela qu'aider les progrès des connoissances; bastava para isto auxiliar o progresso, etc. Para isto nada mais se requeria, ou nada mais era necessario, se não auxiliar, etc.*

*Il ne faut point supposer les hommes gratuitement criminels; não se devem suppor os homens gratuitamente criminosos; cumprir que não supponhamos os homens, etc.*

6.º Repetem-se na oração franceza alguns vocabulos cuja repetição em portuguez seria um erro. Taes são por ex.: 1.º as *terminações dos adverbios*; V. gr. Obra em tudo *prudentemente e honradamente*, que em melhor portuguez diremos: obra em tudo *prudente e honradamente*: 2.º em alguns casos os *artigos* ou os *adjectivos articulares*; v. gr. o *homem levado pelo interesse e a curiosidade*, isto é, *pelo interesse e curiosidade*—*Por seus discursos e suas acções, se concebiam*

*d'elle mui altas esperanças, isto é, por seus discursos e acções* ou *por seus discursos e por suas acções*. A este respeito não será inutil advertir que achamos nos classicos portuguezes algumas phrases que nos parecem incorrectas; v. gr. na *Vida do Arcebispo*, liv. 4, cap. 1.<sup>o</sup>: *Esta alçada foi occasião de muito desgosto ao arcebispo e muita despeza*; aonde parece que se deveria dizer, *foi occasião de muito desgosto, e despeza ao arcebispo*; ou *foi occasião de muito desgosto e de muita despeza*. Em Jacyntho Freire *Vida de Castro*, liv. 2, § 6: *Começou a gozar a melhor parte da graça de Badur, ou ja por sua fortuna ou sua industria*, isto é, *ou por sua fortuna ou por sua industria*, etc, etc. 3.<sup>o</sup> *o que depois de mais*; v. gr. *não tereis mais que um semblante e que uma palavra*; isto é, *mais que um semblante e uma palavra*, etc...

7.<sup>o</sup> Finalmente ha em francez muitos outros modos de fallar, em cuja traducção se commettem frequentes erros por ignorancia ou inadvertencia. Como não escrevemos a arte de traduzir o francez, apontaremos somente alguns exemplos, que sirvam de pôr em cautela os menos douctos:

*Je crois bien; je crois assez* — *Creio de boq mente; facilmente creio*; ou como ás vezes diz Vieira, *eu bem creio que*, etc.

*Fasse le ciel que. Permitta o céo que; Deus permitta que*, etc.

*Quelle est la disposition du moment des esprits*. Qual é *ao presente* a disposição dos espiritos; qual é *actual*:

disposição ; qual é a disposição em que ao presente se acham os espiritos, etc.

*J'eus beau prendre à témoin celui-là même.... il fut surd, etc.*—Em vão o tomei por testemunha a elle mesmo... elle se fez surdo ; ou por mais que o tomei a elle mesmo por testemunha, fez-se surdo das minhas vozes, etc.

As phrases francezas em que entram os vocabulos *trait* e *coup*, admittem differentes modos de traducção, que se devem ter presentes ; v. gr:

*Le sceau de sa reconciliation fut un trait de libéralité.* O sêllo da sua reconciliação foi um lanço de liberalidade ou uma acção de liberalidade.

*Des volumes nombreux suffiraient à peine pour narrer ce qui a trait à cette partie de notre histoire.*—Apenas bastarião numerosos volumes para narrar o que diz respeito a esta parte da nossa historia.

*Toutes les découvertes, qu'elle fit.... furent des nouveaux traits, que déciderent son goût, etc.*—Todos os descobrimentos que ella fez.... forão novos motivos, que determinaram o seu gosto, etc, etc.

*Faire un trait d'ami.* Fazer uma acção de amigo.

*Faire un beau coup ; un grand coup ; un coup d'éclat.* Fazer uma acção insigne ; um insigne feito ; uma acção estremada, etc.

*Tenir coup à l'étude.* Perseverar no estudo, etc, etc.

D. F. DE S. LUIZ.





## VII

### ABUSO NA COLLOCAÇÃO DOS VOCABULOS

Seria necessario um longo discurso para mostrarmos todas as differenças, que ha entre as duas linguas, portugueza e franceza, na collocação e ordem dos vocabulos e phrases entre si: mas este assumpto, que aliás mereceria ser tratado com alguma extensão, não cabe nos limites de um simples *Glossario*. Bastará reflectirmos aqui em summa que, sem embargo de seguirem ambas estas linguas a ordem directa e analytica das idéas, tem comtudo a portugueza muito maior liberdade para usar de transposições, sem fazer o discurso embaraçado ou obscuro. Assim, v. gr., como ja notou um critico illustrado, o que Jacyntho Freire escreve com elegancia: *não sepultaram côm siigo aquelles valerosos portuguezes toda a gloria das armas*; verte o francez com muito menos graça: *ces vaillants portugais n'ont pas enseveli avec*

*eux tute la gloire des armes.* E o que os francezes exprimem por esta phrase: *ceux qui étoient convaincus d'avoir employé d'indignes voie pour parvenir au commandement, en étoient exclus pour toujours*; pôde em muito bom portuguez traduzir-se por diferentes modos; v. gr.: *Os que erão convencidos de haverem empregado meios indignos para alcançar o commando, ficavam excluidos d'elle para sempre*; ou talvez melhor: *ficavam para sempre reputados inhabeis para a commando os que eram convencidos de o haverem pretendido por meios indignos.* Similhantermente este verso:

*Je chante les combats, et cet'homme pieux,*

que é a traducção do primeiro hemistício da *Eneida* de Virgilio, e que em francez não admitte outra ordem de vocabulos, pôde traspassar-se ao portuguez dizendo:

*Eu canto as armas, e o varão piedoso;*

ou transpondo, como fez João Franco Barreto na *Eneida Portugueza*:

*As armas, e o varão canto piedoso.*

Por onde se ve que o escriptor portuguez tendo mais liberdade que o francez para inverter a ordem dos vocabulos, pôde muitas vezes escolher a seu arbitrio o lugar que cada um delles deve occupar no discurso, a fim de que a expressão fique mais harmonica, e a imagem mais viva e animada.

Segundo este principio, que é verdadeiro e generico,

cumpre que os traductores portuguezes, adoptando a prudente liberdade que lhes offerece a sua lingua, procurem evitar a fastidiosa monotonia que resultaria de uma traducção demasiadamente litteral, e o ar e geito afrancezado de que aliás se reveste o discurso.

Estas expressões, por exemplo, que a cada passo encontramos nas nossas modernas traducções: *eu me lembro*; *eu vos certifico*; *eu lhe tenho pedido muitas vezes*, etc.; podem, e muitas vezes devem inverter-se, dizendo, segundo o genio da lingua portugueza: *lembro-me*; *certifico-vos*; *muitas vezes lhe tenho pedido*; ou *tenho-lhe pedido muitas vezes*; ou, *tenho-lhe muitas vezes pedido*; ou *pedido lhe tenho muitas vezes*, etc.

Ha outras frases, em que não so é permittida, mas até (segundo o nosso parecer) muitas vezes necessaria a inversão. v. gr. n'esta: *Felippe, tendo mandado pedir aos lacedemonios uma coisa injusta, lhe responderam: não*; aonde o nome *Felippe* posto no principio da phrase, como que requer um verbo, que em realidade não apparece, ficando o sentido quasi suspenso, e o espirito do leitor embaraçado. Este defeito porém se desvanecerá se dissermos ao modo portuguez: *tendo Felippe mandado pedir*, etc. Da mesma sorte acontece em estoutra phrase: *Os armazens das tormentas abrindo-se sahiram d'elles como em ondas os coriscos e raios*, que em melhor portuguez pede esta construcção: *abrindo-se os armazens... sahiram d'elles*, etc.

Os nossos classicos não evitaram de todo este defeito. Barros na *dec. 4, l. 10, c. 7*. principia assim: *As coisas*

*de Diu estando no estado que contamos, o capitão Antonio da Silveira suspeitando a vinda dos Rumes... mandou uma fusta, etc.*, devendo ao nosso parecer, usar de transposição d'este modo: *Estando as coisas de Diu no estado que contamos, o capitão Antonio da Silveira, como suspeitasse a vinda dos Rumes, mandou, etc.*

Na *decada 2, l. 1, c. 5*, diz tambem: *Havida esta victoria, e os moiros postos debaixo do palmar, em modo de cerco, assombrava-se Lourenço de Brito ainda tanto com elles, etc.*, que melhor se diria d'este modo: *havida esta victoria, e postos os moiros debaixo do palmar, etc.*

Lobo, *Corte na Aldéa, dialogo 11*, traz tambem este periodo: *Outro estudante do meu tempo, passando parte de uma noite de inverno em casa de um amigo... choveu tanta agua, e cresceu com tanta furia o Mondego, etc.*; aonde o leitor, esperando pelo verbo do sujeito *outro estudante*, acha-se por fim embaraçado na intelligencia da phrase, e com esta especie de equivocação, quasi que se desgosta da leitura.

Nem se nos attribua a temeridade ou presumpção tacharmos assim de defeituosos os nossos bons auctores. A ignorancia geral que então havia dos principios philosophicos da linguagem, os fazia cabir em muitos erros contrarios á *boa ligação das idéas*, que é a base fundamental de todos os preceitos relativos ao arrançamento dos vocabulos, e á organização interna do discurso: concorrendo tambem para isto a demasiada, e ás vezes servil, imitação da construcção latina, procedida da

errada opinião n'aquelle tempo e ainda hoje mui vulgar, de que a nossa lingua é filha d'ella e tem, como tal, o mesmo genio e indole.

Mas voltando ao nosso objecto: tem tambem as linguas seus particulares caprichos, por assim nos explicarmos, que o escriptor polido e exacto deve respeitar: e por isso, ainda que da diversa posição dos vocabulos não resulte ambiguidade, nem ma intelligencia da phrase, convém todavia não alterar a fórma, que constantemente se tem adoptado para a exprimir. Por exemplo nas seguintes phrases: *E' d'esta sorte que o sabio se vinga; é por isso que eu me resolvi; é n'este projecto que daes a luz a vossa obra; foi neste intuito que o legislador ordenou,* etc., não se encontra ambiguidade ou escuridade alguma; e com tudo o estylo portuguez demanda differente collocação de vocabulos, e exprime-se d'esta maneira: *d'esta sorte é que o sabio se vinga; ou assim é que se vinga o sabio; ou ainda mais simplesmente: d'esta sorte se vinga o sabio; por isso é que me resolvi; com este projecto é que daes a luz,* etc., etc.

Da mesma sorte n'esta phrase: *Os principaes artigos de seu commercio são trigo, legumes, etc., e cem embarcações se carregam todos os annos d'este porto para Marselha;* ainda que não haja ambiguidade, seria comtudo muito melhor traduzir assim: *Os principaes artigos do seu commercio são trigo, legumes, etc., e todos os annos se carregam cem embarcações,* etc.

E em estas outras: *Carteis afixados em todas as ruas eram dirigidos contra esta auctoridade,* dir-se-ia em me-

lhor portuguez: *em todas as ruas se viam pasquins dirigidos contra, etc.*

Mais necessaria é ainda a inversão n'esta phrase: *Marco Aurelio, em uma necessidade urgente, antes do que carregar os povos de novos impostos, vendeu os moveis do palacio imperial* » cujo sentido é: *Marco Aurelio, em uma necessidade urgente, antes quiz vender os moveis do palacio, do que carregar os povos; etc.* ou mais quiz vender ou preferiu vender, etc.

Outras vezes, ainda que a collocação franceza não seja contraria ao estylo portuguez, podemos todavia variar na traducção, aproveitando-nos da liberdade da nossa lingua para fazermos o discurso ou mais corrente, ou mais elegante. Este periodo, v. gr.: « *Todos aquelles bens, que se não adquirem senão por caminhos obliquos, são raramente de longa duração: o céo para punir, sem duvida, os que os possuem, os faz desaparecer como um fumo; se traduziria melhor dizendo: Raras vezes tem longa duração... ou, raras vezes se logram por muito tempo... ou, é raro serem de longa duração... ou raramente são duraveis os bens que se adquirem por turtuosos caminhos: o céo os faz desaparecer como fumo, sem duvida para punir os que os possuem: ou: Raras vezes tem longa duração os bens, que somente se adquirem por caminhos tortuosos: o céo, etc, etc.*

Com mais razão -se deve variar a collocação, dos vocabulos, quando do contrario se segue alguma ambiguidade, obscuridade ou embaraço ná phrase, como succede, por exemplo, no seguinte periodo, que achamos

traduzidos do francez : « *Se vós fosseis lavrador, que esperarieis da bondade do Principe ?— Que elle me segurasse o fructo do meu trabalho, e que me deixasse gozal-o, pagando-lhe eu o seu tributo, com meus filhos e minha mulher ;* aonde a phrase *pagando-lhe eu o seu tributo, com meus filhos e minha mulher,* faz um sentido não só ambiguo, senão tambem falso e absurdo, o que se evitaria, arranjando assim o periodo: *Que elle me assegurasse o fructo do meu trabalho, e mo deixasse gozar com meus filhos e mulher, pagando-lhe eu o seu tributo ;* ou assim: *e que mo deixasse gozar a mim, a meus filhos e a minha mulher pagando-lhe eu »* etc., etc.

Não adiantaremos mais as nossas reflexões a este respeito porque seria impossível estabelecer regras fixas e invariaveis sobre um assumpto, que depende quasi inteiramente das particulares circumstancias do discurso; e porque o pouco que temos dito basta para despertar a advertencia e reflexão dos traductores, e para os mover a corrigir os multiplicados gallicismos, de que estão chéas as nossas traducções modernas. Uma so coisa porém tornamos a repetir, e não cessaremos de inculcar, e é que so a assidua lição dos classicos nacionaes e o aturado estudo das suas obras, juncto com o conhecimento dos principios philosophicos da grammatica universal, podem vir a libertar a lingua portugueza das fórmas estrangeiras, que n'ella se tem introduzido, e restituil-a á sua nativa pureza e elegancia. Seja pois este o principal cuidado dos eruditos portuguezes, que amam a sua linguagem, e não se dirá mais

por ella o que ja com galantaria disse um escriptor  
doucto: *Que pelo pouco que lhe querem seus naturaes,  
a trazem mais remendada que capa de pedinte.* Lobo,  
*Corte na Aldéa, dialogo 1.º*

D. F. DE S. LUIZ.





## VIII

### AS TRADUÇÕES E CONSELHOS AOS TRADUCTORES.

A leitura frequente dos livros francezes tem corrompido a nossa linguagem por tal maneira que ja hoje é impossivel desinçal-a dos gallicismos, nomeadamente os de phrase, em que abunda. Se isso em alguns casos é damnoso ou util para a grammatica ideologica, isto é, se algumas construcções d'aquella lingua, extremamente regular, serão boas de ageitar ao nosso idioma não o podemos aqui dizer; mas o que não padece dvida é que essa lição de auctóres francezes poz em esquecimento os portuguezes; que os habitos e costumes excellentes dos nossos antepassados se tem alterado e modificado em grande maneira por tal motivo, visto que a frequencia de estrangeiros torna extranhos os usos de qualquer povo e o tracto dos livros produz muitos effeitos semelhantes ao do tracto dos homens. Acresce que sendo a nossa lingua abundantissima e escaça a franceza a muitos respeitos pela falta de

conversar os escriptores nacionaes, encurtamos e empobrecemos as fórmãs e os elementos do discurso.

Sabemos que muita gente escarnece dos que amam a pureza da lingua; mais a razão é obvia: mas facil é escarnecer dos bons estudos do que seguil-os,

A leitura dos livros classicos está ao alcance de poucos por uma parte e por outra estes versam muitas vezes sobre materias aridas e pouco importantes para este seculo. Quem ha ahi que, por exemplo, possa colher ás mãos a curiosissima historia da *Ethiopia oriental* de frei João dos Santos, a *Viagem* de frei Gaspar de S. Bernardino e outros tantos livros raros e ricos de instrucções deleitosas? E aquelles que por edições repetidas sem grande custo se podem comprar e ler, sobre que versam em geral? Contam milagres de sanctos, por vezes incriveis; descrevem usanças monasticas, pregam sermões sem unção, e quando muito pintam pelepas dos nossos maiores, em que ordinariamente ja de antemão lhes sabemos das victorias.

E, para não accumularmos exemplos, quem pôde ir atraz do bonissimo Lucena, parando por quantas enseadas, por quantas aldeas tem a India, as Molucas e o Japão, para escutar as minimas acções de S. Francisco Xavier e dos seus jesuitas; para ver maravilhas onde muitas vezes a razão humana basta para explicar naturalmente o caso.

Um erudito, que por novecentas paginas de folio vae buscando em Lucena uma ou outra passagem eloquente n'aquella tulha de dormideiras, leva isto com

paciencia, esfrega os olhos e segue ávante por esse mar de somno para chegar ao porto do desejado *Finis, laus-Deo*, e poder gabar-se da inaudita façanha de haver lido a *Vida de S. Francisco Xavier*; mas o vulgo dos leitores vingam-se em si proprio de alheos erros, e largando por mão o volume tedioso, volta-se para os mui agradaveis livros francezes e se por acaso (n'esta época em que graças a Deus, todõs escrevemos e estampamos) um d'esses ledores se converte em escriptor, certa é a tormenta e o graniso dos *remarcaveis* e *deboches*, das *conductas* e dos *afazeres* e outros que taes hedi-ondissimos gallicismos, com que até ja embicam os estudantinhos que apenas tem lido a cartilha e o panegyrico de *D. João de Castro* por Jacyntho Freire.

D'esta leitura das obras francezas ainda outro damno grave se segue, e vem a ser que até tractando de materias curiosas, os livros portuguezes enfastiam.

Quem está habituado a certas idéas e a certa ordem e disposição d'ellas, não gosta do que váe fóra d'aquelle trilho que costumou seguir. O que muito tem manuzeados os livros francezes, não so não gosta de ler os portuguezes, mas nem os inglezes, nem os allemães, nem os italianos, nem os de outra qualquer lingua; porque cada nação, pensando a seu geito, tem por consequencia as suas idéas particulares e o seu modo de as exprimir, e o espirito habituado ao que é especial d'esta ou d'aquella, não se afaz levemente ao que o é de qualquer outra.

Quanto a traducção dos bons livros estrangeiros em

que acima tocamos, forçosamente deploramos que isso se não haja feito. Dizem que o povo não lê se não novellas: mas que ha de elle lêr se não lhe dam outra cousa? Porque desprezarão os homens eminentes nas letras o serem traductores? Não nos parece isso fundado em bôa razão. Uma versão bem feita é tambem um titulo de gloria.

O celebre Guizot traduziu a *Historia da decadencia do imperio romano* pelo inglez Gibbon e não é esse o escripto que menos reputação lhe alcançou. Entendemos que as primeiras obras que devem verter-se são as dos historiadores; por que é esta a leitura mais facil, e o degráu que sem custo subirão os ledores de novellas.

Creado o gôsto de ler, brevemente se tornará em necessidade, e é então que os livros mais fastidiosos de outras sciencias e das artes se poderão com pro-veito publicar. E' preciso que nos lembremos que não carecemos so de dar livros ao povo, carecemos tambem de pouco a pouco o habituarmós de lêr.

ANONYMÔ,



Desta audacia, senhor, d'este descôco  
Que entre nós sem limites vae lavrando,  
Quem mais sente as terriveis conseqüencias  
E' a nossa portuguez casta linguagem

Que em tantas traducções corre envasada  
(Traducções que merecem ser queimadas)  
Em mil termos e phrases gallicanas.  
Ah! se as marmoreas campas levantando,  
Sahissem dos sepulchros, onde jazem  
Suas honradas cinzas, os antigos  
Lusitanos varões, que com a penna,  
Ou com a espada e lança a patria ornaram,  
Os novos idiotismos escutando,  
A mesclada dicção, bastardos termos,  
Com que enfeitar intentam seus escriptos,  
Estes novos ridiculos auctores:  
Como se a bella fertil lingua nossa.  
Primogenita filha da latina,  
Precisasse de estranhos atavios;  
Subito, certamente, pensariam  
Que nos sertões estavam de Caconda,  
Quilimane, Sofala ou Mossambique;  
Até que ja por fim desenganados  
Que eram em Portugal, que os portuguezes  
Eram tambem os que os costumes, lingua,  
Por tam estranhos modos affrontaram,  
Segunda vez de pejo morreriam.

A. DINIZ DA C. E SILVA.

---

De traducções estamos nós gafos: e com traducções levou o ultimo golpe a litteratura portugueza: foi a estocada de morte que nos jogaram os estrangeiros. Traduzir livros d'artes, de sciencias é necessario, é indispensavel; obras de gôsto, de ingenho raras vezes convem; é quasi impossivel fazel-o bem, é mingua e não riqueza para a litteratura nacional.

Essa casta de obras estuda-se, imita-se, não se traduz. Quem assim faz accomoda-as ao character nacional, dá-lhes côr de proprias e não so veste um corpo estrangeiro de alfaias nacionaes, como traductor, mas a esse corpo dá feições, gestos, modo e indole nacional: assim fizeram os latinos, que sempre imitaram os gregos e nunca os traduziram; assim fizeram os nossos poetas da boa idade. Se Virgilio houvera traduzido a *Iliada*, Camões a *Eneida*, Tasso os *Luziadas*, Milton a *Jerusalém*, Klopstock o *Paraiso perdido*, nem um d'elles fôra tamanho poeta, nem uma d'essas linguas se enriquecêra com tão preciosos monumentos, e todavia imitaram uns dos outros e d'essa imitação lhes veio grande proveito.

Esta mania de traduzir subio a ponto em Portugal, e de tal modo estragou o gôsto do público, que não so lhe não agradavam, mas quasi não entendia os bons originaes portuguezes: a poesia, a litteratura nacional reduziu-se a monotonos sonetos, a trovinhas d'amores, a insipidas enfiadas:

De versinhos anãos a anãos Nerinas.

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Uma alluvião de traducções do francez em portuguez tem, de cincoenta annos a esta parte, inundado a litteratura nacional; mas infelizmente quasi todas ellas, longe de acreditarem seus auctores, so manifestam sua insufficiencia em tam escabroso encargo.

Como meus deveres e fadigas se endereçam unicamente a aplinar aos alumnos portuguezes e brazileiros a difficil estrada das sciencias, tomei o trabalho de cotejar algumas d'essas versões com os respectivos originaes; e não me foi necessario longo exame para ver verificado o que um erudito escriptor nosso asseverou: « Que a maior parte dos que se deram ao estudo da lingua franceza, nunca estudaram a lingua portugueza, nem a leram nos nossos auctores classicos. »

Chega-se a isto que, applicando eu ás ditas versões aquellas regras que sabios mestres prescreveram para este genero de trahalho, achei que, ou os actuaes traductores não as leram ou se as leram, julgaram-as erroneas e por consequente indignas de sua attenção.

Todavia, como este discurso somente se dirige a mancebos, que não minguados no idioma francez, desejam exercitar-se vertendo em portuguez algumas passagens de auctores francezes; sem me deter em escrutar as razões, que houveram os antigos trasladadores, so aqui apontarei em grosso, alguns preceitos indispensaveis aos que começam a traduzir.

E' mui conveniente pois que o jovem alumno, antes de aprender uma versão, se dê com summo cuidado

á leitura dos bons escriptores nacionaes, mormente d'aquelles que por pureza, elegancia e fôrça no dizer, ja adqueriram a prerogativa de classicos; e isto sempre com a penna na mão, lançando em nota todas as elegancias, phrases ou locuções que designem o genio particular do idioma patrio, trabalho que de muito lhe valerá quando se vir precisadõ a equivaler com uma phrase portugueza outra phrase franceza, cuja traducção não possa accomodar-se em linguagem.

Evite o alumno verter á letra aquelles mesmos lugares em que o character de ambas as linguas o permite: ao contrario so formará uma cópia despida de harmonia.

E porêm, para que a liberdade, que a arte lhe concede, não degenerere em perniciosa licença, eis em summa, as regras, que observar deve na versão:

Empregará n'esta fielmente todas as locuções originaes, dado que a lingua as admitta.

Guardará a ordem das coisas; quer ellas sejam factos, quer discursos.

Não quebrará o fio das idéas, nem o dos membros do periodo; e, bem que n'alguns casos se dê excepção de regra, encurtal-o-á o menos possivel.

Devem as phrases symetricas ser substituidas por outras tambem symetricas ou por equivalentes: e, deve, outrosim casar-se o estylo da cópia com o estylo original.

Releva que o traductor conserve as figuras e os pensamentos do modêlo; isto é, que ponha todo o es-



fôrço em transmittir a seus leitores os objectos da mesma sorte que o auctor os representa.

Se a versão fôr de poema, deve o traslactor incender-se em estro poetico; sustentar a viveza, o fogo, a variedade das expressões originaes e não adulterar a dignidade do assumpto.

Finalmente, aquella so se pôde chamar optima traducção, que exprimindo as idéas e os sentimentos do auctor, conserva o gráu, fôrça e clareza que lhe ministram o genio e o gôsto do idioma em que é feita, de maneira que longe de parecer servil cópia, dá antes mostras de producção original.

Mas, para attingir tam sublime predicado, convém que o traductor faça fallar o auctor como este mesmo fallára se escrevera na linguagem do primeiro.

JOSÉ DA FONSECA.

---

Finalmente aproveitamos esta occasião para advertir aos nossos leitores, que além dos particulares gallicismos, se nota em quasi todas as nossas traducções, e ainda em muitas das obras originaes modernamente escriptas, um certo *pensar francez*, o qual ainda mais que os vocabulos ou phrases individualmente consideradas, altera a fôrma original do idioma e lhe dá um colorido estrangeiro, e alhão da sua natureza.

Este *pensar francez*, que melhor se entende do que

se explica, não resulta de um ou outro gallicismo, que individamente se haja introduzido, e que com facilidade se póde corrigir e evitar; mas consiste em tomarmos do francez um modo particular de tecer o discurso e um certo ar, geito ou estylo de fallar e escrever, que é improprio d'aquella lingua e que não conforma com a indole, genio e caracter da lingua portugueza.

Duas são as principaes causas deste grande e mui geral defeito. A primeira: a frequente lição dos livros francezes, quando quem os lê não está sufficientemente premunido com o estudo e conhecimento da sua propria lingua, para evitar o perigo de contrahir na locução habitos, que lhe são contrarios. A segunda: a falta de um bom dictionario de ambas as linguas, aonde se veja com clareza e precisão a mutua correspondencia de vocabulos e phrases, e o differente caminho, que cada uma segue para explicar os seus conceitos.

Para se atalharem os effeitos, ja demasiadamente extensos, d'estas duas poderosas causas, um so remedio propomos e recommendamos aos nossos leitores, o qual consiste na assidua lição dos classicos, que melhor possuiram a nossa lingua, e n'ella escreveram. N'elles acharão um thesoiro de vocabulos e phrases, com que possam exprimir não so exactamente, mas até com desenfastiada e elegante variedade, as suas idéas e conceitos, sem mendigarem dos estranhos o que tem de superabundancia na sua propria patria. N'elles aprenderão a maneira verdadeiramente portugueza de tecer o discurso, de ordenar e arranjar todas as partes d'elle, e de orna-

mental-o com aquellas graças, e modos graves e des-affectados, que são proprios do idioma, e que o fazem igual aos melhores da Europa, e superior a alguns dos mais copiosos e pólidos. Por elles' emfim chegarão a formar uma idéa adequada das relevantes qualidades da nossa lingua; e a dar-lhe a estima e preferencia, que ella merece; e a restituir-lhe a sua natural belleza e formosura, desacompanhando-a dos ornamentos e modos estrangeiros, que tanto a tem desfigurado.

D. F. DE S. LUIZ.

---



## IX

### CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM E SUAS TRANSFORMAÇÕES.

Rematarei esta segunda parte da presente obra, em que tam alto brado se levanta contra as palavras e phrases da lingua franceza introduzidas no idioma portuguez sem necessidade e com desdoiro da sua indole, as seguintes considerações sobre a linguagem e suas transformações, para que os estudiosos, que procuram evitar os males que apontam os mestres, se não desnor-teem pela vereda opposta enredando-se por de mais na ridicula e affectada imitação dos antigos classicos, cujo estylo pertenceu a uma epocha, deu-lhe physionomia distincta e revestiu-a de seu colorido.

Cumpre estudar nos auctores de boa nota as feições characteristics da nossa lingua, mas não copia-los servilmente, condemnando o idioma a immobilidade e escrevendo a cem, duzentos ou trezentos annos de distancia, da maneira por que a fallamos ou fallam os nossos contemporaneos:

« Não póde, diz o illustrado Sr. Latino Coelho, a linguagem de nem um povo immobilisar-se e como que

fundir-se em bronze para desafiar nos seus contornos immutaveis a acção do tempo e das idéas. Toda lingua viva, por isso mesmo que tem acção e movimento, é um organismo, em que se estão passando perennemente profundas transformações.

« Não somente se permutam, por uma contínua assimilação, os antigos elementos, senão que por uma lei universal da natureza, a da variação inevitavel dos typos e das fórmas organicas, vão perdendo pouco a pouco as feições primordiaes e accommodando a sua indole ao meio em que respiram. Já passou o tempo, em que o fanatismo litterario e o purismo exagerado até á superstição lastimava como vergonhosa decadencia o não se conservarem como religiosa e immaculada tradição, os primores do classico dizer, e em que se forçava o seculo presente a trasladar o seu pensar n'aquella mesma lingua, em que se tinham memorado os feitos das nossas glorias e conquistas ou se haviam mudulado os cantos nacionaes.

« Quando na litteratura, sem renegar inteiramente a auctoridade dos modelos, se concedeu tambem lugar aos fóros do moderno pensamento; quando se advertiu que acima de uma linguagem, reputada inexcedivel na melodia, na propriedade e na expressão, está a lei inquebrantavel do progresso humano, e que após as idades aureas, que a historia registrou nos mais nobres e perfectos monumentos litterarios, estão justamente como grondiosa compensação á inferioridade esthetica dos nossos tempos os mais sublimes descobrimentos da sciencia

e da razão, a amovavel idolatria pela vernaculidade seiscentista cede o passo ás peremptorias intimações de uma nova e diversa civilisação.

« A cada idéa corresponde um novo molde, a cada variação no pensamento uma forçosa alteração no idioma nacional. Enleva-se o cultor entusiasta da bella antiguidade ao contemplar as reliquias da arte grega, e sob o conceito esthetico prefere o genio que ideou o Parthenon ao talento que perfura o Monte Ceniz.

« Ainda hoje nos delicia o dizer terso e inimitavel d'aquelle elegantíssimo escriptor, que soube dar encanto e colorido as lendas piedosas e monasticas. E contudo séria hoje inexequivel acudir ás exigencias da nossa civilisação, mantendo intemerata a arte hellenica. E seria não sómente absurdo mas risivel que no meio dos nossos parlamentos tratassemos as questões da vida prática nos periodos sonoros do frei Luiz de Souza ou de Bernardes.

« Conciliar quanto é possivel a pureza da linguagem com as innovações necessitadas pela indole do moderno pensamento, e dirigir discretamente a lenta e racional transformação do idioma, sem que se bastardeie e degenere por insensatos e desnecessarios neologismos no vocabulario e sobretudo na fórmula de dizer, eis ahi o problema que é forçoso resolver em cada epocha, de maneira que a falla nacional, sem perder a elasticidade, conserve todavia as suas feições e caracteres individuaes. »

J. NORBERTO DE SOIZA SILVA.





## **TERCEIRA PARTE**



# GLOSSARIO

DAS

## PALAVRAS DA LINGUA FRANCESA

QUE POR DESCUIDO, IGNORANCIA OU  
NECESSIDADE SE TEM INTRODUSIDO NA LOCUÇÃO  
PORTUGUEZA MODERNA; COM O JUIZO CRITICO  
DAS QUE SÃO ADOPTAVEIS.

Do que se antigamente mais prezaram  
Todos os que escreveram, foi honrar  
A propria lingua, e n'isso trabalharam.

FERREIRA. LIV. I, CART. 3.



## Advertencia

---

Foi do meado do decimo oitavo seculo para ca que começou a decadencia da pureza da linguá portugueza, a qual coincidio com a creação da academia real das sciencias de Lisboa. Procurou essa illustrada corporação por todos os meios ao seu alcance oppór barreira á devastadora invasão dos gallicismos. Superou o mal todos os obstaculos e tornou-se quasi que invencivel.

« Este mal, diz o Visconde de Almeida Garret, que sôbre perverter o character da nação, de todo perdeu e acabou com a ja combatida linguagem. Phrases barbaras, repugnantes á indole do idioma, termos hybridos, locuções arrastadas, sem elegancia, formaram a algarravia da moda e prestes invadiram todas as provincias das letras. Estudar a lingua materna, como aquella em que fallámos e escrevemos, é dos mais dificeis estudos, ha mister longa e porfiada applicação. Que bella in-

venção para a ignorancia e para a preguiça não foi essa nova linguagem mascavada e de furta-côres, que todos podiam saber sem fadiga, cujas leis cada um moderava e arbitrava a seu modo, alterava a seu sabor com tam plena liberdade de consciencia ! Foi a religião de Mafoma; propagou-a a incontinençia, a soltura, o desenfreo do appetite. De prezaram-se os classicos, apodaram-se de ignorantes, de rançosos ; e os que não usavam, por algum resto de vergonha, desacatar assim as honradas cans dos nossos mestres, saíram então com o banal e ridiculo pretexto de que ninguem podia lel-os pelas materias que tratavam ; que tudo eram sermões, vidas de santos, historias de conventos, de frades. Vergonhosa desculpa ! Com que as décadas de Barros, que foi talvez o primeiro que introduziu com feliz execução o estylo classico na historia moderna, são chronicas de conventos ? Fernão Mendes Pinto, o primeiro europeu que escreveu uma viagem regular da China e dos extremos d'Asia, são vidas de sanctos ? E d'essas mesmas vidas de sanctos, quantas d'ellas são de summo interesse, divertida e proficua leitura ! A vida de dom frei Bartholomeu dos Martyres tem toda a valia das mais gabadas memorias historicas de que hoje anda chêa a Europa e que ninguem taxou ainda de pouco interessantes. Quando outra coisa não contivesse aquelle excellente livro senão a narração do concilio de Trento, a viagem e a estada do arcebispo em Roma, ja seria elle uma das mais curiosas e importantes obras do seculo XVI. E dom Francisco Manuel de Mello, e Rodrigues Loño e Camões e

grande copia de poetas de todos os generos—tudo isso são sermonarios, vidas de sanctos?

« Miseria é que o geral dos portuguezes jurou nas palavras de quatro peralvilhos que essas calumnias apregoavam; passou em julgado que os classicos se não podiam ler e ninguem mais quiz tomar o trabalho nem siquer de examinar se sim ou não, assim seria. »

Em 1810 propoz a Academia real das sciencias de Lisboa um premio a quem compozesse um glossario ou catalogo de palavras e phrases em que se mostrasse com toda a individuação as que eram proprias da lingua franceza e que por descuido ou ignorancia se foram introduzindo na locução portugueza moderna, contra o antigo e bom uso e principalmente as que fossem contra o genio da nossa lingua e como taes inadotaveis n'ella.

Alcançou o premio o illustrado frei Francisco de Sancto Luiz, depois cardeal de Lisboa, o qual na prefacção da sua obra diz o seguinte:

« Para executarmos este proposito, lemos muitas obras dos nossos modernos escriptores, assim traduzidas do francez, como originaes, que correm impressas; e nos servimos das observações, que ja tinhamos feito, ou de novo fizemos sôbre a sua linguagem, bem como sôbre os vocabulos ou phrases mais usadas na conversação familiar, nos escriptos não impressos, e nos sermões, e outros discursos das pessoas litteratas, e dadas á lição dos livros francezes; comparando-as com a locução dos nossos classicos, e examinando-as á vista dos dictionarios da nossa lingua.

« Não presumimos assim mesmo de haver cumprido pontualmente, com o que a Academia deseja, por serem sobremaneira numerosos os termos e expressões francezas, com que se acha desfigurada a natural formosura da nossa linguagem: mas trabalhamos por ajunctar n'este catalogo tudo o que nos pareceu mais notavel e digno de reparo, e por dar ácerca de cada coisa o nosso particular juizo e opinião.

« Como não é do nosso intento censurar escriptor algum nomeadamente, julgamos escusado citar as obras, d'onde foram extrahidos os vocabulos e phrases, que vão n'este glossario: mas quem tiver tido a curiosidade e o trabalho de ler as traducções, e ainda outros escriptos dos nossos portuguezes modernos, facilmente conhecerá que lhes não impomos erros, ou descuidos, em que não tenham cahido muitas vezes.

« O juízo que fazemos sobre cada palavra ou phrase, a respeito de se poder ou não, adoptar na nossa lingua, não o declaramos sem algum recêo de errar; por quam difficil nos parecer conciliar n'este ponto os diversos gostos dos leitores, e ainda as varias opiniões dos eruditos. Em geral tivemos sempre diante dos olhos esta regra: « que sendo o vocabulo de boa origem, derivado conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo e harmonico, se podia adoptar e trazer á nossa lingua, ainda quando n'esta houvesse algum synonymo, que exprimisse o mesmo conceito »; porque estamos persuadidos, que convém a qualquer idioma ter não so vocabulos correspondentes a cada idéa, mas ainda variedade d'elles



com o mesmo significado ; para que o docto e avisado escriptor possa escolher a seu arbitrio, segundo a natureza e qualidades da sua composição, evitando a fastidiosa repetição dos mesmos termos, e a cançada uniformidade da locução e estylo.

« Quando a alguma palavra ou phrase, que nos parece inadotavel, substituímos duas ou mais de bom cunho, e de igual significação ; não queremos indicar que estas sejam sempre exactamente synonymas ou que indifferentemente se possam empregar, sem escolha e discrição, em todas as circumstancias ; mas sim e tam somente, que cada uma d'ellas póde em diversos casos traspassar com propriedade e energia a palavra franceza, e supprir o gallicismo refugado.

« Em alguns artigos ajunctamos, quando nos pareceu conveniente, exemplos classicos, que auctorizem o nosso juizo, ou verifiquem os modos de fallar menos usuaes, e pouco conhecidos: o que não será desagradavel aos leitores amantes da nossa lingua, nem parecerá superfluo aos doctos, que a sabem com perfeição, e que não carecem d'este soccorro.

« Das palavras technicas das sciencias e artes, por acaso mettemos alguma n'este catalogo ; porque seria obra mui longa fazer menção de todas as que se tem innovado, e cada dia estão innovando ; e porque entendemos que em rigor nos não competia julgar do merecimento d'ellas, e da sua boa ou má derivação ; mas sim aos professores d'essas artes e sciencias, visto que cada uma d'ellas tem particulares preceitos, pelos

quaes se deve dirigir na formação de seus proprios vocabulos, e linguagem.

« Como no programma da Academia somente se requer o catalogo das palavras e phrases francezas, que se tem introduzido na nossa linguagem *moderna*, hesitamos em fixar a época, d'onde havia de começar o nosso exame: e attendendo a que nos principios do seculo XVIII, e com o reinado do senhor rei D. João V., começou a restauração da nossa litteratura, e consequentemente o estudo e frequente lição dos livros francezes, que tem sido a principal causa d'aquella introdução, resolvemos contar desde esse ponto a *idade moderna* da nossa liugua: e por isso mettemos tambem n'este catalogo alguns vocabulos, que ja no tempo de Bluteau se iam usando, e de que elle fez menção ou no seu *Vocabulario* ou no *Supplemento* a elle. »

Depois de San' Luiz pouco escreveram os nossos auctores ácerca dos gallicismos. J. J. Roquette no seu *Diccionario portatil da lingua portugueza* indicou concizamente a maior parte dos termos afrancezados que figuram no *Glossario* de San' Luiz e addicionou outros, que justo era reunil-os aqui, bem como os de que tratam Dias Gomes, Freire, Garção Stochler, Caldas, etc.

J. NORBERTO DE SOIZA SILVA.

---

# GLOSSARIO

DAS

## PALAVRAS DA LINGUA FRANCEZA

---

### A

A. — Com esta particula exprimimos em portuguez a connexão e correlações que o entendimento cencebe entre os objectos significados pelos nomes, a que ella se ajuncta. Os seus multiplicados e mui varios usos somente se podem conhecer pela assidua lição dos classicos, reflectindo nas differentes circumstancias em que elles se empregam. Notaremos com tudo aqui algumas phrases, em que ella nos parece usada ao modo francez, para que se faça reflexão n'ellas, e se possam corrigir, parecendo necessario.

*Este desprezo ás formalidades legais, etc., i. é. este desprezo das formalidades, etc.*

*Ameaçado a toda a hora a perder a vida, i. é. de perder.*

*Este official foi encarregado a fazer segunda tentativa, i. é. encarregado de fazer, etc.*

*Obra conduzida de maneira a poder excitar sedições, i. é. de maneira que podesse excitar, ou que podia, ou que possa, etc.*

*Trabalhava-se a aformosear a cidade, i. é. em aformosear, ou por aformosear, ou de aformosear a cidade, etc.*

*Nada mais resta a dizer-vos — Tinha queixas a formar — Nada tinha a temer — O tempo que tenho a viver — etc., i. é. nada mais resta que dizer-vos—tinha queixas que formar—nada tinha que temer—o tempo que tenho para viver, etc.—S. Luiz.*

ABANDONADO (*abandonné*)—tomado como substantivo por homem devasso, sólto nos vícios, perdido, de costumes estragados, etc. é gallicismo escuzado.—S. Luiz.

ABANDONO (*abandon*). — Não tem auctoridade classica a seu favor; mas o uso o vae adoptando, e ja o achamos no alvará de 12 de Fevereiro de 1795, e na cart. reg. de 18 de Maio de 1801. — S. Luiz.

ABBADE (*Abbé*). — Todos sabem o uso legitimo d'este vocabulo em portuguez. Os francezes o applicam como *prenome* a todos os clerigos, e ainda aos que trajam como clerigos, e dizem v. gr., *l'abbé Condillac*, *l'abbé Marie*, etc., que os nossos escriptores traduzem o *abbade Condillac*, o *abbade Maria*. Não ousamos reprovar este uso tam geralmente adoptado, maiormente attendendo

a que os nossos classicos transportaram para o portuguez, com similhante razão, os prenomes estrangeiros *Monseor, Mossem, Misser*, etc. Mas em portuguez corrente dizemos o *padre Pereira, o padre Vieira, o padre Almeida*, etc., e so quando o sujeito tem realmente a dignidade de *abbade*, é que lhe damos em portuguez esse como *prenome*, ou titulo, dizendo v. gr. o *abbade Barbosa Machado*, etc. — *S. Luiz*.

ABERTURA (*ouverture*). — Significa em portuguez a acção de *abrir*, e no fig. a acção de principiar algum acto, v. gr. a *abertura da porta, a abertura do concilio, da universidade*, etc. Tambem se usa com a significação de *aberta, fenda, greta*, etc.; mas dizer *aberturas* por *primeiras proposições*, ou *propostas preliminares*, que se fazem em qualquer negociação, parece gallicismo contrario ao uso da lingua, e desnecessario. — *S. Luiz*.

ABORDO (*abord*). — Temos visto empregado este vocabulo para significar o *acolhimento* que uma pessoa faz a outra. N'este sentido se diz, que *alguem é de facil ou difficil abordo*, i. é. *accessivel, conversavel, communicavel* ou *innaccessivel, intractavel, incommunicavel*, de *facil* ou *difficil accesso*, etc. E' innovação desnecessaria. — *S. Luiz*.

ABRUTECIDO (*abrutí*). — Parece outra innovação escuzada, visto termos o adjectivo *embrutecido*, que diz o mesmo. Com tudo ha em portuguez alguns vocabulos, que sendo compostos com ás duas particulas *a* e *em*, conservam significação identica, como por ex. *apossar*

e *empossar*; *acostar* e *encostar*; *aparamentar* e *emparamentar*; *asenhorear-se* e *ensenhorear-se*, etc. — *S. Luiz*.

ABSTRAÇÃO FEITA. — E' gallicismo de construcção. Diga-se fazendo abstracção, prescindindo de... — *J. I. Roquette*.

ABSURDIDADE (*absurdité*). — E' escuzado em portuguez aonde temos *absurdo*, *desproposito*, *disparate*, e talvez *desvairo*, *desatino*, etc. — *S. Luiz*.

ABUSADO (*abusé*), — por *enganado*, *illudido*, parece gallicismo. Os nossos dictionarios não trazem esse adjectivo; mas vulgarmente se diz *homem abusado* o que cre em *abusões*, ou em *ridiculas opiniões populares*: e *Madureira*, na sua *Orthographia* diz algumas vezes: *este vocabulo anda abusado*, i é. *erradamente escripto*, ou *pronunciado*. — *S. Luiz*.

ACANTONAR, *acantonado*, *acantonamento* (*cantoner* etc.) — São vocabulos derivados modernamente do francez *cantoner*, *cantoné*, etc. Tinhamos em portuguez *acantoar* e *acantoadado*, *encantoar* e *encantoadado*, compostos e derivados do simples *canto*, com a significação de *pôr ao canto*; e figuradamente *viver em retiro*, *fóra da conversação da gente*, etc. Mas *acantonar* e *acantonado*, no sentido que hoje se lhes dá, somente podem ser derivados do francez *canton*, i. é. *bairro*. Os nossos bons antigos diziam *alojar*, *aquartelar*, *alojamento*, *aquartelada*, etc. Com tudo o *Diccionario* da academia já traz *acantonado* e *acantonar* com a nota de *termos militares usados*, e na cart. reg. de 5 de Janeiro de 1797 vem *acantonamento*. — *S. Luiz*.

ACTIVAR. — É tomado modernissimamente do francez,

tambem moderno, *activer*, e significa *diligenciar, zelar, promover com zelo e actividade, pôr em actividade*, etc. Não o julgamos necessario, ainda que tenha boa derivação. — *S. Luiz*.

ADEPTO (*adepte*). — Significa geralmente o que é *iniaciado* nos principios ou dogmas de alguma seita. E' termo scientifico e originariamente latino, e por isso adoptavel. — *S. Luiz*.

ADRESSE. — E' vocabulo puramente francez, que não tem lugar na nossa lingua: significa *memoria, memorial, representação, petição*, ás vezes *epistola dedicatoria, sobscripto*, ou *bilhetinho* (1), que ensina a dar com uma rua ou com a morada de alguem, etc. — *S. Luiz*.

ADIADO. — No sentido de espaçado, transferido, é gallicismo desnecessario. — *J. J. Roquette*.

O uso o adoptou, e Moraes o traz no seu *Diccionario*, 6ª edição, como vocabulo parlamentar, quando trata do verbo *adiar-se*. — *Do collector*.

AFFARES ou *Affaires*. — E' tambem palavra franceza, da qual diz Bluteau que alguns no seu tempo a queriam introduzir como necessaria *quando se falla em negocios politicos*, mas que outros a julgavam superflua. O uso geral decidiu a favor dos ultimos, e com justa razão ao nosso parecer. Hoje apenas se acha em alguma pessima traducção. Na provincia de *Entre Doiro e Minho* (e não sabemos se tambem nas outras) é mui vulgar o vocabulo *afazeres* no sentido generico de

(1) Tambem se diz *endereço*. — *Nota do collector*.

*negócios, occupações, etc. v, gr. gastei o tempo em vários afazeres: não posso com tantos afazeres, etc, etc.—S. Luiz.*

AFFECTADO por *movido, commovido, tocado* de algum sentimento ou paixão, é gallicismo que se deve evitar por ser contra o uso da nossa lingua e por causa da homonymia. Algumas vezes se exprimirá bem por *abalado*, como n'este lugar da *Vida do Arcebispo* l. 2. c. 19: *n'este passo se sentiu subitamente abalado de um desejo de consolar e animar aquella sancta innocencia*; e outras vezes por *impressionado* do verbo *impressionar*\*, elegantemente usado por Vieira no tom. 2 das cartas, cart. 95, onde diz: *não fazendo eu caso de nada d'isto, como tam costumado a padecer falsidades, o que não pude deixar de sentir muito foi chegarem estas a S. Magestade e se deixar impressionar tanto d'ellas, que disse a meu sobrinho, etc.—S. Luiz.*

AFFIXAR.—E' um vocabulo portuguez que significa *pregar em lugar público*, v. gr. um edital, um cartel, um aviso, etc, mas *affixar a incredulidade, affixar o engenho*, etc, é gallicismo intoleravel em lugar do qual diremos *fazer alardo, fazer gala, fazer timbre da incredulidade*; *ostentar de engenho, pavonear-se de incredulo, basofiar de engenhoso*, etc.—S. Luiz.

AFFIXE por *cartel, edital, papel que se affixa em público, aviso* e ás vezes *pasquim*, é puro francez, mal derivado para a nossa lingua e desnecessario.—S. Luiz.

AFFROSO (*affreux*) por *horrendo, horrivel, espantoso*,



*medonho*, etc., é gallicismo grosseiro e intoleravel.—*S. Luiz*.

AGUERRIDO. *Aguerrir-se*.—Sam vocabulos tomados immediatamente do francez *aguerri*, *s'aguerri*, e hoje mui frequentes entre nós. D'antes diziamos exercito *guerreiro*, soldados *guerreiros*, *acostumados ds armas*, *afeitos á guerra*, *usados ds armas, d guerra*; ou *usados na guerra*; *endurecidos*, *instructos*, *adestrados*, *experimentados*, *amestrados na guerra*: *acostumar-se d guerra*, *afazer-se d guerra*, *ds armas*, etc.—*S. Luiz*.

ALAMBICAR, *Alambicado*.—Sam tomados do francez *alambiquer* e *alambiqué*, que em portuguez dizemos *estillar*, *estillado* ou *destillar* e *destillado*. Tem boa origem na palavra *alambique*, e Bernardes, *Nova Floresta*, tom. 1. pag. 223, a usou ja no sentido figurado, dizendo: *affectam com as suas Cloris esta pureza de amor alambicado*. O *Diccionario* da academia o traz, ainda que com a nota de *pouco usado*, citando o proprio lugar de Bernardes. Nós não o julgamos proprio do estylo grave e muito menos da eloquência do pulpito, aonde o temos visto empregar muitas vezes com ridicula affectação. Assim, em lugar de *razões alambicadas*, *estylo alambicado*, etc., diriamos *razões sutis*, *subtilezas*, *agudezas*, *pensamentos exquisitos e remontados*, *estylo requintado*, etc, etc.—*S. Luiz*.

ALARMA, *Alarmar*, *Alarmado*, (*alarme*, *alarmer*, *alarmé*).—O primeiro d'estes vocabulos parece ser tomado por nós dos hespanhóes, e ja foi empregado por João Franco Barreto na *Eneida portugueza* l. 9, est. III, e l. II,

est. 102. Por este motivo não ousamos reprová-lo, maiormente conservando-se no nosso idioma outros semelhantes vocabulos derivados da mesma lingua, como sam *alapar*, *alfim*, e tambem *a la moda*, que é de Vieira, tomo I dos *Sermões*, pag. 459. Comtudo o uso mais geral tem quasi excluido da lingua portugueza estes vocabulos de composição estrangeira; e nós preferiamos sempre dizer: *a par*, *em fim*, *a moda*, e tambem: *d arma* ou *ds armas*, como commumente se lê nos classicos. O verbo *alarmar* e o adjectivo *alarmado* parece-nos compostos contra a analogia da nossa lingua, onde não temos observado vocabulo algum, que seja composto de *preposição* juncta com o *artigo*, salvo nos derivados do arabe. Por onde em lugar de *alarmar* diriamos antes *tocar arma* ou *d arma* ou *ds armas*, *dar rebate*, *repicar*, que é de Barros, etc., e no sentido figurado *atemorizar*, *assustar*, etc. O adjectivo, que somente tem uso n'este ultimo sentido por *assustado*, *atemorizado*, *espantado*, não o julgamos de modo algum adoptavel.—S. Luiz.

ALTERADO (*alteré*) por *sequioso*, *avido*, *sedento*, é gallocismo grosseiro, e má traducção da palavra franceza *alteré*, que tem ás vezes aquelle significado.—S. Luiz.

AMBICIONAR, *ambicionado*, parecem tomados immediatamente do francez *ambitioner* e *ambitioné*: mas são necessarios para evitar circumloquio, tem boa origem e sam conformes com a analogia: V. Bluteau no *Suppl. ao Vocabulario* e o *Diccionario da Acad.*—S. Luiz.

AMOBILAR, *amobilação*.—Veja-se *Moblado*.

AMPARAR-SE (*s'emparrer*) por *senhorear-se*, *apossar-se*, *apoderar-se*, *assenhorear-se*, etc., é gallicismo grosseiro e intoleravel.—S. Luiz.

ANECDOTA (*anecdote*).—Este vocabulo, que parece haver sido tomado immediatamente do francez, ainda que de origem grega, está hoje adoptado entre nós pelo uso geral das pessoas douctas. V. *Blut. Suppl.* palavra *Anécdotas*.—S. Luiz.

ANIMOSIDADE (*animosité*).—*Em francez significa rancor*, diz Bluteau e na *média latinidade valor: em portuguez se usava em lugar de insolencia. Pareceu que não devia admittir-se nas primeiras significações e usar-se pouco na segunda*. Tal foi a decisão da sociedade litteraria, que com o nome de *conferencias eruditas* se ajunctava na bibliotheca do Conde da Ericeira, na sessão de 26 de Fevereiro de 1696, como se vê das *Prosas Academicas* de Bluteau, P. I., pag. 17. O mesmo Bluteau porém o traz no *Vocabulario* como adoptado na significação de *valor, ousadia* e *tambem insolencia*. V. o *Diccionario* de Moraes. Na significação de *rancor* parece ser empregado no Alvará de 13 de Novembro de 1756, aonde se diz: *prisões e pleitos, que não teriam outros objectos, que não fossem a animosidade e vexação*, e n'este mesmo sentido é usado no foro. Por *ousadia* ou *insolencia* é de Jacintho Freire. *Vida de Castro*, L. 4, § 59, o qual (governador) logo que entendeu que o governo politico se queria adjudicar a direcção da guerra, repreendeu asperamente sua animosidade, etc.—S. Luiz.

ANNUIDADE.—E' palavra modernamente tomada do-

francez *annuité* para significar em geral qualquer *renda* ou *consignação annual*; e mais em particular: *aquella que o devedor satisfaz annualmente. e por certo numero de annos ao crédor, na qual se comprehende a renda do capital, e uma parte d'este, de sorte que no fim do prazo fique o devedor livre, e a divida extincta*: ou tambem uma *renda annual e vitalicia, sobre certo capital, o qual, por morte, fica ao que se obriga a pagal-a*. Acham-se estes vocabulos nos decretos de 29 de Outubro, e 7 de Novembro de 1796, e como tem uma significação determinada e restricta, que se não exprime bem por outro algum vocabulo portuguez, o julgamos adoptavel e necessario.—S. Luiz.

APARTAMENTO. (*apartement*) — por *quarto* de casas, *camara* ou *retrete*, parece gallicismo, que hoje soaria mal nos ouvidos cultos. Tem comtudo a seu favor a auctoridade de Sá de Miranda, Moraes no *Palmeirim*, Vieira, e outros. V. o *Diccionario da Academia*.—S. Luiz.

APATHIA, *apathico*. — Estes vocabulos, que por ventura forão tomados immediatamente do francez *apathie* e *apathique*, tem origem grega, e são adoptados na linguagem scientifica, e no uso geral dos homens douctos. O primeiro exprime propriamente a *carencia de paixões*, a *estoica insensibilidade* de certas pessoas, que com nem uma coisa se abalam, etc. O segundo significa o homem que tem aquellas qualidades, que é *insensivel*, que *não tem affectos*, que é *incapaz de paixões*, etc., e diz-se tambem analogamente do homem *deixado, inerte, indolente, que de nada cura*, etc.—S. Luiz.

APROVISIONAR, *aprovisionado, aprovisionamento*.—São vocabulos trazidos do francez, conformes com a analogia da nossa lingua, e hoje adoptados pelo uso geral. Dizem tanto como *prover, bastecer, fornecer, municionar*—*provido, bastecido, fornecido, municionar*—e *provisão* ou *provisões, provimento, fornecimento, munições, bastimentos*, etc.—*S. Luiz*.

ARABESCO:—diz Bluteau no *Supplemento* que é termo da arte de pintura tomado do francez *arabesque*. E' necessario em portuguez, visto que não temos outro, que exprima precisamente a mesma idéa.—*S. Luiz*.

ARMADA. (*armée*)—na significação de exercito de terra, ainda que por acaso se ache em algum dos nossos classicos, hoje todavia é contrario [ao uso geral e soa a gallicismo.—*S. Luiz*.

Parecia escusado esta advertencia, mas não é, porque temos achado em algumas modernas traducções do francez e do italiano, chamar-se armadas aos exercitos de terra porque nas ditas linguas acharam *armée* e *armate*.—*F. J. Freire*.

ARMISTICIO:—por *tregoas* ou *suspensão de armas* parece ter-nos vindo immediatamente do francez *armistice*. Bluteau no *Supplemento* diz que os militares o haviam introduzido de pouco tempo: hoje é adoptado, e auctorisado.—*S. Luiz*.

ARRANJAR, *arranjo, arranramento*, etc.—Parecem tomados do francez *arranger, arrangement*, e significam *pôr em ordem, coordenar, arrumar*, etc. Não o achamos nem no *Vocabulario* de Bluteau, nem no *Diccionario*

da Academia, salvo o verbo *arranjar* com a nota de *termo da arte de tanoeiro*: mas são por certo mui expressivos, e na provincia do Minho sam vulgarmente usados da gente doucta e indoucta, que nunca os tivemos por de moderna introduccão.—*S. Luiz*:

**ARRIÇADO**, *arrissado, erraçado, enriçado, heriçado, irriçado*.—De todos estes modos achamos trasladado nas traducções impressas o francez *hérissé*. Não podemos concordar com os que taxam este vocabulo de gallicismo, visto que achamos usado de muitos escriptores nossos da melhor nota: (V. os *Diccionarios*) mas cumpre que se fixe a sua orthographia, e que nos não esqueçamos dos outros modos de exprimir a mesma idéa, para com elles variarmos a phrase, e evitarmos a fastidiosa repetição dos mesmos termos. Assim em lugar de *cabello* ou *pello arriçado*, poderemos dizer *arripiado*, e talvez *estacado*: em lugar de nau *arriçada de artilharia*, nau *crespa* de artilharia, etc. etc.—*S. Luiz*.

**ASCENDENTE**: (*ascendent*)—por *influxo, influencia superioridade, predominio, imperio*, etc. que alguém tem sobre outrem, é gallicismo, que se deve evitar, por escusado, e por causa da homonymia. Em lugar d'elle diremos v. gr. o *poder*, o *predominio da verdade*—ter *imperio, influencia* sobre alguém, etc. Comtudo Bluteau diz, que ja no seu tempo se ia usando em discursos academicos.—*S. Luiz*.

**ASSEMBLEA**: (*assemblée*).—Acha-se adoptado pelo uso geral, tem a seu favor boas auctoridades modernas, e ja foi usado por Vieira na Carta 75. do tomo 2. V.

Bluteau *Supplemento* e o *Diccionario da Academia*. E' porém abuso intoleravel, e affectação ridicula chamar ao homem *assembléa maravilhosa de duas naturezas differentes*, como achamos escripto em uma obra imessa.— *S. Luiz*.

ATACAR: *atacado, ataque, (ataquer, etc.)*— Ainda que todos estes vocabulos sejam mui proprios do idioma portuguez, e se possam empregar sem violencia no sentido figurado, para significar por ex. os *ataques da inveja, da enfermidade, da fortuna, da adversidade; atacar o adversario na disputa; ser atacado de razões contrarias, etc.* etc; julgamos contudo, que se faz d'elles uso immoderado, nascido da lição dos livros francezes; e que se não devem desprezar, nem esquecer os vocabulos igualmente expressivos, e em certo modo mais portuguezes, com que os nossos bons escriptores exprimem a mesma idéa. Assim diremos v. gr. *os insultos da inveja, os accommettimentos da molestia; os assaltos da adversidade; os accessos da febre, do furor, da colera; combater o adversario; ser salteado de tribulações, etc.* etc.— *S. Luiz*.

ATTITUDE, que alguns erradamente escrevem *actitude* e *aptitude* (do francez *attitude* ou antes do italiano *attitudine*) E' termo das artes de pintura, esculptura, e dança, e parece adoptado pelo uso geral dos artistas e homens douctos. Os nossos classicos diziam *postura, geito, talvez gesto, apostura, etc.* v. gr.

Camões, na bellissima descripção do gigante Adamastor, canto 5, est. 39:

*O rosto carregado, a barba esqualida,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má.....*

E nas *Rimas*, ode 10.

*O gesto bem talhado,  
O airoso meneio, e a postura*

Moisinho, *Affonso Africano* 8.

*Os olhos poz no campo e divisava  
Um moiro na apostura e segurança.*

Soiza, *Vida do Arcebispo*, l. 6. cap. 7. *Mostrava a pintura uma companhia de gente a uma estante, que nos gestos e traço se divisava serem clérigos, e no geito cantarem.*

E no mesmo l. c. 8. *Os religiosos estavam com olhos n'elle, com um geito de gente que pasmava do que via.*

Fr. Marcos de Lisboa, *Chronica* P. 1. L. 1. C. 78. *Segundo o affecto da oração, assim tinha o gosto e continencia corporal.*

Usemos pois embora de *attitude*, mas não desprezemos os nossos bons e igualmente expressivos vocabulos portuguezes. *Aptidão* porém, em lugar de *attitude*, é



um erro grosseiro, que achamos em certa traducção impressa, confundindo o traductor, por ignorancia ou descuido, a palavra *aptitude* com *attitude*, que tem diversa orthographia, e mui differente significação em francez.—*S. Luiz.*

ATURDIDO. (*étourdi*)—por *estouvado*, *desattentado*, talvez *alocado*, é gallicismo desnecessario.—*S. Luiz.*

AUDACIOSO. (*audacieux*.)—Não temos achado este vocabulo nos nossos auctores classicos, e comtudo não o reprovamos, visto ter boa origem, e analogia, e ser harmonico, e bem soante. Significa tanto como *ousado*, *audaz*, *atrevido*, *denodado*, *desenvolto em commeter qualquer empreza*, etc.—*S. Luiz.*

AUCTORIDADES CONSTITUIDAS.—E' uma expressão inteiramente franceza, e hoje todavia muito da moda entre nós. Os nossos classicos, quando queriam abranger todas as pessoas, que tem jurisdicção e auctoridade, chamavam-lhes *ministros públicos*, *officiaes da republica*, *ministros e officiaes civis*, *militares e ecclesiasticos*; ou *ministros*, *juizes*, e *officiaes de justiça*, *fasenda*, e *guerra*, e *ecclesiasticos*, etc. Hoje querem que se diga *auctoridades civis*, *militares*, e *ecclesiasticas*, que na verdade é expressão mais simples; mas a palavra *constituídas* é absolutamente superflua e deve rejeitar-se; porque entre nós quem diz *auctoridade*, ja suppõe que é *constituída*, e não o sendo, é *illegitima*, *usurpada* e *abusiva*.—*S. Luiz.*

AVANÇAR (*avancer*.)—Tem suas significações proprias no nosso idioma; mas parece-me gallicismo dizer, v. gr. *não ha absurdo algum, que não tenha sido avançado por*

*algun philosopho, i. e. ousadamente affirmado.—Sem fundamento avançaes que a terra, etc., i. e. sem fundamento vos abalançaes a affirmar; ou sem fundamento ousaes affirmar, etc. Avançar dinheiros por dal-os adiantados, e sommas avançadas, por adiantaflas, etc., também sam expressões tomadas do francez, mas ja naturalisadas entre nós, e empregadas até nos papeis ministériaes. Avanço é de Vieira, que na Informação ao Conselho Ultramarino sobre as coisas do Maranhão, pag. 109 diz: Sobre a introducção da moeda, que também se propoz na mesma carta com o avanço de cento por cento, não me atrevo a dar juizo, etc., V. a respeito d'este ultimo vocabulo o Diccionario da Academia.—S. Luiz.*

## B

BAIXO POVO, *baixo clero, (bas peuple, bas clergé)*—Estas expressões usadas com frequencia pelos nossos traductores modernos tem resaibo de gallicismo; e a segunda é tam alhêa e impropria da nossa lingua, como indigna de ser adoptada em qualquer idioma polido. Veja-se a respeito da expressão *bas clergé* a judiciosa reflexão de La Harpe no tratado *Du fanatisme dans la langue revolutionnaire*, § 11. Em lugar de *baixo povo* diremos mais á portugueza *plebe, gentalha, povo miúdo, gente baixa*, etc. E pelo que respeita á expressão *baixo clero*, é de notar, 1º, que a palavra *clero*, na sua accepção mais generica, comprehende os *bispos, pastores, sacerdotes e mi-*

nistros da igreja universal, ou de alguma igreja particular, e n'este sentido diremos o *clero da igreja catholica*, o *clero da igreja de Portugal*, o *clero da igreja de França*, etc. 2º, que tomando a mesma palavra em uma accepção mais particular, distinguimos entre o *clero* e o *bispo*, e dizemos v. gr. o *arcebispo de Braga e o seu clero*, o *bispo do Porto e o seu clero*, etc. Por onde quando quizermos fallar separadamente dos bispos e do clero, não diremos o *alto clero*, e o *baixo clero*, como introduziram os francezes, acaso por orgulho, e suberba do seu *alto clero*; mas sim diremos com linguagem mais decente e mais theologica *os bispos e o clero*, ou *a ordem episcopal*, e *a clerezia*, separando d'este modo as jerarchias. Fallando somente dos bispos e pastores subalternos, é tambem da linguagem theologica dizer *os pastores da primeira ordem*, *os pastores da segunda ordem* ou, como se explicava Gerson, *os prelados maiores*, e *os prelados menores*, etc. (\*)—S. Luiz.

BANCA-ROTA (*Banque-route*). — E' vocabulo adoptado para significar *fallencia de bens*, *quebra de negociante*, que não tem com que pagar as suas dividas ou letras. *Fazer banca-rotta*, ou, como diziam os nossos antigos, *banco roto*, quer dizer *fallir*, *quebrar de bens*, etc. V. Bluteau no *Vocabulario e Supplemento* palavra *Banco*. E' notavel o uso que faz d'este vocabulo em sentido figurado Fr. Hei-

(\*) V. na *Introdução* d'esta obra o que a este respeito diz o Sr. J. Silvestre Ribeiro, citando a opinião do Sr. A. Herculano.

tor Pinto. *Dialogo da lembrança da morte*, cap. 2º, aonde diz : *qualquer que se faz amigo do mundo, faz banco roto, com Deus, i. e. quebra com Deus, rompe com elle, ou faz-se seu inimigo.*—S. Luiz.

BANDIDO (*Bandi*, ou *bandit*)—por *banido* é de Paiva Vieira, e outros : hoje se usa tambem com a significação franceza de *sulteador, assassino, ladrão, malfeitor*, etc.. e como a primeira significação é auctorisada, não ha motivo de reprovarmos a segunda, que tem analogia com ella. Veja-se adiante a palavra *Brigante*.—S. Luiz.

BARRICAR.—Tomado modernamente do francez *barricader*, diz tanto como *entrincheirar*, ou atalhar com *tranqueira*, e *entrincheiramento* o passo de algum lugar. É gallicismo desnecessario, e vocabulo pouco expressivo na nossa lingua. O mesmo dizemos do substantivo *barricada* por *trincheira, entrincheiramento, tranqueira*, etc.—S. Luiz.

BASEAR-SE (em) fundar-se. Gallicismo mais desculpavel que basar e basar-se.—J. J. Roquette.

BASTONADA : por *pancada dada com bastão* é vocabulo tomado do francez *bâtonnée* ; mas não desdiz da analogia da nossa lingua.—S. Luiz.

BATERIA DE COSINHA. Por utensilios ou petrechos de cosinha, é gallicismo escusado.

*Frasca* é o termo proprio portuguez, como se vê em Moraes, que aponta, entre outros, o seguinte exemplo : « Os moiros levaram a roupa e *frasca da cosinha*. *Diario d'Ourem*, f. 60 3.—Do collector.

BELLO ESPIRITO. (*Bell' esprit*.)—Entre os francezes é

expressão, com que se significa o homem *de bom juizo*, que tem *ingenha vivo*, *boa fantasia*, que é *discreto*, *avizado*, etc. Em portuguez sóa a gallicismo, e indica affectação.—S. Luiz,

BELLO SEXO (*Beau sexe*) — Não reprovamos absolutamente esta expressão, empregada para significar o *sexo formoso*, o *sexo femenino* ou *as mulheres*: mas somos de parecer, que se deve usar com moderação, afim de evitar affectação, e resaiço de gallicismo.—S. Luiz.

BEM AMADO (*bien-aimé*). — *Meu bem amado*, *meu filho amado*, *minha esposa bem amada*, etc., parece linguagem franceza e affectada. Em portuguez mais corrente dizemos: *meu querido*, *meu filho mui amado*, *mui querido*, *minha esposa dilecta*, *meu dilectissimo*, *meu muito caro amigo*, etc., etc. Comtudo, além de vir auctorisado em Moraes com o *Docum. das Prôv, da Hist. Geneal.* Tom. 5, fl. 441, tem analogia nas palavras *bem-aventurado*, *bem-afortunado*, *bem-acondicionado*, *bem-ditoso*, etc. e na modernissima traducção de *Horacio* por *Elpino Duriense*, cuja auctoridade é para nós de grande peso, achamos:

*E mais Latona, do summo Jove*

A bem querida.

l. 1. od. 19.—S. Luiz.

BEM MAIS, BEM MENOS (*bien plus, bien moins*) — por *muito mais*, *muito menos*, sóa o gallicissimo, e não se deve usar, ao menos com frequencia. E comtudo não negamos que o adverbio *bem* se acha algumas vezes

nos classicos juncto a outros adverbios ou adjectivos, significando *quantidade*, v. gr. em Paiva, *Casam. Perf.* c. 6, « *bem mais quieto* » em Bernardes, *Rim. Sagr.* « *bem melhor dia* », em Barreira, *Trat. da Signif. das Plant.* p. 835 « *bem d'antes lhe tinha prognosticado* », em Fernão Alvares, *Lusit. Transf.* l. 2, pros. 9, « *bem juncto de um peneda* » etc., etc. Porém a affectada frequencia pôde fazer reprehensivel uma expressão, que aliás é boa e classica.—S. Luiz.

BEM-SER (*bien-être*). — E' gallicismo e má traducção; porque o verbo *être*, n'esta expressão, refere-se ao estado, e não á *essencia* ou *existencia*; e quando se julgasse necessario traspassal-o tam litteralmente, devera dizer-se *bem-estar* (como dizem hoje os castelhanos) e não *bem-ser*. Em portuguez corrente podemos traduzil-o por *prosperidade*, *felecidade*, *boa fortuna*, talvez *commodidade*, etc., etc. Temos comtudo analogamente *bem-fazer*, *bem-querer*, *bem-viver*, etc.—S. Luiz.

BIZARRO, *Bizarramente* (*bizarre, bizarrement*)—com a significação de *extravagante, extravagantemente*, i. é. *que se aparta do uso e termo commum de proceder*, sam puros gallicismos. de que não temos necessidade. *Bizarro, bizarria, bizarramente*, em bom portuguez significam *loução, louçania, galhardo, galhardia, galhardamente*, e tambem *brioso, generoso, franco, liberal, primoroso*, etc.—S. Luiz.

BOA-MANHÃ (*de*)—E' má traducção do francez *de bon matin*, que diz tanto como o portuguez corrente *de madrugada, muito de madrugada, de manhã cedo, na*

*primeira luz, ao romper do dia*, etc. Com igual razão, ou sem razão, se traduziria a outra expressão *de grand matin* por *de grande manhã*, devende dizer-se *alta madrugada, ao romper da aurora*, etc.—*S. Luiz*.

BOAS-GRAÇAS. — *Estar nas boas graças* do soberano, *decahir das boas graças*, etc., sam outros tantos gallicismos inadmissiveis, em lugar dos quaes dizemos em portuguez: *estar na graça do soberano, lograr a sua benevolencia, decahir da graça, crescer na graça do principe; arriscal-a, merecel-a, subir a ella*, etc., etc. — *S. Luiz*.

BOLÊTIM (*bultin*). — Significa primeiramente *bilhete em que se dá recado para o exercito*, donde tomamos a significação de *bilhete militar para aposentadoria dos soldados*, a que vulgarmente chamamos *boleto*. Hoje se diz tambem *boletim* por *diario*, em que se participam ao exercito, ou ao publico, diariamente, as operações dos diferentes corpos de tropas: e finalmente se tem ampliado a mesma significação a qualquer *diario*, em que se communicam ao publico quotidianamente algumas noticias. E' vocabulo propriamente francez, que se deve empregar com discripção. Veja-se o *Diccionario de Moraes*.— *S. Luiz*.

BOM DEUS. — Temos achado muitas vezes esta expressão *o bom Deus* traduzida palavra por palavra do francez *le bon Dieu*; e o mesmo Moraes na traducção das *Recreações do homem sensivel* diz, não me lembra em que lugar: *Esperemos no bom Deus que elle se compadecerá de nós*. Porém a nossa lingua não admitte esta

expressão *com o artigo*, e nem costuma commumente, no estylo familiar, ajunctar epitheto algum á palavra *Deus*, que é por si so a expressão de toda a bondade, e de todas as perfeições. V. *Deus*.—*S. Luiz*.

BOM TOM. — Chamam hoje os a francezados *homem de bom tom* o que *traja á moda*, que se *attribue o bom gosto das modas*, e *cujas maneiras, e modos de pensar e obrar são da moda*. Parece-nos expressão affectada, de que podemos carecer.—*S. Luiz*.

BONOMIA (*bonomie*). — Usa-se tambem hoje muito nas conversações e talvez em obras impressas. Os francezes o deriváram modernamente, segundo parece, da expressão *bon-homme*. Nós poderemos traduzil-o por *simpleza, sinceridade, ingenuidade, singeleza, bondade, simplicidade de animo*, etc.—*S. Luiz*.

BORDADA. — Na signiycação de banda de artilheria, é gallicismo desnecessario.—*S. Luiz*.

BOUDOIR, por camarim, gabinete pequeno de senhora, vestuaria, gabinete de vestir, toucador, é gallicismo absurdo. E por que não diremos *gynecceo*, termo antigo que cahiu em desuso e que significa *aposeno de mulheres?* — *Do collector*.

BOUQUET. Por este vocabulo vamos deixando de dizer *mólho, ramo e ramalhete*, e julga muita gente que so *bouquet* exprime com precisão a reunião artistica de flores. *Mólho de flores* são as flores colhidas e grupadas indistinctamente, mas *ramo* ja denota artificio, e *ramalhete* não so artificio como mimo n'elle empregado. *Emramar flores* é fazer com ellas ramos ou ramalhetes.



*Ramalheteira* é a mulher que faz ou vende *ramalhetes*, e poder-se-á dizer *bouqueteira*? *embouquetar*? Não dam os dictionarios o verbo emramalhetar, mas ja vae sendo empregado até figuradamente. Cumpre pois não deixar cair em desuso taes vocabulos nossos que são tam expressivos, para adoptarmos a palavra estrangeira, que por analogia alguma pode competir com elles nem ser adoptada em nossa lingua.— *Do collector.*

**BRIGANTE.**—OS NOSSOS escriptores modernos tem usado d'este vocabulo, acaso por não acharem outro com que exprimir a idéa completa do francez *brigand*. Nos dictionarios francezes-portuguezes *brigand* significa *ladrão*, *salteador*, *assacino*, *concuissouario*, etc. Poderemos tam-bem algumas vezes traspas:al-o em um sentido mais generico por *malfeitor*, *malvado*, *facinoroso*, *desalmado*, etc., e com muita propriedade por *bandido*. — *S. Luiz.*

**BROCHADO**, *brochura*, (*broché*, *brochure*).— São termos da arte de *encadernar livros*, que o uso geral, e a necessidade parece terem adoptado. D'antes diziamos por *brochado* livro *encadernado em papel*, e por *brochura*, *folheto* ou *caderno*.—*S. Luiz.*

**BRUSCO**, A. — No sentido de precipitada, secca, saeccu-didamente, é gallicismo escusado.—*J.-I. Roquette.*

**BRUSCAMENTE** (*brusquement*).—E' gallicismo escusado. Em lugar de *sahir bruscamente*, diremos *precipitadamente*; *respondeu bruscamente*, i. é. *asperamente*, *seccamente*, *sacudidamente*: tratar alguém *bruscamente*. i. é. *desabridamente*, *com esquivança*, etc. Temos comtudo em portuguez o adjectivo *brusco* i. é. *escuro*, *annuviado*,

d'onde dizemos *dia brusco, tempo brusco, atmosphera brusca*, etc. D'aqui derivamos para o sentido figurado *homem brusco, semblante brusco*, i. é. *triste, carregado*: e neste sentido, formando o adverbio *bruscamente*, diríamos v. gr., *respondeu bruscamente*, i. é. *tristemente, carregadamente, com carregume*, etc. Mas esta parece não ser a propria significação do adverbio francez *brusquement*.—*S. Luiz*.

**CABOTAGEM, Cabotar.** — São gallicismos, que hoje se vão introduzindo, e que, ao nosso parecer, se devem corrigir. Por *cabotar*, temos o portuguez *costear*, que é classico e significa *navegar costa a costa*: e por *cabotagem* dizemos *navegação de costa a costa*; mas se quizermos exprimi-lo por um so vocabulo, porque não diremos *costeagem*, ou *costeação*, assim como de *marear* dizemos *mareagem* ou *mareação*?—*S. Luiz*.

**CABOTAR.** V. *Cabotagem*.

**CADASTRO:**—E' tomado do francez *cadastre*, que significa *registro publico, lista, encabeçamento*, em que se contém o genero e valor das terras de cada comarca, e o nome de quem as possui. Poderia exprimir-se muito melhor por *censo*, que não é desconhecido na nossa lingua n'este mesmo sentido, e que vem do latim *census*, isto é, *descripção e estado exacto dos nomes, bens, idades, e condições dos cabeças de familia, feita perante os magistrados*, etc. Tambem se poderia exprimir por *alistamento geral*, ou *recenseamento*, etc. Comtudo *cadastro* ja vem usado nos papeis do govêrno.—*S. Luiz*.

**CALCULADO:**—Temos em portuguez *calcular* e *calculado*, com a sua primeira significação de *contar*, *contado*: mas no sentido figurado, quando se diz v. gr. *este papel foi calculado para produzir irritação* e não *inclinação*, *deu uma resposta bem calculada para agradar*, etc. parece novo em portuguez o uso d'este vocabulo, que todavia é expressivo e energico, e se não pôde supprir por outro algum com igual força de significar maiormente quando de proposito queremos dizer, que tal discurso ou acção foi de tal maneira concebido, *ponderado* e executado, que houvesse de produzir *pre*-*velmente* o effeito que se pretendia.—*S. Luiz*.

**CAMPANHA** (*campagne*).—Este vocabulo\* é usado em sentido militar pelos nossos classicos, que a cada passo dizem: *pelejar em campanhã* aberta, *correr a campanha*, *acabar a campanha*, *campanha da primavera*, *peça de campanha*, etc. Tambem dizem a *campanha de Roma*, entendendo *territorio de Roma* (Blutean.) Mas tomado genericamente por *campo*, *campina*, pareceria hoje affectação de francezismo: comtudo acha-se em Vieira, *Serm.* tom. 6, p. 390: *Morto está o Brazil, e ainda mal, porque tam morto e sepultado: fumeando estão ainda e cuebrtas de suas cinzas essas campanhas*. Em Jacintho Freire, *Vida de Castro* l. 1, § 62. « *Tinham ao norte uma pequena serra, d'onde desciam alguns rios sem nome, que assim serviam a deleite como a fertilidade da campanha.* » E modernamente no *Felix Independente* l. 19. « *Quantas vezes se tem visto por esta so coisa correrem tinctos de sangue os rios, as campanhas inun-*

*dadas de cadaveres, os incendios da guerra ateados? etc.*  
 E em um poeta de mui distincto merecimento, que não duvidou dizer:

.....e outras hervas  
 A' luz colhidas da nascente lua  
 Nas campanhas do Ponto e da Thessalia.

E em outro lugar:

*E á mal distincta luz da froixa lua*  
*Sobre a raza campanha Abracadabro*  
*Com uma curta vara quatro linhas*  
*De circulos pequenos lago traça.*

S. Luiz.

CARNAGEM (*carnage*)—Ha muito tempo se advertiu que o portuguez *carnagem* não tem a mesma significação, que o francez *carnage*. *Fazer carnagem e aguada*, dizem frequentemente Barros e Castanheda. para significarem *fazer provimento de carnes e agua*. O francez *carnage* deve traduzir-se por *mortandade*, *matança*, *carniceria*, etc. — S. Luiz.

CELEBRIDADE. — Poderá parecer demasiadamente culta, mas não é assim, por que além de ser muito usada dos auctores francezes, vemos que d'ella se serviu o orador Vieira muitas vezes, como se pode ver no tomo XI a paginas 341 e 345, e para maior prova transcrever-se a seguinte passagem do tomo III, folhas 124, que so por

si vale mais do que um sermão dos modernos, que tanto desprezam o grande Vieira: « Cento e dezoito livros temos de S. Agostinho, excepto os que não chégaram a nós, e quando elle podéra assentar a penna e consagral-a ao templo da sabedoria, como tropheo de todas as sciencias entre os applausos do mundo e *celebridade* da fama, maior que o de todos que escreveram, torna a tomar e apparar de novo a penna: para que? Para emendar em um livro todos os seus livros; para se retractar e desfizer de muitas coisas, que n'elles tinha dito, e para desenganar com o seu exemplo a todos os que tanto se enganam com seus escriptos. » Que bellissima prosa? Que artificio, que harmonia, que cultura e sobre tudo, que judiciosa critica não resplandece n'este comiravel periodo! — *F. Dias Gomes.*

*CHEFE D'OBRA* (*chef d'œuvre*) por obra prima, obra perfeita, primor, perfeição etc. é hoje mui usado, e Moraes no *Diccionario* cita em abono d'elle um *édital da real meza censoria*. O mesmo Moraes o usa algumas vezes na traducção das *Recreações do hom. sens.* Comtudo um philologo moderno de conhecido merecimento não duvidou reprovar este vocabulo, expressando-se da seguinte maneira a respeito d'elle:

*Sempre se disse no nosso idioma obra prima por coisa bem acabada, ou excellentemente bem executada, a que os ignorantes da lingua chamam chefe d'obra; clausula absolutamente franceza, que em nossa linguagem de nem um modo pôde ser admittida, por lhe não ser analogo, nem em sentença, nem por lhe não ser de rude e dissonante*

*pronuniação; e porque no meio tem desagradavel cacafonia. Obras Poeticas de Francisco DiasGomes, n. 7. á ode V.*

Nós accrescentamos, que da mesma palavra *chefe* tomada so por so, se faz hoje um uso immoderado, e digno de correccão. Pelo que em lugar de *chefe de familia, chefe de estado, chefe do exercito* etc. etc. deveremos, ao menos algumas vezes, variar a expressão, dizendo com os nossos antigos *tronco, cabeça de familia; cabeça do estado, cabo do exercito, da armada, cabeça da provincia, da comarca, cabeças do povo* etc. etc.—*S. Luiz.*

**CHICANA** (*chicane*)—E' palavra puramente francezade que não temos necessidade alguma. Em portuguez de bom cunho dizemos *trapaça, cavillação, enredo, tergiversação, dolo forense, rabulice*, etc. Soiza na *Vida do Arcebispo* l. 4, c. 30, descreve os que usam da *trapaça forensè*, dizendo: *Trampões erão uns advogados, que com manhas e astucias dilatavam as demandas e entretinham a justiça.*—*S. Luiz.*

**CHOCAR**: *Chocado: choque: (choquer, etc.)*—Dizemos em portuguez *chocar* por *dar uma bola na outra* no jogo da *chóca*: *d'aqui chocarem os navios por encontrarem-se, embaterem uns nos outros, abalroarem*; e tambem *choque* na guerra por *encontro de corpos inimigos, briga entre elles*, etc. Porém no sentido figurado *chocar as opiniões; este procedimento chóca os bons costumes; as paixões se chocão entre si; o choque dos interesses: soffrer os choques da fortuna*, etc. parecem gallicismos escusados, e

que se devem evitar, maiormente no estylo culto, attendendo á idéa baixa e torpe, que talvez excita o verbo *chocar*. Diremos pois em melhor portuguez *combater*, *contrastar*, as opiniões; este procedimento *offende*, *affronta* os bons costumes; as paixões *se combatem*, *se encontram*, *contendem*, *pugnão* entre si; o *combate* dos interesses: *a pugna*, e *opposição* entre elles; soffrer os *encontros*, os *impectos*, os *contrastes*, os *revezes*, os *vaivens* da fortuna, etc., etc.—*S. Luiz*.

COALIÇÃO, *Coaligado* (*coalition*, etc.)—São vocabulos trazidos modernamente do francez, e ao nosso parecer desnecessarios. Em bom portuguez dizemos *liga*, *colligação*, *confederação*, *colligar-se*, *confederar-se*, e *colligado*, *confederado*, etc.—*S. Luiz*.

COCAR OU *Cocarda*: Bluteau o traz no *Suppl.* e diz que significa *umas plumas levantadas no chapeu*. Modernamente se tem usado para significar o *tópe* ou *divisa*, que tambem se traz no chapeu. E' derivado do francez *cocard*; e como temos com que o supprir em portuguez, parece-nos que não é para se adoptar.—*S. Luiz*.

COMITÉ: Do inglez *committee*, que significa *juncta de deputados para examinar qualquer negocio*, tomaram os francezes o seu *comité* com a mesma significação. Os nossos portuguezes modernos o tem igualmente usado conservando a propria pronunciação e orthographia franceza. Mas nós não o temos achado em proposição, ou discurso algum, em que se não podesse traduzir

commodamente, e com propriedade, pela palavra *juncta* ou *commissão*, e por isso o julgamos escusado.—*S. Luiz*.

COMMANDAR: *commandante*, *commando*:—São termos militares tomados do francez *commander*, etc., e hoje adoptados no nosso idioma. Em lugar d'elles diziamos d'antes *mandar* o exercito; *mandar* uma armada; *capitanear* a gente de guerra; *ter mando* d'ella; *ter cargo* de uma batalha; *pelejar* debaixo do *mando* e *capitania* de alguém, etc. *Cabo* por *commandante* tambem é vulgar nos nossos classicos. *Commandamento* por *commando* parece-nos não ser approved pelo uso, e muito menos na significação generica de *preceito*, *ordem*, *mandado*, etc.—*S. Luiz*.

COMMISSIONADO (*commissioné*): Parece, que não diz precisamente o mesmo que *commissario*, e que estes dois vocabulos nem sempre se podem reciprocamente permutar. Por isso o julgamos conveniente, muito mais tendo boa derivação, e analogia. Significa *o que tem commissão para fazer alguma coisa; o que é encarregado de tratar algum negocio*, etc.—*S. Luiz*.

COMPLACENTE (*complaisant*): Temos lido em algumas traducções *character complacente*, *homem complacente*, *marido complacente*, etc. E' gallicismo, em cujo lugar diriamos com melhor analogia *comprazenteiro*, e talvez com igual significação, *condescendente*, *indulgente*, *cortez*, *benevolo*, etc. Comtudo não ousamos reprová-lo, visto ter origem latina, ser de algum modo necessario, e ter analogia com a palavra classica *complacencia*. No *Espelho de perfeição*, impresso em 1533 achamos ja esta



phrase « *conhecer e cumprir a placentissima vontade de Deus.*— S. Luiz.

COMPORTAR-SE: *Comportamento* (se *comporter: comportement*): São hoje mui usados na significação de *proceder, procedimento, etc.*, mas não tem auctoridade classica, nem os julgamos necessarios no nosso idioma. Em lugar de *homem de bom ou mau comportamento*, diremos *de bom ou mau procedimento, de bons ou maus costumes; de boa ou má vida; bem ou mal morigerado, etc.* *Comportar-se com moderação e juizo*, isto é, *portar-se, haver-se, proceder, etc.* *Comportar-se segundo as leis da honra*, isto é, *dirigir-se. governar-se, regular-se por ellas, etc.*— S. Luiz.

COMPRIMENTAR: POR *fazer cumprimentos*, diz Bluteau no *Supplemento* que é tomado do francez *complimenter*; e cita, para o auctorizar, uma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1722. Hoje está adoptado, e é sem duvida muito melhor que o circumloquio.— S. Luiz.

COMPROMETTER: *Comprometter-se* (*comprommetre, se comprommetre*): Tem estes vocabulos significação portugueza, com que são usados, e que póde ver-se em Moraes palavra *comprometter*: mas quando se diz v. gr. *comprometter a auctoridade, o credito, a dignidade, o nome, a palavra de alguém*, ou *comprometter-se em algum negocio, etc.*, commette-se gallicismos desnecessario e alheio da nossa lingua. As phrases portuguezas que lhe correspondem são *arriscar, aventurar, pôr a risco, expôr a algum desar o credito, a honra, o nome, etc. aventurar-se em algum negocio, etc.*— S. Luiz.

COMPTABILIDADE (*comptabilité*): Tem significação mais restricta que *responsabilidade*, e diz tanto como *obrigação de dar contas*. Vae-se usando na linguagem mercantil, e ja vem na lei de 26 de Outubro de 1799, tit. 5. Melhor se escreverá *contabilidade*.—*S. Luiz*.

CONDUTA (*conduite*): E' hoje mui vulgarmente usado entre nós com a significação de *procedimento*, á imitação dos francezes, inglezes, italianos, e castelhanos. Moraes ja o metheu no *Diccionario*, aonde diz, que este vocabulo *abrange ao procedimento moral e prudencial*, e que *procedimento se refere mais ordinariamente ao moral*. O P. Pereira tambem o usou no *Compendio da Vida espirit. e douctrina de Gerson*, impresso em 1769. E igualmente o achamos empregado nos *Estatuto novo da Universidade* l. 2, t. 1, c. 4., e no *Felix Independente* l. 23, etc. Apesar porém destas auctoridades, e uso frequente, a opinião mais geral dos homens douctos, e intelligentes da lingua portugueza é contra este vocabulo, e pôr isso o reprovamos, e julgamos inadotavel na referida significação. Os nossos classicos diziam em lugar d'elle *procedimento*, *proceder*, *modo de proceder*, *genero de proceder*, *vida e costumes*; e em lugar de *conduzir-se*, *governar-se*, *haver-se*, *proceder*, *portar-se*, etc, etc.—*S. Luiz*.

CONDUZIR. Em lugar de *governar-se*, *haver-se*, *proceder*, *portar-se*, etc., é gallicismo desnecessario.—*J. J. Roquette*.

CONFINAR: *confinado*, *confinar-se* (*confiner*, *confiné*, etc.) Em bom portuguez dizemos *confinar*, de um lugar

ou povo, que *está nos confins* de outro, que *comarca* ou *visinha* com elle, v. gr. Galliza *confina* com Leão, etc. mas é gallicismo reprovado dizer v. gr. *confinou-se no seu retiro, foi confinado em um convento, os habitantes confinados a um angulo do reino*, etc. em lugar de *encantou-se no seu retiro, foi recluso em um convento, os habitantes estreitados n'um canto do reino*, etc, etc.— *S. Luiz.*

CONJUNCTURA: E' vocabulo trazido do francez para a nossa lingua, e significa o *estado dos negocios*, a boa ou má disposição d'elles, a *conjuncção, ensejo, sazão*, talvez *oportunidade*, etc. Veja-se Bluteau no *Suppl.*, e Moraes no *Diccionario*. Hoje está naturalizado entre nós, e em Mousinho *Affonso Africano* c. 5. ja o achamos com a significação de *oportunidade* n'estes versos:

*Para que abrindo o tempo conjunctura,  
Se enlenda na conquista aspera e dura.*

*S. Luiz.*

CONSCRIPÇÃO (*conscriptio*): E' palavra, com que nos prezenteou a revolução franceza, e que júlamos não se dever usar, senão so e precisamente, quando se trata do objecto, que motivou a sua introduccção. Nem é decente, que com ella se exprima (como ja temos visto), principalmente em papeis públicos, e auctenticos, o methodo de *recrutamento* praticado entre nós e tam alheio do rigor e barbaridade da *conscriptção* franceza.— *S. Luiz*

CONSOLANTE (*consolant*): Não temos achado este vocabulo nos nossos classicos: e posto que reconhecemos a sua natural derivação do verbo *consolar*, e a frequência com que o nosso idioma usa de semelhantes derivações; contudo não o julgamos necessario, visto haver em portuguez os adject. *consolador* e *consolatorio*, que podem supprir o francez *consolant*.—S. Luiz.

CONSOLO (*console*) por cachorro de pedra ou pau, modilhão (de cornija) ou especie de bufete, aparador, meza, é gallicismo de que podemos prescindir — *Do collector*.

CONSTATAR (*constater*) POR certificar, documentar, estabelecer, fazer constar, provar, verificar, é gallicismo que dispensa a variedade de termos que temos para substituil-o.— *Do collector*.

CONTAR (*compter*): Abusa-se por varios modos d'este verbo, traduzindo ao pé da letra (como dizem) algumas phrases, em que os francezes o empregam. Eis-aqui as mais usuaes, que agora nos occorrem, com as suas correspondentes em portuguez.

*Ne compter pour rien quelque chose*:—desprezar não ter em conta, estimar em nada, etc. (latim *aliquid pro nihilo ducere*).

*On ne peut compter sur l'amitié de ces gens là*:—nada se pôde confiar d'estes homens, ou d'esta gente, ou d'esta casta de gente: (*in hominibus hujusmodi stabilis benevolentiae fiducia nulla esse potest*).

*Compter plus sur le général, que sur l'armée*:—Confiar

mas no general que no exercito. (*plus reponere in duce, quam in exercitu*).

*Compter sur quelqu'un*:—confiar de alguém, estar certo d'elle, ter toda a segurança a seu respeito, etc. (*ponere certum in aliquo*).

*Il ne compte que sur vous pour toutes choses*:—Em vós somente confia:—em vós põe toda a sua confiança:—de vós espera tudo, etc. (*ejus spes opesque sunt in te uno omnes sitae*).

*On ne peut encore compter sur rien*:—Ainda, o caso está muito duvidoso;—ainda o negocio não está seguro:—ainda o negocio se não pôde dar por feito: (*res tota etiamnum fluctuat*) etc.—S. Luiz.

CONTINENCIA (*contenance*): por *aspecto*, *parecer*, *presença*, *semblante*, *gesto*, etc. foi taxado de gallicismo por um crítico moderno; mas nós o achamos usado pelos nossos classicos a cada passo. V. gr. Pina *Chron. de D. Duarte* c. 10. « e porém com graciosa continencia lhe disse » e c. 31. « como nas continencias de todos bem parecia » e na *Chron. de Affonso V.* c. 2. « o infante volveu a continencia ao povo » Barros *Dec.* 1. 1. 4. c. 9. « mui attento esteve o çamori a todas estas palavras de Vasco da Gama, olhando muito a continencia com que as dizia » e no *Dec.* 2. 1. 1. c. 1. « Tristão da Cunha ouvindo estas palavras, e a continencia, e efficacia, com que as este moiro dizia » Soisa *Vida do Arcebispo* 1. 2. c. 7. « levou após si os olhos de quantos se achavam na festa a grave continencia e magestade, com que o arcebispo fez o officio » E no 1. 6.

c. 10. « moveu do lugar com muito repoizo e grave continencia » No *Maxagão Defendida*, Poem. ms. c. 7. e 52.

*Com um airoso e grãve continente  
Parece confundir todo outro bairro*

E no c. 5. e 15.

*Estava o claro Soisa acompanhado,  
Esperando-os com grave continencia.*

*S. Luiz.*

CONTRACTAR: por *contrahir*, é um erro em que tem cahido alguns traductores, acaso por não advertirem que o verbo francez *contracter* tem ambas as significações em differentes circumstancias. Em portuguez corrente dizemos *contrahir dividas*, e não *contractal-as*; *contrahir*, amizades; *contrahir* um gôsto; *contrahir* uma doença; *contrahir* defeitos; *contrahir* matrimonio, etc., etc. E pelo contrario dizemos *contractar* uma compra, uma venda, uma troca etc., e não *contrahir*. Na linguagem diplomatica pôde dizer-se indifferentemente *contrahir* ou *contractar* alliança; mas falando das pessoas que figuram no tratado, dizemos *partes contractantes*, e não *contrahentes*. A observação ensinará estes differentes usos. que o bom escriptor não deve alterar a seu arbitrio.— *S. Luiz.*

COQUETTE, *Coquetterie*. — São vocabulos puramente francezes, que mui vulgarmente se empregam na conversação familiar, e que algumas vezes temos lido em

traduções impressas, acaso por se julgar difficil transpassal-as com propriedade para o portuguez. Nós entendemos que *mulher coquette* se expressará bem no nosso idioma por *mulher garrida, namorada, namoradaça*; algumas vezes *lasciva, desenvolta*; outras vezes *leviana, presumida e adamada*; dada á *galantaria*, etc. Ao substantivo *coquetterie* corresponde propriamente *garridice, galanice*, talvez *galantéo* e tambem *damaria*, etc. Veja o *Diccion. de Moraes* palavra *Lovreiro* (\*) — *S. Luiz*.

**CÔRTE** (*cour*).—Por *conselho, tribunal, relação, camara*, é gallicismo, que se não deve admittir em portuguez. Em lugar de *côrte de justiça* diremos *tribunal de justiça* ou *conselho*, ou *camara de justiça*: por *côrte marcial*, *tribunal marcial* ou de *guerra, conselho de guerra*, etc. Se em algum caso porém não podermos explicar a força da expressão franceza por outra portugueza bem correspondente, como succede algumas vezes, quando se trata de algum particular tribunal francez; em tal caso será melhor descrevel-o exactamente, ou usar do proprio nome francez, explicando-o em nota; porque

(\*) LOIREIRO, A, adjectivo (do francez antigo *loir*, hoje *leurre*, engodo, chamariz, de *leuvrer*, enganar, engodar, enlear). Travesso, inquieto, de cabeça leve. D. F. Manoel, f. 156. cart. 50, cent. 2 e na Carta de Guia, f. 41. «Mulheres ha leves, gloriosas, prezadas de seu parecer, *loireiras*, cuidoo que lhe chamavam nossos maiores, para significarem que a qualquer bafo de vento se moviam.»

as palavras afrancezadas v. gr. *côte de cassação* não se entendem melhor do que o puro francez *cour de cassation*.—*S. Luiz*.

**COSTUME** (*costume*). — Em uma traducção impressa lemos *costume ecclssiastico*, *costume leigo*, por *habito*, ou *traje ecclssiastico*, *habito* ou *traje laical* ou *leigal*, tomando-se o vocabulo francez *cóstime* pelo que materialmente sóa, e não o distinguindo de *coutume*, a que corresponde o portuguez *costume*.—*S. Luiz*.

**COSTUMES** (*mœurs*). — Sempre dissemos em portuguez homem de *bons costumes*, de *maus costumes*, de *costumes depravados*, de *costumes honestos*, etc., etc, e tambem « os *bons costumes* são essenciaes ao estado ecclssiastico; não ha verdadeira nobreza *sem bons costumes* » etc. Hoje porém é mui frequente, para significar *bons costumes*, tomar á maneira dos francezes o vocabulo *costumes* absolutamente, e desacompanhado do adjectivo que o qualifica, dizendo v. gr, o homem *sem costumes* é a peste da sociedade: *sem costumes* não pode prosperar o estado, etc. Este uso tem ar de francezia, e não é para se imitar em portuguez sem reflexão, maiormente quando faz ambigua, e até absurda a phrase, como succede, por ex., n'esta proposição que achamos impressa « *deve o pae conservar os costumes do filho* » que no nosso idioma vale tanto como dizer, que os deve *conservar*, quer sejam *bons*, quer *maus*.—*S. Luiz*.

**COTISAR**. — Gallicismo admissivel por não haver palavra que exprima esta idéa e por ter analogia na lin-



gua (em *quota*, parte, mudado o *quo* em *co*). Alguns escrevem *quotisar*.—*J. I. Roquette*.

COZIDA.—Em vez de cozimento, cozedura, é gallicismo desnecessario.—*J. I. Roquette*.

CRACHA'. — Dam hoje este nome ao *habito*, *divisa*, *insignia* ou *venêra* de qualquer ordem militar, quando se traz *pregada* ou *bordada sobre o vestido*, É' vocabulo francez escusado, e, ao que parece, de ma origem. Na lei de 19 de Junho de 1796 se lhe dá o nome de *chapa* ou *sobreposto bordado*, e é so permittido aos gram-cruzes e commendadores. — *S. Luiz*.

CRECHE. — Poringar onde recebem crianças para alimentar, asylo da infancia, etc. é gallicismo barbaro. *Creche* é propriamente a *manjadoira*, que poderiamos substituir por *berço* ou então *lactario*. Introduzindo as *vespasianas*, demos-lhes o nome de *mictorios*. E recentemente chamamos aos depositos de cadaveres de *necrotorios*. E estes termos acabaram por se naturalisar. Riu-se o povo, é verdade do' vocabulo *pinacotheca*, riram-se até os sabios senadores, mas passou o remoque e ficou a palavra.—*Do Collector*,

## D

DADOS (*données*). — Entre os francezes é termo mathematico, e significa propriamente as quantidades ou termos que nos são conhecidos ou *dados*, e de que nos

servimos para achar as *incoguitas*, e resolver qual-quer problema, D'aqui o tomaram em sentido mais amplo para significar os *fundamentos, razões, circumstancias* ou *noções* préviamente conhecidas ou suppostas, sobre as quaes podemos fundar o nosso juizo a respeito de qualquer questão ou factó: e n'este sentido dizem: *Não tenho dados para decidir; não tenho dados, sobre que possa fundar o meu juizo; não posso ajuizar d'esta acção por falta de dados, etc., etc.* Os portuguezes tem adoptado a mesma palavra com ambas as ditas significações: e se a primeira parece necessaria na lingua-gem mathematica, não ha razão de reprovar a segunda uma vez que se empregue sem affectação, e sem demasia. — *S. Luiz.*

DE *prep.*—Empregada sempre ou sem discripção antes dos infinitivos é gallicismo intoleravel. So se deve empregar quando o verbo, nome ou adjectivo, que governa o infinitivo, pede este regimen.— *J. I. Roquette.*

— Tem esta particula em portuguez tantos e tam varios usos, que so a lição assidua dos classicos os póde bem ensinar. Segundo o nosso parecer, é gallicismo empregada nas phrases seguintes :

*A primeira coisa que fiz, foi de vir a Madrid, i. é. foi vir, etc.*

*O congresso consistirá dos deputados das provincias, i. é. constará dos deputados, ou formar-se-á dos deputados, ou consistirá nos, etc.*

*Rogou á sua mestra de a deixar contar, i. é. que a deixasse contar, ou que lhe deixasse contar, etc.*

*Estou tentado de dizer, etc. i. é. a dizer.*

*Deve-se evitar com cuidado do inflammar a imaginação das mulheres: i. é. deve-se evitar inflammar, ou, o inflammar, ou deve-se de evitar inflammar, etc.*

*Ver-se obrigado muitas vezes até de implorar a desgraça: i. é. até a implorar.*

*A barbaridade não lhes permite de saber fazer melhor uso dos braços: i. é. não lhes permite saber, etc.*

*O menor abuso. que fazem da vida dos vencidos, é de reduzil-os á escravidão: i. é. é reduzil-os, etc.*

*Exercito forte de vinte mil homens: i. é. exercito de vinte mil homens,*

*Muro alto de vinte palmos: i. é. muro de altura de vinte palmos: ou muro de vinte palmos de alto: ou muro vinte palmos alto, etc.*

Para que os nossos leitores possam comparar os usos francezes com os portuguezes, apontaremos aqui algumas phrases dos nossos classicos, em que se emprega a particula *de* de um modo não mui vulgar, e são as seguintes:

*Espero de te ser este meu desejo aceito. Ferreira. Uma camilha, que não se iguala de outra alguma. Barros Dec. IV. 9. 3.*

*Quão grato era da mercê, que tinha recebido. Barros. Dec. I., 9. 5.*

Depois que uma mulher d'este sangue dos naires é de idade de dez annos, em que se ha por *apta de ter maridos. id., I. 9. 3.*

Que el-rei e seus successores fossem *obrigados de amparar* e defender a elle rei. Barros. III. 2. 2.

*Chamaram-lhe de hereje* luterano. *Vida do Arcebispo*, l. 4. c. 6.

O vulgo melhor *conhecido do muito*, que devia ao arcebispo, *ib.* l. 4. c. 13.

O qual (Jesus Christo) so *por obediencia do Padre Eterno* aceitou emquanto homem o pontificado. *ib.* l. 1. c. 8.

Levaram as sanctas reliquias para onde não havia esperança *de as tornarem a ver dos olhos.* *ib.* l. 6. c. 20.

Levam os olhos para a terra da promessa tam *suspirada, e soluçada d'elles.* Heit. Pint. Dialog. da Trib. c. 2.

*Coje Cofar*, que como monstro da terra, em que nascêra, os pais e a patria *o negavam de filho.* *Vida de Castro* l. 2. § 151.

*Desconhece-se de homem* o que não sabe perdoar. Arraes. *Dial.* 5. c. 1.

Nem *desconhece de parentes* seus primos. Id. *Dial.* 10. c. 67.

Coisa *antedenunciada de Isaias.* Id. *Dial.* 10. c. 68.

Achou os lugarinhos tam miudos e tudo o mais tam pobre, *e de ultima miseria* que, etc. *Vida do Arcebispo* l. 5. c. 17.

Os nossos pelejavam abrazados, *soccorrendo-se*, por unico remedio, *das tinas de agua* para refrigerar-se. *Vida de Castro* l. 2. § 148.

Foram n'esta conserva alguns navios de particulares, que por *benevoleucia do governador* (i. é. *benevolencia para com o governador*) serviram graciosamente o estado. Ib. l. 4. §. 43.

Porém D. Manoel de Lima, ou per *complacencia do governador* (i. é. *ao governador, ou para com o governador*) ou por confiança de si mesmo, se offereceu para ficar na praça. Ibid. l. 3. § 34.

Mulher ja de trinta annos,, e muito *inclinada de fazer bem aos pobres*. Fernão Mendes Pinto, cap. 124.

Não querendo ser *ingratos d'aquelle beneficio*. *Palmeirim* p. l. c. 91.

O pé direito, com que *começava de entrar*. Fernão Alvares, *Lusitania Transformada* l. 2. pros. 2.

A quem elle *desejava de comprazer*. Barr. Dec. I. 8. 10.

*Ordenou de fazer a fortaleza de madeira*. Id. Dec. I. 10. 2.

*Promettei a Christo de jamais o deixardes*. Arraes Dial. 10. c. 83.

Eu *desejo ha muito de andar terras estranhas*. Camões cant. 6. e 54.

*Ordena de se tornar ao rei*. id. c. 8. e 91.

*Determina de ter-lhe apparelhado lá no meio das aguas*, etc. id. c. 9. e 21. etc. etc.

Devemos porém advertir, que o uso actual da nossa lingua e a regularidade de syntaxe, que aconselham os principios da *grammatica philosophica*, nos não permitiriam hoje empregar indiscretamente a mesma par-

ticula em phrases semelhantes a algumas das que deixamos referidas, so porque assim foi empregada por algum ou alguns dos nossos auctores classicos; visto que estes, por falta do estudo philosophico da lingua, cahiram em muitos defeitos, no que respeita á organisação da phrase e discurso, que hoje seriam erros graves, e talvez indesculpaveis— *S. Luiz*.

DEBOCHE, *debochado*, (*debaücher; debouché*).—São puros gallicismos, trazidos para o portuguez sem necessidade alguma, e além d'isso mal soantes aos nossos ouvidos. Temos em lugar d'elles *devassidão, soltura, despejo, licenciosidade, dissolução, demasias, estragamento de costumes, etc. devasso, licencioso, dissoluto, despejado, estragado, perdido, solta nos vicios, etc.*— *S. Luiz*.

DECREPIDEZ. — Parece tomado do francez *decrepitude*, que significa o estado de *velhice extrema, mui avançada, caduca*.

Como não temos vocabulo algum com este significado, não reprovamos a sua introduccão; mas preferiríamos *decrepitude*; que nos parece de melhor soido, e teriamos por melhor que ambos *caducidade* do adjectivo *caduco*, que diz o mesmo,— *S. Luiz*.

DEFERENCIA (*déference*). — Não temos achado este substantivo em nem um dos nossos classicos, e nos parece trazido immediatamente do francez com a significação de *respeito, attenção* para com pessão superior.<sup>3</sup> Mas temos o verbo *deferir* no mesmo sentido, e derivado do latim *deferre*, d'onde analogamente se pôde

formar *deferencia*, que aliás é ja auctorizado por um uso mui geral.— *S. Luiz*.

DEGELAR. — E' tomado do francez *dégeler*, que val o mesmo, que *desfazer-se o gelo*. Bluteau o traz no *Supplemento* e cita a *Gazeta de Lisboa*. E' necessario, expressivo e conforme com a analogia.— *S. Luiz*:

DEGRADAR, *degradar-se, degradação*, etc. (*degrader*, etc.) — Temos em portuguez *degredo* e *degradar*, ou *dégradar* por *desterrar*, do latim *decretum* (do verbo *decerno*); e tambem *degradar*, (da partícula latina *de*, de o substantivo *gradus*) i. é. *privar do grau*, ou *gradação* civil ou ecclesiastica, ou militar: e n'este sentido dizemos *degradar da nobreza, das ordens, da milicia*, etc.

Mas quando no sentido figurado dizemos v. gr. *as paixões sensuaes nos degradam*, i. é. *nos aviltam, nos envilecem, nos deshonoram, nos destuam*: — *a indifferença e desprezo, que em Portugal se mostra ds letras, degrada o character da nação*, i. é. *deprime, abate, envilece, desauthoriza* ou *desdoira* o character, etc., parece ser phrase franceza, que todavia não ousamos reprovar, por quam conforme é com a segunda significação do verbo *degradar*. Entendemos, porém, que se deve empregar com moderação e desaffectedamente, e sem nos esquecermos dos outros vocabulos do nosso idioma, que sam menos expressivos.

Notem-se os seguintes lugares dos classicos portuguezes, e veja-se como elles exprimiam com energia, e va-

riedade o mesmo conceito. Arraes, *Dialogo*. I, cap. 15: *Muitas casas, que foram nobres e illus'res, agora estam descahidas e mascabadas por causa da liga e degeneração de seus descendentes*. Ibid. c. 30. *Em nem uma coisa se apouca mais a natureza humana, que em se inclinar aos costumes da bestial*. *Vida do Arcebispo* I. 5, c. 14. *Homens comparaveis aos antigos Curios e Cincinnatiatos, que não se abatiam a vilezas*.—Lobo, *Côrte na Aldêa*, ediç. de 1649, pag. 133: *Se o amor faz vego o amante, todavia não o faz vil*. E logo ahi: *O cubiçoso é cego para não ver razão nem honra, e para se abaixar a todas as infamias*. Vieira, carta 75 do tomo I. *Amo muito a nossa patria, e não tenho paciencia para a ver deêslúzida, quando Deus e os homens a tem illustrado tanto, etc., etc.*—S. Luiz.

DEPARTAMENTO do francez *departement*. — No principio da revolução franceza, deixada a antiga divisão por *provincias*, foi a França dividida em *departamentos*, que eram porções de territorio, a que se extendiam certas auctoridades estabelecidas para govêrno da republica, e que nós poderiamos sem erro chamar *comarcas* ou *districtos*. D'aqui ficamos adoptando este vocabulo, que somente se deve empregar, quando se trata da referida divisão, ou parte d'ella. Mas tomando-se em geral por *repartição*, v. gr. *ministro do departamento da guerra* — *tem a seu cargo o departamento das munições*, etc. — é gallicismo que se não soffre em bom portuguez.

DEPOIS. — Por este vocabulo traduzem alguns erra-



damente o francez *d'après* nas seguintes phrases: *A infiel imagem que farmamos depois das nossas conjecturas*, i. é, que formamos *segundo* ou *conforme* as nossas conjecturas, ou que formamos *levados* de nossas, etc. *Um retrato depois de Raphael*, i. é. *copiado* de Raphael. — *Grande deve ser a emulação dos lavradores depois de exemplos d'esta natureza*, i. é. *a vista de exemplos taes* — *Mas eu posso assegurar depois da minha experiencia*, i. é. *segundo* a minha experiencia, ou posso assegurar *pela minha propria* experiencia, etc., etc. — *S. Luiz*.

DESAPONTADO, — Com significação de *enganado*, *logrado*, *frustado* em suas vistas ou desejos, é gallicismo ou anglicismo (de *desappointed*) estúpido. — *J. I. Rouquette*.

DESCOBERTA. — Por *descobrimento* v. gr. de novas terras; ou *achado novo* nas sciencias e artes, etc., parece-nos vocabulo alheo da nossa lingua, e tomado do francez *découvert*. Moraes no *Diccionario* o auctoriza com as *Orden. do Reino na Collecç.* ao L. 4. T. 43, n. 1. § 4., no que ha erro typographico, devendo ser *Collec. I. ao L. 2. T. 34. n. 1. § 4.* Porém este lugar não auctoriza de modo algum o substantivo *descoberta*, no sentido que aqui reprovamos.

As palavras da lei são estas: *Hei por bem que o provedor das minas reparta as descobertas, e que se descobrirem*, etc., aonde claramente se vê que *descobertas* é um adjectivo referido a *minas*, e não o substantivo de que aqui tratamos, e pelo qual se disse sempre em bom portuguez *descobrimento*.

Não occultaremos porém, que na lei de 26 de Outubro de 1796 tit, 6. ja vem com a mesma significação *novas descobertas*. Por occasião d'este artigo advertimos, que a expressão adverbial *ao descoberto*, que parece gallicismo, vem comtudo algumas vezes em Fr. Heitor Pinto v. gr. no Dial. da Tranq. da vid. c. 15. *esses vos tiram muitas vezes ao descoberto*: e no Dial. dos Verd. e falsos bens, c. 16, *então lhes dá o mundo de rosto, e lhe tira ao descoberto*, i. é. *sem dissimulação e sem disfarce*. Igualmente é classico o substantivo *encoberta* por *asylo*, *valhacoito*, *escondrijo*, *lugar em que alguém pôde estar sem ser descoberto pelo inimigo*, etc.—S. Luiz.

DESCONFIAR-SE (*se méfier*). — Pareceu-nos ao principio gallicismo usar do verbo *desconfiar* com significação reciproca ou reflexa; mas depois notamos este uso em D. Francisco Manoel, *Carta de Guia*, fol. 94, vers. *a mulher se desconfia, vendo o pouco que fiam d'ella*. Em Vieira. carta 26 do tom. I: *E certo que se não tivera tanta confiança nas promessas de Deus, não sei se me desconfiaram os nossos merecimentos*. E nos Sermões t. 6. p. 451: *Os que se guardam para aquella hora, so tratam da saude do corpo, e quando esta se desconfia totalmente*, etc. Na *Vida do Arcebispo* L, l. c. 2.: *Da imbecillidade de sua natureza não desconfiava, por que conhecia suas forças... desconfiava-o, e fazia-o temer uma profunda humildade, em que avaliava tudo quanto fazia*, etc.—S. Luiz.

DESCOZIDO (*décousu*). — No sentido figurado v. gr.

*estyllo descozido, ditos descozidos* por *estyllo desligado, solto, desatado*, ditos sem *nexo*, talvez *sem concérto*, etc., parece-nos gallicismo escusado, ainda que a metaphora seja igual. A expressão *palavras derramadas*, que achamos em alguns classicos, parece-nos que diz propriamente *palavras diffusas, não concisas*, e ás vezes *palavras alhéas do intento* ou *proposito* sobre que se trata. V. gr. em Barros. Dec. II. 6. 3. *Vendo Affonso de Albuquerque palavras tão derramadas, e fóra do seu intento*, aonde se refere á pratica de Tuam Bandam, que vindo de mandado de el-rei de Malaca ver o grande Albuquerque, começou *a praticar com elle na disposição de sua pessoa, e se trouxera boa viagem, sem tocar na causa d'ella, nem perguntar a que era sua vinda*, etc. A este mesmo lugar de João de Barros allude, e no mesmo sentido se deve entender a phrase que vem na *Malaca Conquistada* I. 6, est. 50.

*Albuquerque, ds palavras derramadas*  
*Do cauteloso moiro respondendo,*  
*Assi disse..... etc.*

E na *Lusit. Transf.* l. 3. pros. 10. aonde se diz: *Ia por diante com os seus encarecimentos Urbano, por ser costume do amor fazer os amantes prodigos de palavras derramadas, em favor de quem amam*, etc. É facil entender, que *palavras derramadas* significa aquelles *encarecimentos*, e expressões *largas e francas*, que são proprias de quem ama, etc.—*S. Luiz*.

DESÉR (*déssert*). — Os nossos bons antigos diziam

*sobremeza, pós-pato* e também *postres*, que é de Soiza na *Vida do Arcebispo* l. 1. c. 22. Hoje até ás palavras se estende o luxo e francezia das mezas.—S. Luiz.

DESESPERO. — Estar ao ou em desespero, em vez de estar inconsolavel, é gallicismo *être au desespoir*, barbaro e estúpido.—J. I. Rouquette.

DESGOSTANTE. — Com a significação de *nojoso, hediondo, etc.*, é puro gallicismo, e muito ma traducção do francez *dégoutant*. Dois vocabulos tem a lingua franceza, que soam do mesmo modo, e significam mui diversas coisas, a saber: o verbo *de-goutter*, cujas raizes sam *de* e *gout* (*gosto*) e significa *desgostar*; e o verbo *dé-goutter* formado de *dé* e *goutte* (*gota*), que significa *gotejar, pingar, estillar gota a gota, etc.* D'este ultimo derivaram os francezes o adjectivo verbal *dégouttant*, com o qual se formam as expressões *dégouttant de sang, dé-gouttant de sueur, etc.*, i. e. *gotejando sangne, gotejando suor, etc.*; e d'aqui finalmente passaram ao uso absoluto do mesmo adjectivo verbal *dégouttant* tomado em mau sentido, para significarem com elle um objecto *nojento, asqueroso, esqualido, ascoso, hediondo*, e talvez *horrido; torpe, etc.*, quasi como nós dizemos em phrase plebêa de um homem *immundo*, e *torpe*, que é um *pingante*, que está *pingando immundicia*, etc., etc.—S. Luiz.

DESHABILHADO (*deshabillé*).—Estar *deshabilhado*, ou em *deshabillé* dizem hoje os nossos afrancezados de quem está *desataviado, desalinhado, sem adôrno, nem alinho, nem enfeite. mal composto, vestido a descuido, sem con-*

*cérto*, etc. E' gallicismo reprovado sem embargo de termos tido o vocabulo, hoje antiquado, *habilhar*, ou *abilhar*, i. é. *ataxiar*, do que falla Duarte Nunes, *Orig. da Ling. Port. cap. 17.*—*S. Luiz.*

DESINFECTAR: Por *desinficionar* parece tomado do francez; mas Bluteau ja o traz no *Supplemento* citando uma *Gazeta de Lisboa* de 1722. *Desinfectador* é hoje adoptado na linguagem chimica, e necessario.—*S. Luiz.*

DESNATURAR: *Desnaturado*: (*dénaturé*).— Temos ouvido tachar de gallicismos estes vocabulos, mas sem razão: Duarte Nunes nas *Chron.* usa frequentemente de um e outro, tanto para significar o que hoje mais vulgarmente dizemos *desnaturalização*, isto é, *privação dos direitos de nacional*, como para exprimir o estado moral do homem, quando *despido dos affectos naturaes*, e *dos sentimentos de humanidade*. Outros classicos os empregam no mesmo sentido. Veja Moraes no *Diccionario*. Mas *desnaturalizar factos* por *alteral-os*, *transformal-os*, etc. é gallicismo escusado.—*S. Luiz.*

DESOLADO: (*desolé*).— Em bom portuguez dizemos v. gr. *cidade desolada*, *paiz desolado*, isto é, *posto por terra*, *de todo arrasado*, *arruinado*, etc. e talvez no fig. *religião desolada*, por *arruinada destruida*, etc. Porém *mãe desolada*, *esposa*, *amante desolada* por *angustiada*, *magoada*, *afflicta*, *amargurada*, etc. é gallicismo e metaphora ao nosso parecer, pouco expressiva, por faltar-lhe o fundamento da analogia ou similhaça.—*S. Luiz.*

DESSER OU DESSERTA. V. *Deser.*

DESTACAR: *Destacamento*, etc. São termos militares trazidos do francez *détacher*, *détachement*, etc. e adoptados. Veja Bluteau, *Pros. Acad.* p. 1. pag. 16. — *S. Luiz.*

DETALHAR: *Detalhe*: *Detalhado*: (*detail*, *detalher*, etc.) São vocabulos hoje mui usados não só na locução vulgar, mas tambem nas correspondencias publicas, principalmente militares, e até nos papeis do govérno (Veja o alv. de regim. de 7 de Janeiro de 1797.) Significam *particularizar* os factos e suas circumstancias, *relatar miudamente*, *referir com miudeza*, *expôr circumstanciadamente*: — *relação por menor*, *particularidade*, ou *individuação* no referir os factos, etc. Não parecem alheos da analogia do nosso idioma, aonde temos *talhe*, *talho*, *retalhar*, *retalhado*, *entalhar*, *entalhado*, *entalho*, etc. Comtudo o uso das pessoas douctas e judiciosas ainda repugna a introduccão d'estas vozes, e nós preferiríamos dizer v. gr. com Vieira *carta* 25 do tomo 1. Não posso *encurecer a Vossa Senhoria quanto estimei a relação por menor do exercito*, em lugar de *relação detalhada*. E na *carta* 113, dando noticia de uma batalha entre francezes e hollandezes: *Esperam-se as particularidades no corréo seguinte*, que hoje se diria *os detalhes*. E na *carta* 32 do mesmo tomo 1.: *Com as cartas de Vossa Senhoria soubemos as circumstancias (os detalhes), e auctoridade das capitulações. que com alvoroço se esperavam*, etc. Na *Vida de Castro* l. 4. § 30, tambem se diz: *Referiu os casos da batalha com tam particulares accidentes, como quem sabia o successo*, etc, etc. Moraes na traducção do *Compendio da Historia portu-*

gueza usa do verbo *miudear*, em lugar de *detalhar* ou *referir pelo miúdo*. Finalmente é erro grosseiro dizer: *Não podemos ainda dar o detalhe circunstanciado d'este negocio*, que val tanto como *detalhe*, *detalhado*, ou *circumstancias circumstanciadas*.—S. Luiz.

DETHRONAR: (*dethroner*)—Não o temos achado nos nossos classicos, mas sim em lugar d'elle *desthronizar* ou *desenthronizar*.—S. Luiz.

DEUS.—O adjectivo numeral *um* unido a palavra Deus, sempre superfluo quando se falla do unico verdadeiro Deus, sabe a gallicismo.

O artigo *o* antes da palavra Deus é ordinariamente ou ainda mais inadmissivel do que o adjectivo numeral *um*.—Garção Stöckler.

DIA.—Lemos em obra portugueza original estas phrases: *Appresentar as auctoridades em o dia mais favoravel á causa*; *appresentar em um dia favoravel os feitos que devem ser discutidos*, etc. São gallicismos em lugar dos quaes devemos dizer: *Ex pôr os factos pela face mais favoravel: appresentar as auctoridades na melhor luz*, ou *á melhor luz*, etc.—S. Luiz,

DIFFERENÇA: Com esta significação de *desavença* entre duas ou mais pessoas, e *differente* por *desavindo*, diz Buteau no *Supplemento*, que são tomados do francez e como somente cita a favor d'elles uma *Gazeta de Lisboa* de 1726, parece que os teve por modernos. Mas o primeiro é frequentissimo em *Barros*, v. gr. na D. 2. l. 1, c. 2.: *Temendo esta visitação por parte d'el-rei de Melinde, pelas differenças, que entre elles havia*. D.

3. l. 1: c. 10.: *As quæes* diferenças, não somente lhe custaram honra, fazenda, e muito trabalho, etc.; e na mesma D. 1, l. c. 6.: *Porque entre mortos de fome, sede, doenças, naufragios,* diferenças de alguns mal avindos, e outros desastres, etc.— *S. Luiz.*

DILIGENCIA: Com o nome *diligence* nomeam os francezes certas *carruagens em que se viaja com muita brevidade*. E' adoptado entre nós, e auctorizado pelos papéis do govérno.— *S. Luiz.*

DISPONIVEL: Parece-nos que a significação do francez *disponible* nem sempre se pôde traspassar ao portuguez com toda a sua propriedade sem circumloquio: n'estes casos usaremos de *disponivel* assim como Vieira ja usou analogamente de *supponivel*. Em outros casos poderemos supprir este adjectivo por *prompto, prestes, coisa que está a ponto,* etc.— *S. Luiz.*

DOMESTICO: (*domestique*) Tomado como substantivo na significação restricta de *criado, servidor, moço,* parece não ser autorizado pelo uso da nossa língua, nem termos d'elle necessidade. Não é porém erro usalo com a significação mais generica, para significar *collectivamente* todas as pessoas, que compõe a familia de alguem. como *filhos, moços, criados, acostados, apañiguados* etc.— *S. Luiz.*



## E

**ECLUSA:** Por *digue* ou *reparo*, é vocabulo francez, que hoje está em uso, e que ja Bluteau metteu no *Suppl. ao Vocab.* Acha-se repetido no *Regulam.* publicado com o alv. de 20 de Fevereiro de 1795, art. 31 e seg.—*S. Luiz.*

**EDIFICANTE:** (*édifiant*) E' termo modernamente trazido do francez para significar o mesmo que *edificativo, exemplar.* Tem boa derivação, e ja vem nas *Prov. da Deduc. Chronol.* fol. 293.—*S. Luiz.*

**EFFEITOS:** (*effets*) Com a significação de *moveis, mercadorias, generos, fazendas,* etc. é tomado do francez mas está mui adoptado na linguagem mercantil, e ja foi usado por Vieira na *carta 15* do tomo 1., aonde diz: *Os empenhos das guerras presentes, a que os effeitos da fazenda real estão divertidos,* etc. Tambem se acha na proposição do bispo capellão mor ás cortes de 1653, aonde fallando dos dois milhões e meio offerecidos para a guerra diz: *consignastes estes na decima parte do rendimento que tivessesis, e em outros effeitos differentes.* Invest. Portug. em Inglat. n. 12.—*S. Luiz.*

**EFFERVESCENCIA:**—A respeito d'este vocabulo tomado no sentido *moral figurado* diz Francisco Dias Gomes *obr. poet.* nota 16 á eleg. 10.: *Nunca vi exemplo d'este vocabulo nos nossos classicos; mas sendo usado pelos auc-*

tores francezes, cuja lingua é assaz conhecida na nossa terra, não deve causar estranheza fazer-se d'elle uso; além de que esta palavra é de significadô facil, e é sonora; e posto que não exista na lingua latina, existem as suas origens, cujos significados são notorios, ainda aos que a não sabem. No sentido proprio e physico ja o traz Madureira, e é adoptado na linguagem chymica.— S. Luiz.

EFFUSÃO: (*effusion*)— Temos este vocabulo na significação formal por *derramamento*. Pelo que julgamos que sem inconveniente se póde adoptar no sentido figurado, para significar a *effusão do coração*, a *effusão da ternura*, etc.— S. Luiz.

Egoismo: (*egoisme*)— Esta palavra, que hoje se acha adoptada pelo uso geral, parece accommodada, e até necessaria, para com ella exprimirmos aquella especie de *amor proprio vicioso*, com que o homem, attendendo somente a si, de uma absoluta, injusta e mal entendida preferencia aos seus interesses, prostergado o bem geral da sociedade, e os interesses legitimos dos seus concidadãos, ou ainda de todos os outros homens. E' verdade, que a expressão *amor proprio* se toma muito frequentemente pelo *amor excessivo e vicioso de nós mesmos*: mas nem esta é a natural significação dos termos, nem ainda nos parece, que esse *amor proprio excessivo* exprima tanto como o vocabulo *egoismo*, o qual se entende de um *amor proprio* em tal maneira *vicioso, desordenado, e exclusivo*, que rompe todos

os vinculos sociaes, e faz do *egoista* um verdadeiro monstro tam adominavel, como perigoso.— *S. Luiz.*

ELANÇAR-SE: (*s'elancer*)—E' palavra puramente franceza, e trazida sem razão para a nossa lingua. Temos em lugar d'ella *arremeçar-se*, *abalançar-se*, *arrojar-se*, talvez *arremetter*, etc. N'esta phrase v. gr. que achamos impressa: *Templos, cujas torres sobem, e se elançam para Deus*: devemos dizer em bom portuguez: *Cujas torres sobem ás nuvens, ou tocam o céo, ou vão as nuvens e tocam o céo*, etc.— *S. Luiz.*

ELECTRIZAR: E os seus derivados (de origem grega) são modernos, mas indispensaveis na linguagem scientifica, e adoptados pelo uso geral dos douctos.—*S. Luiz.*

ELÈVE: (*élève*)— Por *discipulo*, *alumno*, *escolar*, é puro gallicismo, que erradamente tem alguns querido introduzir na nossa lingua.— *S. Luiz.*

EM: *No*, *na* (*en*)— E' notavel o abuso que se faz d'estas particulas, passando ao portuguez muitas phrases francezas, em que ellas entram, e empregando-as sem discripção contra o uso do idioma. Darémos alguns exemplos dos muitos que temos notado, para servirem de aviso aos meos douctos ou menos advertidos.

*Fallar em philosopho*, em *historiador*, i. é. *como philosopho*, *como historiador*.

*Ser mandado em parlamentar*, i. é. *ser mandado como parlamentar*, ou *sèr mandado parlamentar*, etc.

Em *homem religioso*, e mesmo em *homem de letras estou persuadido*, etc. i. é. *como homem religioso*, e ainda *como homem de letras*, etc.

*O tacto, e objecto em questão, isto é, de que se trata, sobre que versa a questão, etc.*— Esta phrase o *objecto em questão, o negocio em questão, etc.* é mais concisa, e a ellipse facil de entender-se, e por isso a não reprovamos.

*Pôr em facto, isto é, como facto, supphr, supphr como certo; dar por certo, etc.*

*Eis-aqui pois, disse eu em mim mesmo, etc.* isto é, *disse eu comigo mesmo.*

*Ser mandado em qualidade de embaixador; obrar em qualidade de pai, etc.* Estas phrases, que não temõs achado nos classicos portuguezes, são hoje mui usadas, e tem a seu favor algumas auctoridades modernas, taes como a do P. Pereira na *Pref. ao Livro do Exodo*, aonde diz, mais de uma vez, fallando do divino legislador dos hebreus : *Em qualidade de Deus, em qualidade de rei, em qualidade de principe, etc.*; e a do *Felix Independ.* l. 19, *um varão maduro e politico, que possa em qualidade de pae, e supremo conselheiro assistir a seu lado, etc.* » A mesma expressão se acha tambem algumas vezes nos *Estat. novo da Universidade* por ex. no l. 3. p. 2. t. 2. c. 1. n. 9. *Os ouvintes obrigados a alguma parte do curso mathematico, poderão ouvir o resto em qualidade de voluntarios, e logo no c. 4. n. 1. nem um estudante poderá ser admittido á matricula de mathematica em qualidade de ordinario, etc.* Sem embargo porém d'estas auctoridades, e uso, julgamos que a mesma expressão se pôde supprir bem

no nosso idioma pela particula *como* ficando a phrase mais concisa, e mais analoga ao uso latino.

*Obrar na qualidade de chefe de familia*, isto é, *como cabeça de familia*. Esta phrase parece-nos mais reprehensivel que a antecedente. O artigo não so é escusado, mas altera, e talvez faz ambiguo o sentido do discurso, como se vê por exemplo n'este periodo: *Deus permittit e tolera na qualidade de principe e de rei dos hebreus aquillo mesmo, que elle condemna na qualidade de Deus e de juiz, etc.*

*Este direito parece odioso nos actuaes costumes*, isto é, *segundo os actuaes costumes*. Esta e outras simillhantes expressões não duvidamos que possam adoptar-se em alguns casos; mas devem usar-se com discrição, e de maneira que não façam ambiguo o sentido de quem falla, ou escreve. Se, por exemplo, em lugar de *direito* substituirmos outro vocabulo, e dissermos *este defeito*, *este crime parece odioso nos actuaes costumes*, ficará o leitor ignorando se *este crime existe nos actuaes costumes*, e *parece odioso*, ou se *existe em geral*, e *parece odioso*, porque os actuaes costumes o repugnam, etc. O mesmo se deve advertir respectivamente ácerca das expressões seguintes:

*Parece que no espirito da legislação de Moisés não deviam as artes ser exercitadas*, isto é, *segundo o espirito*.

*E' n'este projecto que elle nos prohibe*, isto é, *com este projecto*, ou *intuito* é que elle nos prohibe, etc.

*Na mesma int. nção obrigavam as leis, etc.* isto é, *com*

a mesma intenção, ou a mesma intenção tinham as leis, quando obrigavam, etc.

Ultimamente para que o leitor possa fazer mais seguramente o seu juízo, e avaliar o merecimento das diferentes phrases, em que se empregam estas particulas, dar-lhe-emos aqui algumas das muitas e mui varias, que a cada passo encontramos nos clássicos portuguezes, e que se devem estudar e entender com a limitação, que já apontamos fallando da particula DE.

*Todas as coisas de novo, e na primeira vista contentam mais.* Lobo Côrte na Ald. dial. 14.

*Os idolos são as coisas, a que em despeito de Deus nos affeiçamos.* Heitor Pinto, dial. da verd. amiz. c. 1.

*Depois que sahimos em terra,* Ib. c. 16.

*Passou em Africa: em Asia: em França: etc.* Lucen. Barros, e os mais a cada passo.

*O qual aportou na cidade—sahir na cidade.* Barros dec. 1, l. 1. c. 9, e l. 8. c. 9, etc.

*Enchia todos os lugares. . . . . que estavam em vista da ribeira.* Barros d. 2. l. 6. c. 2.

*Eu que vim em o mundo, vestido em sua pompa,* Chr. dos Menor. c. 2. do l. 1.

*A passada de el-rei D. Sebastião em Africa.* Miscellanea de Leitão pag. 188.

*Mancebo bem posto, com as abas na cinta a guiza de caminhante.* Arraez dial. 10. c. 36.

*Quem duvida n'isso?* Heitor Pinto, Dial. da lembrança da morte c. 5., e em outros lugares.

*E porque o dito rei não quiz fazer, nem conceder n'isso. Duarte Nunes, Ch'r de Affonso V. c. 51.*

*Os mais dos nossos eram em parecer que não convinha pelejar com elles. Barros, dec. 3. l. 7. c. 10.*

*Homem usado na guerra. Ib. l. 8. c. 9.*

*Se resolveram em deixar o mundo. Misselanea de Leitão p. 113, e nos classicos a cada passo.*

*Affirmando que em razão de homem, e letrado, e virtuoso e de valor, não achava quem melhor merecesse o cargo. Vida do Arceb. l. 1. c. 6.*

*Propoz dois pontos mui essenciaes, . . . se bem um pouco azedos, e que feriam nos olhos a muitos. Ib. l. 2. c. 13.*

*Assim começou em chegando a Braga a alargar a mão. Ib. l. 1. c. 13.*

*E como trazia em prompto, e como contadas pelos dedos, todas as despesas. Ib. l. 1. c. 24.*

*N'este lugar vieram os fundadores em tamanha desavença. Ib. c. 26.*

*Cuidando no modo que teria para se restituir na graça do soldão. Barros Dec. 3 l. 1. c. 3.*

*Acudindo ora n'uma parte, ora n'outra, Barros, Dec. l: l. 1. c. 3.*

*Uma serra tam alta e íngreme, que sobe em altura de sete leguas. Ib. dec. 3. l. 2 c. 1.*

*Quando a mesma avareza se sobe em alto. Barreiros Signif. das plant. pag. 321.*

*Mandar em presente, isto é, de presente. Parallel. de Princ. c. 63.*

*Aquelle que quizer vir em pôz mim. Espelho de Perf.*  
l. 3 c. 29.

*Aparelhado em o negamento de si mesmo. Ib. l. 1.*  
c. 11.

*O amante transportado na imaginação do que ama,*  
*Côrte na Aldea etc.*

*Este é o meu filho muito amado, no qual muito me*  
*agradei, Vieira Sermões p. 7. n. 221.*

*E elle se ouve em forma que sempre sahio vencido, etc.*  
*Parallel de Principes c. 70.*

*Intento mais em seus ganhos, que em inquirir ver-*  
*dades. Miscellanea de Leitão, p. 225, etc. etc. etc.*

EMBECIL. Vej. *Imbecil.*

EMBELEZANTE: (*ebleuissant*)— Não ousamos reprovar  
esta innovação, porque não desdiz da analogia, e por-  
que os dois vocabulos conformam em significação.  
*Eblouissant*, coisa que *céga*, que *deslumbra com o seu*  
*esplendor*: *Embellezante* coisa que *embebeda com a sua*  
*belleza e formusura*, etc. Assim poderemos dizer o  
*embellezante disco do sol*, que em portuguez mais usual  
se diria *o rutilante, o refulgente, coruscante*, etc., ainda  
que não com a mesma força de exprimir. Em um  
poeta moderno achamos *deslumbrante* no mesmo sen-  
tido:

..... *coberta a altura*

*Do soberbo palacio*

*Com deslumbrante alvissimo regelo*

*S. Luiz.*



**EMBELLECER:** *Embellecido, embellecimento*: — Temos achado muitas vezes estes vocabulos, assim como tambem o adjectivo *embellezado*, empregados nas traducções modernas, como respondentes ao francez *embellir, embellir, embellissement*. Porém o adjectivo *embellezado* de *embellezar* tem significação mui diversa na nossa lingua: e os outros vocabulos, bem que não encontrem analogia, parecem desnecessarios, visto termos com a mesma significação os verbos *ornar, adornar, ornamentar, enfeitar, aformosear, aformosentar, etc.*, os adjectivos *ornado, enfeitado, aformoseado, etc.*, e por *embellecimento, ornatos, adornos, enfeites, etc.* Temos tambem lembrança de achar em um poeta moderno o adjectivo *alindado*, e o verbo *alindar* derivados do substantivo *lindo*.—*S. Luiz*.

**EM BOM PONTO:**— Esta expressão tomada palavra por palavra do francez *en bon point*, foi usada pelo auctor do *Palmeirim*, c. 139 *tomou a redea ao cavallo, que achou em bom ponto* e tambem se acha na *Chron. do Condest. c. 57. : até que foi são, e em bom ponto* e no c. 68. : *eu sou em bom ponto de minha saude*. Hoje é expressão antiquada.— *S. Luiz*.

**EMIGRAR:** *Emigrado, emigração*:— São vocabulos, que modernamente tomamos dos francezes *émigrer, emigration, etc.*, e significam *sair da patria*, ou, em geral, *sair de um lugar para passar a outro*, isto é, *de um reino para outro, de uma cidade para outra, etc.* Sam de origem latina, e conformam com a analogia do idioma portuguez, aonde temos *transmigração*, que si-

gnifica propriamente o *passar além*, e *remigração*, que é de Vieira, na carta 39. do tomo 1., e significa o *voltar para a patria*; ou para o lugar d'onde se emigrou. Tambem se pôde dizer *migração* tirado do latim *migratio*. (\*)—*S. Luiz*.

EMISSARIO: (*émissaire*)—E' gallicismo de que não temos necessidade; mas que o uso vai adoptando, e que não encontra a analogia, além de ser de origem latina. Diz tanto como *mensageiro*, e ás vezes *espia*.—*S. Luiz*.

EMITTIR:—E' tomado do francez *emettre*, e usa-se na linguagem-*fiscal*, v. gr. *emittir apolices do erario*, *emittir bilhetes de banco*, por *crear apolices, bilhetes*, etc. Não o reprovamos n'esta significação, porque é expressivo, tem boa origem e é derivado conforme a analogia. Mas *emittir um voto*, isto é, *dal-o, expressal-o*, etc. é phrase escusada em portuguez.—*S. Luiz*.

EMOÇÃO: (*émotion*)—E' tambem trazido do francez sem necessidade. Em lugar d'elle dizemos *commoção*, *agitação*, talvez *turbação*, ou *perturbação do animo*, e propriissimamente *abalo*. Sá de Menezes na *Malaca Conq.* 1. 2, est. 113, parece usar de *alterações* no mesmo sentido, quando diz:

*A'quella parte inclina o rosto brando,*

*Novas alterações na alma sentindo.*

*S. Luiz.*

(\*) Veja os, *Synonymos portuguezes*, que fazem parte d'esta colleção.

EMPALLECER: (*pálir*, ou *devenir pâle*)—E' inovação contraria á analogia do nosso idioma, e além disso escusada. Em bom portuguez dizemos com muita propriedade *empallidecer*, que é de João Franco Barreto, e tambem *amarellecer*, que é de Ferreira, eglog. 19. *A mão te treme: o rosto amarelece*. Ou *emmarelecer*, que é de Arraes, dial. 8. c. 12. *A face emmarelece e todo o corpo se resfria*. Tambem se pôde as vezes traduzir por *desmaiar*, *descorar*, *enfiar*, *perder a côr do rosto*, ou *fugir-lhe a côr do rosto*, etc.—S. *Luiz*.

ENCORAJAR: *Encorajado*: (*encourager*)—Não temos necessidade alguma d'estes vocabulos, cuja significação se pôde trasladar em portuguez por muitos outros de boa nota, e iguálmente expressivos. Taes são por exemplo *esforçar*, *alentar*, *animar*, *incitar*, *affoutar*, *espertar*, *dar animo*, *dar ousadia*, *accender o animo*, *metter brios*, etc., etc. Todavia temos auctorizadas com exemplos dos nossos melhores classicos as palavras *coragem*, e *corajoso*, d'onde facil, e naturalmente se podem derivar *encorajar* e *encorajado*.—S. *Luiz*.

ENDOSSAR: *Endossador*, etc.—Sam usados na linguagem mercantil, e auctorizados pelas leis modernas. Veja o Alv. de 16 de Janeiro de 1793 e o Decreto de 29 de Outubro de 1796, etc.—S. *Luiz*.

ENGAJAR: (*engager*)—Temos achado este vocabulo em alguns impressos modernos com a significação de *assallariar*, *assoldadar*, etc. v. gr. *musico engajado para o regimento*, o que é gallicismo grosseiro, e intoleravel. Mas ainda nos parece mais torpemente

empregado em uma traducção, tambem impressa, onde lemos a seguinte phrase: *Trouxe vinte homens escolhidos para pagar-lhes seu enganche*, tomando, como parece, a palavra *enganche* do francez *engagement*.—*S. Luiz*.

ENTAMADO: (*entamé*)—Duvidamos da legitimidade e pureza d'este vocabulo, porque o não temos encontrado em auctor classico, nem em algum dos nossos dictionarios. Mas muitas vezes o temos ouvido na provincia do Minho da boca de pessoas indoctas, e até rusticas, que de nem um modo o podiam haver tomado do francez: e queriam dizer v. gr. *estd o negocio bem entamado*, isto é, bem *começado*, bem *entabulado*, bem *encetado* ou bem *estreado*, etc.—*S. Luiz*.

ENTESTAR-SE: *Entestado*.—E' mui portuguez o verbo *entestar*, cujas significações se podem ver em Moraes. Mas quando se usa no sentido do francez *s'entêter*, *entété*, é puro gallicismo, em lugar do qual dizemos *obstinar-se*, *porfiar*, *preoccupar-se*, ou *prevenir-se fortemente*; *obstinado*, *teimoso*, *porfioso*, *capitoso*, *opiniatico*, *contumaz*, e em phrase plebea *cabeçudo*. Bernardes usa tambem do adjectivo *ateimado* na Nova Flor. tomo 5, p. 251, aonde diz: *Quem, se não estiver cego da paixão, ou ateimado no que uma vez tomou a peitos, pôde negar*, etc. Veja em Moraes a palavra *ateimado*.—*S. Luiz*.

ENTRAVAR. No sentido figurado de *embaraçar*, *empecer*, por obstaculos, é gallicismo desnecessario.—*J. I. Roquette*.

ENTRAVE: Por *estorvo*, *obstaculo*, *embaraço*, *impedimento*, é gallicismo grosseiro, escusado.—*S. Luiz*.

ENTRECHOCAR-SE: (*s'entrechoquer*) diz-se de dois corpos, que embatem um no outro, *estando ambos em movimento*, e *reciprocando o seu encontro* ou choque. A sua significação não é idêntica com a do verbo *chocar*, e por isso nos parece necessario, além de não desdizer da analogia.—*S. Luiz*.

ENTRECORTADO: (*entre-coupé*)— Também não julgamos alheia do nosso idioma a composição d'este vocabulo, visto termos *entrecosido*, *entresachado*, *entretecido*, *entrevisto*, etc.—*S. Luiz*.

ENTREPREZA: *Entreprendre*, etc. Veja *Interprender*.—*S. Luiz*.

ENTRETENIMENTO.— Com a significação de *cuidado*, *despeza*, para conservar alguma coisa em bom estado; de *conservação*, conferencia, é gallicismo escusado.—*J. I. Roquette*.

ENVELOPPE.— Foi este vocabulo introduzido pelo commercio e vale tanto como *capa*, *involta*, *involtorio*. Tendo nós *sobrescripto* para significar o rotulo ou endereço posto nos *enveloppes*, devemos adoptar para esta casta de capas a palavra *sobrecarta* embora signifique a segunda carta passada depois da primeira ou que confirme e accrescenta a primeira, accepção com que os adicionadores de Moraes a desencavaram das *Provas da Historia Geneologica*. Dizem hoje os negociantes uma, duas ou tres vias de cartas ou letras de cambio, ou 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> via, por abreviação, e não *sobrecarta*, so-

*breletra*, e quando ha algum addiçionamento mencionam em um *postescrito* ou *post-scriptum*.

Nem vejo outro termo além de *sobrecarta* que esteja em mais harmonia com o que ella contém, isto é a *carta* e com o seu rotulo, o *sobrescrito*.— *Do collector*.

EQUIPAGEM: Temos em portuguez a palavra *esquipar*, derivada da raiz *schiff*, (*navio*) que se conserva no alemão (d'onde o latim *scapha*, o portuguez *esquife*, isto é, *pequeno batel*, o belgico *schipper*, isto é, *marinheiro*, etc.) e com ella dizemos *esquipar a galé*, *a náu*, etc. por *metter-lhe a gente necessaria para a mareação*, e tambem *esquipar uma armada*, por *emprestal-a*, *aparelhal-a*, etc. D'aqui derivamos o substantivo *esquipação* para significarmos com elle *a gente*, e *aprestos necessarios para marear o navio*. Hoje, em lugar do vocabulo *esquipação*, usamos *equipage*, ou *equipagem*, tomado do francez *equipe*, e não so o empregamos no mesmo sentido de *esquipação*, se não tambem o ampliamos para significar á maneira do francez, *todos os aprestos*, e *preparos de um exercito de terra*, e além d'isso, *todo o apparatus de criados*, *carruagens*, *alfaias*, etc. que compõem o trem e comitiva de alguma pessoa ou familia. Parece-nos adoptavel em todos estes sentidos, e hoje muito preferivel a *esquipação*, visto se ter feito tam vulgar o uso d'esta palavra no sentido de *extravagancia*, *singularidade*, talvez *ridicula*, *modo de obrar* ou *discorrer alhéu do commum*, etc.— *S. Luiz*.

ERIGIR-SE em *juiz*, em *critico*, etc. é phrase franceza. Em portuguez não temos achado o verbo *erigir* com

significação reflexa, no sentido de *arrogar um homem a si uma qualidade que lhe não compete*. Diremos antes *fazer-se juiz, constituir-se tal, arrogar essa auctoridade, etc* —S. Luiz.

ESCRAVIZADO: E' vocabulo que vai sendo da moda, até nos pulpitos, e que parece tomado do francez, tambem moderno, *esclavisé*. Em portuguez limpo dizemos v. gr. *homem subjugado, cativado, avassallado, tyrannizado* das páixões, e não *escravizado*.— S. Luiz.

ESPECTADOR: (*spectateur*)— E' conforme com a analogia e adoptado pelo longo uso. O mesmo dizemos de *espectavel* por coisa *digna de se ver, coisa muito para ver, illustre, notavel, etc*. Ambos tem origem na lingua latina.—S. Luiz.

ESPIÃO: *Espionagem*: (*espion: espionage*)—Nos auctores portuguezes de boa nota somente achamos *espia, explorador, espiar, explorar*, que dizem tanto como o francez *espion, e espionner*. E se é necessario tambem um nome para a arte ou officio do *éspia*, por que não diremos *espiagem*, seguindo a analogia da nossa lingua? — S. Luiz.

ESPIRITOS-FORTES: (*espirts-forts*)— Expressão ironica, adoptada na linguagem scientifica para significar os *incredulos*, os quaes em realidade blasonam de *espirtos fortes*, isto é, de serem superiores ao que elles chamam preocupações vulgares, e de desprezarem a prudente temperança de uma razão verdadeiramente illustrada, que conhece e respeita os seus limites.— S. Luiz.

ESPIRITUOSO: E' adoptado na linguagem çhymica: mas

applicado para significar o homem *vivo, esperto, engenhoso, agudo, perspicaz*, que *tem boa fantasia*, que é *discreto*, etc. parece trazido immediatamente do francez, e tomado pelos francezes do inglez *spirituous*. Tem boa origem e derivação, e é mui expressivo. O mesmo dizemos da palavra *espírito* por *viveza, vivacidade, ingenho, penetração*, etc.—*S. Luiz*.

ESQUECER *alguem*, ou *alguma coisa*. Esta significação activa do verbo *esquecer* é reprovada como gallicismo por um critico moderno, o qual suppõe que em bom portuguez sómente se pôde dizer *esqueci-me da lição*, ou *esqueceu-me a lição*, e não *esqueci a lição*. Mas o uso constante e frequentissimo dos classicos mostra o contrario. *Ferreira, Castro, Acto IV*.

*Aquelles matas tu sómente, ó morte,  
Cujó nome se esquece.....*

*Camões*, l. P. das Rim. soneto 22.

*Antes os esqueçaes, que vos esqueçam.*

E na Eglog. 3.

*Que já de mim me esqueço co' a lembrança  
D'esta mudança, que esquecer não sei.*

*Fern. Alv. Luzit. transf. l. 2. p. 89 edição de 1607.*

*Os animaes nos montes,  
Os passaros nos ramos, que florecem,  
Os peixinhos nas fontes  
Já pelo somno esquecem  
O pasto, e repoisados adormecem.*

*Gabr. Per. Ulyss. c. 3. e. 99.*



*Que ainda ha de esquecer por Lusitania  
Os abrazados muros de Dardania.*

Arraes, dial. 1, c. 14. *Outros lugares curiosos de Galeno, minha fraca memoria os tem esquecido.*

*Vida do Arcebispo*, l. 6. c. 1. *A gente de Vionna não podia esquecer as obrigações, em que estava ao Santo.*

Lobo, *Côrte na Aldéa*, pag. 191, ediç. de 1649. *Não tendes razão, quando vitupereis o seu officio, esquecer a grandeza das partes d'elle...* etc. etc.

Por occasião d'este artigo, não será inutil advertir aos nossos leitores, que muitos verbos ha na lingua portugueza, que sendo quasi sempre neutros, apparecem todavia com significação activa, e até reciproca ou reflexa, nos bons escriptores nacionaes: e ao contrario verbos, que sendo activos, se encontram tambem com significação neutra, e intransitiva. De uma e outro classe apontaremos aqui alguns exemplos:

*Conversar.* Diz-se *conversar com alguém*; e *conversar alguém*.

*Entrar em algum lugar* — *Entrar uma cidade.* — *A peste os tinha entrado.* — Os portuguezes *lhe entraram o navio*, etc.

*Acabar*, isto é, *fazer fim.* — *Acabar alguma coisa*, isto é, *concluil-a, pôr-lhe termo ou remate.* — *Acabar alguma coisa com alguém*, isto é, *fazer que venha n'isso, que a conceda*, etc.

*Forrar despesas.* — *Forrar-se alguém de palavras.* — *Acertar o alvo.* — *Acertar o encontro.* — *Acertar no alvo.* —

*Acertar com a verdade.*—*Acertar com a morada de alguém.*  
—*Acertar de se encontrar com alguém.*—*Acertar-se de pelear duas vezes no dia, isto é, acontecer assim, etc.*

*Haver.* *Ha um homem virtuoso.*—*Ha dias que succedeu o caso.*—*Ha que merece tudo, isto é, julga, tem para si.*—*Houveram grande victoria dos inimigos, isto é alcançaram-na.*—*houve-se bem no negocio, isto é, portou-se.* *Ha de havel-o comigo.*—*Havia-o com homem executivo, etc.*

*Repugnar a alguma coisa.*—*Repugnar o officio.*

*Assistir a uma funcção publica.*—*Assistir o estado, isto é, auxilial-o, patrocinal-o.*

*Desbedecer a Deus*—e—*desobedecer-o.*

*Desmaiar, isto é, desalentar.*—*Perder o animo.*—*A carta de V S. me desmaiou, isto é, me fez perder o animo.*

*Duvidar.* Os homens confessam o poder de Deus, e *duvidam-lhe da vontade. . .* e não falta *quem até o poder lhe duvide.* Vieira.

*Resistir a alguém*—ou—*Resistil-o, etc. etc. etc.*—*S. Luiz.*

ESTAR AO FACTO: *Pôr-se ao facto: (être au fait, ou se mettre au fait)*—*Sam puros gallicismos, e querem dizer estar no caso, estar sciente, entender, inteirar-se, in formar-se, instruir-se, etc.*—*S. Luiz.*

ESTAR SOBRE AS SUAS GUARDAS, ou *Andar sobre, etc.*  
*Phrase franceza contraria ao uso do nosso idioma.*  
*Quer dizer: estar ou andar de sobre aviso; com o olho*

sobre o hombro; á lerta; andar sobre si; attentar por si; olhar por si, etc. etc.— S. Luiz.

ESTUDADO: Por *affectado*, *contrafeito*, v. gr. *modos estudados*, *accio estudado*, *estyllo estudado*, parece-uos trazido do francez para a nossa lingua. Comtudo a metaphora é bôa, e expressiva, e o termo tomado na sua significação natural é mui portuguez e classico. Temos de auctoridade mui respeitavel. que o adjectivo *estudado* se acha com a significação de *affectado* na *Douctrina ao Infante D. Luiz* por Lourenço de Caceres, aonde se lê n'este sentido, *estudada diligencia*, e que da mesma sorte se encontra em varios classicos. Nós não temos lição alguma d'aquella obra: e nos mais classicos sómente temos achado *estudado* por coisa dita ou feita com estudo, reflexão, com cuidado, e tambem *discurso estudado*, isto é, *ornado*, etc.

ETAGERES — por prateleiras, bufete, estantes, ou meza com estantes, prateleiras, etc., é gallicismo grosseiro e estupido.— *Do collector*.

ETIQUETA (*étiquette*) como letreiro, rotulo, inscripção, marca, signal, é gallicismo que se antepõe á verdadeira accepção com que foi esta palayra introduzida na nossa lingua.— *Do collector*.

ETIQUETA: (*étiquete*)— E' vocabulo adoptado pelo uso geral. Veja Bluteau no *Vocabul. Moraes*, etc.—S. Luiz.

EVAPORADO: Tomado figuradamente para significar *homem evaporado*, *mancebo evaporado*, isto é, *homem leve*, *leviano*, *vão*; mancebo *inconsiderado*, *desattentado*,

*de jutxo leve, e voluvel, talvez inconstante, etc.* parece gallicismo escusado na nossa linguagem.—*S. Luiz*.

**EXACTIDÃO:** (do francez *exactitude*)—D'antes diziamos *exacção*, que é mais classico, e mais conforme com a analogia. Comtudo *exactidão* parece não desmerecer a preferencia, que hoje tem alcançado no uso vulgar se quizermos evitar o encontro das differentes idéas, que offerece o vocabulo, *exacção* com o qual exprimimos a *cobrança* ou *arrecadação de tributos*, e talvez o rigor das *cobranças fiscaes*, assim como aos encarregados d'estas chamamos *exactores*.—*S. Luiz*.

**EXECUÇÃO:**—E' usual entre es francezes dizerem v. gr. *ces ouvrages etaient d'or, et il y avaint des piéces d'une execution et d'un travail fort recherché*, aonde a palavra *execution* se não póde traduzir ao pé da letra, sem gallicismo. Em portuguez corrente dizemos *peças de um lavor primoroso, delicado, exquisito; de rico e primoroso artificio; peças excellentemente obradas; muito bem obradas, trabalhadas com admirável artificio; fabricadas com grande e primorosa arte; peças de raro lavor; de polido lavor; de obra rara e exquisita*, etc. No *Affonso Africano* de Moisinho c. 12 p. 194 achamos exprimida assim a mesma idéa:

*Vio pendurada uma lustrosa espada*

*Feitura e obra de mão perfeita, e prima,*

*Segundo é rara aos olhos, e acabada.*

E na *Malaca Conquistada*, c. 10 e 142:

*Emfim n'esse que vés fatal escudo,  
Obra de extrema mão, sabio Vulcano,  
Está pronosticado o lavor mudo, etc.*

Em estoutras phrases francezas v. gr. *homme de conseil et d'exécution*; *homme de peu d'exécution*, etc., deve entender-se *homem de conselho e efficacia*; *de conselho e valor*; *homem pouco efficaz*; *pouco activo*, etc.

EXIGIR: (*exiger*).—Por *demandar*, *pedir como divida*, *pedir com auctoridade*, etc.; diz Moraes no *Diccion*, que é termo moderno adoptado. Tem origem latina no verbo *exigere*.—S. *Luis*.

EXPORTAR: *Exportação*, etc.: Sam vocabulos adoptados na linguagem mercantil; tem boa origem, e são expressivos.—S. *Luis*.

EXTRACÇÃO: (*extraction*).—Os que fallam á franceza, dizem hoje mui frequentemente *homem de baixa extracção*, por *homem de baixa origem*, *de humilde nascimento* etc. E' puro gallicismo, que se não deve tolerar. Os nossos classicos disseram sempre *homem de baixo sangue*, *de baixa sorte*, *de humilde*, *de obscuro nascimento*, *de baixa condição*, *de humilde geração*, *de escura linhagem*, etc.; e pelo contrario *homem bem nascido*, *de nobre sangue*, *de claro sangue*, *de clara estirpe*, *de boa linhagem*, *de bom nascimento*, *de muito sangue e qualidade*, etc.

EXTRAVIAR: *Extraviado*: *Extravio*: (*extravier*, etc.)—Sam vocabulos modernamente tomados do francez, mas tem

boa origem e analogia, e em alguns casos parecem necessários.—S. Luiz.

## F

**FACCIONARIO:** *Faccioso: (factionnaire: factieux)*. Acharmos muitas vezes em Jacintho Freire, *Vida de João de Castro*, a palavra *facção* no sentido de *empresa militar, feito de armas notavel*; e uma unica vez a palavra *faccionario*, significando o mesmo que *parcial*, que é *de um partido, de uma parcialidade, bandeado por alguém*, no liv. 2, § 19, aonde diz: « *Assi ficaram accordados, que dentro de tres dias viriam os castelhanos metter-se dentro da nossa fortaleza de Ternate, onde lhes dariam embarcação para a India... e que el-rei de Tidore seu faccionario ficaria em nossa graça.* » N'este mesmo sentido traz Moraes a palavra *faccionario* auctorizada com o *Tacito portuguez*. Porém não temos até agora achado em classico algum o adjectivo *faccionario*, nem o outro *faccioso*, no sentido que hoje commumente se lhes dá de *turbulento, sedicioso, dado a facções civis, ou a parcialidades que perturbam o estado*: e com esta significação os julgamos modernamente derivados do francez, ou inglez. Com tudo são de boa origem, e bem derivados, e, ao nosso parecer, adoptaveis.—S. Luiz.

**FANADO.**—Com significação de *murchado, murcho*, que perdeu a frescura, é gallicismo desnecessario.—J. J. Roquette.

FANATISMO.—Tem mais extenso significado do que a voz *superstiçào*. Este vocabulo é francez; está adoptado em todas as línguas sábias da Europa e deve se usar d'elle visto estar servindo não so no commum da conversação mas tambem em escriptos, pelo que é geralmente conhecido e ainda applicado em sentidos figurativos, que enriquecem o idioma.—*F. Dias Gomes.*

FARPANTE ou *Frapante*: (*frappant*).—E' gallicismo intoleravel, e todavia mui usado nas traducções modernas, e na pratica familiar. *Um facto, uma acção farpante*, quer dizer em bom portuguez *um facto, uma acção notavel, admiravel, insigne, illustre, conspicua, abalizada, estremada*, etc. O adjectivo verbal *farpante* derivado, não do francez *frapper*, mas do portuguez *farpar*, somente o temos achado na *Arte de furtar*, cap. 17, aonde tem mui diversa significação do francez *frappant*.—*S. Luiz.*

FATIGANTE: (*fatigant*)—E' muito menos reprehensivel que *farpante*, por haver em portuguez o verbo *fatigar*, d'onde naturalmente se póde derivar *fatigante*. Comtudo os nossos bons auctores nunca usaram d'este adjectivo verbal, em lugar do qual dizem *molesto, incommodo, trabalhoso, afanoso*, ás vezes *importuno, fastidioso*, etc. E' tambem frequente entre elles significarem o mesmo conceito pelo adjectivo *cansado*, dizendo por exemplo *cuidados-cansados, lagrimas cansadas, jornada cansada*, em lugar de *cuidados fatigantes*, etc., seguindo n'isto a analogia, e uso elegante da nossa lingua, que frequentemente diz *enfermidades perseveradas, queixas sen-*  
20

*tidas, prantos magoados, entrada triumphada, homem lido, requerimentos longos, e trabalhados, etc. etc.— S. Luiz.*

FAZER:—Tem este verbo uma significação mui ampla, generica, que se determina e limita pelos nomes, que se lhe ajuntam: e d'aqui vem as muitas e diversas applicações que tem na nossa lingua, as quaes somente pela lição dos auctores classicos, podem ser bem conhecidas. Entre as que não sam muito vulgares, temos notado as seguintes:

*Fazer amizades*, isto é, *adquiril-as, grangedl-as*. Feo, *Trat. das Fest., e Vida dos Sant.* 2 p. pag. 254.

*Fazer amizades a alguém*, isto é, *mercês, e favores*. Arraes, *Dial.* 4. c. 29.

*Fazer abalo* v. gr. um edificio, isto é, *ameaçar ruina, estar para cahir*. Heitor Pinto, *da Vida Solit.* c. 3.

*Fazer ausencia de algum lugar*, isto é, *ausentar-se d'elle*. Malacã *Cong.* 1. 3 est. 35.

*Fazer caminho*, isto é, *andar*. Bern. *Prat. Serm.* pag. 395,

*Fazer o caminho*, isto é, *concluil-o, acabar a jornada* *Vida do Arceb.* 1. 1 c. 10.

*Fazer o caminho por alguma partè*, isto é, *dirigil-o por ahi, passar por esse sitio*. *Vida de Suso* c. 38.

*Fazer um caminho a alguma parte*, isto é, *ir a essa parte, a esse sitio*. *Corte na ald.*, dial. 16.

*Fazer a causa de alguém*, isto é, *advogal-a*. *Vida do Arceb* 1. 19.

*Fazer cobardia*, isto é, *obrar cobardemente*. Arraes, *Dial.* 10. c. 72.



*Fazer desprezos a alguém, isto é, vilipendial-o, menoscar essa pessoa.* Vieira, Carta 34 do Tomo 1.

*Fazer erros. isto é commettel-os, cair n'elles.* Arraes. l. 13, *Vida de Castro* l. 2. § 5.

*Fazer emenda, isto é, resarcir o damno.* Barros....

*Fazer espectáculo de alguma coisa a alguém, isto é, dar-lhe esse espectáculo.* Arraez, 6. 14.

*Fazer invejas a alguém com alguma coisa, isto é, excitar-lh'as, causar-lh'as.* Vieira, Carta 14 do Tomo 3. *Crata de Guia*, pag 111.

*Fazer informações de alguém, ou de alguma coisa, isto é, tomar-as, informar-se d'essa coisa ou pessoa.* *Vida do Arceb.* l. 11.

*Fazer justiça, isto é, administral-a.* *Vida de Castro* l. 2, § 5.

*Fazer razão e justiça a todos igualmente, isto é, governar bem.* Optima divisa de um bom Principe! Trancozo.

*Fazer lembrança de alguma coisa, isto é, assental-a em memoria.* *Vida do Arceb.* 4. 21,

*Fazer lembranças de alguém de alguma coisa, isto é, excitar-lh'as, rccomendar-lhe essa pessoa ou coisa.* *Vida do Arceb.* l. 3., e 2. 23. *Vida de Castro:* l. 4. § 56.

*Fazer jogo de alguma coisa. isto é, fazer d'essa coisa motivo de brinco, de zombaria.* Vieira, Carta 78 do Tomo 1.

*Fazer mantimentos, isto é, preparal-os, tél-os promptos.* Vieira, Carta 11 do Tomo 1.

*Fazer noite em alguma parte*, isto é, *pernoitar ahí*.  
*Vida do Arcebispo*. 2. 3.

*Fazer obediência a alguém*, isto é, *render-lh'a, significar-lh'a*. Barros. Dec. 3. L. 6. C. 1.

*Fazer as partes de alguém*, isto é, *advogar por elle*.  
 Vieira. *Sermão*, Tomo 15. p. 211.

*Fazer satisfação por alguma coisa*, isto é, *pagar a pena*, que por ella se devia. Arraez. 8. 21.

*Fazer saudades por alguém*, isto é, *mostral-as*. *Vida do Arcebispo*. 2. 9.

*Fazer obra ou começar a fazer obra*, isto é, *começar a trabalhar*. *Vida do Arcebispo*. 2, 9.

*Fazer sentimento por alguém*, isto é, *mostral-o*. *Côrte Real*. 2. *Cerc. de Diu*.

*Fazer serviço de alguma coisa a alguém*, isto é, *offerecel-a de presente*. Arraez 4. 14.

*Fazer significação de alguma coisa*, isto é, *dar mostras d'ella*. Arraez. 1. 16.

*Fazer provas de alguma virtude ou vicio*, isto é, *mostrar que tem essa virtude ou vicio, dar provas d'isso*. *Uliis*. c. 8. E. 111.

*Fazer rosto ao inimigo*, isto é, *resistil-o*. *Vida de Castro*. 1. 4. §. 18.

*Fazer toque de alguém*, isto é, *avaliar os quilates do seu merecimento*. Optima expressão de Fr. Heitor Pinto no *Dial. da Relig.* c. 5 aonde diz: *Se os Principes fizessem toque dos homens, e quantos quilates cada um tivesse de merecimentos, tantos the dessem de gallardão.... etc.*

*Fazer vingança*, isto é, *tomal-a*. Ferreira. Egl. 10.

*Fazer vituperios*, e *torpezas contra alguém*, ou *contra alguma coisa*, isto é, *vituperal-a*, *tratal-a com vituperio*. Arraez. 3. 3.

Usam tambem os nossos classicos do verbo *fazer* em um sentido absoluto, e não pouco elegante, e expressivo, que talvez pareceria gallicismo aos menos advertidos. V. gr. Barros, *Dec.* 3. 1. 5. C. 9. *aos quaes elle respondia, que o deixassem fazer, que elle o entendia mui bem*. Vieira, *Carta* 13 do Tomo 3. *Tórno a pedir a V. Ex. que deixemos fazer a Deus; porque importa muito para a satisfação do animo conhecer a sua vontade pelas suas disposições*, etc. O mesmo podemos dizer do uso duplicado do verbo *fazer* nesta phrase de Fr. Heitor Pinto, *Dial. da Verdad. Amiz.* C. 19: *fogos que fez fazer na Cidade*, etc. Não obstante porém ser o uso d'este verbo tam vário, que se não pôde sem grande circumspecção ajuizar da pureza das phrases ou expressões, em que elle entra, temos comtudo por gallicismos algumas d'ellas, que com muita frequencia se encontram nos nossos livros modernos; das quaes apontaremos para exemplo as que nos forem lembrando:

*Fazer o importante*, isto é, *fazer-se homem de importancia, de conta, de supposição; affectar de homem de porte, de valia; vender-se por homem de grande tomo*, etc.

*Fazer o impertinente*. *Obrar, portar-se como tal, ser importuno*, etc.

*Este palacio fazia as minhas delicias*, isto é, *era as*

*minhas delicias, n'elle punha todo o meu prazer, n'elle me deliciava.*

*Fazeis-me um crime da minha prudencia, isto é, attribuis a crime, ou culpais de criminosa, ou criminais a minha prudencia, etc.*

*Mancebos libertinos, que se fazem uma honra de infringir as leis, isto é, que se honram de transgredil-as, que se presam d'isso, que põem n'isso a sua honra, etc.*

*A religião nos faz um dever de amar a patria, isto é, nos impõe o dever — nos obriga — etc.*

*Os vícios são os que fazem a lei n'este seculo desgraçado, isto é, os que dam a lei, os que regem este seculo, etc.*

*Em verdade elle se tinha feito uma lei de preferir, etc., isto é, se havia imposto a lei, etc.*

*Tu te fazias um dever, um prazer de obedecer a todos os teus caprichos, isto é, tu te impunhas o dever, te comprazias, punhas o teu prazer em obedecer, etc.: o teu prazer era obedecer, etc.*

*O toucador não fará a vossa principal obrigação, isto é, não será.... não fareis consistir n'isso a vossa.... não o olhareis como vossa principal obrigação, etc.*

*Esta verdade faz a base do meu systema, isto é, é a base, o fundamento, ou sobre esta verdade assenta o meu systema, etc.*

*Esta acção faz a vossa gloria, isto é, vos dá grande gloria, vos é gloriosa, d'ella depende a vossa gloria, n'ella consiste a vossa gloria.*

*Isto fará o assumpto, o objecto de meu discurso, isto é, este será o assumpto, etc.*

*Fazemo-nos um dever de publicar*, isto é, *julgamos do nosso dever, havemo-nos por obrigados*, etc.

*Fazer o personagem de um pai*, etc., isto é, *fazer o papel de... representar de... ou como pai*, etc., etc.—*S. Luiz*.

**FAVORITO:** (*Favori*) Este vocabulo é hoje mui mimoso dos que se tem por polidos, e discretos, e visto que tem por si a auctoridade de Jorge Ferreira na *Com. Ulisip.* (Morales no *Diccionario*), não o notaremos de galicismo innovado: mas não é bem que nos esqueçamos absolutamente dos nossos bons vocabulos, *privado*, *valido*, *favorecido*, *mimoso*, *aceto*, etc.—*S. Luiz*.

**FELICITAR:** *Felicitação*: O verbo *felicitar* com a significação de *dar parabens*, diz Bluteau que é tomado do Francez *feliciter*, e que *começava de ser usado no seu tempo em Portugal*, e cita em abono d'elle uma *Gazeta de Lisboa* de 1722. O substantivo *felicitações* começou a introduzir-se depois, em lugar de *parabens*, *emboras*, *congratulações*, etc. Este segundo não o julgamos necessario, nem melhor que as palavras portuguezas correspondentes, ainda que tenha derivação regular.—*S. Luiz*.

**FEREZA:** Por *ferocidade*, *cruexa*, é muito usado dos nossos classicos; mas por *altiveza*, e *orgulho* duvidamos que tenha igual auctoridade.—*S. Luiz*.

**FILANTROPO:** *Filanthropia*, *Filanthropico*, ou *Philanthropo*, etc. — São vocabulos de origem grega, que provavelmente nos vieram pela lição dos livros francezes, e tem seu lugar na linguagem dos doctos.

Significam *filanthropo* o *amigo dos homens*, ou do *genero humano*; *filanthropia*, o *amor do genero humano*, ou a *qualidade* que nos faz *amigos do genero humano*; e *filantropico*, o que pertence a esta qualidade, ou d'ella resulta; v. gr. *affectos filanthropicos*, *acções filanthropicas*, etc., etc.—*S. Luiz*.

FILHA (*fille*). — Em lugar de *moça*, *rapariga*, *donzella*, etc., é erro de traducção; porque a palavra *filha* não tem em portuguez significação tam extensa como em francez.—*S. Luiz*.

FINANÇAS. — Diz-se hoje mui vulgarmente por *Fazenda real*, *Rendas publicas*, *Rendas de estado*, *Erário*, *Thesouro do principe*, *Fisco*, etc., e *Sciencias das finanças* por *Sciencia fiscal*, i. é., a que estabelece e ensina os principios deste ramo do governo do estado. Veja Bluteau no *Supplem. ao Vocab.*, aonde somente julga licito usar d'este vocabulo, quando se falla da *Fazenda real de França*. Nós não o temos por necessario.—*S. Luiz*.

FORMALIZAR-SE: (*se formaliser*). — Por *offender-se*, *escandalizar-se*, *picar-se*, *mostrar-se picado* de algum dito, ou facto, parece gallicismo desnecessario. Comtudo não duvidamos que seja conveniente o seu uso, quando quizermos determinadamente expressar a *demonstração externa da pessoa offendida*, que por escandalizada e picada, deixa as *fórmãs familiares*, com que nos tratava, para tomar outras mais sérias, sisudas e graves. Da mesma sorte será expressivo e conveniente este vocabulo, quando fallarmos do *homem público*, que

nos actos do seu officio *toma as fórmãs*, e o ar serio da sua auctoridade, deixado o tom, e modos familiares, que em outras circumstancias lhe não são estranhados.—S. *Luiz*.

FORMATO (*format*), — Não sabemos a razão por que tam vulgarmente se tem adoptado este vocabulo para significar a *fôrma* ou a *grandeza do papel*, em que está escripta ou impressa qualquer obra. Em portuguez legitimo dizemos livro manuscrito ou impresso *em folha, em quarto, em fôrma de quarto, de oitavo*, etc. Vieira; *Carta 64*, do Tomo I.: *nem se pôde fazer o preço, sem se saber a qualidade da letra, e o numero dos volumes, e se hão de ter margem, ou não, e se hão de ser em quarto, ou n'outra fôrma.* — S. *Luiz*.

E' tambem reprovado por J. J. Roquette e o Desembargador A. de M. Falcão, mas o uso o adoptou como termo technico, cuja qualidade não tem por certo a palavra *fôrma*. Assim dizemos: « Livro em fôrma de dicionario e em formato portatil. »—*Do Collector*.

FORMIGAR. — E' tomado do francez *fourmiller*, e nos parece desnecessario, maiormente por causa da *homonymia*, visto que *formigar* tem sua significação propria em portuguez. Esta phrase por exemplo, *dormitações, que formigam em Homero*, pôde corrigir-se dizendo *que abundam*, ou *em que Homero abunda*, ou melhor, *descuidos frequentissimos em Homero*, etc.—S. *Luiz*.

FORTUNA. — No singular, significando *riqueza, cabe-das, teres*, é gallicismo escusado.—J. I. *Rouquette*.

FRAPANTE. — Veja *Farpante*.

FRIVÓLIDADE (*frivolité*). — Diz o mesmo que o termo plebeu *frioleira*, e em linguagem mais polida *futilidade*, *ninharia*, *ridicularia*, *coisa vã e frivola*, etc. Alguns modernos dizem *frivoleza*, e por ventura com melhor derivação e analogia: porque quando estes nomes abstractos não sam derivados de outros latinos, que tenham o nominativo em *itas* e o genitivo em *itatis*, como *castitas*, *humanitas*, etc., parece que o portuguez prefere terminal-*os* antes em *esa* do que em *ade*; e ainda muitos dos que tem aquella derivação latina, tomam em portuguez a terminação em *esa*.

Assim v. gr. derivamos

Do latim	<i>austeritas</i>	<i>austeridade</i> , ou	<i>austereza</i>
	<i>simplicitas</i>	<i>simplicidade</i>	<i>simpleza</i>
	<i>rusticitas</i>	<i>rusticidade</i>	<i>rustiqueza</i>
	<i>raritas</i>	<i>raridade</i>	<i>rareza</i>
	<i>nóbilitas</i>	<i>nobreza</i>	
	<i>firmitas</i>	<i>firmeza</i>	
	<i>levitas</i>	<i>leveza</i> , etc., etc.	

E nos abstractos, que não sam trazidos de latim, preferimos commumente a terminação em *esa*, dizendo v. gr.

De curto	<i>curteza</i>	De rico	<i>riqueza</i>
<i>altivo</i>	<i>altiveza</i>	<i>bruto</i>	<i>bruteza</i>
<i>barato</i>	<i>barateza</i>	<i>ligeiro</i>	<i>ligeireza</i>
<i>estranho</i>	<i>estranheza</i>	<i>escaço</i>	<i>escaceza</i> .

—S. Luiz.



FUGITIVO. — Diz-se hoje á maneira dos francezas *Poesias fugitivas, Obras fugitivas.* etc. Na *Observação do conde de Ericeira sobre o num. 64 da Biblioth. Soiza.*, que vem na *Collec. dos Docum. e Memor. da Acad. R. da Hist. Port.* do anno de 1735 diz áquelle docto fidalgo: *com o titulo de Bibliotheca volante procurou uma collecção de Italia conservar as obras miudas, a que os francezes chamam fugitivas, etc.*—S. Luiz.

FUNCCIONARIO. — E' vocabulo modernamente tomado do francez para significar em geral qualquer pessoa que tem *officio, emprego* ou *ministerio publico*, a que os nossos chamam tambem em geral *Ministros, officiaes da republica*, etc. Têm boa origem e derivação, e não desdiz da analogia.—S. Luiz.

FUNDO. — Em sentido figurado tomamos esta palavra pelo mais *difficil, obscuro* ou *occulto* de alguma questão ou negocio, e dizemos em bom portuguez, v. gr. *sondar o fundo da questão, achar o fundo a alguma materia, ver o fundo ds mentiras do mundo, entrar no fundo do negocio*, etc. Mas parece-nos gallicismo dizer *esta proposição no fundo é verdadeira*, i. é. *na substancia, no essencial, no principal*. *Estes dois historiadores concordam no fundo da historia*, i. é. *no essencial, no substancial*, etc. Est'outra phrase franceza, v. gr. *son mari dans le fond ne pouvoit ne persuader qu'elle fut infidele*, quer dizer, seu marido não podia em realidade persuadir-se, etc.—S. Luiz.

FUZIL. — Por *espingarda*, e *fuzillar* por *espingardear*, sam tomados do francez sem necessidade alguma.

E como *fuzil* e *fuzillar* tem na nossa linguagem suas significações próprias, parece que se deve evictar a *homonymia*, e o equivoco que d'ella resultá.—S. Luiz.

## G

**GALIMATIÁS.** — E' palavra puramente franceza, que sem razão querem alguns trazer á nossa lingua. Em portuguez corresponde-lhe exactamente o vocabulo *parlavorio* ou *palanfrorio*, que em latim se exprime por *inanis verborum sonitus*; *canoræ nugæ*; *voces inopes rerum*, etc. Tem differença do francez *jargon*, que exprimimos por *algaravia*, *inglesia*, etc.—S. Luiz.

**GARANTIR:** *Garante*, *garantido*, *garantia* (*garantir*, *garant*, etc. O verbo *garantir* vem auctorizado no Diccionario de Moraes com o *Tratado* impresso em 1713, e tanto elle, como os seus derivados, parece estarem hoje adoptados na linguagem diplomatica. Mas temos por abuso ampliar a sua applicação a outros quaesquer assumptos, e muito mais dizer, como achamos impresso, que *so esta sciencia* (a mathematica) *é capaz de garantir-nos de illusões, e escuridades*. Veja *Bluteam*, no *Suplem.*—S. Luiz.

**GENIO:** Ha muito tempo que em bom portuguez dizemos *ter bom ou mau genio*, *ter genio manso, docil, ardente, impetuoso*, etc., significando assim o *caracter moral* de alguém. Dizemos tambem *ter genio para a poesia, para a pintura, para a eloquencia*, etc., i. é. *ter aptidão, capa-*

*cidade, talento disposição natural, propensão para essas artes, etc. E dizemos finalmente genio por espirito, ou quasi deidade (segundo a phrase gentilica) que influe nos homens, e lhes assiste, e n'este sentido disse Ferreira na Castro, Act. I. :*

*Ou quando minha estrella, e cruel génio  
Te poder arrancar d'esta alma minha.*

E', porém, novo no nosso idioma, e derivado dos modernos livros francezes, tomar a palavra *genio* n'um sentido absoluto, e indeterminado, como quando dizemos : *é homem de genio ; as obras deste grande genio ; foi um genio em poesia.* O eruditissimo La Harpe diz que as palavras *genio*, e *gosto* tomadas neste sentido absoluto são peculiares da lingua franceza, e n'ella mesma *de uso moderno.* Entre nós se acham adoptadas na linguagem da litteratura, e parecem de indispensavel necessidade : mas cumpre que se lhes dê uma significação fixa, e determinada, e tal que remova de uma vez todo o equivoco, e ponha termo ás questões que tem havido entre os doctos, por não conformarem na verdadeira noção deste vocabulo. Não julgamos da nossa competencia prevenir a este respeito o juizo dos sabios ; mas seguindo as judiciosas reflexões do mesmo *La Harpe, (Cours de Litterat. Introd.)* entendemos que *genio*, na accepção, de que aqui se trata, quer dizer *uma grande superioridade de talento* para qualquer arte ou sciencia, ou *homem que gozou essa superioridade ;* e n'este ultimo

sentido se diz v. gr. *Newton foi um genio em mathematicas* ; *Camões foi um genio em poesia*, etc.—S. Luiz.

GENTES : Acha-se a cada passo nas traducções modernas : *as gentes de bem*, *as gentes frivolas*, *as gentes honestas*, *as gentes sensatas*, *a gente de letras*, etc. Sam outros tantos gallicismos, que em bom portuguez valem o mesmo que *os homens honrados*, *os homens sensatos*, *os homens frivolos*, *os homens de letras*, etc. Um folheto, ha pouco impresso, dizia ainda mais ridiculamente : *nove milhões de gentes lhe sahiram ao encontro* ; *nem vinte e cinco milhões de gentes se aniquilam* ; etc. Parece que o auctor tinha receio de chamar *homens* aos homens ! Não devemos porém occultar aqui que algumas raras vezes se acha nos nossos bons escriptores a palavra *gente*, e *gentes*, em sentido analogo ao de que aqui tratamos : v. gr. na *Vida do Arceb.* l. 2. c. 1. « *Os mais companheiros eram um capellão, e gente de serviço, seculares cinco ou seis* » e no l. 2. c. 26 « *e ainda que se assombrava com se vér buscado e estimado das gentes, que ja lhe parecia genero de vaidade e tentação*, etc. » na *Carta de Guia de Casad.* fol. 90 verso « *Arrebatam sem alguma prudencia os animos singellos, e piedosos das senhoras, e gentes principaes*, etc. » —S. Luiz.

GESTÃO : Em lugar de *administração*, *gerencia* de negocios, é gallicismo intoleravel.—J. I. Roquette.

GOLPE DE VISTA : *Golpe de olho* : São as expressões, com que frequentemente achamos traduzido o francez *coup d'œil*, e com que os desdenhosos da linguagem patria enfeitam seus discursos e composições. Mas erram

contra o genio da nossa lingua, e contra o seu uso. Vejamos de que maneira se explicavam os nossos bons portuguezes. Soiza *Vida do Arceb.* I. 4. c. 30: *As coisas do mundo não são dignas nem de um emprego de olhos, quanto mais da affeição da alma.*

Bernard. *Serm. e Prat.* p. 178. *Servird de espelho, que de uma so vista diga mudadamente as faltas de todos.*

E. a pag. 338: *Diz Deus, que a alma sancta o rendeu com uma vista de olhos... com um so voltar de olhos.*

*Miscell. de Leit.* p. 358: *Vede como está minha vida no volver d'esses olhos.*

*Camões* c. 3. e. 143: *Quem vio um olhar seguro, um gesto brando.*

E nas *Rim.* I. P. Son. 35: *Um mover de olhos brando e piedoso.*

E *Eglog.* 8. : *Uma so volta de olhos descuidada.*

*Moisinh. Affon. Afric.* c. 6. pag. 99 verso:

*Quem pôde resistir a um doce e brando  
Quebrar de olhos, que as almas vai roubando?*

E entre os modernos, Filinto Elysio, tomo 2. de seus *Versos*:

*Mas que é o oiro, e a vida,  
A quem perde um mimoso olhar de Marcia?*

*Bocage* Cant.- I. á Immacul. Conceição de Nossa Senhora :

*Ah! de teus olhos um volver piedoso  
Desarme ó virgem bella, o justicoso  
Ente immortal, que os improbos fulmina, etc.*

Quando os francezes dizem v. gr. *este lugar offerece ao observador o mais bello* (coup-d'ceil) *golpe de vista*; deve traduzir-se *a mais bella perspectiva*, ou *o mais bello painel*, como se explica *Vieira Relaç. da Missão de Ibiaba*, § 8. ; *mas depois que se chega ao alto das serras, pagam bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos um dos mais formosos paineis, que por ventura ajuntou a natureza*. E quando finalmente no titulo de algumas obras dizem, por exemplo : *Coup-d'ceil sur l'etat actuel de l'Europe*, devemos traduzir : *Vista do estado actual*, etc. bem como traduzem os inglezes : *A view of the state*, etc., ou mais á letra : *Lanço de vista*; ou tambem *Revista sobre o estado*, etc., etc.—*S. Luiz*.

**GÓSTO**: O termo *gosto* no mesmo significado em que o tomam os francezes, já o vemos tam introduzido ha mais de trinta annos em Portugal que se deve reputar proprio do idioma no sentido de *bom gosto*, de modo que se diga *gosto*, quer *bom gosto* em artes, tudo é o mesmo, nem se duvida da identicidade dos significados, que n'este sentido não requerem modificação. — *F. Dias Gomes*.

**GOVERNANTE**: (*gouvernant*) Por *Aia*, *ama*, ou *mestra*, é francezismo escusado.—*S. Luiz*.

GRANDE CAMINHO: Assim traduzem alguns erradamente o francez *grand chemin*, ou *grand route*, que quer dizer *estrada real* ou *caminho real*.—S. Luiz.

GRANDE MUNDO: E' hoje expressão da moda tirada do francez *le grand monde*, para significar a *gente mais abalizada*, a *principal do reino*, a *côrte*, e tambem *toda sorte de gente*, ou *gente de todos os estados e caracteres*. V. gr. é *um homem que tem conversado o grande mundo*, isto é, que *tem tratado com muita gente abalizada*, com a *gente principal*, com *gente de todas as classes e condições*, etc. etc.—S. Luiz.

GRIMAÇAS: E' puro francez pelo qual dizemos *tregeitos*, *mómos*, *gestos ridiculos e affectados*, e em phrase da plebe *gatimanhos*.—S. Luiz.

GRUPO: (*Groupe*)—E' vocabulo das artes de *pinctura* a *esculptura*, e significa *numero de figuras junctas*, e *apinhoadas com arte*. Parece necessario, e é auctorizado pelo uso dos artistâs. Em outros casos dizemos *magote*, e talvez *turma*.—S. Luiz.

GUARDAR O LEITO: (*gardar le lit*)—E' expressão franceza, que em bom portuguez quer dizer *estar de cama*, ou *em cama*, por molestia.—S. Luiz.

## H

HOMENAGEM: A expressão *render homenagem* tem no idioma portuguez seu proprio significado, e quer dizer: *fazer preito*, ou *dar juramento de fidelidade ao soberano*,

quando d'elle se recebe alguma praça, govêrno, terras, ou feudo. Os francezes entenderam esta significação primaria, dizendo figuradamente *rendre ses hommages à quel, q'un*, isto é, *acatar, reverenciar, respeitár, venerar alguém*, ou *render culto, obsequio, dar veneração, fazer acatamento*, etc. D'aqui o tem tomado os nossos modernos traductores com a mesma significação, que não reprovamos, com tanto que se empregue moderadamente, e sem affectação. Garção diz no mesmo sentido em uma de suas odes:

*Mil garridas, mil candidas Lieoris  
Vencedor me juráram, me renderam  
Do riso, do prazer no Capitolio  
Humilde vassalagem.*

E já Fern. Alv. na *Lusit. Transform.* l. 2.º pag. 153 verso da ed. de 1607 disse:

*Troca n'esta tristissima viagem  
Com morte a vida, que em tormentos passa  
O triste que lhe deu d'alma homenagem.—S. Luiz.*

HORDA: (*horde*)—Já vem em Bluteau no *Supplemento*, aonde o auctoriza com uma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1726. Diz-se propriamente das *catervas*, ou bandos de povos errantes, que não tem domicilio certo.—S. Luiz.

HUMILIANTE OU HUMILIANTE (*humiliant*).—Tem boa derivação e enalogia, e parece necessario ao nosso idioma.—S. Luiz.



HUMOR. — Significa no sentido figurado *boa ou má disposição do ânimo causada dos humores, que constituem o temperamento, e influem nos costumes do homem e no seu modo de obrar* (Bluteau). Entre nós é indifferente para significar *bom ou mau humor*, e sempre se lhe ajuncta algum adjectivo, que determine a sua significação, v. gr. *bom, mau, alegre, festivo, jovial, aspero, sombrio*, etc. Pelo que nos parece gallicismo reprehensível empregado em sentido absoluto, como nas seguintes phrases: *obrar por capricho e por humor; não são supposições dotadas pelo humor; Obra da singularidade e do humor*. Muito menos se pôde tolerar no sentido de *enfadamento, agastamento*, como v. gr. n'esta phrase *il temoignoit beaucoup d'humeur de l'absence de son fils*, que em portuguez corrente se deve traduzir: *elle se mostrava muito enfadado, ou agastado. ou, mostrava grande enfadamento pela ausencia*, etc.—S. Luiz.

## I

IDIOTA. — Tem sido censurado por pouco ou nada portuguez, dizendo que a frequente leitura dos auctores francezes d'este seculo o trouxe para o nosso idioma. Dois generos ha de poemas a quem é permittido o uso de palavras novas, o epico e o lyrico. Aquelle não somente as pôde ir buscar a todas as linguas, ou mortos ou vivas, mas tambem invental-as

absolutamente, como fez Virgilio. O lyrico, porém, não as pôde ir buscar senão ás duas linguas grega e latina. Isso assentado, a palavra *idiota* não é originariamente franceza, nem a sua terminação o indica; porque *idiota* é sem nem uma corrupção *idiota*, *ae*, dos latinos, e este é o grego *ιδιώτης*, o que mostra que não errei em usar d'este nome. Além de que este termo tem mais de trezentos annos na nossa lingua: não so na prosa mas ainda no verso tem sido usado por auctores de nome. João de Barros, *Dialogo da lingua portugueza*, p. 234. Vieira, tomo VI, p. 3. Jeronymo de Córte Real, poeta que floreceu nos reinados de D. João III e de D. Sebastião, usou d'estas palavras no liv. XI do *Naufragio de Sepulveda*:

« Conhece ser o mago Simão falso,  
Com infernaes milagres espantando  
O povo *idiota* facil e ligeiro. »

Fr. Heitor Pinto, *Dialogo da Verdadeira amizade*, cap. 19. « quando os letrados tem tregoaes com os vicios, difficil é terem os *idiotas* paz com as virtudes. » Fernão Ximenes de Aragão, *Tratado da doutrina christã e catholica*, impresso em 1624, cap. 5º, fol. 28. « Tam idiotas e sem letras, que nunca haviam aprendido. »

São os *idiotismos* uns abusos introduzidos pelo vulgo *idiota* e d'aqui vem *idiotismo*.—F. Dias Gomes.

IMBECIL, IMBECILLE, EMBECIL. — De todos estes modos temos achado trasladado o francez *imbecille*, entendido

como substantivo, ao qual em portuguez corrente, e de bom cunho, correspondem as palavras portuguezas *fatuo, nescio, sandeu, péco, insensato, parvo, tonto, desasizado*, etc.

Devemos, porém, advertir, que achamos este adjectivo usado em sua natural significação derivado do latim, em Arraez, Dial. 10. c. 2.: *Porque me deixastes em minhas fracas forças humanas, que são imbecilles e fracas?* E na traducção do livro *De Senectute de Cicero* por Damião de Góes, ms. fol. mihi 24: *Cyro, segundo escreve Xenophonte, dice morrendo ja mui velho, que nunca scntira a velhice mais fraca nem imbecil que a mocidade.*—S. Luiz.

IMBECILIDAE. — Temos em portuguez *imbecilidade* por falta de forças, *fraqueza de corpo* ou *ânimo*: mas em lugar de *tolices, sandices, parvoices*, etc., parece-nos gallicismo desnecessario.—S. Luiz.

IMMEDIACÕES. — E' vocabulo novo em portuguez, e derivado do francez tambem novo *immediations*. Significa o mesmo que *visinhanças, arredores* ou *orredores, contornos, circumvisinhanças* de algum lugar. Não vemos razão por que seja necessario adoptar-se.—S. Luiz.

IMMORAL E IMMORALIDADE. — Ainda que nos hajam vindo immediatamente do francez *immoral* e *immoralité*, comtudo são necessarios, não encontram a analogia e são derivados de *moral* e *moralidade*, que sem duvida nos pertencem e nos vieram do latim.—S. Luiz.

IMPOTENTE. — E' vocabulo portuguez, com que significamos o *que não pôde gerar*, que é *incapaz para a*

*geração*. Paixões *impotentes* por *desordenados* é gallicismo ou talvez inglezismo, de que não necessitamos, e que não condiz com a primaria significação de *impotente*. *Esforços impotentes, meios impotentes* para alcançar qualquer fim, é bom e pôde adoptar-se, com tanto que se evite o perigo de excitar uma idéa accessoria torpe e indecente.—S. Luiz.

IMPERISSIVEL (*imperissable*). — E' gallicismo grosseiro e inadoptavel. Em portuguez dizemos coisa *não precedeira, immortal, perpetua, perduravel, interminavel, sempiterna, que sempre dura, indestructivel*, etc.—S. Luiz.

IMPETUOSIDADE. — E' tomado do francez *impetuosité*, e parece necessario para exprimir a *qualidade de impetuoso*, que se não exprime por *impcto*.—S. Luiz.

IMPOR (*imposer*). — Este vocabulo tem na lingua portugueza suas significações bem sabidas: mas no sentido de *enganar, illudir, seduzir*, com impostura, parece gallicismo, de que não carecemos. As phrases francezas, em que elle figura, podem traspassar-se de diferentes maneiras, conforme o pedirem as circumstancias. V.g. *o aspecto d'este homem impõe*, i. é. *engana, illude*. *Os exteriores apparatusos impõe á multidão*, i. é. *metem respeito; infundem respeito á multidão*. *As tropas ja não impunham ao povo*, i. é. *ja o não continham*, ja lhe não *metiam respeito* ou *medo*. *Pretendeis com paralogismos impôr á multidão*, i. é. *seduzil-a. imbaíl-a*. *Soube impôr ao povo com falsos milagres*, i. é. *imbaír o povo*, etc. Parece-nos que o termo mais proprio correspondente ao francez *imposer* n'este sentido, é o verbo

*embair*, cuja significação é *enganar com imposturas, embelezar, induzir em erro com boas apparencias, etc.*: Arraez, *Dial.* 3. c. 34. *Os Judeus ousam dizer de Christo que foi blasfemo e embaidor*: e no *Dial.* 7. c. 20.: *até chamarem ao Senhor Jesus embaidor*. A *palavra grega planos* não significa *enganador de qualquer maneira; se não de um certo genero, que professa enganar, e embair, etc.*—S. *Luis*.

IMPORTAÇÃO, IMPORTADO. — São adoptados na lingua-gem mercantil, e tem bom fundamento na primaria significação do verbo *importar*, i. é. *trazer para dentro*.—S. *Luis*.

IMPRATICAVEL. -- Um critico moderno reprova como franceza a expressão *mar impraticavel*; mas Bluteau traz no seu *Vocabul. e caminhos impraticaveis*, e Rui de Pina ja disse na *Chron. de D. João II.* cap. 82: *Não houve Provincia de christãos e infieis, amigos, e imigos de nos sabida e praticada, em que, etc.* Tambem dizemos *mar intratavel, caminhos intrataveis, mar innavegavel, etc.*—S. *Luis*.

INABALAVEL. — Parece-nos tomado pelos nossos modernos escriptores do francez *inébranlable*, e somos de parecer, que é innovação escusada no nosso idioma, aonde temos *immovel, firme, estavel, talvez constante, immudavel, invariavel, etc.* Camões usa de *immoto* no mesmo sentido nas *Rim.* :

*Aquelle gestó immoto, e repousado.*

E nos *Luziadas* c. 2. est, 28:

*Mas por não darem no penedo immoto  
Onde percam a vida doce e cara.*

No sentido figurado podemos variar a expressão, dizendo com os classicos: *ânimo inteiro e inflexível*, constancia e fortaleza *invencível*, Leis *immudaveis*, virtude *firme e inexpugnável*, verdade *inconcussa*, constancia *incontrastavel*, etc. Confessamos todavia que Bluteau já traz o adjectivo *inabalavel* no *Supplemento*, auctorizando-o com a *Gazeta de Lisboa* de 24 de Janeiro de 1726.—S. Luiz.

INACÇÃO: E' palavra, (diz Bluteau no *Vocabul.*, tomada do francez *inaction*. Tenho ouvido alguns Portuguezes cultos usar d'ella. Val o mesmo que cessação de obrar, e ds vezes ocio, negligencia. Hoje é adoptada e auctorizada.—S. Luiz.

INCALCULAVEL: E' tomado do francez; mas tem boa origem e derivação, e parece conveniente adoptar-se. Significa coisa que se não pôde reduzir a calculo, que se não pôde contar, nem avaliar, *innumeravel*, sem conto, etc., e no fig. coisa *imponderavel*, *inestimavel*, etc.—S. Luiz.

INCESSANTEMENTE: Significa o mesmo que *continuadamente*, sem descontinuar, sem cessar, sem se interromper; etc. Mas quando se toma por logo, sem demora, d'aquí a pouco, dentro de pouco tempo, etc., é gallicismo, e seria erro dizer *marcharei incessantemente a Lisboa*; verei o meu amigo *incessantemente*, etc.—S. Luiz.

INCONCEBIVEL: (*inconceivable*) Temos visto muitas vezes empregado este vocabulo em papeis impressos, e por pessoas aliás douctas. Em melhor portuguez diremos *incomprehensivel, inintelligivel*, e ás vezes *imponderavel*. Mas se se julgar necessaria a innovação d'este vocabulo, deverá então dizer-se *inconceptivel*, e não *inconceivel*; porque este ultimo, além de ter má pronunciação, é derivado contra a analogia da lingua portugueza, que fórma, á maneira da latina, *imperceptivel, susceptivel, admissivel*, etc., e não *imperceivel, suscepivel*, ou *susceivel, admittivel*, etc.—*S. Luiz*.

INCONTESTAVEL, INCONTESTAVELMENTE: *E' tomado, diz Bluteau no Supplemento, do francez incontestable, que val o mesmo que coisa indubitavel, sobre a qual é inutil contender: e ahi mesmo auctorisa o adverbio incontestavelmente com o Trat. de Paz de 1713. Um e outro tem boa origem e analogia.*—*S. Luiz*.

INDEMNIZAR: INDEMNIZAÇÃO: INDEMNIDADE: Parecem trazidos immediatamente do francez, e de novo introduzidos na nossa lingua, aonde temos os correspondentes *compensar, resarcir, reparar o damno*, etc. mas tem origem no latim, são adoptados pelo uso geral e já foram usados nas leis do senhor D. José I.—*S. Luiz*.

INDOLENCIA: Até agora, diz Bluteau no *Supplemento*, não achei esta palavra em auctor portuguez. Indolencia porém, como derivada do latim, parece necessaria para evitar *circumloquio*. Os francezes tambem dizem *indolence*, e tanto elles como nós á sua imitação, o usamos

não só para significar a *insensibilidade á dôr*, (que é a força do termo latino) mas também a *negligencia, incuria, deleixamento, descuido*, etc.—*S. Luiz*.

INESGOTAVEL: E' innovação, immitada por ventura do francez *inépuisable*. Em lugar d'ella temos *inexhausto, perenne, perennal, manancial*, etc. Comtudo se parecer necessario, não é contra a analogia. Nós preferiremos sempre *inexhaurivel*.—*S. Luiz*.

INEXHAURIVEL: OS NOSSOS classicos disseram sempre *inexhausto*, mas *inexhaurivel* conforma com a analogia, é adoptado pelo uso geral, e ja vem nos *Estat. nov. da Unversid. de Coimbra* T. 3. Cap. 1. n. 1., aonde diz: *ainda que as sciencias mathematicas sam tantas, e cada uma d'ellas de tam grande vastidão, e inexhaurivel fecundidade*, etc.—*Luiz*.

INFECTADO: POR *inficionado, contaminado, infecto, tocado do contagio corrompido, viciado*, parece-nos gallicismo, não o temos até agora achado em Auctor classico, nem o julgamos necessario.—*S. Luiz*.

INFORTUNADO: (*infortuné*) POR *desafortunado, desaventurado, desgraçados*, também ao principio nos pareceu gallicismo, mas vem mais de uma vez em *Côrte Real. Naufrag. de Sepulv.* v. gr. no c. 7:

..... e a formosa  
Irmã de Phebo passa detrimento,  
Mostrando-se alli sempre infortunada.



E no C. 8.:

..... o discurso

Da pererinação mortal, e o triste

Infelizmente fim de tanta gente, etc.—S. Luiz.

INFRACOR: INFRACÇÃO: (*infracteur*, etc.) O primeiro já vem em Bluteau, no *Vocabulario*, no sentido de *quebrantador*, *violador*, *transgressor*, etc. O segundo também se usa mui vulgarmente, e Madureira o traz na sua *Orthographia*, Um e outro tem origem latina, e tem por si a pratica auctorizada.—S. Luiz.

INSCREVER: INSCRIPTO: Estes dous vocabulos, que achamos usados pelos nossos escriptores modernos, ainda que pareçam tomados immediatamente do francez *inscrire*, e *inscript*, tem eomtudo boa origem no latim *inscribere* e *inscriptus*, e por isso não ousamos reprová-los, muito menos quando sam termos teelnicos da Geometria: mas a sua significação póde algumas vezes exprimir-se em portuguez por differente modo, e com igual propriedade e energia: v. gr. o seu nome está inscripto na lista, isto é, *escrito*, *assentado*, *registrado*, *matriculado*, etc. Em lugar de *inscrever em bronze*, *em marmore*, etc. diremos muito melhor *esculpir*, ou *insculpir*, *entalhar*, *abrir*, *talhar*, *cortar*, e também *gravar*, que é classico. Veja Bluteau na palavra *Gravar* Finalmente o adjectivo *inscripto* acha-se uma vez em Arraez no *Dial.* 4. c. 10 aonde diz: « *Que se fez da Igedita Cidade Cathedral, que chamamos Idanha?* » *Onde fica com seus marmores e letreiros inscriptos?*

Veja Bluteau no *Supplemento*, palavra *Inscripto*.—*S. Luiz*.

INSIGNIFICANTE: (*insignifiant*) E' vocabulo tomado do francez; mas adoptado pelo uso geral. Quer dizer: *coisa que nada significa, de pouca monta, de nem uma importancia, que pouco ou nada vale*, etc.—*S. Luiz*.

INSINUANTE: Tambem é novo na nossa lingua, e trazido para ella do francez; mas tem boa origem e derivação, e parece necessario. Ja foi usado por El-pinió Duriense na *Noticia sobre Almeno, e a sua traducção da metamorphose de Ovidio* aonde diz: *a sua voz insinuante e vigorosa, como a dos oradores mais eloquentes de Grecia e Roma*, etc.; é esta auctoridade, bem que moderna, é para nós de grande respeito em tal materia.—*S. Luiz*.

INSPECTAR: Do francez *inspecter*, parece desnecessario principalmente adoptando-se o outro verbo *inspeccionar*, que temos por melhor, e mais conforme com a analogia. Significa *fazer inspecção*, e talvez *superitender*, etc.—*S. Luiz*.

INSTALLAR: INSTALLADO: etc. (*installer*, etc.) Sam vocabulos desnecessariamente tomados do francez ou inglez. Em boa linguagem portugueza dizemos *constituir* alguém n'um cargo, ou dignidade, *instituir*, *investir*, *metter de posse*, talvez *estabelecer*, etc.—*S. Luiz*.

INSULTANTE: (*insultant*)—Tem a seu favor um uso assás geral: e com tudo temos por melhores os adjectivos *injurioso*, *afrontoso*, *vituperoso*, etc. Jacintho Freire *Vida de Castro* L. 2. § 7. usa de *insultuoso*, e um

Poeta moderno, que se não póde citar sem louvor diz, fallando da pessoa que insulta:

*Mil graças, e risadas entre a bulha  
Do vulgo insultador soar se escutam.*

E em outro lugar:

*Tu me vale em meus males: tu castiga  
D'um genio insultador a petulancia.*

—S. Luiz.

**INSURMONTAVEL:** Por *insuperavel, invencivel*, é gallicismo grosseiro, e escusado.—J. I. Roquette.

**INSURREIÇÃO: INSURGENTE:** São vocabulos trazidos modernamente do francez *insurrection, insurgent*, e dizem tanto como *sublevação, levantamento, sublevado, levantado*, etc. Tem boa origem e não desdizem da analogia.

—S. Luiz.

**INTERDICTO:** (*interdit*)—Por *atalhado, embargado, enleiado, suspenso, turbado, attonito*, é gallicismo desnecessario.—J. I. Roquette.

**INTERPRENDER: INTERPRENDIDO:** Usam alguns ignorantemente d'estas palavras no sentido de *emprender* ou *tomar por empreza, determinar-se a fazer alguma acção difficil e laboriosa*, etc., enganando-se com o francez *entreprendre*, que traduzem conforme o som material. Em bom portuguez dizemos *interprender* por *accometter de improviso*, v. gr. *uma praça*, etc., e *interpreza* por *ataque improviso*. *Emprender*, tem differente significação, e com elle é que dizemos *emprender uma con-*

*quista, uma jornada, uma guerra, uma obra, etc.* Veja o *Diccionario* de Moraes n'estas palavras.—S. Luiz.

INTERPREZA: Com significação de empreza é gallicismo errôneo.—J. I. Roquette.

INTRIGA: INTRIGANTE: São tomados do francez, mas adoptados pelo uso em geral. Dizem tanto como *enredo, enredar, enredador, etc.* As palavras *mexerico, mexericar* e *mexeriqueiro*, que algumas vezes se podem usar em lugar de *intriga, etc.* pareco-nos que tem uma significação mais restricta, como especie subordinada ao seu genero. *Mexericar* significa propriamente *descobrir e referir coisas occultas, que outrem tem dito ou feito*, e isto, *com o fim de metter dissensões, e semear sizanias*. *Enredar, porém, e intrigar* é mais generico, e significa *manejar com astucia toda a casta de artificios, e maquinações occultas, para conseguir alguma intento, em phrase popular fazer maçadas, ou embrulhadas, etc.*, que em latim se exprime bem por *occulto artificio res miscere*; assim como *intrigante* por *dolis et artibus instructus; ad negotia implicanda et explicanda callidus*; e *intriga* por *occultae artes, occultarum artium doli, etc. etc.* Por onde, n'este lugar v. gr. do *Feliz Independente* L. 18.: *mais que tudo temo as intrigas dos principes latinos*, não poderiamos com toda a propriedade substituir *mexericos* a *intrigas*, e muito menos no outro lugar do L. 19: *e na presença de todos declarou toda a intriga do Conde, e de Neucasis, etc. etc.*—S. Luiz.

INUSITADO: (*inusité*)—Pareceu-nos ao principio galli-

cismo pouco digno de adoptar-se, por não offerecer melioria alguma a respeito do adjectivo *desusado*, que diz o mesmo. Todavia Camões o empregou, ainda que uma so vez, nos *Luziadas* C. 2. E. 107.:

*Ouvindo o instrumento inusitado,*

e pôde conseguintemente ter lugar em algum caso para variar a linguagem poetica.—*S. Luiz.*

IRREPROVAVEL: Na significação do francez *irreprochable* parece-nos gallicismo, e ma traducção. Em lugar d'elle diremos *irreprehensivel, inteiro, incorrupto, de costumes sãos, e puros*, etc.—*S. Luiz.*

ISOLADO: (*isolé*)—Que outros escrevem *insulado*, está hoje muito introduzido nos escriptos e conversações: mas nem por isso o julgamos adoptavel. Os nossos bons auctores por *homem isolado* dizem *homem solitario; so; so de amigos e parentes; desaeompanhado; so de toda a companhia; so por so*, etc.; e por *lugar isolado* dizem *lugar ermo, solitario, despovoado, apartado, desamparado*, etc. Ferreira L. 1, Od. 7.:

*Sampaio, tu lá so de mim estás.*

Camões *Rim.* P. 1.:

*Derribai-os, ficam sós  
De forças, fracos, imbelles.*

Resende *Chron. de D. João II.* C. ult.:

*El-Rei era so de parentes.*

*Côrte na Ald.* ed. 1649 pag. 127:

*me roubaram as joias e dinheiro, que trazia, deixando-me n'estes desvios desamparada.*

Leitão, *Miscellanea*, fol. 14 verso:

*Lugar muito ermo, so, e apartado.*

*Vida de Soixa C.* 40:

*Foi-se esconder n'um lugar apartado onde ninguem o podia vér, nem ouvir, etc.*

Em alguns casos se exprimirá bem por *estreme* v. gr. n'esta proposição: *O opio dado ao enfermo isoladamente etc.*, isto é, *estreme sem mistura; deve o medico ser mui circumspecto em applicar o opio isoladamente, isto é, estreme, so por so, etc.*

## J

JALUZIA (*jalouzie*). — Achamos este vocabulo em uma obra portugueza original, aonde o auctor, fallando dos *affectos oratorios*, diz: *Os movimentos de amor, de odio, de medo, de jaluzia, e de raiva, etc.*, tomando *jaluzia* por *ciume* ou *inveja*, que sam os vocabulos portuguezes, que correspondem ao francez *jalousie*. Não ignoramos que Vieira usou mais de uma vez da palavra *gelozia* nas suas cartas, entendendo-a no sentido do italiano *gelozia* por *sollicitude*, *cuidado ancioso*, etc.; mas esta auctoridade, bem que respeitavel em tal materia, não a julgamos so por si bastante a fazer adoptavel aquelle vocaulo: ja porque o uso

anterior e posterior á Vieira recusou esta innovação, e ja porque o estylo epistolar soffre algumas vezes semelhantes liberdades, sem que por isso nos aucto- rise para usarmos d'ella em differentes circumstancias. E por certo que ninguem adoptará de Vieira a palavra *nombramento* usada por elle na Carta 96 do tomo 1. nem a palavra *raconto* (*relação*) da Carta 99. do mes- mo tomo, nem finalmente a palavra *aquistar*, que vem no mesmo tomo, carta 118.— *S. Luiz*.

JAMAIS (*ja-mais*). — *Este adverbio como advertio Dias Gomes, Obras Poeticas, nota 4. á Eleg. 2. não se deve reputar por gallicismo, pois so a indiscreta frequencia-o constitue tal, sendo, como é, usado dos nossos aucto- res, como Gomes Eannes, Camões, Gabriel Pereira de Castro e Ferreira.*

Nós, em graça dos leitores menos versados nos clas- sicos portuguezes, poremos aqui alguns dos varios modos com que elles usam d'este vocabulo, ou exprimem a sua significação.

*Eneida Port. l. 3. est. 44:*

*Porem a quem jamais pelos sentidos  
Passára, que algum tempo inda os Troyanos  
A Hesperia haviam de ir?*

*2.º Cerco de Diu. Cant. 2.:*

*Quando perdida verás a fortaleza  
E a esperança de cobral-a jamais?*

*Arraes Dial. 10. c. 83.:*

*Promettei a Christo de jamais o deixardes.*

Mousinho, *Affonso Afric.* c. 1.:

*Lugar de pennas e tormento esquivo  
Onde jamais se vio contentamento.*

*Eneida Port.* 1. 2. e 26.:

*Não descansou jamais da furia brava.*

*Camões Rim.*:

*Jamais vos não ouviram  
Os tigres que se amansavam.*

Vieira, *Carta 33 do Tomo 3.*:

*O turco fica fazendo em Constantinopla e Candia  
os maiores apparatus de guerra, que nunca jamais  
se viram.— S. Luiz.*

*Fr. Greg. Bapt.* 1. P. *das Dom.* f. 26 verso:

*Ja nunca mais este Senhor castigou sem piedade.*

*Camões Rim.*:

*Lembre-vos minha tristeza  
Que jamais nunca me deixa.*

Mousinho *Affonso Afr.* c. 6.:

*Esta fermosa e linda praderia  
A quem jamais nenhuma se igualava.*

*Ferreira Castro, Acto 4.*:

*Nem haverá ja nunca no mundo olhos  
Que não chorem de magua.*

Mousinho *Affonso Afr.* c. 3.:

*Gemeram d'improviso c'um estrondo  
Nunca ja visto as taboas abaladas.*



Camões *Eclog.* 2.:

*O' immatura morte, que a ninguem  
De quantos vida tem nunca perdoas.*

Paiva l. P. de *Serm.* folh. 147 verso:

*S. Gregorio conta em Moisés pelo maior serviço que  
fez nunca a Deus... etc., etc.*

A' vista do constante uso que fazem os\* nossos clas-  
sicos deste adverbio com a significação de *nunca*, não  
podemos deixar de notar aqui como gallicismo o em-  
prego que d'elle fez o douctissimo P. Pereira, tra-  
duzindo aquellas palavras do *Genes.* IX. 12. *Hoc  
signum foederis, quod do inter me et vos, in genera-  
tiones sempiternas*, deste modo, *eis-aqui o signal do con-  
certo que eu faço para sempre jamais entre mim e vós*,  
aonde parece haver tido presente o francez *pour  
ja-mais*, que a cada passo se acha nas traducções fran-  
cezas da S. Biblia, correspondendó ao latim *in sempi-  
ternum, in omne aevum, in generationes sempiternas.*  
e que nós traduziriamos melhor *para todo o sempre.*—  
*S. Luiz.*

Advirta-se que *jamais*, adverbio de tempo n\*este  
lugar:

*Jamais* no ardor do estio a sombra amena  
Tanto alegre não foi aos olhos meus,  
Cançados de chorar tam grave pena.

Não se deve reputar por gallicismo, pois so a in-  
discreta frequencia o constitue tal, sendo como é,

usado dos nossos auctores, como Gomes Eannes, Camões, Gabriel Pereira de Castro, e Ferreira.—*F. Dias Gomes.*

JOGOS DE ESPIRITO: (*jeux d'esprit*)—É gallicismo, a que em bom portuguez corresponde *chistes*, ditos *engenhosos*, e *conceituosos*, *agudezas*, etc. Comtudo temos *jogar de vocabulo*, e *jogo de vocabulo* por *equivoco discreto* em Vieira *Serm.* tomo 6. pag. 472, aonde diz: *aqui jogou de vocabulo o evangelista, e usou o equivoco, que eu dizia*, e logo na pag. 473: *aqui está o jogo do vocabulo, e o equivoco discretissimo*, etc. Tambem dizemos *fazer jogo* por *fazer zombaria*. Vieira, Carta 78 do Tomo 3: *Os que fazem jogo dos echaques alhéios dizem que me veio este a bom tempo para não vêr o que se ve, nem ouvir o que se ouve*. E D. Francisco Manoel na *Carta de Guia* fol. 119 diz: *va mais por jogo, que por conselho*, usando de *jogo* por *galanteria*, *brinco*, etc. Veja em Moraes a palavra *Jogo*.—*S. Luiz.*

JORNAL: Por *Diario* é palavra franceza, que nos não era necessaria: e sem embargo de ser hoje mui usada até de pessoas douctas, não a julgamos adoptavel, maiormente attendendo á homonymia, que se deve evitar, quando possivel fôr, por ser um signal infallivel da pobreza na linguagem.—*S. Luiz.*

JUSTEZA: (*iustesse*)—Temos no nosso idioma o edjectivo *justo* com a significação de *observador da justiça*, v. gr. *homem justo*, *rei justo*, e d'aqui derivamos o abstracto *justiça*. E temos tambem o mesmo adjectivo *justo* com

a significação de *exacto*, *adequado*, *pontual*, etc., v. gr. *preço justo*, *medida justa*, *porta justa*, etc., d'onde podemos sem erro derivar *justeza*, como de *limpo*, *limpeza*; de *claro*, *clareza*; de *agudo*, *agudeza*, etc. Julgamos pois, que este gallicismo não é para reprovar-se. No *Exame de Artilh.* ja vem: *a justeza da pontaria*. Vej. Moraes no *Diccionario*. Comtudo por *escrever*, *fallar*, *pensar com justeza*, podemos bem dizer *escrever*, *fallar*, *pensar com exactidão*, com *regularidade*, com *precisão*, *adequadamente*, etc.—S. Luiz.

## L

LANGUIR: E' um verbo francez, que até agora não temos achado em algum dos nossos classicos. Significa em portuguez *desfalecer*, ou *ir desfalecendo*, *estar lasso e quebrado de forças*, *ir-se extenuando*, *ir cahindo em fraqueza*, *ir-se consumindo*, *languir* etc. e estas expressões, bem que pareçam menos concisas que o francez *languir*, não deixam por isso de ser mui expressivas e energicas, por indicarem mais expressamente o *progressivo* desfalecimento, e descahimento de forças, que é a propria significação d'aquelle verbo. Comtudo na moderna tradução da *Lyrice de Horac.* por Elpinio Duriens. L. 3. Od. 12, achamos

*Nem langue Baccho em Lestrygonia talha*

traspassando as palavras do Poeta latino

*Nec Lestrygonia Bacchus in amphora languescit  
mihi....*

E ja semelhantemente parece que quiz D. Francisco Manoel derivar o verbo *latir* do latino *latere*, quando disse na *Carta de Guia* fol. 106: *tomado d'aquelle adagio latino, que entre as hervas mimosas latia o aspid peçonhento, bem como temos o verbo delir do latino delere, e a voz dile de delet, que foi usada por Arraes no Dial. 1 C. 15.—S. Luiz.*

LAXO: LAXIDÃO: LAXAMENTE: (*lache*)—São vocabulos portuguezes de bom cunho, cuja significação é bem sabida: mas quando se diz v. gr. *ceder laxamente aos movimentos da inveja*, é gallicismo, e deve-se emendar a phrase, dizendo *ceder vilmente, indignamente, infamemente*, etc. *Ser accusado de laxidão para com a patria*, isto é, *de cobardia*; *o amor da patria triumphará dos laxos conselhos de Venus*, isto é, *dos torpes, baixos, indignos conselhos*, etc. *O laxo, que perde a razão no perigo*, é um ser degradado e corrompido, isto é, *o cobarde, o poltrão, o infame*, que perde o animo no meio dos perigos, é um homem baixo, e corrompido, etc.—*S. Luiz.*

LIBERTINO: LIBERTINAGEM: São vocabulos trazidos do francez. O uso geral porém os tem adoptado, e não sem causa, se com elles significarmos a idéa complexa de *licenciosidade com irrelição, homem devasso em costumes, com erradas opiniões religiosas*; a qual idéa se não po-

deria exprimir por outro modo em portuguez, sem circumloquio.—S. *Luíz*

LIMITROPHE: Parece ter-nos vindo immediatamente do francez *limitrophe* com a significação de *commarcação, confinante*, e diz-se dos povos ou paizes, que *visinham, commarcam* ou *confinam* entre si. A sua origem é o vocabulo latino *limitrophus*, que significa o *que está nas fronteiras*. Parece adoptada pelo uso.—S. *Luíz*.

LUGAR: *Ter lugar*, por effectuar-se, realisar-se, é galicismo reprovado pelo bom senso, assim como: *se o tempo der lugar*, em vez de *permittir o tempo*, etc.

*Ter lugar por caber* e no fig. ser admissivel, vir á proposito, vogar, vir a tempo, como v. gr. *Não tem lugar o seu empenho, recommendação, supplica, a sua razão, o seu dicto. A lei não tem lugar n'este caso.* São phrases portuguezas citadas por Moraes.

Presta-se este vocabulo a formação de phrases muito bonitas, ricas de expressões, como se vê no mesmo lexicographo:

— *Ainda não tive lugar de fazer isso*, por espaço de tempo, fazer, etc.

— *Em lugar de ir mando*, ficou-me em lugar de pae por vez.

— *Lugares communs triviaes*, por passo de um auctor ou passagens de um livro.

— Entre as virtudes o primeiro lugar sempre foi dado a justiça. Afeiçãoados em \*baixo e pobre lugar. Por dignidade, posto, graduação, precedencias.

— *Dar lugar a razão.* Por admittir.

— *Encher bem o seu lugar.* Por cumprir bem o seu dever no officio ou cargo.

— *Dar lugar aos bens.* Por fazer cessão d'elles.

— *Dar lugar o rei maior.* Por ceder o passo; ficar em menos nos cumprimentos e cortezias.— *Do collector.*

## M

**MAIS GRANDE:** Temos lidô em traducções modernas estas clausulas: *Sam coisas que determinam o mais grande numero de homens* — *Scipião um dos mais grandes generaes da antiga Roma* — *Eis-aqui a mais grande impolitica*, etc.—as quaes sam mais francezas, que portuguezas, devendo dizer-se: *o maior numero, um dos maiores generaes, a maior impolitica*, etc. E' verdade que lemos tambem em Arraes, *Dial.* 5. C. 11: *excellente philosopho é o rei, que os insultos e atrevimentos dos delinquentes castiga com o mais pouco sangue que pôde*; e em outros classicos pôde ser que se achem outros alguns semelhantes modos de fallar: a sua frequencia porém, na nossa actual linguagem, indicaria affectação de francezismo, e daria ao discurso aquelle aspecto estrangeiro que a desfigura e que se deve evitar.— *S. Luiz.*

**MAL A PROPOSITO:** Expressão adverbial franceza (*mal-d-propòs*, impropriamente tomada do portuguez. Significa *fôra de proposito, sem proposito, desapropositadamente, intempestivamente*, etc.—*S. Luiz.*

MANCADO: (*manqué*)—Em um *Compendio de rhetorica portugueza*, querendo o auctor tratar d'aquelle vicio da oração, a que chamam *neologismo*, ou (como elle interpreta) *extravagancia de crear palavras novas*, diz assim: *este vicio que póde ser reprehensivel pelo seu excesso, tem por fim enriquecer a lingua e limitar o muito frequente uso das circumlocuções: é racional este fim; mas tem muitas vezes mancado*. Nas quæes palavras, deixada a incoherencia de um vicio que *tem por fim enriquecer a lingua*, notamos somente a palavra *mancado*, que segundo o nosso parecer, se não póde hoje usar no estylo culto sem censura. Comtudo Fernão d'Alvares do Oriente a empregou na *Luzit. Transform.* pag. 98 ed. de 1607: *por supprirmos com a diligencia da jornada a falta de tempo que nos mancava*: e Moraes cita no *Diccionario* outro lugar de *Alarte*, em abono da mesma palavra. — *S. Luiz*.

MANOBRA: (*manœuvre*)—O vocabulo francez parece significar primariamente *todo o trabalho que se faz para dar movimento a um navio*, que em bom portuguez dizemos *mareação*. D'aqui o empregaram para significar os *diversos movimentos e operações de um exercito ou corpo de tropas*; e ultimamente o ampliaram ao sentido moral e figurado, exprimindo por elle *todos os meios, recursos, e manéas*, que se empregam para obter e concluir qualquer negócio ou empreza. Os portuguezes modernos o tem usado, á imitação dos francezes, em todos estes sentidos, que não reprovamos, tanto pela propriedade da expressão, como por ser ja de uso fre-

quente e auclorizado. No primeiro significado de *ma-reação*, ja vem nos *Estat. novo da Universidade* L. 3. P. 2. n. 5. *Pelas mathematicas se regulam as manobras e derrotas da pilotagem, etc.*—S. Luiz.

MANUFACTUREIRO: Parece ser tomado por nós do francez *manufacturier*, e pelos francezes do inglez *manufacturer*, e significa *fabricante, official que trabalha em manufacturas*, talvez *obreiro*. Não o julgamos bem derivado, e se carecessemos d'elle, deveriamos antes dizer *manufacturador*.—S. Luiz.

MASSACRO, MASSACRAR, MASSACRADO: (*massacrer, etc.*) —Andam estes vocabulos tanto em moda, que até ja se ouvem com frequencia da bocca de pessoas indouctas, e ignorantes do francez: mas sam puros gallicismos, que de nem um modo podem ter lugar no nosso idioma. Em portuguez legitimo e intelligivel dizemos *assassinio, matança, assassinado, assassinar, matar cruelmente, etc.* e no sentido fig., v. gr., *este homem tem-me massacrado com as suas impertinencias*, quer dizer: *tem-me mortificado, importunado, tem-me matado*, e em linguagem familiar, *tem-me causticado com as suas impertinencias, etc.*—S. Luiz.

MERECER BEM DO PAIZ, em lugar de *ser, fazer-se benemerito da patria*, é gallicismo desnecessario.—J. I. Roquette.

MESMO:—Este vocabulo é, fallando propriamente, um adjectivo que exprime a *identidade* das coisas ou pessoas, e é opposto em significação aos adjectivos *outro* ou *diverso*. Assim quando dizemos *o mesmo homem, ao*



*mesmo tempo, no mesmo lugar, os mesmos factos, etc.*, queremos significar que esse *homem, tempo, lugar e factos* são identicos a si mesmos considerados em outras circumstancias, de que ja temos fallado. Além d'esta primeira significação, e por virtude d'ella, usamos tambem o adjectivo *mesmo* juncto ao nome, para espressarmos com *enphase* o proprio sujeito que o nome designa, e para fazermos que o leitor ou ouvinte fixe n'elle a sua attenção. N'este sentido dizemos: *Os mesmos reis não sam felizes, se não sam virtuosos: a virtude é recompensa de si mesma: O mesmo Deus se humilhou para nos ensinar a ser humildes, etc.*; aonde o adjectivo *mesmo*, não podendo em rigor significar a *relação de identidade*, que sempre supõe comparação; serve tam sómente para exprimir com *enphase* a pessoa ou coisa de que se falla, imitando a particula latina *met*, que tambem se emprega do mesmo modo, v. gr. *ego met vidi: hisce met oculis vidi*, etc. Estes sam os significados, com que entre nós se usa o adjectivo *mesmo*, e quem lêr com attenção os classicos, verá que regularmente o costumam antepôr ao nome, salvo quando é algum dos pronomes *eu, tu, elle, nós, vós, elles*, em qualquer das suas diferentes fórmas. Acham-se comtudo exemplos em que o adjectivo *mesmo* vem proposto ao sujeito a que se ajuncta: v. gr. em Duarte Nunes *Chron. de D. Affonso III.*. ed. de 1677 pag. 83: *O Mestre no dia mesmo seguinte*. João Franco *Eneida Portug.* L. 6. E. 175:

*E como seu pai mesmo a si o iguala.*

Leitão *Miscell.* pag. 500: *e no lugar mesmo, onde o encontrou.* Bernard. *Serm. e Prat.* P. 1. pag. 306: *Maior prodigio parece que a luz mesma se não conheça a si.* Mousinho *Affonso Africano* C. 8:

*O monte mesmo teme o pezo forte  
Fica o visinho bosque estremecido, etc.*

A lição porém dos livros francezes parece haver introduzido outro uso d'este adjectivo, que é pouco conhecido ou pelo menos mui pouco frequente no idioma portuguez, do qual daremos alguns exemplos nas seguintes phrases.

*Ellas sam mesmo preciosas, i. é, ellas até sam preciosas,*

*Poderia mesmo presumir-se, i. é. até poderia presumir-se.*

*Dir-vos-ei mesmo, etc., i. é. dir-vos-ei tambem, ainda mais vos direi, ou até vos direi.*

*Mas estes exemplos sam raros mesmo em França, i. é. até em França, ou ainda em França, etc.*

Não occultaremos porém aqui, que d'este mesmo uso se acham exemplos, posto que raros, nos nossos escriptores, como v. gr. em Camões *f. P. das Rim* Soneto 93:

*Que se contra mim estazes alevantados,  
Eu vos ajudarei mesmo a matar-me.*

E em D. Francisco Manoel, *Carta de Guia* fol. 153 verso: *Digo eu, que o casado por alegrar sua mulher e*

*familia, mesmo de seu movimento, mande fazer em sua casa duas e tres comedias cada anno, etc.—S. Luiz.*

**METTER :** Tambem d'este verbo se usa muitas vezes empregando-o em phrases em que o não soffre a nossa linguagem. Daremos alguns exemplos dos muitos, que temos observado :

*Sentimentos elevados, que vos mettam em estado de conhecer o preço das coisas, i. é. que vos ponham em estado, etc.*

*Um sermão em o qual se não mettesse em obra nem a escriptura, nem a tradicção, i. é. em o qual se não empregasse, se não allegasse, se não fizesse uso, etc.*

*Metteu á contribuição os fructos das arvores, i. é. fez contribuir, etc.*

*Terras tam dilatadas para cuja acquisição se tinha mettido tanto interesse, i. é. em cuja acquisição se haviam empregado tantos cuidados, ou cuja acquisição se tinha procurado com tanta diligencia, etc.*

*Tudo metteu em obra para conseguir etc., i. é. tudo tentou, tudo moveu, tudo empregou para conseguir, etc.—S. Luiz.*

**MINISTROS DO CULTO.**— E' phrase trazida do francez com reprehensivel affectação, e ja póde ser que com menos religioso intento. No nosso bom e antigo portuguez dizemos *ministros do altar, da igreja, da religião, ministros ecclesiasticos, clero, clerezia, etc.* — S. Luiz.

**MISE-EN-SCENE :** Esta phrase era indecentemente em-

pregada pelos francelhos. Temos felizmente por moderna adopção *ensenação, ensinar, ensenado, etc.*

Não tem auctoridade classica, vale mais porém, traduzir inventando o termo apropriado e bem derivado, do que introduzir phrases barbaras.—*Do Collector.*

MOBLADO, MOBILADO, MOBILIADO, MOBILHADO, MOBELADO, AMOBILAR, AMOBILAÇÃO (*mobillé, etc.*) — De qualquer modo que se escrevam, sam gallicismos escusados. Em portuguez dizemos *adereçado, ornado, adornado, alfaiado, e adereçar, alfaiar, adornar, apartamentar, etc.* — *S. Luiz.*

Diz J. I. Roquette que *mobilhar* é gallicismo usado e desculpavel. Penso que será melhor escrever como geralmente se diz *mobilier*, mais em harmonia com *mobilia*, como indica o Des. A. de M. Falcão no *Dic. de Moraes.*—*Do Collector.*

Moção (*motin*).— Significa primariamente *movimento, toque, impulso* no corpo, e figurado *no ánimo*. Os francezes usaram modernamente para significar, como em inglez, uma *proposta* ou *proposição* de algum assumpto, que ha de tratar-se e discutir-se em ajuntamento publico ou particular. N'este sentido é escusado em portuguez.—*S. Luiz.*

MONTAR EM CHOLERA: E' gallicismo grosseiro, que achamos em uma traducção, impressa na seguinte phrase: *a leitura d'este papel o fez montar em cholera, i. é. o pôz em grande colera, o encolerizou muito, etc.* —*S. Luiz.*

MORDER A TERRA (*mordre la poussiere*).— Parecen-nos

ao principio expressão franceza e impropria da nossa lingua; mas achamo-la depois em auctores de boa idade, taes como Arraes *Dial.* 4. c. 14.: *E' natural generoso, mui proprio dos Luzitanos, pugnar pela liberdade, até morder a terra com sua bocca, e a regar com seu sangue. Naufrag. de Sepulv. canto 9.:*

*Com brãmido espantoso se debruça  
O gentio na terra, onde co'a raiva  
Mortal as hervas morde, que do sangue  
Do ferida cruel ja estavam tinctas.*

E no *Mazagão Defend.* Poema ms. c. 6;.

..... o furioso  
*Pelouro dá n'um turco, que estirado  
A terra com a dôr mortal mordia.*

Imitação de Virgilio, *Aeneid.* L. XI.:

*Prócuibit moriens, et humum semel ore momordit.*  
—S. Luiz.

## N

NEGLIGÉ: E' vocabulo puramente francez e mui usado das pessoas mimosas e adamadas, quando dizem v. gr. que alguém *está vestido ao negligé*, i. é. *ao desdem, a descuido, em ou com desalinho, desalinhadamente, etc.* Arraes, *Dial.* 10. c. 47 diz no mesmo sentido: *apertar os cabellos.... com desordem e descom-*

*posição.* Soiza, *Vida do Arceb.* l. 6. c. 11: *o cabello ondado e loiro pelos hombros sem arte estendido*; e logo: *o cabello tomado em tranças sobre a cabeça com amostras de pouco cuidado.* Mousinho, *Affonso Afric.* c. 12:

*As donzellas ao vento derramadas*

*Os cabellos sem ordem, sem concérto, etc., etc.*

*S. Luiz.*

NUANÇAS : E' vocabulo puramente francez, e um d'aquelles que mais difficulosamente se póde traspassar ao portuguez sem circumloquio. Parece que significa principalmente *os varios toques de uma mesma côr*; *as differenças insensiveis, que se vam dando a uma côr, quando se quer passar a outra suavemente, e com harmonia*; *a mistura e união de côres diversas com tam suave proporção, que não offende, antes agrada á vista.*

Aos artistas pertence achar ou inventar o proprio vocabulo, que deve corresponder ao francez *nuances*; mas póde ser que tenham aqui algum lugar *sombras, assómbra*, etc.

Tambem se usa em francez para significar em geral *as pequenas differenças*, que tem entre si objectos do mesmo genero, ou *as modificações insensiveis*, que os fazem na realidade diferentes, sendo aliás identicos nas suas qualidades substanciaes. etc.—*S. Luiz.*

Dizem J. I. Roquette e o Des. A. de M. Falcão, que é vocabulo francez, avesso á nossa lingua e de modo nem um admissivel; d'elle, porém, usou o padre

Soiza Caldás, nos seguintes versos do seu poema *As Aves*.

E' assim que a sublime natureza  
 Com laço intelligente os corpos une  
 Que no globo espalhou, desde os maiores  
 Até os mais escassos e mesquinhos ;  
 Por mil modos os une e prende todos ;  
 Até leves *nuanças* fórma e assombra,  
 Com que feições diversas misturando  
 Finge unir n'um so ser diversos seres.

Garção Stochler, que reviu os versos, não o deixou passar, confessando que aliás muito cariciamos d'elle, e accrescentou:

« Entretanto para que o exemplo de um homem de tanto espirito, saber e gôsto, como o auctor d'esta singular composição não falte a algum bom engenheiro portuguez dotado da resolução que eu não tenho, transcrevi a passagem que por timido alterei. N'ella e na que lhe substituí, persuado-me que se encontra quanto basta para fundar sobre este ponto a deliberação de qualquer escriptor discreto, que se sinta com forças do formar auctoridade. »—*Do Collector*.

NULLO, NULLIDADE : Tem significação portugueza, que todos sabem : mas não costumamos dizer *homem nullo*, por *homem inepto, de pouca conta, que de nada vale, que para nada presta, etc.*, nem tambem *nullidade* por *ineptidão, incapacidade. etc.*—*S. Luiz*.

## O

**OBRIGANTE** : (*obligeant*)—Por *obsequioso, officioso, cortex, civil, urbano, etc.* parece-nos innovação escusada. Em outro sentido usamos do adjectivo *obligatorio*. Veja Moraes no *Diccionario*.—*S. Luiz*.

**OSTENSIVEL**: **OSTENSIVELMENTE**: Começam a usar-se em papéis impressos, á maneira dos francezes, *ostensible, e ostensiblement*. Nós dizemos em portuguez, v. gr. *Carta ostensiva*, isto é, que *se pôde mostrar*, que é *para se mostrar*, e podemos d'aqui derivar analogamente o adverbio *ostensivamente*, quando quizermos dizer que uma cousa se faz *por mostra em apparencia, apparentemente, so para se vér, etc.* etc. como por exemplo na seguinte phrase: *cet' homme faisant ostensiblement les fonctions de secrétaire, etc.* isto é, este homem fazia *ostensivamente, na apparencia quanto ao que se via, etc.* as funcções de secretario, etc.—*S. Luiz*.

## P

**PALPITANTE DE INTERESSE**, em lugar de muito interessante, de summa importancia, é gallicismo tolo.—*J. I. Roquette*.

**PAMPHLETO**: Não comprehendemos a razão porque se pretende trazer á nossa lingua este vocabulo tomado do francez *pamflet*, ou do inglez *pamphlet*. Em melhor linguagem diremos *livrinho, folheto, papeleta, livrete* etc.—*S. Luiz*



Tambem Roquette e o Des. A. de M. Falcão o tem por gallicismo intoleravel, mas o uso o adoptou para os folhetos politicos, e ampliou a sua denominação ao assumpto. A dèrivação é de mais a mais grega, segundo alguns auctores.—*Do Collector.*

PARA: Veja adiante *Por.*

PARALYSAR: PARALYSADO: Sam vocabulos de origem grega, e tomados por nós immediatamente, ao que parece, do francez *paralyser*, e *paralysé* no sentido moral, e figuradô, v. gr. *paralixar a auctoridade*, isto é, *tirar-lhe a sua força, e energia, suspêndor ou enfraquecer a sua acção.* Os nossos escriptores haviam prevenido a falta d'esta expressão usando de *paraliticar*, e *paraliticado*, ou *aparaliticado*, como lemos em Paiva *Serm.* P 1. fol. 269 verso, onde diz: *a alma aparaliticada, que não sente esta repunhancia interior da fé:* e pag. 262 verso *a alma a si chega a se empedeaneecer, e paraliticar, que etc.* Comtudo não reprovamos o uso moderno, visto ser ja mui commum, e não encontrar a analogia. — *S. Luiz.*

PARQUE: (do francez *parc*, ou do inglez *parck*)— Por *tapada*, *coutada*, *bosque cercado* para casa, é de Barros, Lucena, e outros classicos. No sentido militar *parque de artilharia* parece ser moderno, e trazido do francez, mas adoptado. Veja Bluteau *Supplemento.* — *S. Luiz.*

PATRIOTA: PATRIOTISMO: Significando *amante da patria*, sam vocabulos modernos em português. e derivados dos francezes *patriote*, e *patriotisme*, que tambem parecem

trazidos do inglez *patriot*, e *patriotism*. O uso geral os tem adoptado, e não se podem supprir por outro modo sem circumloquio. — *S. Luiz*.

PEÇA DE ELOQUENCIA: PEÇA DE POESIA: etc. Assim nomeam os francezes *pièces de eloquence*, *pièces de poesie*, alguns *discursos oratorios*, *poemas não extensos*, etc. Não reprovamos a expressão, visto que a palavra *peça* tambem se usa em portuguez, ainda que a diversos respeito, fallando não de *parte* ou *pedaço* de alguma obra mas de obras inteiras. V. gr. em Barros *mec.* 2.1. 2. c. 2: *promettendo de lhe dar livremente a Ilha Baharem, e a Villa Catifa a ella fronteira, por serem peças mui visinhas a Lash.* E em Soiza *Vida do Arcebispo* L. 2 c. 31: *por ordem do senado d'aquella republica, lhe foi mostrado o prato em que Christo Senhor nosso comeu o o cordeiro pascoal na ultima cea. E' peça de preço inestimavel,* etc.—*S. Luiz*.

PENIVEL, PENIVELMENTE. — Sam gallicismos desnecessarios, em lugar dos quaes diremos *penoso*, *molesto*, *incommodo*, *trabalhoso*, *afanoso*, *que causa pena*, etc., e *penosamente*, *trabalhosamente*, etc., etc.—*S. Luiz*.

PENSAR. — Por *julgar*, *entendar*, *ser de parecer*, *ter para si*, etc., foi sempre usado em portuguez: mas no sentido mais generico, comprehendendo em sua significação *todas as operações do nosso entendimento*. E' palavra moderna, tomada, segundo parece, do francez *penser*, e com justa razão adoptada: pelo que dizemos hoje em boa linguagem; *homem que pensa*

*dem*, i. é. *que tem idéas exactas; que as combina com acerto; que discorre com regularidade, etc.*—S. *Lnix*.

PENSAR AS FERIDAS (do francez *penser*). — Por *curar, tratar as feridas*, parece expressão nova em portu-guez: mas temos as phrases *pensar a criança*, i. e. *alimpal-a, enfaixal-a, amamental-a, e ter cuidado d'ella pensar o cavallo*, i. é. *dar-lhe de comer, tratar d'elle*, etc., nas quaes o verbo *pensar* se usa com a mesma significação. — S. *Luiz*.

PEQUENO. — Ainda que este vocabulo seja perfeita-mente igual em significação ao francez *petit*; nem sempre nos é permittido traduzir um pelo outro: mas cumpre que examinemos o uso de ambas as linguas para não cahirmos indiscretamente em torpes galli-cismos. Os francezes, por exemplo, se servem com frequencia do adjectivo *petit* para formarem os seus diminutivos, o que nos não convém imitar em todos os casos, maiormente sendo o nosso idiomã tam rico e variado n'estas fórmãs dos adjectivos. Assim, v. gr. em lugar desta phrase :

*Adéla se diverte com um lindo pequeno navio; dire-mos muito melhor: com um lindo naviosinho.*

Em lugar de *abraçae por mim a agradável pequena Adéla*, deve dizer-se *abraçai por mim a linda Adeli-nha: a minha amavel Constancinha*, etc.

Outras expressões ha, em que convém traduzir o francez *petit* de differente maneira, v. gr. n'esta phrase : *o papel de desdenhosa é o de um pequeno genio*, deve dizer-se *é de um animo cativo, apoucado, acanhado*,

*baixo*, etc., a *altivez* é o defeito dos pequenos genios, i. é. das almas baixas, apoucadas, vis, etc. E se n'estas ou outras semelhantes phrases se julgar alguma vez expressivo o adjectivo *pequeno*, deverá em tal caso pospôr-se ao substantivo, v. gr. a *altivez* é o defeito de uma alma pequena; porque não é indifferente, em muitas phrases portuguezas e francezas, o lugar do adjectivo.

Finalmente é erro mui grosseiro traduzir *petit-fils*. por *pequeno filho*, em lugar de *neto*, como temos encontrado, não poucas vezes, em traducções impressas. — *S. Luiz*.

PERDER A CABEÇA (*perdre la tête*). — POR *enlouquecer*, *tresvariar*, *desatinar*, *ficar alienado*, ou tambem *perder os sentidos*, *désmaiar*, *desfalecer*, etc., é gallicismo escusado. — *S. Luiz*.

PERICIVEL (*périssable*). — E' erro grosseiro: deve dizer-se, v. gr. *bens peredeiros*, ou *peredeiros*, *caducos*, *transitorios*, etc. Veja *Imperissivel*. — *S. Luiz*.

PERSONALIDADE: PERSONALIZAR: (*personalité* etc.) Tem ja a seu favor um uso mui geral, e auctorisado, e são derivados com boa analogia. Tambem se podia dizer *pessoalidade* e *pessoalizar*, e este ultimo ja o achamos empregado em uma traducção moderna. — *S. Luiz*.

PETIT-METRE: OU PETIMETRE: E' a palavra franceza *petit maître*, que temos visto usada até em traducções, e papeis impressos. Podemos exprimi-la por *peralta*, *peralvilho*, *casquilho*, *mancebo*, *presumido*, *garrido*, *rapaz ada-*

*mado*, que affecta mil modos e geitos no fallar e trajar, talvez *pedante*, etc. O celebre abbade de Jazente ja o empregou em um dos seus sonetos que andam impressos, dizendo :

*Basta-me so que ds vezes nas visitas  
As vejam petimetres namorados,  
As ouçam sem desprezo as senhoritas,*

E em outro :

*Se a moda o quer assim, calle a censura,  
Em quanto o petimetre e a dama bella  
Dança com galla, e canta com deçura.*

— S. Luiz.

PICANTE : Dizemos em portuguez *palavras picantes*, *sabor picante*, *remorsos picantes*, *cuidados picantes*, i. e. *pungentes*, *penetrantes*, etc. mas *contraste picante* por *notavel*, *estremado*, *assignalado*, etc. parece gallicismo escusado, hem como *maximas escriptas com uma precisão picante*, i. e.  *fina*, *delicada*, *vivã*, *aguda*, *estremada*, etc. — S. Luiz.

PICAR A CURIOSIDADE: Por *movel-a excital-a*, tambem parece gallicismo ; mas não o julgamos improprio, visto que tambem dizemos *estimulado da curiosidade*, e *estimar a curiosidade*, que é metaphora igual. — S. Luiz.

PICAR-SE *de honra de nobreza*, *de sabedoria*, etc. (*se piquer*, etc.) É gallicismo, que havemos por inadotavel no nosso idioma : nem nos demove d'este sentimento a auctoridade de Bluteau, que traz estas expressões

no seu *Vocabul.*, sem todavia as auctorizar. A nossa linguagem tem muitos modos de exprimir a mesma idéa, com não menos energia, v. gr. *presumir de honrado, vangloriar-se de nobre, ostentar de sabio, jactar-se de erudito, gabar-se, gloriar-se de bom engenho, blasonar de valente, caprichar de polido, inculcar-se por fidalgo, vender-se por esperto, abonar-se de judicioso*, etc. É digno de notar-se aqui o uso que faz Vieira d'este verbo no tomo 15 dos Serm. pag. 204, aonde diz: *Taes extremos, como todos estes, faz o Senhor dos exercitos, quando se pica de ciumes da sua gloria*, etc. —S. Luiz.

PLACARD: (*placard*) Não sabemos com que fundamento Moraes metteu este vocabulo no *Diccionario da lingua portugueza*, sendo puro francez, e tendo nós *edital*, e *cartel* que dizem o mesmo. Hoje se usa tambem *placard* para significar a *insignia*, ou *divisa* das ordens militares, pregada ou bordada sobre o vestido: mas ainda que o fundamento do sentido figurado não seja aqui tam vil, e torpe, como em *crachá*, comtudo não achamos bem clara e expressiva a analogia que ha entre o *edital*, que se préga na parede, e o *habito* ou *divisa* que se borda sobre o vestido. E todos sabem que esta analogia deve ser a base do sentido figurado. Veja *Crachá*.—S. Luiz.

POMPOSO. Já o vi condemnado quasi como francez; se o é ou não, perguntem-no ao bom Ferreira que na ecloga ao *Natal* diz:

« Mór milagre, mór prova'i onde jaz

Faz teu filho e de Deus, que se *pomposo*, etc., Vieira.

E no 2º acto da *Castro* faz dizer a el-rei Dom Affonso o bravo, que a dignidade de rei era:

« Uma servidão pomposa, um gram trabalho. »

A lingua franceza no tempo de Ferreira não estava polida, nem aperfeiçoada com escriptos de fama, que servissem de objecto de imitação aos escriptores das nações cultas—*F. Dias Gomes*.

PONTO DE VISTA: (*point de vue*) É termo da *Arte de Pintura*, e significa o ponto que o artista escolhe para pôr os objectos em perspectiva. Tambem se diz do lugar, onde o objecto se deve collocar para melhor ser visto. É adoptado na linguagem das artes, e parece necessario, Bernard. *Serm. e Prat.* pag. 125 diz: *uma imagem primorosa, para ver se tem defeito por alguma parte, a viramos de muitos modos, e a contemplamos a varias luzes, i. e. em varios pontos de vista*. Em outro sentido dizemos ver um objecto *debaixo de diversos aspectos*, ou *por mais de uma face*, etc.—*S. Luiz*.

POPULAÇA: (*populace*) É palavra franceza innovada sem necessidade, e diz tanto como o portuguez *gentalha*, *infima plebe*, ou ainda mais propriamente *a escuma do povo*, *as fezes do povo*, *a escoria do povo*, *a gente da infima relé*, *o mais vil do povo*, etc.—*S. Luiz*.

POPULAÇÃO: (*population*) Os nossos bons escriptores diziam com melhor analogia *povoação*; comtudo não reprovamos *população*, que tem a seu favor o uso frequente, e algumas boas auctoridades modernas.—*S. Luiz*.

POR: PER: PELO: PARA: etc. São proposições portu-

guezas, cujos varios usos e differenças se devem aprender pela assidua lição dos classicos. Parece-nos porém gallicismo reprehensivel empregal-as nas seguintes phrases, que trazemos para exemplo de muitas outras que os nossos modernos escriptores tem tomado indevidamente do francez:

*Todo o ente subordinado a outro, e que, não tem por elle o respeito que deve ter, etc.. i. e. que lhe não tem o respeito.*

*O gosto que um tem pelo outro: i. e. que um tem do outro, que um faz do outro, etc.*

*Inspirar desgosto pela leitura, i. e. da leitura, ou para a leitura.*

*Inspirava-lhe um profundo desprezo por toda a pessoa que não tivesse valor; i. e. de toda a pessoa, ou para toda a pessoa.*

*Juramento de fidelidade e amor pelo principe, i. é ao principe,*

*Eis-aqui os grandes fructos da vossa protecção ara Ulysses, i. e. a favor de Ulysses, da protecção que daes a Ulysses.*

*Tudo vos assusta por vosso filho, i. e. acerca d'elle, a respeito d'elle.*

*Felizmente para nós, i. e. por felicidade nossa.*

*A paixão de Zopiro para Zenobia: dir-se-á melhor por Zenobia.*

*Ter inclinação pelas letras, i. e. das letras, ou para as letras. Soiza Vida do Arceb. L. 1. c. 2 tambem diz: pare-*



cia que a natureza o criára isempto da inclinação d'elles (scil. dos passatempos pueris).

Havia tudo que recear para elle e sua mãe, i. e. acerca d'elle, a respeito d'elle, e de sua mãe.

Mortaes, prezareis tam pouco a virtude para suppordeis austero um semelhante assumpto? i. e. prezareis tam pouco a virtude, que vos pareça austero — que tenhaes por austero — que supponhaes austero, etc.—S. Luiz.

POR ALGUEM AO FACTO de alguma coisa: É gallicismo que diz tanto como *instruir a alguém d'essa coisa, fazer-lh'a saber, inteirado d'ella, informal-o, etc.*—S. Luiz.

PORTA-ESPADA: (*porte-épée*) É inovação escusada, visto termos *talim, talabarte, boldrié*, que dizem o mesmo — S. Luiz.

PORTA-MANTÓ: (*porte-manteau*) É outro gallicismo desnecessario, em lugar do qual dizemos *malá* ou *maleta*. Mas se se quizer um vocabulo proprio, e de significação mas restricta, por que não diremos antes *porta-capa*, ou *porta-capote* assim como os italianos dizem *porta-cappe, porta-mantello* e os hespanhoes *porta-capa*, e nós mesmos *porta-bandeira*, e não *porta-insignia* do francez *porte-enseigne*? — S. Luiz.

PRATICADO: E PRATICAVEL. Veja. *Impraticavel*.

PRÉ OU PRÉT; e no plural *préts*: São palavras trazidas do francez *prét*, empregadas nas *Condições* adjunctas ao Decreto de 27 de Junho de 1762, no Alvará de 9 de Julho de 1763, na Carta de Lei da mesma data, § 6, 9, 13 no Alv. de 14 de Abril de 1764, e hoje mui geralmente

usadas na linguagem, e leis militares. A origem e propria significação d'este vocabulo militar acha-se na obra intitulada *Etat actuel de la législation des troupes*, impressa em 1808, nos seguintes termos: *La soldes se payait par mois sur revues; come il se pratique encore aujourd'hui pour les officiers, et se nommait montre. Le mauvais usage, qu'en faisaient les soldats, qui dissipaient en peu jours tout ce qui leur revenait pour le mois, força a leur faire une avance tous les dix jours par forme de prêt, terme en usage, et dans le même sens, dès Charles VII. etc. — S. Luiz.*

PREJUZO: Sempre este vocabulo significou em portuguez *damno, defraudamento, detrimento, perda*, etc.; hoje é mui vulgar dizer-se *prejuizo* em lugar de *preocupação, prevenção, opinião antecipada*, etc., do francez *préjugé*. Não o approvamos, por não ser necessario, e por causa da homonymia: e comtudo não ignoramos que o latim *præjudicium* tambem significa *juizo anticipado*, e que d'aqui se poderia deduzir a segunda significação da palavra *prejuizo*. — *S. Luiz.*

PREMATURO: Parece ser trazido á nossa lingua do francez *prématuré*. É já muito geralmente usado, tem boa origem, e não desdiz da analogia. Significa *maduro antes de tempo*, e no sentido figurado corresponde a *antecipado, feito antes de tempo*, etc.; mas nem sempre estas duas palavras se podem empregar arbitrariamente uma pela outra, porquanto v. gr. *providencias anticipadas* póde dizer-se, e entender-se *em bom sentido*, das

que se dam ou tomam *muito a tempo* a respeito de qual-quer negocio: mas *providencias prematuras* parece entender-se somente *em mau sentido* das que foram *inuteis*, ou ainda *nocivas* por *immaturas*, tomadas *fôra de tempo*, e antes que o negocio tivesse chegado ao ponto em que ellas poderiam ser proveitosas, etc. — S. Luiz.

PRESSANTE: (*préssant*) É gallicismo escusado, e vocabulo improprio da nossa lingua. Em bom portuguez dizemos negocio *urgente*, *forçoso*; circumstancias *apertadas*; razões *forçosas*, *apertadas*, *urgentes*; ordens *apertadas*; motivos *urgentes*, perigo *imminente*, *instante*, etc. S. Luiz.

PREVALECER-SE *de alguma coisa*: É phrase franceza. Em portuguez temos *prevaleeer*, i e. *poder mais*, *levar vantagem*, *levar a melhor*, etc.: mas *se prévaloir de quelque*, quer dizer *valer-se de alguma coisa*, *lançar mão d'ella*; *servir-se*, *ajudar-se d'ella*, etc. — S. Luiz.

PRIMEIRO NASCIDO: (*premier-né*) Por *primogenito*, *filho maior*, *filho mais velho*, é abuso intoleravel, que mais de uma vez temos notado em traducção impressas. — S. Luiz.

PRODIGAR: (*prodiguer*) Por *prodigalizar*, *despender prodigamente*, *desperdiçar*, é francezismo escusado. — S. Luiz.

PROGREDIR: É vocabulo trazido de novo á nossa lingua, tomada do latim *progredi*. Significa *continuar*, *ir diante*, *fazer progressos*, *ir avante*, etc. Não o julgamos de absoluta necessidade. Comtudo na *Carta*

*Regia* de 7 de Março de 1810 ja vem o termo *progre-dindo*. — *S. Luiz*.

PROJECTO, E PROJECTAR: Do francez *projet*, e *projetter* sam adoptados. Veja Bluteau no *Vocabul.*, e seu *Supplem.* — *S. Luiz*.

PROPRIEDADE: É erro grosseiro traduzir por este vocabulo a palavra franceza *propreté* (*limpeza, acieio*), como temos observado em algumas traducções, confundindo-o com *propriété, propriedade*. — *S. Luiz*.

## Q

QUE: É um vocabulo, que se usa de varias maneiras no idioma portuguez, e tambem francez: mas é erro e abuso traspassal-o para a nossa lingua nos seguintes casos:

1º No principio das proposições *optativas, imprecativas*, etc. v. gr. *Que saiba todo o mundo os nossos amores!* — *Que eu morra, se isto assim não é* — *Que elle sirva de pasto aos monstros!* etc.—N'este genero de phrases, costumamos dizer em portuguez: *Permitta o Céu que todo o mundo saiba...* etc. ou *oxald* que..., ou *praza a Deus* que... etc., e se quizermos fazer a phrase mais illiptica, e mais concisa, diremos: *Saiba o mundo os nossos amores.*—*Morra eu se isto assim não é.*—*Sirva elle de pasto aos monstros*, etc. etc.

2º Nas phrases compostas de dois ou mais membros, ou incisos, em cada um dos quaes costumam os francezes repetir o *que*, como succede nas que começam pelas for-

mulas *tandis-que*, *lors-que*, *après-que* etc. v. gr. *quando elles se arrastarem pelo lodo do peccado, e que o castigo vier* etc. \**Quando a força circula, e que a alegria parece pular nas veias.*— *Depois de ter restituída Helena a Menelau, e que Neoptolemo fez sacrificar* etc.— *Em quanto o ardente calor murahava o esmalte dos lyrios, e que as Driades procuravam as claras fontes.*— *Não tereis mais que um semblante, e que uma palavra,* etc. etc. Nas quaes palavras o segundo *que* é um pleonasmio vicioso em portuguez, por ser empregado contra o uso, e boa syntaxe da lingua.

3º Nas phrases. onde o *que* francez tem a força da particula restrictiva *senão*: v. gr. *como esta prova não pode fazer impressão que sobre um ouvido attento.*— *Os lugares oratorios exteriores sam aquelles que sem serem absolutamente estranhos a materia, não tem que uma relação indirecta com ella.*—etc. As quaes phrases em portuguez corrente querem dizer: *como esta prova somente pôde fazer impressão; ou como esta prova não pôde fazer impressão senão sobre,* etc., etc.

Muito mais se deve evitar esta especie de gallicismo, quando da traducção litteral se segue escuridade, ou má intelligencia da phrase, como por exemplo n'este lugar tirado de uma traducção impressa: *Se os lavradores não alcançam pelo trabalho mais rude e mais constante, que uma existencia desgraçada, não encontrariam ja na classe dos associados, mas dos escravos: aonde o que separado do verbo alcançam pelas expressões inter-*

medias, faz escuro, e quasi inintelligivel o sentido do auctor, devendo dizer-se : *Se os lavradores, por meio do mais rude e constante trabalho, não alcançassem mais que uma existencia desgraçada, ou somente alcançassem, ou nada mais alcançassem que uma existencia etc. não deveriam ser contados na classe dos cidadãos, mas sim na dos escravos, etc.*

Cumpre porém notar aqui: 1º que achamos um exemplo d'este gallicismo em *Lobo Corte na Ald.* ed. de 1649, pag. 135, onde diz: *não se ama a coisa que pelo que é;* 2º que igualmente nos parece reprehensivel o *que* em lugar de *como*, ou *quanto*, usado nos versos de Filinto Elysio na seguinte phrase:

.....e até das damas,  
 Que a natureza fez tam engenhosas,  
 Tam validas das musas, que de Venus.

3º Que muito portuguezmente usamos do *que* em lugar de *senão*, quando no primeiro membro da phrase vem o adjectivo *outro*, *outra coisa* etc. v. gr. em *Arraez Dial.* 5. C. 21: *não sendo a virtude ontra coisa, que uma medianeira etc.* no *Espelh. de Relig.* pag. 79: *nem uma outra coisa lhe haviam lançado que sal e agua, etc., etc.*—S. *Luis*.

**QUEIMAR A CABEÇA:** (*bruler la tête*) É expressão franceza, que val tanto como em portuguez *matar*, ou mais á letra *matar a tiro dado na cabeça*. — S. *Luis*.

## R

RANGO: É tomado indevidamente pelos nossos traductores modernos do francez *rang*, por ignorarem que temos em portuguez o mesmissimo vocabulo, posto que ja com outra orthographia e pronunciação. Duarte Nunes na *Orthogr. da Ling. Portug.* Cap. 11 diz, que dos francezes *Limosiis* tomaram os portuguezes o vocabulo *Rench* por *têa para justa* (fileira de taboas, com que se fechava o campo) e que d'aqui dizemos *as coisas postas em ordem ou ala* estarem em *rench*. Damião de Goes escreve: *duas renques de homens armados*, i. e. *duas fleiras*. Hoje finalmente se diz com frequencia *pôr em renque*, ou *renga—uma renga de arvores*, etc; — e n'esta provincia do Minho se tecem certos pannos de linho mui raros, a que chamão *rengues*, ou *rengos*, aos quaes, pôde ser, alludia D. Francisco Manoel nas suas *Obras Metric.*

*Não me cazo c' avoengo,  
De Pay de May Deus nos livre,  
Sogra astuta, Sogro sengo.  
Pede ora a capa, ora o rengo,  
Se é captiva, eu não sou livre.*

Veja Blut. nas palavras *Rengue*, e *Reago* e o *Diccionario de Moraes* nas mesmas palavras. — S. Luiz.

RECLAMAR: Tem este verbo suas significações proprias em portuguez, que se acham nos dictionarios, e devem ser sabidas: mas com a significação de *invocar*, im-

*plorar*, e também *demandar*, *exigir*, etc. parece-nos gallicismo reprehensível. Assim em lugar de *reclamar a autoridade das leis*—*reclamar a justiça do príncipe*—*reclamar os direitos da razão*—*reclamar o testemunho de alguém em nosso favor*, etc. devemos dizer: *invocar a auctoridade das leis*—*implorar a justiça do príncipe*—*invocar os direitos da razão*—*chamar, invocar em seu favor o testemunho de alguém*, etc. — E em estoutras phrases: *as ordens do soberano reclamam a nossa obediencia*—*a necessidade de nos salvarmos reclama a nossa união*—*diremos: as ordens do príncipe exigem a nossa obediencia*—*a necessidade de nos salvarmos demanda, exige a nossa união*, etc., etc. — S. Luiz.

RECRUTA, RECRUTAR: etc. *Nestas palavras* (diz Madureira na *Orthogr.*) *verteram alguns nossos portuguezes militares a palavra franceza Recrue, que significa a leva que se faz dos soldados para encher as companhias*, etc. Veja Bluteau *Pros. Academ.* P. I. p. 16. Hoje sam palavras adoptadas, e auctorisadas. — S. Luiz.

REDACTOR: (*redacteur*) Quer dizer *compilador, recopiador*, etc. Usa-se hoje, principalmente para significar os *compiladores de noticias publicas*; os *diaristas*, tanto *politicos*, como *litterarios*, etc. — S. Luiz.

REGRESSAR: dizem alguns, seguindo o francez moderno *regressar*, em lugar de *retroceder*, *voltar sobre os proprios passos*: mas este vocabulo parece não ser derivado conforme a analogia da lingua, e poder-se escusar em portuguez. — S. Luiz.



REGRESSAR: Diz Roquette que este verbo significa voltar *ao lugar d'onde se saiu*, mas que com acceção de retroceder é gallicismo inadmissivel. — *Do Collector.*

REINSTALLAR. Veja *Installar.*

REMARCAVEL: (*remarquable*) É puro gallicismo, e todavia muito da moda. Em portuguez corrente dizemos *notavel, digno de reflexão, de reparo, insigne, conspicuo, estremado, assignalado, abalisado, que é para ver-se, que é muito de ver, etc.* — *S. Luiz.*

RENDEZ-VOUS: É francez estreme, que nós traduzimos por *parada, paragem, estancia, etc.* v. gr. *sa maison étoit le rendez-vous des personnes de la plus grande qualité*; a sua casa era a *estancia, a parada* dos homens da mais distincta qualidade, i. e. o *lugar de ajuntamento, o ponto ou lugar de união, etc.* — *S. Luiz.*

RENOMADO: Por *afamado, celebre, famoso, etc.*, é gallicismo intoleravel, e escusado. — *S. Luiz.*

REPRIMENDA: (*réprimande*) É outro gallicismo de que não temos necessidade alguma, e que significa o mesmo que *reprehensão, e correccão.* — *S. Luiz.*

REPROCHAR: (*réprocher*) Quer dizer *exprobar, improperar, lançar em rôsto* algum vicio ou defeito. É usado por Gomes Eannes, *Chron. do Cond. D. Pedro C.* 15; e ja traz Duarte Nunes. Orig. da Ling. Port. C. 11 entre os vocabulos, que tomamos dos francezes, posto que Bluteau o suppõe derivado da lingua castelhana. Pelo que não o podemos tachar de gallicismo moderno, como alguns pretendem. — *S. Luiz.*

**RESSORTE:** (*ressort*) É o vobabulo puramente francez, que significa propriamente o *elasterio* ou *mola* do relógio, ou de outra machina, e no sentido figurado qualquer *meio*, *agente*, *impulso*, ou *expediente activo*, que se emprega para a execução de alguma empreza. Podemos expressal-o em bom portuguez por *mola*, usando da mesma metaphora, que os francezes adoptaram; ou traduzil-o por *agente*, *coisa activa*, *movel*, *motor principal*, etc., etc., ou emfim usar de outras expressões de igual força, e apropriadas as circumstancias. V. gr. n'esta phrase *ce lá est du ressort de la grammaire*, diremos isto *pertence á grammatica, é da sua competencia*. *Estas coisas não sam do ressote dos systemas philosophicos*, i. e. *não sam da sua alçada*; *estam no alcance da philosophia*, *não o alcançam os systemas philosophicos*; *excède as balizas da philosophia*, etc, etc. — S. Luiz.

**RESSURÇAS:** (*ressource*) É puro gallicismo, que tam inadvertidamente usam até pessoas douctas, e discretas. Em lugar d'elle temos *recursos*, *expedientes*, *arbitrios*, *meios*, *traças*, *ardís*, *modos*, *artes*, *invenções*, *manhas*, *industrias*, etc. — S. Luiz.

**RESTO:** Não reprovamos este vobabulo, que é muito portuguez; mas o uso immoderado, que d'elle se faz, dá ás vezes ao discurso um resaibo de francezismo, que se deve evitar variando a expressão. Assim poderemos traduzir v. gr. *o resto dos homens*, i. e. *os demais homens*; *todo o resto se queimou*, i. e. *tudo o mais*; *o resto do dinheiro*, i. e. *o restante*, *o remanecente*; *os restos da*

*meza*, i. e. os *sobejos*, os *residuos*; o *portador vos dirá o resto*, i. e. vos dirá o *mais*; e assim nas outras phrases, que a cada passo se offerecem. Quando se notam v. gr. os defeitos de alguma pessoa, e se conclue com esta clausula *du reste excellent homme*, seria má traducção dizermos, como hoje mui vulgarmente se diz: *de resto é um excelente homem*. Em phrase portugueza, diremos: *no mais é um homem excelente*, ou *alids é um homem excellentic*, ou *homem alids excellente*, etc. Quando porém á expressão conjunctiva *au reste*, que hoje se traduz *de resto*, e a cada passo se repete na conversação familiar, confessamos não ter achado uma palavra portugueza, que exactamente lhe corresponda, devendo por isso supprir-se pelas clausulas *no mais*; *em quanto ao mais* *no que toca ao mais* (em latim *caeterum*, ou *quoad caetera*), e algumas vezes, *de mais do que*; *sobre isto*; *com tudo isso*: *porém*, e *de mais*; *todavia*, etc. — S. Luiz.

**RETRETA:** *Tocar á retreta*, parece que dizem hoje os nossos militares, tomando o vocabulo ou do hespanhol *retreta*, ou do francez *retraite*. Segundo o nosso parecer é escusada esta novidade. *Sonne la retraite* quer dizer em portuguez limpo *tocar a recolher*; *battre en retraite*, *tocar a retirada*; *faire une honorable retraite*, *fazer uma honrosa retirada*, etc. — S. Luiz.

**RETROGRADAR:** É tomado do francez *retrograder*, ainda que a sua origem é latina. Significa o mesmo que *retroceder*, *volta para traz*. Já vem em Bluteau ou *Supplem.* com a significação de *retroceder*, *cessar*, *desistir de al-*

*guma coisa*, e no *Thesour. de Prud.* achamos *retrogradando por ordem do aureo numero.* — S. Luiz.

REVANCHE: É puro gallicismo intoleravel. Em portuguez corresponde-lhe *desforra, despique, satisfação*, e tambem genericamente *compensação*, ou seja em *recompensa* de acção boa, ou em *vingança* de acção má. — S. Luiz.

REVERIA: (*reveria*) É outro gallicismo igualmente grosseiro e intoleravel. Este vocabulo significa em bom portuguez ora *phantasias*, ora *pensamentos*, ora *imaginações loucas, delirios*, e talvez *meditações*. Refere-se mui particularmente ao estado de uma pessoa, que inteiramente se acha occupada de um pensamento qualquer, de sorte que a nada mais attende: e n'este sentido se lhe póde substituir em portuguez *meditação profunda*, e talvez *alienação*. — S. Luiz.

REVOLTAR, REVOLTANTE: São palavras, que os afrancezados hoje usam com muita frequencia: *isto revolta a razão; esta acção revolta a humanidade, revolta o bom senso*, etc etc. Mas sam puros gallicismos. Os nossos bons portuguezes diriam: *isto escandaliza a razão; indigna a humanidade; esta acção faz exasperar, provoca, irrita, cousa raiva*, etc, etc. — S. Luiz.

RIDICULO: Em portuguez é um adjectivo, que significa *coisa digna de riso, que move a riso*. Mas não o tomamos como substantivo para dizer, v. gr., *conheço os ridiculos do mundo*, i. e. *o que o mundo tem de ridiculo* ou *conheço quam ridiculo é o mundo*, etc. *Este homem se*

*cobriu de ridiculos, i. e. se fez ridiculo, se ridiculizou, ou se portou ridiculamente, etc. — S. Luiz.*

RIVAL: RIVALIDADE: *Até agora (diz Bluteau) não a achei em auctores portuguezes; mas pela mesma razão que os italianos, castelhanos, e francezes, a podemos admittir; porque não temos outra com significado equivalente: os latinos a usaram em competencias amorosas, etc. Porém antes de Bluteau ja esta voz havia sido empregada por João Franco Barreto, Eneida Port. L. 4. E. 122, aonde a desditosa Dido exclama:*

*Que farei? por ventura hei de tornar-me  
Aos primeiros rivaes escarnecida?*

E antes de João Franco Barreto, a usara Mousinho no *Affonso Afric. C. 5.:*

*Mas elles, qual o toiro impaciente,  
Terror da Sylva, dos rivaes espanto.*

Veja tambem Moraes no *Diccion.* na palavra *Dislate*, aonde traz *rival* auctorizado com o *Viriato Trag.* Depois se tem usado com muita frequencia, de maneira que hoje se deve reputar não so naturalizado, mas classico. Comtudo não devemos esquecer-nos dos vocabulos portuguezes *competidor* e *competencia*, e *emulo* e *emulação*, *pretensor*, etc, que assim como *rival* e *rivalidade* significam não so *competencias amorosas*, mas quaesquer outras e além d'isso em alguma occasião serão do melhor effeito na harmonia da locução. — *S. Luiz.*

ROLAR: É entre nós verbo neutro, que não admite

significação activa, e (como dizem os Grammaticos) *transeunte*. Pelo que os nossos modernos traductores commettem solecismo, quando dizem, segundo o uso francez, *pequenos grãos de ouro correm com a aréa, que rola este rio em seu magestoso curso*, devendodizer: *com a aréa, que este rio volve em seu magestoso curso*, etc. Assim *Camões* nos *Lusiad.* Canto 7. Est. 11.:

*Não vedes que Pactólo e Hermo rios*

*Ambos volvem auríferas aréas?*

E a moderna traducção das *Metomorph.* de *Ovid.* por *Almeno*, Liv. 2.:

.....*d'onde corria murmurando*

*Um rio, que as aréas quebra e volve.*

—*S. Luiz.*

ROMANCE: Sempre significou entre nós a *língua vulgar* ou propria de cada nação. *Camões*, Canto 10 E, 96:

*O rapto rio nota, que o romance*

*Da terra chama Obi.....*

D'aqui vem *romance*, e *romancear* i. e. *traducção e traduzir em vulgar*: v. gr. em *Bernardes, Prat. e Serm.* P. 1. p. 416: *este é o romance das seguintes palavras de Sancto Agostinho*: e em *Fr. Grey* *Bap. I. P. das Doming.* n. 241: *não romanceio as palavras, por que sam expressamente tudo o que tenho dito*, etc; e tambem *Romances* por certa composição poetica, que semelha muito a prosa. (Veja *Madur. Orthogr.*) Mas *romance* por *novella* é novo e trazido do francez: hoje porém está adoptado pelo uso geral.—*S. Luiz.*

RUTINA OU ROTINA: (*routine*) É gallicismo desnecessário e porém mui vulgarmente usado. Significa *trilha, usança, caminho trilhado, cousa usual, trivial, vulgar, sabida de todos*, etc. Assim em lugar de *seguir a rotina*, diremos *seguir a trilha* ou *trilho, a usança*, etc. *Política de rotina*, i. e. *trivial, usual, vulgar, etc, etc.*—*S. Luiz.*

## S

SALTAR AOS OLHOS: É expressão franceza, que não convém aos nosso idioma. A phrase *cela saute aux yeux*, deve traduzir-se *isto é mais claro que a luz*, ou *que a luz do meio dia, ou isto é tam claro como o sol* (Lat. *hoc patet meridiana luce clarius*: ou *id nemo non videt*) ou *tambem isto está-se mettendo pelos olhos.*—*Ne voir pas ce qui saute aux yeux*, i. e, *fechar os olhos á luz* (Lat. *caligare in sole*) etc, etc.—*S. Luiz.*

SABRE: É tomado do francez, ou do inglez *sabre*, e presentemente mui usado dos militares: mas parece desnecessario, visto exprimir o mesmo que o portuguez *terçado, alfange e semitarra.*—*S. Luiz.*

Está admittido, e o desembargador A. de M. Fal. e Roquette ja o trazem sem nota de gallicismo.—Do Collector.

SALVA-GUARDA: (*salve-garde*) É tambem novo em portuguez, e escusado. Diz o mesmo que *salvo-conducto, seguro, resalva*, e algumas vezes *sagrado, asylo, amparo, protecção, patrocínio*, etc. —*S. Luiz.*

SANCCIONAR: (*sancioner*) Por dar *sancção, confirmar*,

*ratificar*, etc, tem origem latina, é derivado conforme a analogia, e parece necessario para evitar circumloquio, visto ter significação mais restricta que os verbos *confirmar*, e *ratificar*.—S. Luiz.

SAPADOR: (*sapeur*) Significa em geral o *cavador de enxada*, e no sentido militar o que em portuguez chamamos *gastador*, i. e. aquelle que no exercito, e nos assedios *trabalha com enxada em alhanar caminhos, abrir trincheiras, fazer fossos*, etc. (Veja Bluteau *Vocabul. palavra Sapa*) Moraes no *Diccion. palavra Sapa*, e *Sapador* diz que *Sapador* é o soldado, que trabalha com *sapa*, e que pertence á companhia dos *mineiros*. Parece vocabulo de origem italiana.—S. Luiz.

SATELLITE: Tomado do latim *satelles*, i. e. *guarda que acompanha sempre o principe*, é usado entre nós no sentido astronomico, por *planeta menor*, que gira em torno de outro maior, como a lua em roda da terra. Hoje se diz tambem, como em francez, por *esbirro, beleguim, official inferior de justiça*, e ainda por *qualquer homem assalariado*, que acompanha quasi sempre a outrem para feitos maus, e acções criminosas, etc. É metaphora expressiva, e em muitos casos aceitavel.—S. Luiz.

SECUNDAR, SECUNDADO: É gallicismo desnecessario, pelo qual dizemos em bom portuguez *coadjuvar, auxiliar, apoiar, ajudar, assistir, apadrinhar, patrocinar*, etc.—S. Luiz.

SENSATO: Em lugar de *avisado, sisudo, prudente, considerado*, talvez *judicioso, discreto*, etc, parece innovação,



que nos não era necessaria: mas tem boa origem no latim, acha-se auctorisado pelo uso geral, e não desdiz da alalogia.—*S. Luiz*.

**SENSO:** É vocabulo novo em portuguez, e derivado immediatamente do francez *sens*, ainda que de origem latina, e trazido com sufficiente razão á nossa lingua. Deve todavia usar-se sem affectada frequencia, e sem nos esquecermos das expressões propriamente nossas, com que declaramos variar da maneira seguinte as phrases, em que elle póde ter lugar:

*Homem de senso*, i. e, *homem de juizo*, *homem prudente*, *de razão*, *de capacidade*, *de tino*, etc.

*Homem de grande senso*, i. e, *de grande juizo*, *de bom entendimento*, *de muita intelligencia*, *mui avisado*, etc.

*Homem que não tem senso*, i. e, *mentecapto*, *insensato*, *louco*, *desarrazoado*, etc.

*Perder o senso*, i. e, *eulouquecer*, *perder o juizo*, *desatinar*.

*Obrar como homem de senso*, i. e, *como homem de juizo*, *de conselho*, *como homem prudente*, *obrar com cordura*, *com sisudeza*, *avisadamente* etc.

*Não ter o senso commum*, i. e, *não ter descripção*, *não ter sizo*, etc.—*S. Luiz*.

**SENTIMENTAL:** É palavra innovada em francez, e do francez trazida para a nossa lingua; mas havemos que é conveniente adoptar-se, visto ter boa origem e derivação, e não poder-se supprir em todos os casos por

outra de igual expressão e valor: porque a palavra *sensitivo*, que parece corresponder-lhe, nem é de significação tam determinada, nem o póde traspasar bem em todas as circumstancias.—S. *Luiz*.

SENTIMENTO: Significa em portuguez a *sensação de prazer, pena*, etc; a *dôr, pena* ou *paixão* que se toma por algũa coisa; a *opinião* ou *parecer*, que se tem n'esta ou n'aquella materia, etc. (Veja Blateau e Moraes) Hoje o usamos tambem á imitação dos francezes, para significarmos com ella o mesmo que com a palavra portugueza *affecto* no seu sentido generico, e dizemos, v. gr. *ter sentimentos* de humanidade, de compaixão, de benevolencia, etc, para com alguem, i. e, *ter affectos* de humanidade, etc., *ter bons ou maus sentimentos* para com alguem; i. e, *ser-lhe affecto*, *affeçoado* ou *desaffecto*, *desaffeçoado*, *ter bons* ou *maus sentimentos*, i. e. *bom* ou *mau coração*; *ter sentimentos nobres, baixos*, etc, i. e, *ter coração nobre*, *ter alma vil*, etc; *homem que não tem sentimentos*, i. e. *impudente, desfarçado desavergoanhado*, etc. É vocabulo justamente adoptado e muito expressivo.—S. *Luiz*.

SERPENTEAR OU SERPENTAR: Sam tomados do francez *serpenter*, tem boa derivação do subst. *serpente*, e sam formados conforme a analogia. Mas temos exemplo classico de *serpejar* com a mesma significação no *Viriato Trag.*, imitado na moderna traducção das *Metamorph. de Ovidio*, L. 4.:

*E em corpo unido, até entrar nas grutas*

*Serpejaram da proxima floresta.*

tambem se pode dizer *serpear* com boa analogia, bem como dizemos *goteja* e *gotear*, *rastejar* e *rastear*, *carrejar* e *carrear*, etc, e d'esta fórma o vemos empregado a miudo nos *Versos de Filinto Elystio*, por exemplo no tomo 2.:

*Qual serpeia o regato*

*Em socegada véa.*

E em outro lugar:

*Em seu fluido.estylo vae Bernardes*

*Serpeando manso e manso...etc.*

— *S. Luiz.*

**SEXO:** No idioma portuguez é vocabulo indifferente para significar o *sexo masculino* ou *feminino*: pelo que parece abuso empregado absolutamente, e sem modificação, como fazem os francezes, para significar, quaes por excellencia, *as mulheres* ou o *sexo feminino*. V. gr. n'estas proposições: *no que respeita particularmente ao sexo*, deve dizer-se *ao sexo feminino*, ou *das mulheres*, *taes mulheres não devem ser contadas entre o sexo*, i. e, *taes mulheres não merecem este nome*; ou *não devem ser contadas entre as pessoas de seu sexo*; *os caprichos do sexo*, i. e, *das mulhsres*, etc.—*S. Luiz.*

**SIM:** *Esta particula* (diz Dias Gomes *Obras Poet.* nota 13 á Ode.) *é mui portugueza*; *mas o uso immoderado, que n'este tempo tem feito d'ella poetas e oradores, quando servilmente imitam os auctores francezes, é principal-*

*mente em clausulas tam proprias da lingua franceza, como estranhas da nossa, a constituiram gallicismo.* Parece que este critico philoſofo allude particularmente a certas transições affectadas, que se notam com frequencia nos nossos modernos oradores sagrados, e algumas vezes nos poetas, quando intempestivamente, e fóra de proposito usam das clausulas *sim; sim, senhores; sim, meus ouvintes*, etc.; as quaes em melhor portuguez se traspassariam por estas: *na verdade; em realidade; e por certo que*, etc, etc.—S. Luiz.

**SOBRE:** É preposição portugueza, cuja significação e usos devem ser conhecidos. A lição porêm dos livros francezes tem introduzido varios modos de fallar, em que ella se emprega contra o bom uso portuguez, e com uma frequencia tal, que faz o discurso affectado. Daremos alguns exemplos com as suas correções:

Nomes inscriptos *sobre a lista*, i. e, assentados *na lista* (Veja *Inscrever*.)

Concordamos *sobre o fundo* da questão, i. e, *no substancial, ns essencial*. (Veja *fundo*).

Usurpação *sobre o clero*, i. e, *feita ao clero*.

O throno, que um perfido usurpou *sobre mim*, i. e, que um perfido *me usurpou*.

Ajunctou-se o concilio *sobre a petição* do clero e povo, i. é, *a pedido, a requerimento* do clero, etc.

Tribunal fundado *sobre o modelo* dos tribunaes do Egypto, i. e, estabelecido, ou fundado *conforme o mo-*

*delo, segundo a fôrma ou á maneira dos do Egypto ou amoldado aos do Egypto, etc.*

Domou os paizés, que achou *sobre a sua passagem*, i. e. que encontrou *em sua passagem*, etc.

Ganhar terreno *sobre o inimigo*, i. e., *ao inimigo*.

Conquistar a Palestina *sobre os arabes, e turcos*, i. e., *aos arabes*, etc.

O objectó d'essas disposições era fazer temer ao inimigo *sobre o centro* da sua linha, i. e.: inspirar-lhe temor *á cerca*, ou *a respeito do centro*, etc.

Acreditar alguém *sobre a sua palavra*. Duvidamos que seja expressão classica; mas ja vem no alvará de 14 de Abril de 1764.

Dirigir as suas acções *sobre o plano* combinado da sua futura elevação, i. e., *conforme* ou *segundo o plano*, etc.

Contar *sobre alguém*, ou *sobre alguma coisa*. Veja *contar*.—S. Luiz.

**SOBRE O CAMPO:** (*sur-le-champ*) Expressão adverbial, que com summa ignorancia tomaram do francez alguns traductores nossos. Em lugar d'ella diremos *logo, em continente, sem demora, no mesmo ponto, logo no mesmo ponto, logo, logo sem detença, immediatamente, promptamente, de repente, no mesmo instante*, etc. etc.—S. Luiz.

**SORTIDA:** (*sortie*) Por *invectiva, reprehensão aspera, vehemente*, etc. é puro gallicismo, e abuso intoleravel. Tambem nos parece erro tomal-o por qualquer *escara-*

*muça*, ou *correria militar* contra o inimigo: mas no sentido mais restricto de *tentativa que fazem os sitiados contra os sitiadores de uma praça*, é adoptado. Veja Moraes na palavra *Sortida*.—S. Luiz.

SUBIR: (*subir*) Por *soffrer, soportar*, v. gr. *subir a pena, subir o jugo* etc., sem embargo de ter fundamento no latim, é abuso contrario á significação que tem em portuguez a palavra *subir*.—S. Luiz.

☞ SUBSISTENCIA: Significando *o necessario para a vida, o alimento, ou os meios precisos para subsistir*, diz Bluteau no *Supplem.*, que é tomado do francez *subsistence*. Hoje é adoptado.—S. Luiz.

SUCCESSO: Significa em portuguez qualquer *acontecimento, o exito de qualquer empreza* ou negocio, etc, e é indifferente para exprimir o successo *bom* ou *mau, feliz* ou *infeliz, prospero* ou *adverso*, etc, em tal maneira que so o adjectivo o tira da sua indeterminação, restringindo-lhe a extensão do significado. Pelo que é gallicismo tomal-o *absolutamente*, dizendo, v. gr. *prégou com successo*, i. e, *com bom successo*; *para cultivar com successo é necessario conhecer o terreno*, i. e, *para cultivar com feliz successo*, etc.—S. Luiz.

SUCCUMBIR: (*succomber*) Parece-nos derivado immediatamente do francez para portuguez. Em lugar d'elle diziamos v. gr. *succumbir á dor, á corrupção, ao pezo*, i. e, *render-se á dor*, etc. Contudo *succumbir* tem origem no latim, é conforme com a analogia, é expressivo, e tem

significação mais restricta, e por isso menos equivocada que o verbo *render-se*.—S. Luiz.

**SUPERCHERIA:** Traz Bluteau esta palavra no seu vocabulario, sem a auctorizar, e diz que significa *engano, fraude dolo*, e que alguns a querem derivar de *super* e *tricherie*, que em francez val o mesmo que *engano no jogo*. Nós não a temos até o presente achado em auctor algum nosso de boa nota, nem a julgamos necessaria, nem digna de adoptar-se: e entendemos que a sua significação se exprimirá bem por *velhacaria, trapaça, astucia fraudulenta*, etc.—S. Luiz.

**SUPPLANTAR:** (*Supplanter*) significa propriamente *armar cambapé ou dar traça; com que algum caia, e se arruine, para lhe procedermos; usar de sancadilhas, lançá-las a alguém para derrubá-lo; furtar-lhe o arrimo, e fazê-lo cair para passarmos adiante; fazer perder a alguém o credito, favor ou auctoridade; arruinal-o para nos pormos em seu lugar*, etc. Tem origem no latim *supportare*; não encontra a analogia; é mui expressivo e inergico; e não póde supprir-se em portuguez se não por circumloquio.—S. Luiz.

**SUPPORTAR OU SOPORTAR:** Do latim *supportare*, quer dizer, *levar algum peso sobre si, poder com elle, sustentá-lo estando debaixo*, etc.; e com esta mesma significação o usamos no entido fig., quando dizemos em bom portuguez: *Supportou o primeiro choque e a primeira furia da batalha; supportar a violencia da artilharia; supportar o impeto do inimigo*, etc. (Veja *Blut.* no *Vocab.* palavra

*Soportar*). Daqui vem a outra significação também figurada de *sufrer, tolerar, sobrelevar* algum mal ou dor, i. e. leva-la com paciência. Mas nunca em portuguez se disse como dizem os francezes modernos, *supportar a artilharia com a infantaria; supportar o Governo com subsidios; soportar a esquerda com alguns batalhões*, etc. em lugar de *apoiar, auxiliar, sustentar, assistir, ajudar*, etc.—S. Luiz.

SURMONTAR : (*surmonter*) E' gallicismo, que diz tanto como o portuguez *superar, vencer*, etc., e se for necessario no seu primario e formal sentido, diremos com boa analogia *sobremontar* —S. Luiz.

SURPRESA, SURPRENDER: etc. Os nossos classicos diziam *soprezar por tomar improvisamente*, v. gr. *surprezar uma praça, fortaleza, castello*, etc., e *soprezado por tomado de improviso*, v. gr. *navio sorprendado*, etc. Hoje se diz também *surprender*, e *surpresa* do francez *surprendre*, e *surpresa*, *por tomar alguém desapercibido, de subito de improviso, achado inesperadamente no facto*, etc. Veja Moraes no *Diccion.* palavra *Surprender*, aonde diz que é *termo moderno adoptado*. Nós somos de parecer, que se deve corrigir a orthographia, visto que não é regular compôr um verbo ou nome com uma palavra portugueza, e outra estrangeira. A analogia pediria, no nosso caso, *sobre-prender*, ao qual preferiremos sempre as boas expressões portuguezas *sobresaltear*, ou *sobresaltar*, e *sobresalto*, i. e. *accommetter*, ou *tomar de improviso* com alguma novidade, ou coisa inesperada, e *acommeti-*



mento imprevisto, ou o susto e enleio, que elle causa. Quando os francezes dizem, v. gr. *Surprende a minha credulidade, a minha boa fé*, entende-se enganou, induziu em erro, abusou da minha credulidade, etc, etc. — S. Luiz.

## T

TAPEÇAR, TAPIZAR, TAPEÇADO, TAPIZADO, E TAPESSAR : Sam tomados do francez *tapisé* ou *tapissé* e *tapisser* ; mas não sam modernos, como no principio nos pareceram. Em Vieira *Serm.* tomo 1, pag. 307, achamos: *paredes ricamente entapizadas*. Nos *Estatutos antigos da Universidade* pag. 7: *entapiçar a capella*. Mousinho, *Affonso Afric.* Cant. IV. :

*Era de verde esmalte entapisada  
A bella margem..... etc.*

E no Cant. VI :

*Logo saltamos dentro, e no regaço  
Da floresta de verde tapizada.*

E finalmente o mesmo Vieira, *Serm.* tomo 15, pag. 266: *o aposento de sua alteza... pelo inverno tinha de mais os tapizes*, etc. Conservemos pois os vocabulos, e sejamos conformes na orthographia. — S. Luiz.

TARDIVO E TARDIVA : Sam vocabulos que lemos em uma traducção impressa, e que tomaríamos por erros typographicos, se os não vissemos repetidos mais de uma vez em ambos os generos, á maneira do francez *tardif* e *tar-*

*dive*, v. gr. *a experiencia filha tardiva do tempo*, o *outono tardivo da idade*; *a marcha tardiva do homem*, etc. O portuguez *tardio*, e *tardia* não é nem menos expressivo, nem menos harmonico, e por isso tal innovação é destituída de todo o fundamento razoavel.—S. Luiz.

TARTUFO : E' vocabulo novo, que parece ter sido introduzido na nossa linguagem pelo capitão Manoel de Soiza na traducção do *Tartufe* de *Moliere*. Significa o mesmo que o portuguez *hypocrita* ou *beato falso*; e seria para desejar, que nem uma so palavra nos fosse necessaria para exprimir semelhante casta de maldade e depravação.—S. Luiz.

TAXA : Este vocabulo tomado na significação de *imposto tributo, direito*, foi modernamente censurado de gallicismo ou inglezismo, como derivado do francez *taxe* ou do inglez *tax*. Nós o achamo no *Dicionario* de Moraes auctorizado no mesmo sentido, com Goes, *Chronica* de D. Manuel P. 1, Cap. 18; mas não tivemos occasião de verificar este lugar.—S. Luiz.

TEMIVEL : E' palavra ja hoje mui vulgarmente usada, e que tem a seu favor algumas boas auctoridades modernas, razão porque o não reprovamos, maiormente não encontrando elle a analogia do idioma. Os nossos bons portuguezas diziam em lugar d'elle coisa *temerosa, temida, para temer*, e tambem elegantemente *coisa para temida*.—S. Luiz.

TIRADA : E' vocabulo tomado do francez *tirade* ou do taliano *tirata*, que significa *passagem um pouco extensa*

de alguma obra ou lugares seguidos sem interpolação sobre o mesmo assumpto. Não o julgamos adoptavel, e em lugar d'elle usariamos de *rasgo* ou *lanço*, que correspondem aos termos latinos *tractus*, *jactus*, assim como estes ao francez *tirade*, e ao italiano *tirata*; e em portuguez corrente dizemos *rasgo de eloquencia*, i. e. *passagem eloquente seguida*, e não mui extensa, e tambem *lanços de casas*, *de cubiculos*, etc., para significar uma *serie* d'elles seguidos uns a outros, etc.—S. Luiz.

**TOCANTE:** (*touchant*) Por *affectoso*, *terno*, *mavioso*, *pathetico*, *amoroso*, *amavioso*, *meigo*, *carinhoso*, etc., parece *gallicismo*, diz Moraes no *Diccionario*. Comtudo o mesmo Moraes usou na tradução das *Recreações do homem sensível*, e o P. Pereira na *Dedicat. ao principe N. S.* impressa á frente da sua tradução da *Sagr. Bibl.* em 4º diz que a senhora D. Maria I, *costumava recitar todos os dias ds horas canonicas, e n'ellas a parte mais devota, e tocante da Sagrada Escripura, que sam os Psalmos*, etc. A' vista d'estas auctoridades, não ousamos reprovar de todo o vocabulo *tocante*; mas preferimos sempre algum dos muitos, que em portuguez lhe correspondem, até porque sendo elle derivado do verbo *tocar*, cuja significação é mui generica, nos parece pouco expressivo.—S. Luiz.

**Todo, tudo:** Sam palavras bem conhecidas em portuguez; mas é erro empregar-as em phrases, em os que francezes tomam o seu vocabulo *tout*, com a significação de *inteiramente*, *absolutamente*, etc. Assim n'esta phrase: *esta*

*descoberta vos pertence* toda inteira, diremos em bom portuguez: *este descobrimento vos pertence inteiramente*, ou *é inteiramente vosso*. *Usaes de adornos de um gôsto todo novo*, i. e, *totalmente novo*. *Fazeis tudo o contrário do que se deve fazer*, i. e. *fazeis totalmente*, ou *absolutamente*, ou *inteiramente* o contrario, etc, etc.—S. Luiz.

TOMAR A PALAVRA: Assim dizem hoje alguns, traduzindo á letra o francez *prendre la parole*, para significarem o que *se adianta a fallar primeiro que os outros* em algum ajunctamento, e sobre algum negocio, que ahi se trata. Em melhor portuguez dizemos *tomar a mão*. V gr. na *Vida do Arcebispo*, L. 1, K. 22: *aqui tomou a mão o provincial*, e *foi proseguindo no mesmo argumento*; e no L. 2 C. 10: *tomou o arcebispo a mão, vendo consumida a tarde*, etc. Pelo contrario *tomar a palavra* é expressão que nos nossos classicos significa *receber de alguem a promessa, fazel-o prometter*: como v. gr. em Fern. Alvares, *Lusit. Transf*, Liv. 2, Pros. 10: *mas quero primeiro que peça esta mercê, tomar-vos a palavra, que não haveis em nem um caso de negar-me*, etc.—S. Luiz.

TRATAMENTO: (*traitement*) Tem no portuguez sua propria significação: mas tomado por *salario, ordenado, estipendio*. v. gr. o *tratamento dos ministros, dos officiaes*, etc, é gallicismo escusado.—S. Luiz.

TRATAR DE RESTO, TRATAR DE BAGATELLA, etc. Sam modos de fallar á franceza. Em portuguez dizemos *ter em pouco, tratar com desprezo, desprezar, menoscabar, vilipendiar, ter em pouca conta, ter em menos cabo*, etc., etc.—S. Luiz.

TRAVEZES : Lemos em traducções impressas as seguintes phrases : *todos estes travezés não são naturaes ao sexo ; todos os travezés, que reinam no mundo, não tem tanta força para corromper uma rapariga, como uma mãe dissipada: os homens se acham confundidos com as mulheres debaixo dos mesmos travezés, etc.* São outros tantos gallicismos. *Travez* e *travezés* tem em portuguez sua significação propria, e são termos de fortificação : mas ao francez *travers* corresponde em portuguez *irregularidades, desregramentos, extravagancias, desconcertos, desmanchos, desordens, erros, avessos, etc.*—S. Luiz.

TREM DE VIDA : Por *modo de vida, genero de vida, modo de proceder* etc. é phrase franceza, alheia do nosso idioma, e escusada.—S. Luiz.

- TRENÓ: (*traineau*) Significa, segundo Moraes, no *Dicion.*, *Carro de rolo, sem rodas, em que se viaja sobre as neves do norte.* Bluteau a traz no *Supplem.*, e o actoziza com uma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1723. Poderia talvez exprimir-se por *trilho*; especie de carro sem rodas puxado por bois, e sobre elle uma pessoa em pé ou assentada, o qual serve para debulhar o trigo. Tambem se traspassaria sem erro pela palavra *zorra*, isto é, carrinho com rodas, para levar e arrastar pedras grossas e outros pezos. Veja o mesmo Bluteau nas palavras *trilho e zorra*. - O elegantissimo Soiza na *Vida do Arcebispo*, L. 2 C. 4, descreve o *traineau* do seguinte modo : *O meio (diz elle) que achou o engenho humano para vadiaz este passo (falla da descida dos mais altos picos dos Alpes para*

o Piemonte) *foi inventar uma maneira de andores, ou carretes sem rodas, que vam descendo ou cahindo pelas serras abaixo, arrastado cada um por dois homens, que não sabeis se os chameis pilotos, se cocheiros, se cavallos; porque tudo é preciso que sejam n'esta perigosa distancia, e tudo sam; etc.* — S. Luiz.

E' gallicismo que se poderia evitar usando da palavra *sêla* porque é conhecida na Suecia, a qual se conforma mais com o genio da lingua.—J. I. Roquette.

TURBA: (*tourbe*) Achamos este vocabulo nos *Versos de Filinto Elysio*, onde diz :

*Mal haja a turba, e enxofre negro, e duro,  
Que os engenhos lhe tolda.....*

Parece derivado do francez, e significa certa *terra bituminosa* de que os hollandezes usam em lugar de lenha e carvão, e que se acha em grande quantidade, juncto a Setubal, na *Comporta*. Veja as *Memorias Economicas* da academia real das sciencias de Lisboa. Tomo 1 pags. 182 e 232, aonde se lhe dá o nome de *turba* ou *turfa*.—S. Luiz.

Hoje se diz geralmente *turfa*, por terra bituminosa, e lugares *turfosos*, os que sendo alagados, contêm no fundo vegetaes em decomposição, ou em estado de turfa, segundo as suas variedades.—Do Collector.

## U

ULTERIOR : Era entre nós termo *geographico*, e significava o contrario de *citerior*, v. gr. *Hespanha ulterior*, *Hespanha citerior*, etc. Hoje dizemos tambem, como os francezes, *consequencias ulteriores*, *pretensões ulteriores*, *successos ulteriores*, etc. ; mas esta significação não desdiz da primeira, tem fundamento no latim, é expressiva, e em alguns casos parece necessaria.—*S. Luiz*.

ULTRAJANTE : (*outrageant*) Os vocabulos *ultraje* e *ultrajar* ainda não eram muito usados no tempo de Blateau, que todavia os metteu no seu *Vocabulario*. Depois tem-se introduzido tambem o adjectivo verbal *ultrajante*, que não desdiz da analogia, e significa o mesmo que *injurioso*, *afrontoso*, *contumelioso*. Alguns escriptores modernos preferem *ultrajoso* a *ultrajante*.—*S. Luiz*.

UM : Este vocabulo, além do significação que tem como *numeral*, póde em alguns casos haver-se como uma especie de *artigo* ou *adjectivo articular*, que determina a significação dos nomes, a que se ajuncta, restringindo a indefnida extensão das idéas, que elles exprimem. Assim quando dizemos, por exemplo : *Julio Cezar foi um principe tam insigne nas letras como nas armas*, aquelle *um*, não é, nem póde ser *numeral*, mas sim *artigo* que limita a extensão da idéa significada pela palavra *principe*. Os francezes tem, como nós, este uso, e dizem tambem v. gr. *Pierre est un home de probité*, etc. mas ampliam-

no muito mais, e empregam a mesma palavra com frequencia, e em certas circumstancias, em que a nossa linguagem a recusa. Devemos pois reflectir na prática dos bens classicos, e não nos desviarmos sem necessidade do caminho que elles seguiram. Observando esta regra geral, veremos que ha de algum modo gallicismo nas seguintes phrases :

*Passa o auctor a fallar de uma outra prophacia, i. e. de outra prophacia.*

*Qualquer que seja a vossa naturrza, vós deveis viver, uma outra vida, fallar uma outra linguagem, e ter outras idéas ; quer dizer : viver outra vida, fallar outra linguagem, etc.*

Nem nos demove do nosso parecer o exemplo de Rui de Pina no *prologo da Chronica de el-rei D. Duarte*, aonde diz : *nos acharmos logo outros, e sentirmos em nós um outro singular melhoramento* : e pouco depois ; *ainda por uma outra especialidade de obrigatorios exemplos* ; porque além de estarmos persuadidos, que nem tudo quanto vem nos classicos é para se imitar, maiormente no que respeita á syntaxe, e organização da phrase e discurso ; é tambem certo que aquellas palavras *um outro, uma outra* envolvem uma especie de redundancia, que o uso presente da lingua portugueza tem rejeitado, por onde indicariam hoje affectação, e dariam ao discurso aquelle ar francez, que sobre tudo se deve evitar. Não menos julgamos reprehensivel a viciosa e tambem affectada repetição do vocabulo articular *um* no seguinte pe-



riodo, e em outros semelhantes, que a cada passo se encontram traduzidos muito á letra do francez.

*Póde qualquer chegar a ser um grande homem sem ser dotado de um espirito, e de um genio superior, com tanto que tenha valor, um juizo são, e uma cabeça bem organizada.* Que em melhor portuguez quer dizer :

*Póde qualquer chegar a ser grande homem, sem ser dotado de um espirito e genio superior, com tanto que tenha valor, juizo são e boa cabeça, etc.*

Tambem nos parece que se deve evitar, quanto possível for, o ajunctamento do articular *um* com as palavras *muito, mais, maior*, etc. v. gr. *um muito mau coração, um maior abuso, uma mais certa esperança*, etc., e isto por causa de mau soido, que fazem semelhantes expressões, etc. Ultimamente advirtimos que os nossos classicos usaram não raras vezes do articular *um* acompanhado do artigo simples e definido: v. gr. Fr. Heitor Pinto, *Dialogo da Verd. Amiz.* c. 19: *claro está quam mais utiles e excellentes sam os uns que os outros.* Duarte de Rezende, *Dialogo Lelio* ou *Amicitia* de M. T. Ciceron, ed. de 1531: *Haverá o um do outro, vergonha*, etc. Mas este uso achase com mui justa razão antiquado, porque a propria natureza dos dois vocabulos o repugna.—S. Luiz.

UNIDO: (*uni*) Na significação de *igual, lizo, plano*, etc, parece gallicismo. Em portuguez dizemos *mar igual, bonançoso, terreno plano, estylo igual, corrente, ligado*, etc. e não *mar unido, terreno unido, estylo unido*, etc.—S. Luiz.

## V

VIAJANTE, VIAJEIRO, VIAJOR, VIAJADOR. Com todas estas formas exprimem os portuguezes modernos a mesma idéa. Os antigos tinham a termo *viagem*, que parece significava mais commummente *navegação* ou *jornada por mar*; e exprimiam as *jornadas por terra* pelo vocabulo *jornada* ou *caminho*, e sendo longas, e em paiz estrangeiro, pela palavra *peregrinação*. Hoje é geralmente adoptado o vocabulo *viagem* para significar umas e outra jornadas, e d'elle deveriamos com boa analogia o verbo *viajar*, pelo qual diziamos d'antes *peregrinar*, *ver mundo andar por terras estranhas* ou *fazer jornada*, *fazer caminho*, etc. De *viajar* se fórma naturalmente o adjectivo *viajante* e *caminhante*. Porém *viajor* do francez *voyageur* e *viajador* do italiano *viaggiatore* são escusados, como tambem *viajante*, que Madureira pretende derivar do latim *Viam agens*. *Viajeiro*, que achamos usado pelo P. Pereira, e por outros escriptores, tambem não é necessario; mas tem melhor analogia, e pode bem derivar-se de *viagem*, assim como de *portagem*, *portageiro*, de *mensagem*, *messageiro*, etc.—S. Luiz. (\*)

VIRULENTO: É termo *medico*, ou *cirurgico*, e significa coisa que tem *virus*. No sentido figurado parece ser novo

---

(\*) Veja nos *Synonymos* o artigo *viajeiro*, *viajor*, *viajante* e *viandante* do Visconde de Almeida Garrett.

no nosso idioma, e derivado do francez *virulent*, coisa *maligna*, v. gr. *satyra virulenta*: mas não ha razão de o reprovar.—*S. Luiz*.

VISTAS: É notavel o abuso que se tem feito d'este vocabulo, depois que nos familiarizamos com os livros franceses. Indicaremos aqui algumas das phrases, em que os nossos modernos escriptores o empregam indevidamente, e lhes substituiremos as convenientes correções.

Taes tem sido *as vossas vistas*, i. e. *os vossos intentos*.

Obravam com *differentes vistas*, i. e. com *differentes intenções* ou *intuitos*.

Os designios e *vistas* do legislador, i. e. os *designios* e *intuitos*.

Lancemos *as nossas vistas*, i. e. *os nossos olhos*. As *vistas* da Europa estão *fixadas* sobre vós i. é. a Europa tem *os olhos postos* em vós, ou *fitos* em vós, etc.

Fazer alguma coisa *com vistas* de alcançar recompensa, i. e. com *intuito*, com *desenho de alcançar*, etc. ou com o *fito*, com *a mira* na recompensa.

Lancei *as minhas ultimas vistas* sobre o Paraíso, i. e. *lancei a ultima vez os olhos*, etc.

Este é o assumpto que vou pôr *nas vossas vistas*, i. e. *aos vossos olhos*, que vou propôr *á vossa consideração*, *á vossa reflexão*, etc.

A sadedoria das *suas vistas* politicas, i. e. dos seus *desenhos* ou *designios*, e ás vezes dos seus *pensamentos* politicos, etc.

Obra admiravel pela profundeza *de vistas moraes e politicos*, i. e. pela profundeza de *conceitos*, de *idéas*, de *reflexões*, etc.

Conforme *ás vistas* de Deus, i. e. aos *conselhos* de Deus, aos seus *designios*.

Lançou sobre nós *vistas* de piedade, i. e. *olhos de piedade*, *olhos compassivos*, etc.

Os nossos classicos tambem usavam do vocabulo *presupposto* com a significação de *designio*, *intuito*, *conselho*, *intento*, etc. V. gr. Fernão Alvares, *Lusit. Transf.* L. 1 pag. 58 v.ediç. de 1607 Pros. 9: *tiramos do encerrado valle os nossos rebanhos a pacer ao prado encaminhando os pela estrada do conhecido pasto* com *presupposto de tomarmos logo áquelle lugar sombrio*, etc. e no L. 3. Pros. 4. : *Com este presupposto se auzentou Lizarte*, etc.—*S. Luiz*.

**VOLTEJAR**: (*voltiger*) E' gallicismo desnecessario no nosso idioma onde temos *voltear* e ás vezes *revoar* que dizem o mesmo. Em relações de acontecimentos militares tambem se diz hoje *voltejadores*, devendo ser com melhor analogia *volteadores*. Sam soldados de certas companhias dos regimentos francezes de infantaria ligeira ou de linha os quaes se escolhem entre os homens mais vigorosos, ageis e lesto, mas de pequeno talhe, e sam destinados a serem rapidamente levados de um para outro lugar, pelas, tropas a cavallo; pelo que se exercitam particularmente em montar ligeiramente e de um salto á garupa do cavalleiro, em descer com promptidão, em se formar

rapidamente, e em seguir a pé um cavalleiro que marcha a passo ou de trote, etc.—S. Luiz.

VOLUPTUOSIDADE : Desejava Bluteau que se adoptasse em portuguez o vocabulo *voluptade* como necessario para significor com toda a propriedade o que os latinos exprimem por *valuptas*. (*Pros. Acad. P. I pag. 25* e *Supplemento ao Vocab.*) O uso recusou aquelle novo vocabulo e preferiu *voluptuosidade* do francez *voluptuosité*, o qual segundo o nosso parecer seria conveniente adoptar-se ainda que tivessesmos *voluptade* por ser diversa a significação de um e outro. *Voluptade* significaria então o *deleite*; *voluptuoso* o homem *dado a deleites*; e *voluptuosidade* a *qualidade habitual* que o constitue voluptuoso.—S. Luiz.

---



# INDICE

DAS

## Materias cõntidas n'este volume

PROPECTO, pelo collector.....	
ADVERTENCIA, pelo mesmo .....	
INTRODUCCÃO, por José Silvestre Ribeiro.....	

---

EPISTOLA de Fransisco Manoel do Nascimento (Filinto Elyσιο) sobre o estudo da lingua e dos bons modelos, e meios de evitar o francezismo .....	
--	--

---

REFLEXÕES sobre o uso das palavras e phrases da lingua franceza introduzidas sem necessidade na lingua portugueza:	
I. Do fôro de antiguidade de muitas palavras francezas, que se encorparam na lingua portugueza ou serviram de raiz a muitos vocabulos portuguezes, por A. das Neves Pereira .....	
II. Do abuso das palavras e idiotismos francezes, que se tem introduzido na lingua portugueza, pelo mesmo .....	
III. Origem do abuso de palavras e idiotismos francezes que se tem introduzido na lingua portugueza, pelo mesmo .....	

Idem por Francisco José Freire (Candido Lusitano)...	155
Idem por J. H. da Cunha Rivara.....	161
IV. Abuso dos pronomes e de alguns relativos, por Dom Francisco de S. Luiz.....	165
V. Abuso dos verbos tomados impessoalmente e dos verbos auxiliares, pelo mesmo .....	173
VI. Abuso de outras phrases e modos de fallar, pelo mesmo .....	187
VII. Abuso da collocação dos vocabulos, pelo mesmo.	195
VIII. As traducções. Conselhos aos traductores por um Anonymo (Panorama).....	203
Idem por Antonio Diniz da Cruz e Silva .....	206
Idem pelo Visconde de Almeida Garrett.....	208
Idem por José da Fonseca.....	209
Idem por D. F. de S. Luiz.....	211
IX. Considerações sobre a linguagem e suas transfor- mações, por Latino Coelho.....	215

---

GLOSSARIO das palavras da lingua franceza que por descuido, ignorancia ou necessidade, se tem introduzido na locução portugueza moderna, com o juizo critico das que sam adoptaveis:

ADVERTENCIA, na qual citam-se as palavras do Visconde de Almeida Garret e D. F. de S. Luiz, pelo collector .....	223
GLOSSARIO, com os artigos de D. F. de S. Luiz, I. Roquette, A. de M. Falcão, Garção Stockler, etc.....	229

FIM

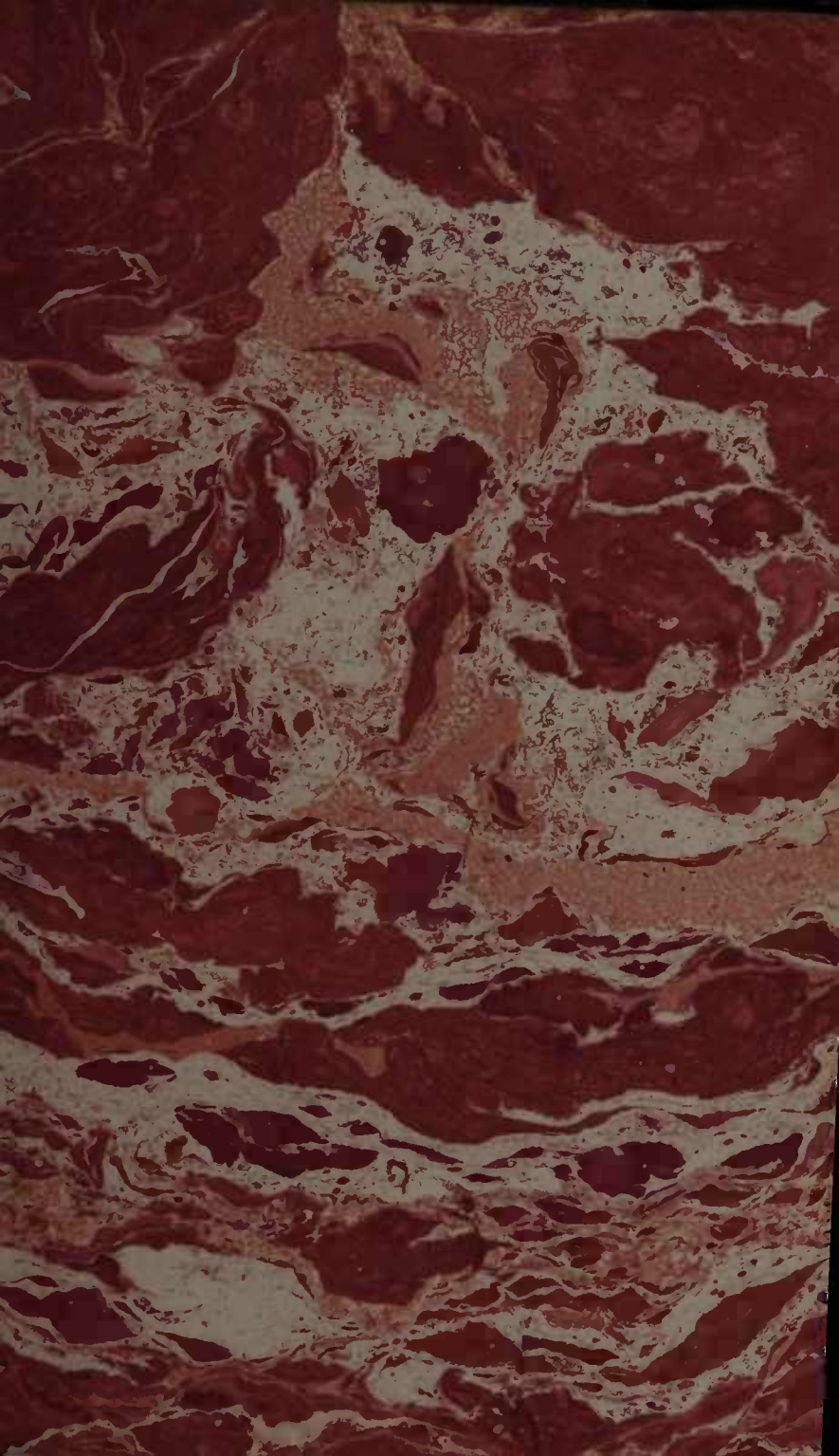














## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).